"Um livro com personagens maravilhosos e cenários de sonho. Impossível não se apaixonar." — *The Sun*

Minha querida Paris



Uma cidade de memórias. Um verão de possibilidades...

Lucy Diamond

ARQUEIRO

A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

Minha querida Paris



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Minha querida Paris



Lucy Diamond

Traduzido por Ana Rodrigues

ARQUEIRO

Título original: *I Remember Paris*

Copyright © 2023 por Lucy Diamond
Copyright da tradução © 2025 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado
produção editorial: Guilherme Bernardo
preparo de originais: Caroline Bigaiski
revisão: Milena Vargas e Suelen Lopes
diagramação: Guilherme Lima e Natali Nabekura
imagem de capa: Becky Thorns
adaptação de capa: Natali Nabekura
foto da autora: © Lou Abercrombie
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D528m

Diamond, Lucy, 1970-
Minha querida Paris [recurso eletrônico] / Lucy Diamond ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2025.
recurso digital

Tradução de: I remember Paris
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-871-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

25-99420.0

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Hannah, querida, este é para você –
te vejo no Le Mélange

Sumário

Parte Um

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Parte Dois

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo Quarenta

Parte Três

Capítulo Quarenta e Um

Capítulo Quarenta e Dois

Capítulo Quarenta e Três

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

Parte Um



Capítulo Um

É ele de novo?, pergunta-se Adelaide ao ver alguém se aproximando da casa. O vidro das enormes janelas está sujo, mas, ainda assim, não há dúvidas em relação à altura, ao andar, à maneira como ele movimenta a cabeça enquanto olha para Adelaide. Ela sente algo se revirar por dentro, a náusea se torna mais forte. Como ele sabia onde encontrá-la? E por que não a deixa em paz?

Ela o ouve abrir a porta. O que deve fazer? Toda a situação tinha se agravado com uma rapidez enervante. Alguns meses antes, o homem não passava de um rosto na multidão, alguém que Adelaide vira encarando-a no Prince of Wales, a algumas mesas de distância. Depois, ela continuou a percebê-lo: uma figura solitária esperando na mesma plataforma do metrô, passeando pelas lojas do lado de fora do ateliê dela, matando tempo perto da padaria onde Adelaide sempre compra pão. Coincidência, disse a si mesma, na primeira vez que lhe ocorreu que o homem parecia estar em todos os lugares onde ela estava. Ou talvez fosse um fã tímido, que se mantinha por perto até ganhar confiança para dizer que admirava o trabalho dela. Afinal, esse tipo de coisa realmente acontecia. Mas, à medida que o tempo passava e ela continuava a notar a presença dele – do lado de fora de uma galeria ou de um teatro, no mesmo vagão que ela –, uma sensação crescente de pavor se instaurou. Uma certeza de que a situação só iria piorar.

E a sensação se provou verdadeira. Na semana anterior, Adelaide estava no andar de cima de casa, fechando as cortinas do quarto, quando viu o homem sentado no muro do vizinho da frente, olhando fixamente na direção dela. Foi como se uma fronteira tivesse sido ultrapassada. O que ele queria?

– Aquele homem está lá fora de novo – disse ela a Remy.

Mas ele simplesmente afastou as cobertas, revelando o corpo nu, e disse:

– O único homem em quem você precisa pensar está aqui, meu bem.

Adelaide não é o tipo de mulher que se assusta com facilidade, mas foi difícil dormir naquela noite, imaginando quem seria aquele cara que a vigiava e qual seria seu próximo passo.

– Você deveria ligar para a polícia – insistiu Margie quando Adelaide lhe contou o que estava acontecendo, mas a sugestão parecia absurda demais para ser levada a sério.

– E o que vou dizer? Vão rir da minha cara. O homem não fez nada – protestou ela.

– *Ainda* não fez – retrucou Margie, em tom sombrio. – Tenha cuidado, Addie. Me promete.

Aquele "ainda" ressoa na cabeça de Adelaide como um presságio terrível, porque agora o homem está ali, na remota Little Bower, o lugar para onde ela sempre vai quando quer fugir de tudo. Antes parte de uma fazenda, se tornou um lar longe de casa para ela e para os amigos mais próximos, e o cômodo onde está é usado como ateliê compartilhado. É um local tranquilo, cercado de campos e sebes, com um braço sinuoso de rio próximo, onde Adelaide gosta de nadar nos dias quentes. À noite há corujas e morcegos, e o céu mais escuro que ela já viu, pontilhado pelo brilho das estrelas. Mas a tranquilidade de estar ali sozinha foi destruída, e a adrenalina dispara pelas veias de Adelaide enquanto ela escuta os passos nos degraus da escada. Olha ao redor – o salão empoeirado e bagunçado, tintas e pincéis espalhados pelas superfícies, o rádio tocando jazz – e se pergunta o que vai acontecer. Como vai acabar.

Adelaide sente o coração disparado. *Assuma o controle*, diz a si mesma. Os jornalistas que a entrevistam sempre a descrevem como feroz, como se ela fosse algum tipo de animal selvagem – chegou a hora de testar se é capaz de usar isso a seu favor. O homem aparece na porta, e Adelaide é tomada por uma onda de raiva.

– *O que* você pensa que está fazendo aqui? – grita, atravessando o ateliê. – Responde logo!

O homem a encara, depois estica um dos braços para trás, para se apoiar na solidez do batente da porta, como se tivesse perdido a coragem. *Ótimo*.

– Srta. Fox... – começa ele, e se interrompe.

Adelaide se dá conta de que, até agora, nunca ouviu a voz dele. Também

nunca esteve tão perto do homem – ele sempre se manteve à espreita, na visão periférica dela, uma figura nas sombras. Deduz que o homem tem 30 e poucos anos, reparando no cabelo castanho desgrenhado, nos olhos bem espaçados, no nariz grande e na pele do rosto marcada. Tem um quê de maltrapilho, desleixado. É um fracassado.

– *Então?* – Os olhos dela cintilam. – O que está acontecendo? Porque já cansei de ver você em todo lugar a que vou. E me recuso a continuar aturando isso, está me ouvindo? Este lugar é uma propriedade privada e você a invadiu.

– Eu...

Ele continua a encará-la. O efeito é perturbador.

– E aí?

O homem dá um passo até ela. O instinto diz a Adelaide para recuar, para manter distância, mas ela se força a se manter firme.

– Você não se lembra de mim? – pergunta o homem.

Adelaide não tem a menor ideia de quem ele é, do que está falando.

– Eu gostaria que você fosse embora – ordena. – Antes que eu chame a polícia.

Essa última frase é um blefe, claro. Não há telefone ali, nenhum meio de comunicação. Foi assim que eles sempre preferiram, é a forma como ela consegue trabalhar melhor. Ou pelo menos *era*, até hoje.

– Mas sou *eu* – insiste ele, em tom queixoso. – Da galeria.

– Que galeria? Do que está falando?

Adelaide abre e fecha as mãos ao lado do corpo, a adrenalina correndo ainda mais rápido nas veias. Não está gostando nada da situação.

– Nós nos amamos – diz o homem. Ele até enrubesce um pouco com a declaração, desviando os olhos dos dela. – Adelaide, você sabe disso.

Ele está delirando, então. *Será que isso o torna perigoso?*, pergunta-se ela, sentindo uma pontada de vulnerabilidade. Seria tarde demais para improvisar uma arma usando algum objeto?

– Sinto muito, mas está enganado – responde Adelaide com a maior frieza de que é capaz. – E sou uma pessoa muito ocupada, como tenho certeza de que você sabe, por isso, se não se importa...

– Só quero ficar com você – diz o homem, se aproximando.

Seus olhos estão úmidos, assim como a boca grande, de lábios

vermelhos. Ele não vai tentar beijá-la, vai? Adelaide recua um passo, mesmo sem querer. Ele não iria realmente colocar as mãos nela ou machucá-la. Iria?

– Vai embora – ordena Adelaide, mas ele continua a se aproximar. O homem está sorrindo, parece feliz, e estende as mãos, sem tirar os olhos dela. Agora Adelaide está realmente assustada. – VAI EMBORA!

Então...

Adelaide acorda com um sobressalto. O pesadelo de novo. Ela pisca várias vezes e repara que Jean-Paul, seu cão da raça staffordshire bull, marrom e atarracado, está de pé no travesseiro ao lado dela, o hálito quente em seu rosto. O quarto toma forma ao seu redor – é de manhã cedo, e uma luz rosa suave se insinua pelas persianas. Adelaide acaricia o corpo compacto e musculoso do cachorro enquanto sua frequência cardíaca diminui aos poucos.

– Obrigada, querido – murmura ela, se sentindo reconfortada com a lealdade dele.

Adelaide vem sendo atormentada por esse mesmo pesadelo há anos, e nunca deixa de ser assustador. Em parte, é por isso que ela deseja ver aquele dia horrível registrado no papel, na esperança de enfim poder superá-lo. Daria tudo para se livrar desse fantasma de uma vez por todas.

* * *

Pouco depois, ela e Jean-Paul saem para o passeio habitual dos dois. É uma manhã dourada de verão em Paris, e a luz cintila nas janelas da Place des Vosges enquanto eles caminham sob as tílias. Isso não ajuda muito a manter a imagem de Adelaide como uma velha raposa difícil de lidar – as pessoas logo mudariam de ideia se vissem como ela é gentil com o cachorro. Ele tem uma excelente dieta de cortes selecionados da *boucherie* local e dorme na cama dela todas as noites (mandou fazer uma rampinha para ele subir até o colchão, agora que as pernas envelhecidas do cãozinho estão menos ágeis do que antes). Mas Jean-Paul merece tudo aquilo. Ela não tinha ideia de que era possível amar tanto um cachorro.

Este é o exercício físico diário dos dois: uma caminhada em diagonal, passando pelo centro da praça, para que Jean-Paul possa aproveitar a grama, seguida de um circuito lento pelo entorno. Os garçons da *brasserie* fazem um cumprimento respeitoso com a cabeça para o cachorro e, de vez em

quando, surgem com uma linguiça para ele ou tentam convencer Adelaide a se sentar por um instante para saborear um café espresso.

– Uma cortesia da nossa parte, madame! – adulam, embora ela sempre recuse.

Adelaide passa pelo hotel elegante e pelas galerias, pela casa de Victor Hugo e por todos os turistas que fazem fila com suas mochilas enormes e vozes altas. Às vezes – com menos frequência atualmente – ela ouve seu nome ser mencionado: *Ei! Não é a Adelaide Fox? Olha! É ela, não é?* Também já ouviu – de forma menos lisonjeira – os comentários que se seguem: *Espera, ela ainda está viva? Achei que tinha morrido!*

– Ainda não, meu bem – Adelaide gosta de responder, em tom sarcástico, só para ver a expressão de quem falou, seja de forma constrangida e contrita, seja de forma emocionada.

Não, ainda não, repete para si mesma no momento, embora às vezes se pergunte por que se preocupa em permanecer viva. A velhice – ela fará 80 anos em breve – não é para os fracos. Para ela, os últimos anos parecem as terras áridas de uma vida: um território sombrio, com poucos motivos para sair da cama. Se não fosse pelo cãozinho... Adelaide olha para Jean-Paul, que se deteve para farejar um banco com otimismo infalível. Certa vez, ele encontrou restos de uma baguete de presunto naquele local específico e sempre faz questão de voltar, apesar de ter se frustrado todas as vezes desde então. Pelo menos um dos dois ainda tem uma visão positiva da vida, supõe.

Uma garotinha se aproxima. Jean-Paul é um ímã para as meninas, até porque Adelaide fez uma coleira cintilante para ele, usando pedaços de plástico transparente colorido que parecem pedras preciosas. É uma bobagem, mas a faz sorrir. A menina está usando uma legging rosa de aparência barata, uma camiseta com estampa de flores amarelas e aqueles tênis brancos feiosos que têm luzes piscando no calcanhar. Um horror.

– Qual o nome do seu cachorro? – pergunta a criança em francês.

Adelaide lança um olhar intimidador para ela.

– Ele se chama "Eu como criancinhas" – responde em tom severo e se afasta com Jean-Paul, mas não sem antes ver o rosto da criança se contorcer de horror.

Bem feito para ela. Talvez a partir de agora pense duas vezes antes de falar com estranhos.

Adelaide ouve o choro alto, mas não olha para trás. Ela é uma artista, isto

é o que sempre fez: cria um instante, um impacto, um drama. Ao longo dos anos, seu trabalho forçou as pessoas a verem o mundo com outros olhos – e, se seu livro de memórias algum dia sair do papel, fará o mesmo.

Ela franze a testa ao pensar nesse projeto aparentemente condenado ao esquecimento. Houve muitos editores farejando suas histórias ao longo dos anos, mas Adelaide manteve um silêncio arrogante – afinal, toda mulher tem segredos. Então, seis meses atrás, foi publicada no *Le Monde* uma matéria brutal, em que o jornalista basicamente descartava o trabalho da vida de Adelaide, julgando-o infantil e narcisista. Magoada, ela não excluiu imediatamente o e-mail persuasivo que chegou no mesmo dia, por acaso, de mais um editor. *Adoraríamos ajudá-la a contar a sua história com as próprias palavras*, ofertava. *Remy contou a versão dele da história, mas e a sua? Não gostaria de esclarecer as coisas?*

Mais tarde, enquanto se dedicava a desenhar furiosamente o jornalista do *Le Monde* em um instrumento de tortura com vários lápis enfiados nos olhos – você não parece mais tão presunçoso agora, não é mesmo, meu caro? –, Adelaide refletiu sobre as muitas fantasias de vingança que já havia capturado com tintas ou carvão ao longo dos anos, sobre como era catártico se vingar com seus pincéis. Talvez pudesse haver alguma vantagem naquela história de livro de memórias, no fim das contas. Uma nova arma para abater seus agressores. *A arte da vingança*, é como chama o livro mentalmente, e o título parece satisfatoriamente adequado.

Seu sobrinho, Lucas, um advogado corporativo, vem sendo bem útil com o contrato e a papelada. Além disso, após uma recente demissão, alugou um apartamento perto de Adelaide, para ajudá-la não só com a contratação de um *ghost-writer* como também com a triagem do arquivo de obras dela e da documentação associada até então negligenciada. Com um pouco de sorte, talvez consigam organizar uma nova exposição para coincidir com a publicação do livro – ou essa era a ideia inicial.

Infelizmente, nenhuma das tarefas vem se revelando simples. É impressionante o número de pessoas irritantes que eles conheceram e descartaram na busca por um escritor decente – pessoas que reclamavam das condições de trabalho, que discordavam de Adelaide sobre o conteúdo e sobre o foco do texto... Foi um prazer se livrar delas. Aquelas pessoas mal são dignas de dizer o nome de Adelaide em voz alta, menos ainda de serem encarregadas de contar sua história de vida para o mundo. Quanto ao

arquivo, vale apenas dizer que Lucas tem muito trabalho pela frente. Como é uma pessoa metódica e meticulosa por natureza, ficou vários minutos sem palavras quando foi apresentado às salas de Belleville repletas de décadas da arte de Adelaide, além das pilhas de correspondência e outros documentos.

– Isso vai manter você ocupado – disse a tia com encorajamento, antes de tropeçar em uma pilha de telas e provocar uma crise de tosse nos dois com a nuvem de poeira que se ergueu e rodopiou até seus rostos.

Adelaide passa pela *brasserie* – está quase em casa – e Jean-Paul faz uma pausa para beber água, com o habitual entusiasmo espalhafatoso, na tigela de metal que os garçons sempre deixam ali para uso dos cachorros. O joelho irritante está começando a doer, o quadril também – o corpo dela parece protestar a cada passo.

– Rápido, Jean-Paul – diz ao cachorro, porque às vezes Adelaide tem a sensação de que vai travar como uma máquina velha e enferrujada se parar de se mover por muito tempo. – Vamos para casa, vem.

Para casa, ou seja, para o apartamento silencioso, com as lembranças e os segredos, e com os rancores que ardem silenciosamente, em fogo baixo. *Mas não por muito tempo*, diz Adelaide a si mesma ao chegar à porta e procurar a chave. Depois que escolher um *ghost-writer* que esteja realmente à altura da tarefa, todas as histórias virão à tona, abrasadoras, fazendo arder as páginas em que serão contadas. Então, ninguém mais terá dúvidas se ela ainda está viva ou não. Porque a vida dela – e daqueles que a cruzaram – vai dominar todas as conversas.

Capítulo Dois

Jess Bright está sentada no Eurostar, que já começa a sair da estação (próxima parada, Paris!), e não consegue conter a sensação de que a qualquer minuto uma mão pesada vai apertar seu ombro – um fiscal do trem ou até mesmo um policial – e ela vai ouvir as temidas palavras:

– Com licença, madame. Parece que a senhora está na vida errada.

Ela tem 47 anos e a síndrome do impostor continua profundamente arraigada. Se a cortassem ao meio, encontrariam impressas, do começo ao fim, as palavras "Na verdade, não é tão boa assim". Ela é jornalista freelance e mãe solo de três filhas adolescentes, nada tem de especial. Mas hoje, para a surpresa de todos, Jess está a caminho de Paris para conhecer a famosa Adelaide Fox, na esperança de escrever as memórias da artista. É seu trabalho dos sonhos. Será que isso está mesmo acontecendo? Por mais incrível que pareça, pelo jeito a resposta é sim.

Ela franze os lábios quando se lembra da reação do ex-marido à novidade, na semana passada.

– Sem querer ofender, mas por que acha que ela convidou você? – perguntou ele em voz alta quando Jess mencionou a oportunidade.

Sem querer ofender, David, mas por que você acha que eu não quero mais estar casada com você?, ela sentiu vontade de retrucar. (Mas não retrucou. Veja só como tinha evoluído! Além do mais, precisava estar em paz com David para que ele ficasse com as meninas enquanto Jess estivesse fora.) Por isso, ela se limitou a calmamente lembrar ao ex-marido que, anos antes, quando Mia ainda era um embrião em seu ventre, Jess tinha entrevistado a artista reclusa para o jornal de domingo em que trabalhava na época.

– E, agora que Adelaide quer escrever um livro de memórias, o sobrinho

dela entrou em contato para perguntar se eu estaria interessada no trabalho – completou Jess.

Engole essa, David.

Por Deus, como ela tinha amado aquele antigo emprego... Era jornalista da área de cultura, e sua vida era um turbilhão de inaugurações de exposições, entrevistas com autores e estreias de filmes. Jess tinha influência naquela época, estava fazendo seu nome. Mas então se tornou mãe – primeiro de Mia, depois de Edie e, por fim, de Polly – e passou a trabalhar como freelancer, pegando um trabalho aqui, outro ali, sempre que podia. Ela escrevia há anos uma coluna de conselhos em um dos jornais de Kent ("Olhando pelo lado bom"), além de uma coluna sobre criação de filhos para a *Glorious*, uma revista mensal ("Mamãe tem a palavra! Mensagens da linha de frente da maternidade"). Muito bem, é verdade que comitês de prêmios jornalísticos não estão batendo à sua porta, mas ela havia conseguido seguir em frente. Quer dizer, até mês passado, quando a revista *Glorious* decidiu adotar um modelo exclusivamente digital e dispensou vários dos fiéis colunistas. Esse foi o fim das mensagens da linha de frente da maternidade de Jess. ("Graças a Deus!", exclamou Mia em tom teatral quando Jess deu a notícia durante o jantar. "Não aguento mais ser chamada de 'piolhenta' depois que as pessoas descobrem aquela história dos piolhos.")

As filhas sempre reclamaram porque Jess compartilhava mensalmente as travessuras delas como conteúdo humorístico, mas a verdade é que a coluna cobria grande parte das despesas que, no cenário pós-separação, não são poucas. Além do mais, a maior parte dessas colunas acabava sendo criação ficcional. Jess jamais mencionou a série de ataques de pânico de Mia antes das provas do último verão, nem as amizades infelizes e tóxicas com que Edie vive se envolvendo, nem mesmo a revelação desagradável de que Polly andara roubando pertences de colegas de classe por dois períodos inteiros no sexto ano. Bom, isso não importa: Jess se sente profundamente grata pela sorte de ter recebido o e-mail de Lucas Brockes, sobrinho de Adelaide, falando sobre o livro de memórias. Se tudo der certo, isso é o que salvará Jess e as filhas da miséria iminente. Será que Jess estaria disposta a ir a Paris, com hospedagem inclusa, para trabalhar com Adelaide em um livro de memórias – a princípio durante um período de experiência de uma semana, com a possibilidade de voltar e ficar por um mês? Claro que sim, Lucas!

Ao que parece, o destino está sorrindo para Jess pela primeira vez – se

ela estiver à altura do trabalho, é claro. Escrever uma biografia séria é meio que um salto de qualidade em relação às suas colunas de mãe e de conselho sentimental, certo? Jess não consegue deixar de se sentir um pouco... bem, enferrujada, por um lado. E intimidada, por outro.

– Eu tenho uma ideia – disse David, anos atrás, quando ela estava na primeira licença-maternidade. – Coloco a minha carreira em primeiro lugar enquanto você tira um tempo, passa alguns anos sem trabalhar. Aí você pode fazer o mesmo quando estiver pronta para voltar ao trabalho, e vou apoiar seja qual for o sonho que você tenha.

David é jornalista esportivo e, no momento em que deu a sugestão, estava ansioso para acompanhar um colega mais velho em uma viagem à Austrália, para cobrir o torneio Ashes de críquete – e provavelmente mais ansioso ainda para escapar por quatro semanas, enquanto Jess se virava sozinha para cuidar de um bebê de 3 meses que odiava dormir. Mas a oferta de ter uma oportunidade semelhante mais adiante, para ir atrás das próprias ambições, a fez aceitar. Jess fantasiou que um dia conseguiria aproveitar o tempo prometido, sem culpa, e trabalhar em algo de fato significativo. Um romance erudito e emocionante, talvez na disputa por numerosos prêmios literários. Um roteiro incrível que a faria ser cortejada por diretores de Hollywood, cercada de gente bonita. Ou um conjunto contundente de investigações jornalísticas que mudariam a sociedade para melhor – seu legado para o mundo.

Só que nada disso aconteceu. Havia sempre algo mais urgente que os impedia de colocar a carreira de Jess no centro das atenções: vários problemas com as meninas; os pais de David adoecendo um após o outro; os torneios de críquete no exterior que ele era obrigado por contrato a cobrir à medida que ficava cada vez mais conhecido. *Ainda não é o momento certo*, dizia David, se desculpando, e depois da separação Jess começou a acreditar que aquele indescritível e misterioso "momento certo" nunca chegaria. Mas será que enfim chegou a vez de Jess? E se esse for o trabalho que vai mudar tudo?

Ela toma um gole de café, observando a paisagem rural de Kent passar pela janela, e se pega recordando a promoção para a qual se candidatou certa vez quando trabalhava no jornal de domingo, lembrando como andara pelo corredor após a entrevista, acreditando que tudo tinha corrido muito bem. Porém, depois de se dar conta, constrangida, de que havia deixado a

bolsa para trás, Jess voltou e chegou à sala de entrevista bem a tempo de ouvir a chefe, Lucinda, e a funcionária do RH, Maxine, falando sobre ela. *O problema com a Jess*, dizia Lucinda, *é que ela é pouco refinada. Será que tem a seriedade necessária para conquistar a credibilidade dos nossos leitores?*

Desde então, essas palavras estão gravadas em sua mente, impossíveis de esquecer. Mas imagine se ela for aceita para escrever as memórias de Adelaide, e o livro for publicado em uma edição linda e sofisticada? Se isso acontecer, na primeira oportunidade ela irá até a seção de cultura do jornal onde trabalhava para entregar um exemplar à antiga chefe. *Isso é refinado o bastante para você, meu bem?*, dirá, soltando o livro na mesa de Lucinda com um baque surdo. Meu Deus, vai ser um momento lindo!

Jess volta a checar suas anotações, tomada por uma determinação renovada. Ela vai trabalhar muito para aproveitar essa oportunidade. "O trabalho árduo é o ingresso de vocês para uma vida boa", gosta de dizer às filhas, embora, infelizmente, nenhuma das três pareça disposta a levar o conselho a sério. Mia prefere sair com um bando de amigos escandalosos ("sua galera") e Edie é capaz de passar horas deitada na cama vendo vídeos no YouTube. Já Polly é inteligente e tem raciocínio rápido, então faz o dever de casa com o mínimo de esforço possível. "Pronto!", costuma cantarolar, fechando o caderno e jogando-o no chão com alívio evidente.

Jess pega uma caneta na bolsa e sublinha algumas palavras em suas anotações.

– Adelaide Fox? Aquela feminista que fazia parte de um grupo muito legal de mulheres artistas, né? Não foi ela que destruiu a exposição do marido em Berlim ou coisa parecida? – indagou sua amiga Becky, quando Jess lhe contou sobre a proposta de trabalho.

Mas há muito mais em Adelaide além disso. De acordo com a pesquisa de Jess, a artista deixou a casa dos pais e a escola aos 16 anos e se mudou para uma ocupação com um grupo de amigos, então fez o próprio nome aos 20 anos com uma série inovadora chamada "Trabalho". Adelaide se tornou uma figura-chave no movimento London Bohemian, um coletivo de mulheres na vanguarda da onda de contracultura dos anos 1960, que se tornaram notáveis artistas conceituais, designers e escultoras, transitando por círculos underground radicais.

Depois disso, há algumas lacunas nas versões on-line da biografia de Adelaide. Na pesquisa que fez para a entrevista anterior, Jess encontrou

vários boatos sobre a artista: casos amorosos tempestuosos, um filho misterioso, vícios e um desentendimento qualquer com Margie Flint, uma colega – ao que parece, as duas ainda não se falam, mesmo tantos anos depois. Há também um período passado em Berlim (um colapso nervoso?), além do misterioso suicídio de um homem em uma casa no campo que era usada como ateliê pelas Bohemians.

Adelaide é um enigma há décadas. Apesar dos numerosos artigos e entrevistas, de alguma forma sempre conseguiu transitar entre perguntas sem nunca revelar muito. Quando Jess a conheceu, a artista se mostrou uma pessoa interessante e animada, mas disposta a falar apenas sobre sua exposição na Tate e pouco além disso. Ela também pareceu meio irritada, a princípio, ao descobrir que a entrevista seria conduzida por uma repórter júnior (Jess), e não pela jornalista principal de cultura do jornal, como prometido (Lucinda infelizmente estava com uma crise de gastroenterite). Verdade seja dita: Jess falou que ela "não conseguia sair do trono" para tentar explicar por que a chefe *realmente* não podia estar presente. (Pensando bem, talvez isso tenha sido pouco solidário de sua parte, mas ao menos Lucinda nunca saberia.)

– Uau, que vida – disse Becky depois de ouvir as histórias. – Você tem que conseguir a vaga, Jess. Uma viagem de trabalho a Paris, sua sortuda! Cuidado, vou começar a odiar você se isso ficar ainda melhor.

Apesar do incentivo de Becky, Jess teve algum receio de passar tanto tempo fora de casa. A sensação piorou quando, na manhã seguinte, viu aquele garoto, Zach, saindo inesperadamente do quarto de Mia, que só tem 17 anos ("Meu Deus, mãe, a gente é só amigo, não me olha desse jeito!"), sem falar na tornozeleira de ouro que recentemente encontrou no bolso da saia de Polly e que definitivamente não pertence à filha ("Ganhei de *presente*, mãe, não estou mentindo!"). No entanto, por mais estranho que pareça, ela agora está no trem e os receios ficam para trás como folhas ao vento. Vai ser como reviver o ano sabático que passou em Paris depois da universidade, pensa Jess, feliz: a liberdade deliciosa de fazer exatamente o que quer no tempo livre. Longas caminhadas noturnas pelas ruas antigas enquanto as *brasseries* se enchem de clientes, a Sacré-Coeur cintilando como uma linda pérola na encosta escura, as luzes brilhando na Torre Eiffel para um milhão de fotos turísticas...

E todo mundo vai ficar perfeitamente bem sem ela por alguns dias,

lembra a si mesma. Becky prometeu alimentar a gata Albertine, e as meninas vão estar seguras com David. Além disso, ele já trabalhou no exterior inúmeras vezes, e ela teve que se virar sozinha. Jess se pega lembrando de novo do trabalho árduo dessas semanas, só ela e uma bebezinha que não dormia, enquanto o marido aproveitava a vida em Brisbane. *Está incrível aqui!*, dizia ele nas mensagens que mandava periodicamente, e Jess ficava com vontade de jogar o celular pela janela. David realmente deve *muito* a ela.

– *Mesdames et messieurs* – diz o sistema de som do trem. – *Nous arrivons à Paris maintenant*.

No momento, Jess sente uma onda de emoção percorrer todo o seu corpo. Está acontecendo. Está mesmo acontecendo!

* * *

É claro que Jess já esteve em Paris com David e as meninas em vários momentos ao longo dos anos – viagens de fim de semana, férias na Disneyland Paris, estadas de alguns dias na cidade a caminho de acampamentos mais ao sul –, mas naquelas ocasiões estava sempre cuidando de outras pessoas. Eram os desejos e as necessidades dos outros que tinham prioridade: ver o Mickey em vez de dar um passeio tranquilo pelo Louvre, por exemplo. A insistência de David para que subissem pela escada da Torre Eiffel, em protesto contra os preços do elevador, quando a preferência de Jess teria sido não apenas pegar o elevador, como também esbanjar em uma taça de champanhe cara no topo do monumento.

Agora ali está ela, chegando sozinha à cidade, deslizando a mala pela plataforma, sentindo um arrepio causado pela mais pura alegria. Jess passa rápido pela catraca e entra na estação como se nunca tivesse ido embora, com imagens de si mesma aos 22 anos caminhando a seu lado. Aquele tinha sido um período muito feliz de sua vida – recém-formada, determinada a aproveitar algum tempo no exterior antes de pensar em algo mais adulto, como encontrar um emprego decente. Ela trabalhou por um período em uma sorveteria (quem diria que era possível enjoar de sorvete?) e depois conseguiu um emprego como camareira em um hotel elegante no chique 6º *arrondissement*, perto do Jardim de Luxemburgo. E se apaixonara por Georges, um homem mais velho e bonito que a instruíra em relação a tudo o

que havia de mais interessante – principalmente nos quesitos sexuais, mas também a levou à ópera e ao balé no Palais Garnier e lhe ensinou sobre o vinho francês. Jess frequentou bares decrépitos com a nova amiga, Pascale, e dominou a arte de andar de bicicleta em ruas de paralelepípedos, além de ter aperfeiçoado seu francês – incluindo a habilidade de dar de ombros e gesticular.

Além de fazer Jess assinar um contrato e um acordo de confidencialidade, o sobrinho de Adelaide, Lucas, também providenciou acomodação em um hotel no bairro do Marais, então ela pega o metrô até chegar à estação Saint-Paul. Na saída, o calor da cidade envolve sua pele enquanto ela olha ao redor para se orientar. Parece um sonho admirar de novo os edifícios elegantes, cor de marfim, com suas venezianas e varandas, os cafés e as tabacarias com toldos, o carrossel infantil girando ao som de uma música alegre em uma área central pavimentada bem à sua frente. Um casal toma champanhe em taças de haste longa em um bar do outro lado da rua; ciclistas passam, os pés ágeis nos pedais; mulheres de terninhos chiques e óculos escuros deixam rastros de perfume de angélica por onde passam.

Oi, Paris, sua linda, pensa Jess, sentindo-se momentaneamente impactada com tudo. Mesmo se o trabalho acabar sendo só um bico de uma semana, parece o melhor tipo de presente, daqueles de que ela não sabia que precisava até agora. Ela checa o mapa no celular, se vira e começa a andar.

O hotel fica em um encantador edifício antigo, em uma rua tranquila, a dez minutos do metrô. Há buquês de flores de cerejeira ao redor da porta da frente – artificiais, obviamente, mas ainda assim o efeito é muito bonito. Por acaso, o quarto dela fica no último andar.

– Peço desculpas, madame, mas o elevador não está funcionando – diz o homem atrás do balcão da recepção enquanto lhe entrega a chave com um movimento expressivo das sobrancelhas escuras.

O homem parece determinado a falar com ela em um inglês com sotaque forte, embora Jess só tenha falado com ele em francês, e com uma fluência que considera bastante decente. Além disso, ela é inquestionavelmente uma "madame" agora, percebe, e não consegue impedir uma pontada de nostalgia por seus dias de "mademoiselle", mas então diz a si mesma que está sendo ridícula.

Depois de subir com a mala os cinco lances da escada antiga e já bastante gasta, Jess chega ao quarto suando. Porém, ao abrir a porta, vê o lindo sótão

pintado de branco com vigas de carvalho no teto, persianas na janela e um minúsculo banheiro privativo, e logo esquece o cansaço. Ela larga a mala e corre até a janela, que dá para uma pequena praça de paralelepípedos com árvores e bancos no centro, rodeada pelo que parecem ser uma *crêperie*, uma *boulangerie* e uma *brasserie*. Há guarda-sóis com o logotipo do refrigerante Orangina do lado de fora de um café, e dá para ouvir música e vozes, risos de crianças, o zumbido de uma lambreta próxima... *É perfeito*, pensa, quase chorando com a súbita onda de felicidade que a invade.

Cheguei bem. Essa é a vista do meu quarto!, diz ela, mandando uma foto da janela para as meninas. *Tudo bem aí em casa? Estão sobrevivendo sem mim?*

BONJOUR, PARIS!, manda para Becky junto com emojis da bandeira francesa, de um croissant, de uma baguete, de uma garrafa de vinho e da Torre Eiffel. *Cheguei!*

Depois, ela não resiste e manda a foto também para a mãe, Samantha. *De volta a Paris para um trabalho de uma semana – vou entrevistar uma artista famosa*, conta ela, com uma indiferença estudada. Jess aperta "Enviar", tentando não se retrair diante da própria carência. O que isso diz sobre ela... uma mulher de mais de 40 anos, ainda buscando a aprovação da mãe? Pensando bem, é melhor nem pensar a respeito.

– Ah, meu bem... – disse Samantha, quando Jess lhe contou que perdeu a coluna "Mamãe tem a palavra!". – Essa é uma profissão tão instável, não é? Tão precária!

Sim. Muito inconstante e precária em comparação com medicina, a carreira escolhida pelo irmão de Jess, Owen.

"Meu filho é médico, sabe?" sempre foi o bordão de Samantha Stanton; é surpreendente que ainda não tenha mandado imprimir as palavras em uma camiseta. O menino de ouro Owen estudou medicina em Newcastle, onde ainda mora. Agora o Dr. Stanton, um ortopedista, é casado com Deanna, uma geriatra, e eles têm dois filhos pequenos. Praticamente no instante em que Deanna anunciou que estava grávida, a mãe de Jess já começou a esvaziar a casa em Gravesend, onde Owen e Jess cresceram, e logo colocou a propriedade à venda para poder se mudar para perto deles, no norte.

Hoje a casa de Samantha fica a cinco minutos da elegante rua residencial do filho, onde vivem médicos e advogados. Ela mora em uma propriedade recém-construída, e um dos quartos impecáveis é descrito como "o quarto

dos meninos", e sobre a lareira são expostas fotos de Jake e Ollie, as estrelas em torno das quais o mundo da mãe de Jess gira.

– Aqueles meninos me deram uma vida totalmente nova! – Samantha gosta de dizer, até mesmo para Jess, cujas três filhas maravilhosas mal recebem atenção da avó.

Jess está sempre com a sensação de que ainda tem 7 anos e está se roendo de ciúmes da bicicleta cintilante que o irmão ganhou de Natal. No mesmo ano, ela recebeu apenas uma boneca de plástico com cabelo de náilon flexível e um olho que nunca fechava direito, de forma que sempre parecia piscar de um jeito sarcástico. *Sim,* parecia dizer aquela piscadela. *Mau negócio. Nós duas sabemos disso, garota.*

As filhas não responderam – talvez David as tenha levado ao Nando's e ao cinema para assistir ao último filme da Marvel, e todas agora queiram viver com ele o ano todo em vez de morar com a mãe velha e chata. Eles ainda estão tentando encontrar o caminho ideal como uma família de pais separados, mas não está sendo fácil. Depois de toda a questão com Bella, Jess tinha se esforçado ao máximo para fazer o casamento arruinado funcionar, para os dois continuarem juntos, mas seu amor-próprio se esvaiu. Ela não conseguia dormir, sentia que estava enlouquecendo e desatava a chorar em intervalos regulares. Então, no mês de maio, quando faltavam duas semanas para completarem vinte anos juntos, Jess decidiu que o relacionamento vinha agonizando havia tanto tempo que já estava além da reanimação. David chorou e prometeu mudar, mas ambos sabiam que ele não era capaz. As meninas ainda se ressentem por acharem que Jess desmembrou a família. "Pelo amor de Deus, mãe, por que não sabota logo as minhas provas finais também?", reclamou Mia amargamente na época, enquanto Edie, pelo que pareceram meses a fio, respondeu a todas as reclamações ou críticas com um estridente "Meus pais são separados, me deixa!". Essa situação faz a culpa atormentar Jess todos os dias, mas ela se mantém firme em sua decisão. É melhor assim.

Sentada na cama, olhando para a tela estática do telefone, ela tem um súbito instante de clareza. Não é disso que se trata sua viagem a Paris, não é mesmo? São quatro da tarde e ela só precisa se encontrar com Adelaide amanhã – o resto do dia é todo dela. Primeiro vai se refrescar rapidamente. E mudar de roupa. Depois vai retocar o batom, borrifar perfume nos pulsos e se aventurar pelas ruas ensolaradas que vai chamar de lar ao longo da

próxima semana. Ou por mais tempo, se der a cartada certa. Vai tomar um café espresso e ficar vendo o mundo acontecer enquanto escolhe sem pressa em que restaurante jantar mais tarde.

É disso que se trata. A aventura em Paris está começando.

Capítulo Três

Adelaide espera na sala do apartamento, sentada no sofá de veludo cor de ameixa estilo Luís XVI. O cômodo dá vista para a praça, com duas janelas enormes que permitem a entrada da luz da manhã – um espaço grandioso, pensado para impressionar, contendo lareira de mármore, lustres de cristal, mobília antiga e grandes espelhos dourados.

A campainha toca exatamente às dez horas, e o som logo é seguido pelos passos pesados de Marie-Thérèse, que vai atender a porta. A governanta é uma pessoa lúgubre, de pele malcuidada, com um resfriado permanente. Se foi batizada em homenagem à musa carismática e atlética de Picasso, então decerto foi a escolha de nome mais desastrosa de todos os tempos. Ela está com Adelaide há seis semanas e sua presença é um pouco repulsiva, mas a mulher é meticulosa na limpeza (até as lâmpadas foram espanadas) e ainda não quebrou nada, o que é mais do que se pode dizer de suas antecessoras. Por ora, ela fica.

Logo soa uma batida na porta, e as orelhinhas de Jean-Paul se erguem de onde ele está enrodilhado no chão, perto dos pés de Adelaide.

– *Entrez* – diz ela.

Aqui vamos nós.

Por favor, que isso dê certo, pensa quando a porta se abre. Em geral, Adelaide gosta de pouquíssimas pessoas, e Jessica foi uma das exceções. Ela a considerou séria e atenta, alguém que sabia muito sobre arte, bem diferente dos muitos jornalistas idiotas que conheceu desde então, que só lhe fazem perguntas banais e se fixam no relacionamento de Adelaide com Remy. Não é de se admirar que ela evite a imprensa há tanto tempo...

Marie-Thérèse entra e anuncia a recém-chegada com um murmúrio, e Adelaide pede que sirva uma bandeja de café. Atrás dela, surge outra

mulher, usando um vestido verde-oliva de aparência um tanto barata, com cinto e sandálias de salto anabela e uma bolsa preta grande pendurada no ombro. Mas essa não é Jessica Martindale, a ex-redatora da *New Yorker*, eloquente e de uma inteligência impetuosa. Adelaide franze a testa, sem saber o que pensar. A menos que a mulher tenha feito uma cirurgia corretiva drástica. Quem é essa?

– É bom revê-la – diz a recém-chegada, parecendo nervosa mas determinada.

A mulher está com os longos cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo e seus olhos brilham quando observa ao redor. O coração de Adelaide pesa quando ela se lembra de Jessica Martindale e de seus cabelos muito curtos e grisalhos, os penetrantes olhos azuis por trás dos óculos sem aro e uma infinidade de anéis, mais parecendo um soco-inglês. A mulher diante dela parece uma estudante desajeitada. Talvez seja a assistente de Jessica e chegou antes da chefe? Adelaide supõe que não é exagero imaginar Martindale com uma comitiva.

– Meu Deus – comenta a criatura, boquiaberta –, que sala linda...

Ela não continua porque Jean-Paul se levanta, latindo. Ele às vezes sente uma aversão violenta pelas pessoas sem motivo aparente, embora no geral seja um bom juiz de caráter. Talvez Jean-Paul também estivesse esperando Jessica Martindale.

– Obrigada – diz Adelaide ao cão, em tom severo.

Isso costuma ser o suficiente para silenciá-lo, mas não hoje – Jean-Paul continua a latir e avança em direção à mulher, que cambaleia para trás, assustada, e solta um grito nervoso, torcendo um tornozelo por causa daquelas sandálias absurdas. Ah, por Deus. Então a mulher não gosta de cachorros; a situação só fica pior a cada minuto. Adelaide se lembra de Jessica Martindale, que, depois de tomar duas taças de champanhe, pegou o celular para mostrar fotos de seu galgo. Só então Adelaide se dá conta de que a mulher à sua frente disse "É bom revê-la". Então elas provavelmente *já* se encontraram em alguma ocasião – mas quando?

– Jean-Paul, já *chega*! – exclama Adelaide, frustrada tanto com o cachorro quanto com a própria mente agitada. – Venha cá *agora mesmo*.

Ele solta um último latido desafiador antes de se virar, relutante, na direção dela. A mulher, entretanto, se mantém à distância, já não tão sorridente.

– Desculpe, eu...

– Você tem medo de cachorros? Ele nunca mordeu ninguém – interrompe Adelaide e, incapaz de resistir, acrescenta: – Pelo menos, *ainda* não.

Quem fala é o lado sombrio nela que reage com prazer ao desconforto de outras pessoas. *Custa ser gentil?*, implorava desesperadamente a mãe quando Adelaide era uma garotinha. Bem, não existe mesmo uma forma gentil de perguntar "Desculpe, mas quem é você?". Que Deus a ajude, ela não está conseguindo pensar em nenhuma.

– Não é que eu tenha *medo* de cachorros – diz a Jessica errada, sem muita convicção. – É mais porque... Bem, eu sempre tive gatos, então...

Ela se interrompe, por causa do desprezo que vê no rosto de Adelaide.

Malditas sejam as pessoas que gostam de gatos. Picasso, Warhol, Dalí... todos renomados amantes de gatos e, a julgar pelas histórias que se contam sobre eles, também completos idiotas. *E podem dizer que falei isso mesmo*, pensa ela, dando uma palmadinha carinhosa em Jean-Paul enquanto ele se deixa cair no chão ao lado de Adelaide mais uma vez, soltando um suspiro.

Ela gesticula, incentivando a outra mulher a se aproximar.

– Venha e sente-se. E não ligue para o Jean-Paul, na verdade ele é um bobão, como todos os *staffies*.

Jessica lança um olhar cauteloso para o suposto bobão e se senta na poltrona que Adelaide indica. Neste momento, entra a arfante Marie-Thérèse, *tum-tum-tum*, com uma bandeja de chá e café, e há certa agitação enquanto o leite é servido e mexido, dando a Adelaide tempo para pensar. Se a mulher à sua frente fosse assistente de Martindale, é de se imaginar que ela já teria mencionado a chefe. Ela teria dito *Jessica vai se juntar a nós em vinte minutos* ou algo assim, certo? Além disso, a mulher não é glamorosa o bastante para trabalhar para Jessica Martindale. Assim, volta-se à velha questão: quem é ela? Sentindo-se cada vez mais desesperada, Adelaide vasculha a memória, retornando à conversa em que ela e Lucas discutiram quem tentar como *ghost-writer*.

– É um tiro no escuro, porque ela sem dúvida vai estar ocupada, mas tem aquela tal de Jessica que escreveu uma matéria quando eu estava divulgando a exposição *Escuridão* – falou Adelaide.

Era início da noite, dois fins de semana atrás, e Lucas chegara com caixas de comida vietnamita para que pudessem planejar uma nova estratégia.

– Jessica... – murmurou ele, digitando rapidamente no computador. – Você está falando da matéria na...

A memória de Adelaide falha um pouco naquele momento, porque agora ela está se perguntando se ele realmente disse *New Yorker* ou se ela apenas presumiu que sim, porque era aquilo que estava na sua mente. Adelaide lembra que se sentia cansada naquela hora. Um tanto dispersa por causa dos terríveis tremores em suas mãos que haviam recomeçado, e acabara tomando uma grande quantidade de conhaque na esperança de que pudesse ajudar. (Uma ilusão, infelizmente.) É possível que ela também estivesse distraída porque eles estavam na sala de jantar e Jean-Paul sempre gosta de rolar no tapete áspero favorito dele, arqueando as costas de alegria. Na maioria dos dias, Adelaide tem a sensação de que há poucos motivos para sorrir no mundo, mas um cachorro que rola alegremente sempre é capaz de conquistá-la.

Será que foi esse o erro?, pergunta-se agora, sentindo a apreensão aumentar. Será que, sem querer, eles acabaram convidando a Jessica errada para ir a Paris porque Adelaide estava ocupada demais olhando com ternura as contorções de seu cachorro e acabou não prestando a devida atenção à conversa? Ah, céus.

A esta altura, as duas já estão com as xícaras na mão e a outra mulher – a Jessica errada misteriosa – aguarda em expectativa.

– Então... seja bem-vinda – diz Adelaide finalmente.

Por ora, ela vai ter que seguir em frente, supõe. Mas a verdade é que, agora que está examinando de novo a mulher, nota algo vagamente familiar nela. Aqueles olhos castanhos sérios, o formato do rosto... alguma coisa surge em sua memória distante, embora ela não consiga localizar mais detalhes. Mas provavelmente Jessica escreveu sobre ela no passado (*É bom revê-la*) e fez um trabalho bom o bastante para estar no banco de dados de Lucas.

– Jessica, certo? – arrisca Adelaide, apostando que suas suposições estão corretas. – Fez boa viagem ontem? O hotel é adequado?

Ela só está perguntando por educação, sem se importar muito com a resposta, mas Jessica – que não contesta o nome – subitamente começa a se derramar em elogios ao hotel e à generosidade de Adelaide, enrubescida como se estivesse se martirizando por ainda não ter agradecido. Meu Deus, ela parece mesmo inquieta, fica mexendo na pulseira com dedos nervosos e

cruzando e descruzando as pernas na altura do tornozelo. A campainha de alerta continua a tocar em um canto escuro da mente de Adelaide. Aquela mulher já fez isso antes, certo? É só um nervosismo inicial, certa agitação no começo da entrevista, como Adelaide lembra. Algo a deixara insegura por um tempo. Ela vai se recuperar.

Adelaide levanta a mão porque Jessica ainda está tagarelando.

– Que bom. Fico feliz que esteja tudo bem. Agora... vamos começar?

Os minutos estão passando e ela não tem tempo nem paciência para conversa fiada. Não vê a hora de comentar com Lucas a respeito.

– É claro. – Jessica abre a bolsa e pega um notebook, um caderno e uma caneta. Também pega o celular e o ergue no ar. – Tudo bem para você se eu gravar essas sessões?

– Com certeza – responde Adelaide. – E eu farei o mesmo.

Ela estreita os olhos para a mulher para deixar claro o que quer dizer: Você pode parecer um amorzinho, mas é jornalista e sei que não devo confiar no seu tipo. Adelaide se atrapalha para colocar o próprio celular para gravar, e suas mãos começam a tremer como de costume. Inferno.

Pelo menos Jessica não dá sinais de reparar nos tremores. Ela já parece mais confiante, mais à vontade com os apetrechos de trabalho ao redor. Adelaide sempre foi assim também. Quando a colocavam diante de um microfone, congelava. Mas bastava enfiar um pincel na mão dela e era como se estivesse protegida por uma armadura. Não que tenha usado muito o pincel desde que seu corpo tolo e envelhecido começou a lhe pregar peças.

– Então, como você gostaria de fazer? – pergunta Jessica. – Imagino que já tenha ideias sobre a estrutura e o tom do texto... Poderíamos construir a narrativa em torno de obras suas particularmente significativas, talvez, ou de lugares onde você viveu ou trabalhou, ou...

– Como se trata de um período de experiência – interrompe Adelaide –, sugiro que eu comece falando sobre os meus primeiros anos, então você pode redigir esse material como um capítulo de amostra. Sim?

A Jessica errada provavelmente não vai ter que se preocupar com a estrutura do livro porque não vai ser ela a escrevê-lo, pensa Adelaide, enquanto se pergunta em quanto tempo vão conseguir convocar Jessica Martindale.

Jessica assente, obediente.

– Sim, é claro. – Então, sua expressão passa da seriedade para uma

empolgação radiante. – Sinceramente... muito obrigada por me convidar para vir aqui. Esse é o trabalho dos meus sonhos e estou determinada a dar tudo de mim para tornar esse livro um enorme sucesso. Sei que a última vez que nos encontramos foi para conversar sobre a exposição na Tate, e foi basicamente só uma conversa de negócios, por isso me sinto muito emocionada por você confiar em mim para escrever a história da sua vida. Pode contar com a minha total boa vontade para o que funcionar melhor! – Ela se interrompe e volta a enrubescer. – Isso se eu for aprovada no período de experiência, é claro.

A exposição na Tate... Ahhh, sim. A última exposição de Adelaide em Londres. Ela passou uma semana dando entrevistas exaustivas para TV, rádio e imprensa escrita antes da inauguração – e jurou a si mesma que nunca mais repetiria aquilo. Agora, Adelaide se lembra vagamente de ter conhecido Jessica em um hotel gelado, com sofás excessivamente macios e funcionários obsequiosos. Na verdade, as lembranças estão voltando com uma plenitude gratificante, principalmente a indiscrição um tanto duvidosa de Jessica, que explicou que a chefe não pôde comparecer por conta de um problema gástrico repulsivo qualquer. Mas o resultado da entrevista foi uma matéria muito boa – sem os ardis ou as críticas veladas que já tinham sido usados tantas vezes, sobretudo se o profissional em questão fosse um homem invejoso e inseguro.

– Obrigada – responde Adelaide em tom rígido. – Se você estiver pronta, podemos começar, então. A minha infância. Bem...

Ela faz uma pausa quando uma série de imagens passa por sua mente. Os locais bombardeados no East End, onde costumava brincar com os irmãos. Os verões no campo, em Pickering, recolhendo ovos recém-postos pelas galinhas cacarejantes da avó. A sala de aula com cheiro de giz, a coceira insuportável do sarampo, a emoção de sair de casa e ir morar com o grupo com que se identificava, os anos na escola de artes. Além de outras coisas secretas que ela nunca contou publicamente: o rubor no rosto magoado do irmão mais novo quando ele lhe dera as costas pela última vez; o pai batendo na mãe com tanta força que ela ricocheteou na porta; a sensação da caixa de fósforos na mão, com o diabo sussurrando em seu ouvido, incitando-a a se vingar...

Ah, meu Deus. Ela se lembra de uma coisa terrível. A abertura da exposição na Tate: um evento grandioso, glamoroso, com flashes de

câmeras, champanhe e críticos inclinando a cabeça para fazer anotações enquanto examinavam as telas. E também a mulher pálida e magra, em um terninho creme, correndo para se apresentar, a enviada do jornal de domingo que fora originalmente escalada para entrevistá-la. Lindsay alguma coisa? Louisa? Uma mulher cheia de desculpas abjetas, que se mostrara uma terrível bajuladora. E Adelaide... Ah, minha nossa. Àquela altura, ela já estava arrebatada, tonta com a beleza da exposição, lisonjeada pelos elogios que soavam tão gloriosos em seus ouvidos a noite toda. Mas isso não era desculpa para o que ela disse.

No presente, Adelaide escuta a tosse baixa e educada de Jessica.

– Deve ser difícil saber por onde começar – diz ela. – Mas suas histórias não precisam estar em nenhum tipo de ordem cronológica neste momento... Posso resolver isso quando editar o texto. Talvez possa começar me contando sobre os seus pais?

Adelaide se abaixa para dar uma palmadinha em Jean-Paul, tentando se concentrar no momento, naquela sala, em vez de voltar novamente àquele dia na Tate, quando humilhara desnecessariamente a chefe de Jess.

– Ah, sim, ouvi dizer que você pegou algum vírus terrível – respondeu à mulher (Lilian? Lorraine?). Algo no rosto bonito e sorridente da outra a fez se lembrar de Coco, o que talvez explicasse a crueldade por trás das palavras seguintes: – Para ser sincera, estou surpresa por estar usando uma roupa creme, levando em consideração o que me contaram – continuou Adelaide. – Ficou o dia no trono, não é mesmo?

A mulher (Lucille? *Lucinda*, é isso) engoliu em seco antes de colocar um sorriso artificial no rosto, com os olhos cintilando de vergonha, ou talvez de raiva. Ou mesmo lágrimas, pelo que Adelaide se lembra agora. Ela torce – tardiamente – para que a jornalista sentada à sua frente não tenha sofrido as consequências. Opa. Seria o carma finalmente chegando para puni-la por seus pecados? Será que Jessica está ali em busca de uma oportunidade de se vingar através de um texto cruel?

– Meus pais, sim... – apressa-se a dizer Adelaide. – Robert e Geraldine Brockes.

Então ela embala na história, a compostura retornando gradualmente enquanto narra com tranquilidade o temperamento explosivo do pai e as mudanças de humor monumentais da mãe, relembrando as histórias mais engraçadas e cativantes sobre os irmãos. Entre uma coisa e outra, ela ainda

está em dúvida sobre essa Jessica, embora, levando em consideração o que acabou de recordar, provavelmente tenha uma dívida com a mulher. No entanto, Adelaide ainda não pretende revelar nada muito pessoal. Seus segredos terão que esperar.

Capítulo Quatro

À tarde, quando Jess sai do apartamento de Adelaide – um espaço de uma grandiosidade intimidante –, parece quase impossível acreditar em algo do tipo "Olhe pelo lado positivo". Ela não consegue pensar em nada positivo para tirar da experiência. Primeiro foi o cachorro correndo em sua direção e sua reação constrangedora e assustada. Então – pior – a expressão de "quem diabo é você?" no rosto de Adelaide. Jess não estava esperando exatamente um reencontro amigável ou algo do gênero, mas o vazio total foi enervante, para dizer o mínimo. Além disso, havia a própria Adelaide – reservada e difícil de lidar. A mulher usa os cabelos, agora da cor de estanho, em um corte muito curto, quase hostil, e sua própria natureza parece hostil. Várias vezes, quando Jess se atrevia a aprofundar alguma história, Adelaide se fechava e uma máscara ocultava sua verdadeira expressão. *Não é da sua conta*, dizia a máscara.

Se aquilo fosse uma entrevista, não haveria problema – 1.500 palavras para publicar on-line ou impressas. Elas poderiam se limitar a remar em águas rasas, evitando as profundezas mais turvas. Mas, para um livro de memórias, com certeza o objetivo era elaborar, revelar mais de si mesma, certo? Ainda assim, Jess sente que passou o dia inteiro tentando obter mais informações em vão.

– Você pode me contar sobre alguns objetos que havia no quarto da sua infância? – perguntou, na esperança de conseguir alguns detalhes do cenário com os quais pudesse evocar uma cena. – Como era a cozinha? Você associa algum cheiro àquela época? O que vestia para ir à escola? Você tinha uma melhor amiga, ou amigo? Já amava desenhar?

Foi um trabalho árduo, tirando leite de pedra. Mas faz surgir em sua mente uma pergunta: o que Adelaide está escondendo dela? Afinal, nem se

quisesse Jess poderia revelar qualquer segredo, não depois do contrato rigoroso que precisou assinar. Talvez Adelaide relaxasse nos próximos dias, assim que o vínculo entre as duas se estreitasse um pouco mais. Jess torce muito para que isso aconteça.

Ainda assim, há um lado bom: são apenas duas da tarde e ela já está liberada pelo resto do dia. Seria melhor digitar logo as gravações dessa manhã, enquanto tudo ainda está fresco na memória. Mas... Seus passos se tornam mais lentos à medida que ela se aproxima do hotel. Jess pensa que seu lindo quarto no sótão vai estar muito quente a esta hora. Então se lembra da pracinha na rua mais adiante, de como foi empolgante passear por ela na noite anterior – da bela taça de vinho que degustou com prazer na *brasserie*, dos deliciosos *moules frites*. Que se dane, já se passou muito tempo desde o café da manhã e Adelaide não lhe ofereceu almoço. Jess está desanimada e morrendo de fome, apostando que o estabelecimento faz um *croque-monsieur* arrasador, sem economizar no queijo. O trabalho pode esperar.

A *brasserie* Les Amours está bem cheia quando Jess entra, mas, para sua alegria, algumas mesas ao ar livre ainda estão desocupadas. Ela vai direto para um lugar com uma boa vista da praça. Relaxa na cadeira, deixando o sol aquecer seu rosto e seus braços, e é recepcionada instantes depois por um garçom de avental branco que murmura "Madame" e deixa na mesa uma cesta de pães deliciosos e uma garrafa alta de vidro com água gelada. Jess consegue sentir o retorno gradual do equilíbrio, as decepções da manhã já se aplacando. *Qualquer novo trabalho tem seus desafios no primeiro dia,* lembra a si mesma. E ela certamente é capaz de lidar com um cachorro latindo e com uma chefe brusca se o outro lado da moeda for o que está tendo no momento: um almoço tardio em uma linda praça parisiense, pardais voando por entre os raios de sol, a cidade ao alcance da ponta dos dedos. Jess solta o ar lentamente e mordisca um pedaço de pão. É claro que é capaz, diz a si mesma, mais encorajada. Ainda mais quando o pão tem um gosto tão bom.

– Madame? Já quer fazer o pedido?

O garçom está de volta à mesa, absurdamente bonito com os cabelos escuros penteados para trás, olhos castanhos bem-humorados e dentes brancos uniformes. Infelizmente, o rapaz tem metade da idade dela, mas ainda é bom admirar a beleza de outra pessoa.

Jess pede um *croque-monsieur* em francês, embora, como o gerente do hotel no dia anterior, o garçom responda em inglês.

– Uma salada para acompanhar, madame? Uma porção de fritas? – Ele percebe a hesitação dela e dá uma piscadela. – São batatas fritas muito saborosas – sussurra, como se fossem cúmplices. – Famosas por serem muito boas.

É uma tolice, mas Jess se dá conta de que está enrubescendo como uma garota de 20 anos.

– Bem, nesse caso – ela responde –, eu com certeza aceito as famosas batatas fritas. *Les frites célèbres!* – acrescenta. – *Merci, monsieur*.

Jess se recosta na cadeira, de óculos escuros, e fica vendo o mundo passar, como se fosse apenas mais uma francesa descolada com a vida sob controle. Duas jovens – estudantes? – passam por ela de bicicleta, com pastas e livros enfiados nas cestinhas do veículo, as pernas magras e bronzeadas abaixo dos shorts jeans. Um homem de cabelos brancos, usando um terno marrom desbotado, toma café do lado de fora da *crêperie* próxima e ergue a mão nodosa em cumprimento quando percebe o olhar de Jess. Uma vespa zumbe, talvez atraída pelos refrigerantes na mesa vizinha, onde uma mulher tenta acalmar o bebê apoiado em seu ombro enquanto duas crianças pequenas brigam irritadas.

A vespa se aproxima de Jess, que dá um tapa no inseto. Mas ela bate com força demais e acaba derrubando sem querer o copo de água no chão, e o objeto se estilhaça em uma explosão de cacos brilhantes. Ah, meu Deus! *É isso que dá querer bancar a francesa descolada*, pensa, gemendo silenciosamente enquanto começa a catar os cacos de vidro maiores e deixa os óculos escuros caírem. Como se isso não bastasse, no instante seguinte ela ouve uma voz masculina dizer seu nome:

– Como assim, a Jessica errada?

Na mesma hora, ela se vira para ver quem é e bate com a cabeça na perna da mesa.

Jess vê apenas de relance um homem alto, de cabelos escuros, passando com o celular no ouvido, antes de registrar uma estranha umidade em sua mão. A tontura a envolve quando ela vê duas manchas vermelhas nas pedras abaixo – nunca lidou bem com sangue.

Não desmaie, diz a si mesma, encolhendo-se ao perceber que o homem mais velho do outro lado da rua está se levantando, aparentemente

preocupado com ela. De alguma forma, conseguiu transformar o momento tranquilo em um drama, garantindo a si mesma o papel da protagonista menos chique e sofisticada possível. Esse não é o cenário de "Jess em Paris" de seus devaneios.

– Madame? Está tudo bem?

Jess não sabe o que é mais mortificante – ter quebrado o copo da *brasserie*, ter feito um senhor octogenário se levantar preocupado ou o garçom sexy estar agora agachado ao lado dela, tão perto que Jess consegue sentir o perfume da colônia de especiarias dele.

– Sinto tanto, *je suis désolée*! – lamenta Jess, enquanto o rapaz pressiona um guardanapo limpo na mão ensanguentada dela e a ajuda a se sentar na cadeira.

– Imagine! Foi um acidente. – Ele pega uma vassoura e uma pá de lixo, recolhe os cacos, então se vira para ela com uma sobrancelha erguida e a expressão bem-humorada. – Eu acho... Ou talvez você tenha odiado aquele copo e quisesse mesmo acabar com ele. Copo idiota!

Apesar de tudo, Jess ri.

– Pessoa idiota – corrige, apontando para si mesma.

– De jeito nenhum, madame. De jeito *nenhum*. – Ele aponta para a mão cortada, na qual ela pressiona um guardanapo. – Só um instante. Já volto para cuidar disso.

Jess fica sentada, tentando se recompor, então se lembra de olhar de relance para a *crêperie*, onde vê o homem de terno marrom ainda olhando em sua direção. Mesmo àquela distância, a inclinação da cabeça dele transmite sua preocupação. Ao encontrar o olhar dela, o homem levanta o polegar com uma expressão questionadora. Jess assente, com um sorriso débil. Para ser sincera, ela deveria simplesmente aceitar que nunca vai conseguir passar por uma pessoa descolada e ponto-final. O único consolo é que está longe de casa e nunca mais vai ter que ver nenhuma dessas pessoas.

O garçom reaparece com um kit de primeiros socorros e se senta à mesa.

– Posso? – pede ele, apontando para a mão dela.

Jess assente e respira fundo enquanto ele afasta o guardanapo ensanguentado e começa a limpar o ferimento com delicadeza.

– Você não vai morrer – informa o rapaz, o ar solene, e ela engole uma risada que é quase um soluço. – Nada de hospital para você hoje, madame.

– Obrigada – diz ela, sentindo-se como uma criança enquanto ele abre

um curativo adesivo e o coloca com cuidado.

– *Voilà*. Ok? Ahhh, e olha só, a sua comida está chegando.

Um segundo garçom aparece e deixa um *croque-monsieur* dourado e cheiroso na mesa, junto com um recipiente de metal com batatas fritas douradas. O primeiro garçom pega outro copo de uma mesa vazia próxima e o enche de água.

– Acho que agora vai ficar tudo bem, certo? – pergunta ele, com uma das lindas sobrancelhas erguidas.

Jess assente em agradecimento enquanto sente o cheiro bom de seu almoço. O garçom faz uma pequena reverência e a deixa a sós.

O *croque* tem uma quantidade extravagante de queijo, as batatas estão perfeitamente fritas. Por alguns instantes, Jess se recusa a pensar em qualquer outra coisa enquanto come. *Acho que agora vai ficar tudo bem, certo?*, ela ouve o garçom dizer mais uma vez em sua mente, com aquela convicção comovente. E, ao menos por ora, ele está certo. Afinal, ela está em Paris. O sol brilha no céu. O homem idoso de terno marrom se levanta da mesa e acena para ela antes de seguir em uma caminhada lenta pela praça. Ela acena de volta, já se sentindo melhor. É a mulher mais sortuda do mundo, diz a si mesma.

Capítulo Cinco

Já revigorada pelo sanduíche de queijo e pelas batatas fritas – por algum motivo, parece muito mais sofisticado quando chamamos de *croque-monsieur et frites* –, Jess passa o resto da tarde no hotel, transcrevendo a conversa gravada com Adelaide. Embora tenha muitas entrevistas em seu currículo, o som da própria voz a faz estremecer, principalmente agora, quando ouve o titubear nervoso nas primeiras perguntas. Também é frustrante ouvir de novo a forma como Adelaide evita assuntos difíceis com ar experiente, escapando dela vezes sem conta. No áudio, Jess aceita educadamente os becos sem saída da conversa em vez de desafiá-los. Uma jornalista melhor teria pressionado com mais força aquele muro, diz a si mesma com um suspiro. Uma jornalista melhor não teria se deixado abalar pelo glamour, pelo cachorro, pelo cenho permanentemente franzido de Adelaide.

Há também o fato de que as duas têm personalidades completamente diferentes. Ao contrário de Jess, Adelaide parece... bem, muito austera, para ser franca. Amarga mesmo. Enquanto ouvia sobre a infância turbulenta e barulhenta de Adelaide no East End, Jess se lembrou com melancolia da própria infância mais tranquila e dissera:

– Deve ter sido delicioso e aconchegante ter tanta gente na família.

Mas aquilo só serviu para fazer Adelaide encará-la como se estivesse louca.

– Aconchegante? – repetiu, fuzilando Jess com o olhar. – Naquela época não havia aquecimento central, Jessica. Na metade do tempo, não tínhamos dinheiro nem para comprar lenha.

Jess engoliu em seco, sentindo-se incompreendida.

– Eu só quis dizer...

Mas Adelaide estava balançando a cabeça.

– Não era aconchegante – afirmou categoricamente, como se encerrasse o assunto.

Mesmo assim, ainda há muito tempo para as duas se conhecerem melhor, lembra Jess a si mesma. Elas terão sessões juntas em todos os dias úteis, e depois, na tarde de sexta-feira, Jess vai voltar para casa e terminar o capítulo de amostra, que deve entregar até domingo. Ela tem esperança de conseguir escrever algo bom a ponto de garantir o trabalho – se isso significa evitar romantizar a vida de Adelaide com palavras como "aconchegante", que seja.

Quando Jess enfim tira os olhos do computador e do bloco de notas, já são sete da noite, e seus olhos estão começando a doer. Ela precisa de um pouco de ar fresco e de comida, pensa, e estica o corpo ao se levantar da pequena escrivaninha.

Jess veste uma blusa bonita e calças curtas e desce os vários lances de escada mais uma vez.

– *Bonsoir, monsieur* – cumprimenta de passagem o homem na recepção, apenas para ouvi-lo responder com "Boa noite, madame" em inglês.

Jess promete a si mesma, sorrindo, que vai continuar a insistir em falar francês. Do lado de fora, no Marais, a tarde tropical se tornou uma noite amena. Os prédios ganham um tom cor de mel enquanto o sol se põe no céu, e as ruas estão cheias de casais, famílias e grupos de amigos em busca de bares e restaurantes, de diversão para a noite que se inicia. Jess sente suas preocupações desaparecerem ao seguir em direção ao rio e absorve o clima alegre ao redor. Ela atravessa a Pont des Arts e segue caminhando pela margem esquerda do Sena, sob as árvores, enquanto se lembra de uma noite em que caminhou até ali de mãos dadas com Georges. Ele a levou primeiro a uma exposição no Palais des Beaux-Arts, em seguida a um jantar no Les Deux Magots, antigo ponto de encontro de celebridades como Joyce, Sartre e Picasso.

– E agora... nosso também! – disse ele, erguendo a taça de vinho tinto com uma piscadela, aparentemente apreciando a expressão fascinada dela.

Ah, Georges... O alto e belo Georges, com seu queixo bem marcado e sotaque sexy. Ele tinha 28 anos na época e, para a Jess inexperiente, de apenas 22, parecia um homem de verdade se comparado aos estudantes imaturos com quem ela namorara. De todos os lugares icônicos onde

poderia conhecer um lindo francês, os dois tinham começado a conversar enquanto examinavam as prateleiras da Shakespeare and Company, a famosa livraria, não muito longe dali. Um debate bem-humorado sobre se Hemingway era ou não um idiota (conclusão: sim) levou ao convite dele para um drinque, então... Bem, àquela altura, Jess já estava fisgada e se afogando naqueles expressivos olhos castanhos.

Ela olha tolamente ao redor, esperançosa, como se fosse possível se deparar com Georges caminhando ali naquele momento, seus destinos se cruzando mais uma vez. Em todos os anos desde então, ela nunca namorou ninguém tão culto, tão atraente ou tão másculo quanto Georges. *Será que ele ainda mora em Paris?*, pergunta-se, com uma pontada de saudade da própria juventude, e da dele também. Georges provavelmente se casou com uma francesa deslumbrante que faz sexo oral nele sempre que ergue uma sobrancelha para ela. Jess consegue até imaginar o apartamento chique dos dois em um bairro belissimamente descolado, com obras de arte nas paredes e muitos amigos boêmios que passam por lá para desfrutar de conversas intelectuais. Ora, boa sorte para ele.

A essa altura, Jess já chegou à grande área do Faubourg Saint-Germain e atravessa a rua para cortar caminho pela Esplanade des Invalides, vendo os gramados exuberantes cheios de turistas tirando fotos do pôr do sol na Torre Eiffel. O hotel onde ela trabalhava como camareira ficava perto dali, e Jess leva a mão rapidamente ao pescoço, procurando o cordão da amizade barato que usou por meses a fio, a metade dourada de um coração aninhada entre suas clavículas. Pascale, sua melhor amiga na época, havia comprado os cordões – um de cada, com metades que se encaixavam. Jess ainda deve ter a peça em algum lugar em casa, não a jogaria fora. Quanto a Pascale e sua metade...

Ela para abruptamente, então se vira para que o hotel e as ruas ao redor fiquem para trás mais uma vez. O sangue lateja por seu corpo enquanto Jess se afasta depressa. Tantos anos se passaram, mas ela nunca superou o choque do término de sua estadia em Paris, pensa ela, sentindo as lágrimas embaçarem repentinamente a visão. Depois de tudo, uma escuridão se instalou nela, um espaço cheio de tristeza e remorso. *Não pense nisso*, ordena a si mesma, e acelera o passo.

Quando está a uma distância segura, Jess se senta em um bar à beira do rio, com mesas na calçada e uma música de Stevie Nicks ao fundo, e pede

uma taça de vinho tinto. Então, para se distrair das lembranças de Pascale, pesquisa o nome de Georges no celular e examina os resultados até chegar aos perfis dele nas redes sociais. À medida que vai juntando as peças do quebra-cabeça da vida de Georges nas décadas que se seguiram ao período em que ficaram juntos, Jess não consegue conter uma deliciosa sensação palpitante. *Você*.

Ele ainda é bonito, percebe, demorando-se em uma foto dele com amigos em um bar. Os cabelos agora ostentam mechas grisalhas, mas seus olhos cintilam na tela, com a boca em uma expressão de divertimento, como se estivesse sorrindo para ela. É apenas uma imagem, mas é impossível não sorrir de volta. O que houve entre os dois nunca passou de uma aventura de verão – nunca evoluiu para um relacionamento sério, com discussões, concessões ou atritos. Talvez por isso Georges sempre tenha sido uma boa lembrança, um padrão elevado estabelecido em uma idade impressionável. Quando Jess começou a sair com David, alguns anos depois, foi o estilo despojado de Georges que lhe veio à mente quando viu a roupa de cama preta de David e aquela toalha de banho horrível com a palavra "CARA" de um lado e "BUNDA" do outro. Pensando bem, as pistas de que o ex-marido de Jess sempre seria um garotão estavam presentes desde o início.

Quando ela conheceu Georges, ele estava fazendo doutorado. No entanto, de acordo com a investigação na internet, ele abandonou o meio acadêmico e agora trabalha como arquiteto. Na verdade – e o coração de Jess acelera quando lê isso –, a empresa dele parece ter sede na Praça da Bastilha, bem pertinho do hotel dela. O destino não poderia ter facilitado mais. *Oh là là*, ela imagina Pascale dizendo em sua cabeça, porque a amiga sempre tinha opiniões fortes sobre como viver a vida ao máximo. *O tempo foi generoso com esse aí. O que você está esperando?*

Jess toma outro gole de vinho, sentindo-se inesperadamente abalada. E curiosa também. Seria ousado demais enviar uma mensagem para Georges, mandar um oi simpático? Não faria mal algum, certo? Afinal, ela não está mais casada – e quanto a ele... Ora, ela não viu nenhuma foto de esposa ou namorada nas redes sociais, mas mesmo que ele *esteja* envolvido com alguém, não seria uma tentativa de assédio da parte dela. Pelo menos não imediatamente, admite para si mesma, os lábios se curvando à medida que novas lembranças vêm à mente. Principalmente, na verdade, a lembrança de

como ele sempre a fazia se sentir muito feminina. E desejada. Às vezes, os dois mal conseguiam manter as mãos longe um do outro.

Oi, Georges, digita Jess. *Talvez esta mensagem pareça vir direto do passado, mas na verdade estou em Paris a trabalho no presente mesmo* – sim, aquilo parece importante, como se ela fosse uma pessoa muito bem-sucedida profissionalmente – *e me peguei pensando se por acaso você teria algum tempo livre nos próximos dias para a gente colocar o papo em dia. O que acha? Tudo de bom, Jess.*

Ela relê a breve mensagem e pressiona "Enviar". Com certeza se arrependeria se voltasse para casa sem pelo menos ter tentado, pensa consigo mesma. Além do mais, só de estar ali já se sente diferente, como se estivesse tirando férias da vida cotidiana. O que acontece em Paris fica em Paris.

Começa a tocar "Hotel California" e Jess fica arrepiada; Pascale adorava essa música, e é estranho ouvi-la logo depois de pensar nela. Jess consegue imaginá-la dando um sorriso marcado por covinhas ao ouvir os acordes de abertura, mudando a letra e adaptando-a ao hotel onde trabalhavam, gritando a plenos pulmões: *Bem-vindo ao Hotel d'Or em Paris! Que merda de lugar, se olhar pra minha cara vai sacar*.

Ah, Pascale... Jess daria qualquer coisa para ver a amiga de novo, com aquelas covinhas e os olhos sorridentes, e adoraria até mesmo ouvi-la cantando pessimamente. O que aconteceu com você, Pascale? Então seu celular apita com a chegada de uma mensagem e Jess prende a respiração. Seria Georges? As meninas estão bem? Não, é Becky, respondendo à voz um tanto infeliz de Jess num áudio que mandou mais cedo. *Eu acredito em você!*, escreve ela. *Você vai conseguir, Jess! P.S.: Petiscos para cachorro na sua bolsa amanhã = sua arma secreta*.

É exatamente do que Jess precisava para afastar o humor melancólico que a envolveu, e ela sorri. Becky está certa – ela vai conseguir. É claro que vai! Amanhã é outro dia.

* * *

Na manhã seguinte, Jess desce para tomar café da manhã e se pergunta onde pode comprar petiscos para cachorro no bairro do Marais. Atrás do balcão da recepção, há uma mulher negra muito elegante, mais ou menos da idade

dela, usando um vestido de linho branco impecável com um crachá que indica o nome Beatrice.

– *Bonjour* – diz Jess com educação. – Posso perguntar uma coisa? – continua em francês. – Você conhece algum lugar por aqui onde eu possa comprar... – Ela hesita, sem saber como dizer "petiscos para cachorro", então recorre à língua materna. – Hum... comida de cachorro? Petiscos?

– Comida de *cachorro*? – repete Beatrice, parecendo confusa. – Você está com um cachorro aqui?

– Não! – exclama Jess, já se imaginando expulsa do hotel por suspeita de ter contrabandeado um companheiro canino. – Hum... Estou aqui para fazer um trabalho para uma mulher... Adelaide Fox, já ouviu falar dela?

– A artista? Mas é claro! – responde Beatrice, então franze o cenho. – Ela pede para você comprar comida de cachorro?

– Não, mas ela tem um cachorro que é muito... – Jess mostra os dentes e rosna, e Beatrice, assustada, dá um passo para trás como se estivesse preocupada com a saúde mental da mulher. Jess continua: – Quero que o cachorro goste de mim. Quero comprar algo gostoso... *délicieux!*... para o cachorro, para que ele pense: *mon Dieu! Essa mulher é incrível*.

Jess diz isso em uma mistura distorcida de inglês e francês, sem saber se está fazendo algum sentido ou não, mas felizmente Beatrice sorri e depois levanta um dedo no ar.

– Ah! Eu tenho a solução pra você. Vem comigo.

Jess a segue até a salinha de café da manhã. É um espaço informal, com seis ou sete mesas, e um balcão para que os hóspedes se sirvam, com máquina de café, jarras de suco e uma seleção de pães, doces e frutas. Beatrice vai até o balcão, pega um guardanapo de pano e usa uma pinça para selecionar duas fatias gordas de presunto da bandeja de frios.

– *Voilà* – diz ela, colocando o presunto no guardanapo e estendendo-o para Jess. – O cachorro vai comer o presunto e... – Ela beija os dedos da outra mão teatralmente. – Vai se apaixonar por você para sempre. Simples!

Jess cai na gargalhada, aceitando o guardanapo.

– Beatrice, você é um gênio – elogia. – Tudo bem mesmo se eu levar o presunto? Você não se importa?

Beatrice olha ao redor com um ar cúmplice e dá uma batidinha no nariz.

– Vai ser o nosso segredinho – diz ela. – Não vamos contar a ninguém, certo?

– Jamais – garante Jess. – Muito obrigada. Você pode ter salvado o meu dia.

Às dez horas da manhã, ela aperta a campainha de Adelaide com uma expressão confiante. Redatora profissional apresentando-se para o serviço! Está usando seu segundo vestido favorito (amarelo-mostarda) e um batom vermelho poderoso, e tem um guardanapo cheio de presunto suculento na bolsa. O sol está brilhando, e ela, Adelaide e Jean-Paul serão grandes amigos em pouco tempo, Jess tem certeza disso.

– Bom dia – cumprimenta ela quando a governanta a acompanha até Adelaide. Elas estão na mesma sala do dia anterior, mas agora Jess está preparada para a grandiosidade e não se deixa intimidar. – Nossa, está um lindo dia lá fora – continua a tagarelar, apontando para a janela. – Absolutamente lindo!

Adelaide a encara com olhar desconfiado, mas não responde logo, provavelmente porque Jean-Paul saltou de onde estava cochilando para latir ferozmente. Jess encarna sua nova amiga Beatrice e enfia a mão na bolsa.

– E *bonjour* para você também, Jean-Paul – diz, tentando conter o tremor na voz. – Tenho um presente para ele – comenta com Adelaide, precisando falar alto, acima dos latidos. – Suborno descarado, infelizmente. – Jess ergue o guardanapo. – Um pouco de presunto do café da manhã do hotel. Posso?

Ela espera que Adelaide desaprove, talvez até que retruque que seu precioso cão está em uma dieta especial e não pode comer nada tão gorduroso, mas, para seu grande alívio, os olhos da mulher subitamente parecem um pouco menos duros. E há, talvez, um brilho no olhar dela?

– Ah, meu Deus, Jean-Paul – fala Adelaide. – Você está prestes a ser um garoto muito feliz. Agora, SENTA!

Jean-Paul, ao que parece, é facilmente manipulável quando se trata de fatias de *jambon*. Ele senta, gira, deita, dá a patinha – faz quase qualquer coisa que Jess pede – só para conseguir aquela recompensa altamente desejável. Seus olhos castanho-escuros estão fixos nela o tempo todo em que há presunto entre seus dedos, como se estivesse pronto para pular e começar um show em um instante. Se ao menos fosse tão fácil conquistar as pessoas...

– Somos amigos agora? – pergunta Jess, fazendo carinho nas orelhas de Jean-Paul depois de ele devorar todo o presunto. – Vamos ser parceiros, hum?

– Pelo amor de Deus, não conte a nenhum ladrão como é fácil conquistar esse cachorro – diz Adelaide em tom irônico, mas pelo menos não está fazendo caretas depreciativas sobre pessoas que gostam de gato, como na véspera.

Elas começam a trabalhar, e Adelaide agora conta seus primeiros anos de adolescência – ela descreve o professor de artes do ensino médio que lhe ensinou perspectiva e estimulou sua criatividade – antes de passar para seu período rebelde: a rejeição ao cristianismo da mãe e a recusa em frequentar as cerimônias religiosas ("Foi um escândalo na família na época", comenta Adelaide com certo prazer), seguidas pelo tabagismo e pelo consumo de bebidas alcoólicas quando ainda era menor de idade, além dos amigos subversivos mais velhos com quem se envolveu.

– E seus irmãos? – interrompe Jess. Ela já ouviu aquelas histórias antes, em outras entrevistas, e está ansiosa para ir mais fundo. – O que eles acharam disso? Vocês quatro ainda eram próximos ou você também estava se afastando deles?

– Eles... – Até o momento, Adelaide estava a todo vapor, mas as perguntas de Jess a fazem vacilar. – Bem... digamos que meus irmãos mais velhos não estavam de acordo. Eles eram pessoas sensatas e cautelosas. Muito diferentes de mim.

– E o William? – pressiona Jess, mencionando o irmão favorito de Adelaide. – Ele foi mais receptivo à pessoa que você estava se tornando?

Os olhos dela faíscam.

– Ele estava morto – retruca, irritada. – Não quero falar sobre ele.

– Ah!

Jess fica confusa. William morreu? Apesar da vasta pesquisa que fez sobre a vida e a carreira de Adelaide, essa é uma lacuna nas informações que coletou, e pode dizer, pela reação da mulher, que tocou em um ponto que ainda a abala, mesmo décadas depois.

– Sinto muito – diz Jess em tom submisso, mas logo hesita.

Não basta para um leitor – nem para ela, a escritora – simplesmente encobrir o que deve ter sido um momento importante e traumático na infância da personagem central do livro. Jess se lembra da própria voz débil na gravação do dia anterior e de como desejara ter sido mais firme, ter pressionado mais Adelaide.

– Deve ter sido horrível – acrescenta ela, então respira fundo. *Seja*

corajosa. *Insista*. – Você diria que isso foi um catalisador para a mudança no seu comportamento? O que aconteceu com a garota que adorava aulas de artes, que nunca quis parar de desenhar?

Adelaide contrai visivelmente o maxilar.

– Eu disse que não quero falar sobre isso. Você tem algum problema ou é só estúpida?

Jess engole em seco, o rosto quente com a grosseria da mulher, e leva alguns segundos antes de conseguir responder:

– Eu entendo, e não precisamos falar objetivamente sobre a morte dele. – Ao menos por hoje, embora ela garanta a si mesma que vai fazer o possível para desvendar a história. – Mas estou interessada em você quando era uma menina, uma jovem. O impacto que a perda do seu irmão teve em você. E até como isso pode ter aparecido nos seus primeiros trabalhos.

Jess já ouviu entrevistas suficientes com artistas para saber que a arte pode ser um meio de processar experiências e emoções pessoais, e muitas vezes há um gatilho por trás de obras importantes. É uma pergunta perfeitamente razoável.

Mas Adelaide baixa os olhos, entrelaça os dedos nodosos no colo e cerra os lábios de um jeito aparentemente definitivo. Jess prende a respiração e se pergunta se foi longe demais, se aborreceu a mulher ao pressionar um ponto ainda dolorido. No entanto, pelo bem do livro de memórias, ela precisa fazer isso, certo? Ninguém quer ler uma história de vida totalmente inócua e higienizada, não é mesmo?

– Bem... – fala Adelaide por fim, com a voz rouca e baixa, como se fosse necessário um grande esforço para pronunciar as palavras. – Foi devastador. Ficamos todos... perdidos.

Jess permanece em silêncio. Esta já foi muitas vezes a ferramenta mais eficaz em seu repertório de jornalista: deixar um vazio na conversa que o entrevistado não consegue suportar e, por isso, o preenche. E, como esperado, depois de vários segundos, Adelaide continua, com a cabeça baixa, aparentemente perdida nas lembranças.

– Ele era meu norte – diz ela. – Um ponto estável e fixo na minha vida, em torno do qual a minha criatividade... e o meu caos... podiam fluir. Tudo mudou depois da morte do William.

Se essa fosse uma conversa com uma amiga, Jess já estaria murmurando algo em solidariedade, com um braço ao redor dos ombros da artista, mas

ela se força a ficar quieta. Adelaide não é uma amiga – na verdade, Jess se sente mais como uma caçadora observando a presa. Qualquer movimento repentino, qualquer comentário fútil, e Adelaide escapará, tornando-se cautelosa mais uma vez.

– E sim, você está certa, acho que houve uma correlação. Perder meu irmão me deixou... sem amarras. Minha mãe ficou obcecada com o trabalho doméstico e com a igreja. Meus outros irmãos estavam ocupados com as próprias vidas. De repente, eu tinha um espaço e uma liberdade que não existiam antes. E me sentia consumida por aquela raiva terrível e pela...

Ela se interrompe, sem concluir o pensamento, porque algo terrível acontece: o celular de Jess acaba de emitir um som breve e alegre de notificação, quebrando a magia. A expressão de Jess é de pura mortificação – empolgada porque Jean-Paul não a atacara mais cedo, ela se esquecera completamente de colocar o aparelho no modo "Não perturbe". E agora o clima confessional melancólico está destruído, e é tudo culpa da estupidez dela. Jess sente vontade de se dar um chute!

– Pelo amor de Deus! – diz Adelaide, enfurecida.

– Desculpe – diz Jess, envergonhada, desligando o celular.

Droga! Logo quando estavam evoluindo também na relação entre elas. No momento em que começava a atravessar a carapaça da mulher. Mas então Jess vê o que está na tela e acha impossível não reagir. Georges respondeu!

– O que foi? – pergunta Adelaide.

Nossa, e ela achando que estava mantendo uma expressão neutra... Mas nunca foi boa em esconder os próprios sentimentos.

– Não é nada. Lamento ter interrompido – diz Jess, já passando o dedo na tela para descartar a notificação.

Mesmo assim, sente uma pressão nos ouvidos e todo o corpo esquentar, com uma empolgação crescente. *O que* ele escreveu? Não, chega. Ela precisa se concentrar.

– Onde estávamos?

Adelaide franze os lábios.

– Talvez você possa se certificar de que não sejamos interrompidas novamente. É muito perturbador ouvir barulhos bobos quando estou tentando pensar.

– É claro – responde Jess, arrependida. E tira Georges dos pensamentos.

– Você estava me contando sobre sentir raiva e... – Ela faz uma pausa porque Adelaide interrompeu a conversa sem terminar a frase... teria que ouvir novamente aquele momento, para ver se conseguia adivinhar o que a mulher estava prestes a dizer. – Sobre o período turbulento que você estava passando – fala Jess. – Podemos continuar daí?

– Acho que eu já disse tudo o que precisava a respeito disso – responde Adelaide, resistindo a ser guiada. – Talvez agora possamos seguir em frente, para quando eu saí de casa?

Jess suspira. Obviamente ela preferiria descobrir o que aconteceu com William e passar mais tempo investigando as emoções que a morte dele provocou em Adelaide, mas se sente impotente para protestar. Sua prioridade nesses primeiros dias tem que ser manter Adelaide dócil, mostrar que é confiável.

– É claro. Que tal me falar como isso aconteceu? Como estava se sentindo naquele momento? Me conta sobre o período que antecedeu a sua partida.

Adelaide começa a contar uma história que Jess já conhece, detalhando a arrumação da pequena mala amarela, o roubo de vinte libras da carteira do pai enquanto ele estava bêbado, depois fala sobre o imóvel abandonado e infestado de ratos na Poland Street, no Soho, que se tornou o lar dela e de várias outras futuras celebridades daquele movimento artístico e cultural que se iniciava.

– Então, depois que você se mudou para a Poland Street... – diz Jess, deixando de lado sua frustração anterior. Ela sabe que é a partir dali que a narrativa de Adelaide começa a mudar. – O que aconteceu?

Capítulo Seis

A ocupação na Poland Street era uma espelunca, não há dúvidas disso. A cozinha ficava permanentemente úmida, por mais que acendessem um fogo fumegante na lareira. A janela do quarto dos fundos estava quebrada e deixava o ar gelado do inverno entrar, cortante como uma faca; cristais de gelo formavam padrões cintilantes nos dois lados do vidro nas manhãs frias. O mofo colonizava as paredes com manchas azuis exóticas, as roupas ficavam bolorentas se fossem deixadas no mesmo lugar por muito tempo, e o banheiro sempre cheirava tão mal que todos se tornaram especialistas em banhos-relâmpago. Mas, para Adelaide, aquele lugar marcava uma clara delimitação entre sua vida antiga e aquela outra, nova e emocionante, em que não havia regras, onde podia fazer o que quisesse.

Seus companheiros de moradia eram dos tipos mais diversos – havia Esme, amiga de escola de Adelaide, além do irmão de Esme, Bob, e alguns amigos dele, todos unidos pelo desejo de escapar da casa dos pais e seguir a vida sozinhos. Assim como Adelaide, Esme tinha talento para a arte, enquanto um dos rapazes, Tony, queria atuar, e a namorada dele, Jeanette, adorava moda e fazia roupas para todos. Eles tinham amigos que juntaram guitarristas e cantores para formarem bandas, outros que tocavam piano em pubs.

Eram tempos inebriantes. Tempos felizes. O Soho vibrava, a pílula anticoncepcional acabara de ser disponibilizada, e o mundo parecia se abrir diante dos olhos de Adelaide. Ela e Esme conseguiam trabalho de vez em quando, ajudando a pintar cenários de teatro, e Adelaide também fazia turnos como operadora de máquina em uma confecção, tal qual sua mãe fizera antes dela, embora sua mente fervilhasse com ideias mais ambiciosas. Ela divertia os colegas de trabalho nos intervalos fazendo desenhos dos

supervisores da confecção, e logo aqueles mesmos colegas a estavam contratando para elaborar caricaturas deles mesmos e de seus entes queridos. Mas ela ainda queria mais.

Adelaide vislumbrou uma oportunidade e começou a guardar retalhos de tecido da confecção para fazer seus próprios itens em casa. Era fácil costurar aventais em sua máquina, e eles eram itens populares no dia a dia – sobretudo em uma época em que toda dona de casa que se prezava vestia um avental todas as manhãs, como se fosse um uniforme. Logo Adelaide tinha o estoque necessário para arriscar montar uma barraca no mercado de sábado, onde seus aventais eram vendidos com uma rapidez gratificante. Mas, em conflito sobre criar mais roupas de uso doméstico e escravizar ainda mais o próprio gênero, não demorou muito para Adelaide começar a fazer adendos secretos nos aventais. NÃO, OBRIGADA, ela costurou com linha clara ao longo da bainha interna de um avental. NÃO SIRVO PRA ISSO. Ela gostava da ideia de as mulheres usarem os aventais que costurava, com suas mensagens subversivas, e involuntariamente se tornarem parte de um grupo secreto de resistência. VOCÊ MERECE MAIS, ela as incentivava com linha de bordar.

Logo a imaginação de Adelaide a levou ainda mais longe, e a voz rebelde dentro dela foi ficando mais alta. Ela usou fios mais brilhantes, colocou seus slogans em lugares de maior destaque. PREFERIA ESTAR LENDO reivindicava em um. FAÇA VOCÊ. Mulheres jovens davam risadinhas juntas quando viam o trabalho de Adelaide na barraca, embora também houvesse lábios franzidos e resmungos das matriarcas mais velhas quando reparavam nos produtos. Adelaide não deixou que isso a detivesse. Ela bordou lindas flores na parte inferior de alguns aventais e escreveu a palavra LUTA na parte de dentro da bainha superior, para que ficasse visível apenas para quem o usava.

Foi uma ótima época, apesar de tudo. Ela estava pintando, produzindo, se apaixonando e se desapaixonando... *vivendo* de verdade pelo que parecia ser a primeira vez. O melhor de tudo é que parecia se esquivar da culpa e da perplexidade que a sufocavam desde a morte de William – finalmente conseguia respirar outra vez. Não que tenha mencionado esse último ponto à ávida jornalista à sua frente, é claro.

Mesmo assim, Jessica dá a impressão de gostar da história.

– E foi naquele mercado específico... Berwick Street, certo?... que a sua

vida deu uma guinada inesperada, creio – diz ela, sorrindo como quem já conhece o final feliz de uma história.

Ah, sim. E que reviravolta transformadora se provara aquela! Encorajada por Esme, Adelaide tinha feito alguns aventais novos que diziam apenas FODA-SE no bolso da frente em grandes letras vermelhas.

– Para contextualizar, isso foi no início da década de 1960, quando os palavrões eram vistos como ultrajantes e ofensivos – esclarece Adelaide, ainda capaz de visualizar as expressões chocadas dos frequentadores do mercado de sábado quando ela pendurou os aventais à vista de todos.

Uma idosa colocou a mão enluvada diante dos olhos, como se a visão das palavras pudesse cegá-la. Então, entrou em cena Ursula, à primeira vista uma fada madrinha improvável – alta e de nariz adunco, aproximando-se da barraca com as mãos atrás das costas, como um vigário em visita ao mercado.

– A minha mãe comprou um dos seus aventais na semana passada – começou a dizer sem preâmbulos, em tom severo. – E ficou muito aborrecida quando descobriu a frase VOCÊ NÃO PRECISA SERVIR NINGUÉM bordada na parte de dentro.

Adelaide já estava empinando o queixo, prestes a dizer que não dava a mínima para o que a mãe daquela mulher achava, mas Ursula continuou.

– Mas eu adorei. E adorei *aquele* – declarou ela, apontando para o avental de FODA-SE. – Foda-se mesmo, eu adorei.

Assim era Ursula. Uma alma gêmea.

– E fiquei aqui pensando – continuou ela, dando um sorrisinho ao ver a expressão de alegria atordoada de Adelaide – se você tem alguma... formação? Tem algum outro trabalho que possa me mostrar, um portfólio?

– Um *portfólio*? – repetiu Adelaide.

Não tinha muita certeza do significado da palavra. Seria algum xingamento?

– Você é estudante de artes? – esclareceu Ursula. – Sabe pintar e desenhar?

– Infelizmente, não tive tempo de responder às perguntas dela – conta Adelaide a Jess no presente –, porque naquele momento um policial apareceu e me disse que eu tinha que arrumar as minhas coisas e sair do mercado, falou que eu estava infringindo as leis de decência em público. Felizmente, isso não desanimou Ursula. Ela colocou algumas libras na mão

do policial, me ajudou a arrumar a mercadoria, então me levou ao pub mais próximo. E aí...

Nesse instante, para irritação de Adelaide, alguém toca a campainha, bem no momento em que ela se aproximava do fim da história. O ápice que todo mundo conhece, a projeção de Adelaide de costureira de avental a estrela da escola de artes. Ela ouve o tradicional ruído dos passos de Marie-Thérèse, que se arrasta para atender a porta. Enquanto isso, os olhos de Jessica estão cintilando.

– Sempre achei que a Ursula parecia uma lenda – comenta ela. – Que mulher... É verdade que vocês duas ficaram sentadas lá no pub usando os aventais de FODA-SE depois de alguns gins?

Adelaide não consegue conter o riso, porque a imagem ainda a anima.

– Com certeza. Eu estava totalmente disposta a usar o meu como uma capa. – Ela imita o gesto de colocar a capa e Jessica dá uma gargalhada. – Mas Ursula teve medo de que eu fosse presa, então...

Elas escutam uma batida na porta, que logo é aberta. É Lucas.

Jean-Paul fica louco de alegria e corre para encontrar sua bola de tênis mais velha e nojenta para dar de presente ao seu príncipe. Foi Lucas quem sugeriu a Adelaide que pensasse em arranjar um cachorro quando ela estava passando por um momento especialmente sombrio e, embora Jean-Paul não tivesse como saber desse detalhe, sempre agia como se estivesse em êxtase quando via Lucas, como se fosse grato ao homem por ter dado aquela excelente ideia. Enquanto isso, Jessica, que estava recostada na cadeira, imersa na narrativa, apruma o corpo e desliga o gravador.

Os olhos de Adelaide encontram os de Lucas e ele balança levemente a cabeça. Droga. Isso significa o que ela acha que significa?

Então a artista se lembra dos bons modos.

– Jessica... esse é Lucas, o meu sobrinho. Lucas, Jessica... hum, desculpe, me lembra do seu sobrenome de novo?

– É Bright – diz Jessica. – Jess Bright. É um prazer te conhecer, Lucas, estou adorando ouvir as histórias da sua tia.

Adelaide percebe que Lucas está se sentindo mal com toda a situação, porque seu sorriso é breve quando ele murmura um oi. Depois, aponta para a porta.

– Vamos...? Com licença, Jess, mas preciso falar com Adelaide por um instante.

– É claro – responde Jessica educadamente.

A mulher deve querer mesmo pegar o celular, pensa Adelaide, para poder checar a mensagem que a deixou tão agitada antes. Deve ser um homem, com certeza. Adelaide termina o café e segue Lucas até a sala de jantar.

– E então? – pergunta ela, sentando-se à mesa.

– Ela não tem interesse – diz ele categoricamente.

– Não tem *interesse*? – Adelaide mal consegue falar, tamanha a sua indignação. – Como assim? Por que não?

Depois de ligar furiosa para Lucas na véspera e contar a ele sobre a situação absurda em que se encontrava, ele prometeu localizar Jessica Martindale e levá-la até Paris. As palavras exatas do sobrinho foram: "Vou resolver isso, não se preocupe. Em alguns dias estaremos rindo dessa história."

Ora, ela não está rindo no momento. Como Jessica Martindale ousava se recusar a escrever seu livro de memórias, sendo que a remuneração era tão boa – e o trabalho tão bom? A oportunidade de trabalhar com a própria Adelaide Fox! Como Lucas conseguiu fazer toda essa confusão?

Ele deixa escapar um suspiro e afunda em uma cadeira diante dela. Quando Adelaide se mudou para aquele apartamento, logo após a morte de Remy, época em que tudo parecia triste e desolador, tinha esperança de que um dia a vida se tornaria divertida novamente e imaginou que aquele seria o cômodo onde poderia reunir e entreter as melhores pessoas de Paris. Adelaide pintou as paredes em um tom de berinjela e pendurou suas obras nelas, escolheu a longa mesa de jantar de cerejeira e as elegantes cadeiras combinando, que eram limpas diligentemente por Marie-Thérèse todas as semanas. Em um armário em algum lugar estavam guardadas as toalhas de mesa brancas, engomadas, e taças de champanhe em caixas, além de um conjunto de pratos de porcelana fina com bordas douradas. Nada disso jamais foi usado. Adelaide janta ali sozinha todas as noites e sente o espaço zombar dela, diante de tamanho vazio.

– Ela é muito amiga da Elin Burling – responde Lucas, se referindo à última jornalista que eles haviam convidado para fazer um teste para o posto. – Pelo que pude deduzir, a Burling deve ter feito algum comentário... hum... pouco lisonjeiro sobre o tempo que passou aqui.

Adelaide faz uma careta ao se lembrar da mulher sem humor e de voz

estridente, que reclamava o tempo todo. Não é difícil imaginá-la ainda reclamando da experiência.

– Então, quem é a próxima na nossa lista? – pergunta ela, irritada.

A expressão de Lucas é tensa.

– Talvez seja necessário elaborar uma nova lista – diz ele. – Se essa outra Jessica não estiver funcionando, é claro.

– Bem...

A verdade é que Adelaide já a descartou. Ela checou alguns trabalhos daquela Jessica na noite anterior e só encontrou uma coluna de conselhos no jornal e uma série de artigos muito prosaicos sobre maternidade. (É claro que ela seria uma conselheira sentimental, pensa Adelaide, revirando os olhos. É *claro*.)

– Quer dizer, ela não é a Joan Didion – fala, torcendo o nariz, depois de um instante.

– Essa Joan estava na nossa lista? – pergunta Lucas, e Adelaide está prestes a repreendê-lo por sua ignorância, até reparar em seu tom impassível. – Vamos ser sinceros, Jess Bright escreveu um ótimo artigo sobre você da última vez – continua ele. – Foi por isso que presumi que era ela a pessoa que você tinha em mente.

– Sim, mas... Veja bem, ela é absolutamente *agradável*... e isso não é necessariamente um elogio... mas há mais alguma coisa nessa mulher? – Adelaide não quer que seu livro de memórias seja "agradável". Sua intenção é que seja como um punhal cravado no coração de todos que a prejudicaram. – Só não acho que seja o meu tipo de pessoa – acrescenta.

– Mas... – Lucas se interrompe e cerra os lábios por um instante. – Mas quem *é* o seu tipo de pessoa? Porque, sem querer ofender, parece que estamos tendo bastante dificuldade para encontrar o escritor certo.

O tipo de pessoa dela? É uma pergunta justa. Na verdade, houve apenas algumas poucas dessas pessoas ao longo de sua vida, e todas já estão fora de seu alcance no momento. Ela acompanha os veios da mesa com o dedo, sentindo-se subitamente desconsolada. *Será que esta superfície algum dia será coberta por uma toalha de mesa de um branco intenso e por pratos elegantes?*, pergunta-se. *Será que algum dia esta sala de jantar estará cheia de gente, de almas irmãs?* Adelaide se dá conta de que as chances de isso acontecer são mínimas.

– Você só está dizendo isso porque quer que esse trabalho acabe logo,

para que possa voltar para Londres – retruca ela, magoada.

– Só precisamos de alguém que escreva bem e consiga retratar fielmente você e a sua história – diz ele, ignorando a alfinetada da tia. Adelaide pode ver que o sobrinho está farto dela. Está se arrependendo de ter oferecido ajuda. – Poderíamos muito bem deixar a Jess escrever o capítulo, ver o que achamos do resultado e continuar a partir daí. Que tal?

Adelaide está prestes a questionar, mas então suas mãos começam a tremer e ela precisa escondê-las debaixo da mesa antes que o sobrinho perceba.

– Você está bem? – pergunta Lucas quando ela não responde.

Aquele corpo frágil e as peças que prega nela! Adelaide viu a mãe se deteriorar terrivelmente com Parkinson e está convencida de que a mesma doença está em seu futuro. Envelhecer é viver em um estado permanente de pavor, se perguntando que parte do corpo será a próxima a desistir de você.

– Sim, estou bem – retruca ela, juntando as mãos na esperança de acalmá-las. – Muito bem... – continua, derrotada. – Vamos seguir até o final da semana.

Jessica pelo menos trouxe um pouco de presunto para Jean-Paul de manhã, lembra Adelaide, o que é um ponto a favor da jornalista. Mas qual é o sentido de tudo aquilo, se a mulher não tiver coragem de tocar nas feridas das pessoas em prol de Adelaide?

Capítulo Sete

Jess franze o cenho assim que a porta se fecha atrás de Adelaide e Lucas. Com base nos e-mails em tom profissional que haviam trocado, ela havia esperado que o sobrinho de Adelaide fosse muito mais velho – um homem de terno, antiquado e reservado. Mas ficou duplamente surpresa ao conhecê-lo cara a cara. Antes de mais nada, Lucas deve ter a idade dela e, na verdade, parece bastante acessível: usa camisa azul, jeans e tênis Vans. Além disso, Jess tem a estranha sensação de que o caminho dos dois já se cruzou antes. Mas como é possível?

Enquanto espera o retorno de Adelaide, a jornalista se ocupa relendo a mensagem de Georges (ele quer se encontrar com ela!), até que uma série de mensagens chateadas de Edie começam a chegar. *Mãe, posso te ligar?*, diz a última. Jess disca no mesmo instante o número da filha do meio – deve ser hora do intervalo da escola –, e a menina atende chorando e precisando de consolo depois de um drama com amigos tóxicos. Jess escuta, murmura todos os sons certos na hora certa e declara, em lealdade à filha, "Mas é mesmo uma vaca", pois sabe que é desse apoio unilateral de que Edie precisa no momento.

– Que cretina.

Mas então ela escuta um som e se vira, encontrando Lucas parado ali, encarando-a com uma expressão chocada. Ah, não. Ele não acha que ela estava se referindo a Adelaide, acha?

– Preciso ir – murmura para Edie, com o rosto muito quente. – Era a minha filha, ela brigou com uma amiga – explica rapidamente a Lucas. – Estava falando dessa amiga, não de...

Lucas não está ouvindo. Parece um homem no limite da paciência.

– A Adelaide está cansada, para ela já basta por hoje – diz, antes de

chamar o cachorro. – Vamos dar um passeio, Jean-Paul?

– Você me ouviu? – pergunta Jess, enquanto guarda as coisas na bolsa e sai correndo do apartamento atrás dele. – Lucas! Eu não estava me referindo à Adelaide quando falei aquilo, ok?

Eles estão na escada fria e escura, e ele passa a mão pelos cabelos e encolhe os ombros. O homem provavelmente seria bonito se sorrisse um pouco mais, pensa Jess.

– É claro – fala Lucas, já descendo os degraus de pedra com o cachorro.

Será que ele acredita nela? Jess não quer que o sobrinho de Adelaide tenha uma ideia errada.

– A minha filha está passando por momentos difíceis, ok? – insiste, correndo atrás dele.

Na verdade, Jess gostaria de falar com o orientador educacional da escola e ter apoio profissional, mas Edie não arreda pé em relação a isso. *Os dedos-duros se dão mal, mãe*, sempre argumenta a filha, como uma presidiária cansada do mundo, quando Jess sugere falar com um professor sobre o que está acontecendo.

– Eu estava tentando mostrar solidariedade, só isso – insiste ela, atrás de Lucas. – Estava tentando fazer minha filha se sentir melhor!

Jess está tão agitada que sua voz aumenta de volume quando eles chegam ao térreo. Jean-Paul a encara, alarmado, e Lucas também parece surpreso.

– Lamento ouvir isso – diz ele, e para diante da enorme porta do imóvel. Eles chegaram ao saguão do prédio, onde há um conjunto de escaninhos de madeira para a correspondência e a bicicleta de alguém está apoiada na parede. – Ela está bem?

– Está... Não sei – admite Jess, e seus ombros se curvam um pouco quando ela imagina o rosto pálido e infeliz da filha. – A Edie tem só 15 anos. É uma idade difícil. Eu costumo estar em casa o tempo todo, então ela deve estar achando a distância tão difícil de lidar quanto eu.

– Você quer voltar? – pergunta ele, examinando com atenção o rosto dela com os olhos castanhos.

Jess repara que ele tem sobrancelhas muito bonitas e se pergunta se são desenhadas por um profissional. Então o impacto da pergunta de Lucas a atinge.

– Não! De jeito nenhum! – apressa-se em garantir, e logo se lembra da conversa particular que Adelaide e Lucas acabaram de ter. O que foi aquilo,

afinal? – A Adelaide quer que eu volte pra casa? – pergunta em um rompante, subitamente paranoica.

A capacidade dele de manter uma expressão neutra não é muito melhor do que a dela.

– Não! De jeito nenhum – responde Lucas, em tom pouco convincente. – Ela vai receber você amanhã no horário de sempre. – Ele abre a porta do prédio e a luz externa invade o espaço. – Foi um prazer te conhecer – fala, e sai com o cachorro.

Nesse momento, vendo-o se afastar, Jess se dá conta de onde o viu antes: na véspera, quando estava agachada no chão na *brasserie*, depois de quebrar o copo. Ele dissera o nome dela enquanto falava no celular, por isso chamara sua atenção. Mas o que tinha dito? Para irritação de Jess, as palavras exatas lhe escapam, por mais que ela vasculhe a memória. *Que final de manhã frustrante*, pensa. Principalmente por ter sido dispensada pelo resto do dia bem no momento em que Adelaide estava chegando a um ponto crítico da narrativa, quando Ursula Fontaine, uma professora influente da Universidade Goldsmiths, estava prestes a aceitá-la como sua protegida. *Esse trabalho não está sendo nada simples*, pensa Jess, enquanto abre caminho pelas ruas movimentadas do Marais.

– Madame! A mesa de sempre? – escuta alguns minutos depois, quando chega à praça próxima ao hotel em que está hospedada.

O belo garçom da *brasserie*, o mesmo do dia anterior, acena e a chama, e Jess fica tão lisonjeada por ser reconhecida, tão encantada com a ideia de ter uma "mesa de sempre" em Paris, que não pode deixar de sorrir em resposta e se aproximar. E que sensação de *déjà-vu*... porque lá está o mesmo senhor da véspera, sentado na área externa da *crêperie*. Ele finge tirar um chapéu para cumprimentá-la e Jess sorri de volta. Menos de 48 horas ali e ela já se sente quase uma moradora da cidade. Assim que deve ser.

– *Bonjour!* Prometo que não vou quebrar nada hoje – garante ela ao garçom, enquanto ele se apressa em puxar a cadeira para Jess e arruma os potes de sal e pimenta com um exagero divertido.

O rapaz inclina a cabeça, fingindo não entender.

– Como é? – diz ele depois de um momento. – Não sei do que está falando, madame. Não me lembro de nada quebrado. – Seus lábios se curvam em um sorriso por um instante, e fica claro que ele está adorando a

brincadeira. – E, pelo que vejo, a sua mão ainda está aí, madame. Fico satisfeito. Devo servir uma taça de vinho para comemorar?

Jess ri da óbvia tentativa de lhe vender uma taça de vinho. Na verdade, não deveria aceitar, principalmente porque tem muito trabalho a fazer de tarde, mas ainda está desnorteada depois daquela conversa com Lucas e se vê incapaz de resistir à ideia de uma taça deliciosa e gelada de sauvignon blanc. *Ah, dane-se*, pensa, e se vê aceitando na mesma hora o vinho oferecido.

– A propósito, meu nome é Jess – diz, quando o garçom está prestes a se afastar. – E você é...?

– Sou o Valentin – responde ele, estendendo a mão em um gesto solene. – É uma honra te conhecer, Jess.

– Digo o mesmo, Valentin – comenta ela, piscando para ele enquanto trocam um aperto de mão.

– Vou pegar o seu vinho, depois pode me dizer o que gostaria de comer. Só um instante, por favor – fala Valentin, antes de fazer uma pequena reverência e desaparecer novamente de vista.

O avental branco amarrado na cintura faz Jess pensar na primeira série revolucionária de Adelaide, intitulada simplesmente "Trabalho", que a lançara com estrondo no mundo da arte em meados da década de 1960. Àquela altura, ela já pintava mais do que criava arte têxtil, mas os aventais originais do mercado de sábado figuravam na coleção principal, que se tornara uma prévia do que se seguiria: o interesse da artista em subverter o doméstico através da arte. Jess já espera ansiosa pela sessão do dia seguinte, pela próxima parte da história.

Valentin retorna, deixa o vinho na mesa – dá pra ver que a bebida está bem gelada porque a taça está embaçada –, e Jess pede uma omelete de cogumelos e salada. Então, ela se permite ler a mensagem de Georges pela terceira vez, sentindo uma vibração e uma expectativa deliciosas. *Jess! Que bom ter notícias suas!*, escreveu ele, antes de sugerir que jantassem juntos em determinado bar na quinta-feira à noite. Ela pesquisa o lugar que ele sugeriu e a primeira coisa que lê na descrição é "bistrô romântico à beira do rio". Na mesma hora um arrepio percorre seu corpo. Aquilo significa...? O que aquilo significa? Provavelmente é só um bar agradável, que se autodenomina romântico para atrair turistas, lembra a si mesma, mas mesmo assim está animada. Por causa disso definitivamente vai ter que dedicar um tempo para

debater possíveis escolhas de roupas com Becky no FaceTime – e possíveis consequências da escolha também. Ela não consegue se lembrar da última vez que teve uma noite como essa em seu horizonte: um encontro com um homem sexy, e talvez o cheiro de romance no ar... Sem dúvida foi antes de se casar.

Jess vacila um pouco ao se lembrar de David se mudando para aquela casa nova e sem graça que está alugando e se pergunta como as meninas estão se saindo durante a sua ausência. Na única vez em que Jess esteve na casa, o ex-marido preparou um café para ela na cozinha sem alma, e seu coração se partiu um pouco quando ele abriu o armário e revelou quatro canecas solitárias, uma caixa de saquinhos de chá e um pote de café instantâneo. Quem olhasse para aquele armário saberia na mesma hora que estava na casa de um homem recém-separado. Ou talvez na de um serial killer.

Mas no instante seguinte lhe vem à mente uma imagem da primeira vez que ela viu a foto de Bella no celular de David: os longos cabelos ruivos, a pele de porcelana, a boca sorridente realçada pelo batom. Na época, parecia que a mulher estava rindo da Jess idiota e confiante. Da Jess chata, de meia-idade e com a cintura cada vez mais grossa. Ela afasta Bella dos pensamentos e toma um gole de vinho gelado. *Vá embora, demônio. E David que vá para o inferno também. Que venha o épico romance de verão 2.0*, pensa.

Enquanto espera o almoço ser servido, ela folheia o caderno de trabalho e relê as anotações que fez nos últimos dois dias. As conversas com Adelaide foram todas gravadas e arquivadas por segurança, mas muitas vezes ela anota lembretes, perguntas que nem sempre consegue fazer na hora. *O QUE ACONTECEU COM WILLIAM???* é a primeira que se destaca, e Jess morde o lábio. Deve haver uma forma de conseguir descobrir mais sobre ele, imagina – o registro de mortes, talvez as notícias locais.

Outros pontos de interrogação estão espalhados por suas anotações. Ela precisa – de algum jeito – checar a veracidade do que Adelaide lhe contou. Será que o pai da artista *realmente* cozinhou e serviu o coelho de estimação dos filhos no jantar de domingo, como castigo, por eles terem se comportado mal? O diretor da escola de Adelaide foi mesmo preso por ter relações sexuais com menores de idade? Ou essas são armadilhas astutas

pensadas para testar Jess, um meio de provar que ela não fez o dever de casa e não investigou direito?

É possível, mas os poucos vislumbres da vida de Adelaide que Jess viu até o momento apenas serviram para aguçar seu apetite por mais informações. Talvez Adelaide, assim como Jean-Paul, só precise ser persuadida. Provavelmente não com fatias de presunto tiradas de dentro da bolsa, mas deve haver uma forma de Jess conquistar sua confiança, certo?

Capítulo Oito

– *O mundo da arte* – entoa Fiona Bruce dramaticamente. – *Um lugar de prosperidade escandalosa. Mas abaixo da superfície se esconde o perigo...*

Adelaide está deitada em sua *chaise-longue* azul-petróleo muito macia e solta um suspiro de satisfação enquanto os créditos de abertura de *Fake or Fortune* passam na tela da TV. Ela assiste a um dos primeiros episódios desse programa de investigação de história da arte, ambientado em Paris, no qual Fiona Bruce e seu companheiro Philip Mould tentam determinar a procedência de uma bela pintura de Degas. Seria o quadro falso ou verdadeiro? A única vantagem da memória envelhecida de Adelaide é que ela muitas vezes esquece o fim dos programas, assim, é sempre uma emoção descobrir o desfecho, não importa quantas vezes assista.

– *Esse caso será um dos mais desafiadores que já enfrentamos* – declara Fiona na tela, e Adelaide cruza as mãos sobre o peito em uma expectativa satisfeita.

Não duvida nem por um instante.

O programa começa com alguns *teasers* do que está por vir, e Adelaide deixa a mente vagar. Conversar com Jessica naquela manhã foi surpreendentemente agradável, levando tudo em consideração. Comparada com outros jornalistas que tentaram o cargo, Jessica é menos agressiva – ela não interrompe a cada dois minutos ou tenta fazer com que tudo gire ao redor de si mesma... ainda que pergunte o tempo todo "E como isso faz você se sentir?", como uma psiquiatra amadora.

Isso faz Adelaide se lembrar do tempo que passou naquele hospital horrível em Berlim, das perguntas incessantes sobre seus sentimentos – seus malditos sentimentos. Na verdade, deram-lhe tantos sedativos que ela mal sentia alguma coisa. Todas aquelas tardes tranquilas em que ficava vendo os

raios do sol distorcidos percorrerem a sala, com a mente dopada e vazia. Os gritos e lamentos intermitentes dos pacientes ao longo do corredor eram como fantasmas que ela nunca via. "Um episódio", foi como a imprensa chamou timidamente a desgraça pública de Adelaide na Berlinische Galerie, embora Monica, sua empresária na época, tenha sido mais direta. "Seu leve colapso nervoso", disse ela, embora, na opinião de Adelaide, não tivesse havido nada de leve em todo o "episódio" – para não mencionar a conta que a galeria enviou para cobrir os custos de limpeza depois que ela desfigurou a pintura de Remy exposta. A antiga empresária já morreu, é claro, assim como a maioria dos personagens-chave da vida de Adelaide, que um dia foram tão importantes: Esme, Ursula, Colin... Não, ela se corrige quando o rosto dele paira em sua mente. Colin, não. Ele não era ninguém, não era nada.

Adelaide volta a se concentrar na tela da TV e fica envolvida na jornada para checar a procedência da pintura. Degas nasceu e viveu em Paris, e Adelaide se anima quando Fiona e seu coapresentador passeiam juntos pelo Musée d'Orsay. *Meu Deus, olha só o autorretrato dele, aos 21 anos... como já era talentoso*, pensa, encantada, e se inclina mais para a frente para ver o rosto jovem e de lábios carnudos do pintor, com uma pitada de incerteza – apreensão? – no olhar.

Ela se pega pensando de novo na própria juventude e naquele encontro transformador com Ursula. Será que Degas teve uma Ursula, alguma estranha com olhos de águia que viu seu potencial e o arrebatou? Foi Ursula que sugeriu que Adelaide se matriculasse para o próximo semestre na Goldsmiths, e também foi ela que disse não se importar com o fato de Adelaide não ter qualquer formação, porque fazia anos que não ficava tão entusiasmada com o potencial de uma artista emergente. Mesmo depois de tanto tempo, Adelaide ainda fica sem fôlego ao imaginar como sua vida teria sido se a mãe de Ursula não tivesse comprado um de seus aventais naquele dia fatídico, se Ursula não tivesse prestado atenção nem ficado intrigada.

– Estou arriscando o meu pescoço, porque é óbvio que você nunca recebeu nenhuma instrução adequada, mas tem alguma coisa bruta e intuitiva no seu trabalho que realmente me agrada – disse Ursula, sentada naquele pub velho e imundo, enquanto folheava o pequeno bloco de desenho que Adelaide sempre carregava, cheio de esboços de operárias da fábrica e cenas ocasionais da rua.

Ela anotou um número em um descanso de copo e colocou-o na mão de Adelaide.

– Ligue para esse número na segunda-feira. Peça para falar com a Carole no balcão de admissão e diga que quero você na minha turma.

– Mas... – Adelaide hesitou, sentindo-se lisonjeada e também consternada, porque Ursula parecia estar fazendo todo tipo de suposições. Será que podia confiar naquela mulher e nas suas declarações grandiosas? – Mas e o meu trabalho? – perguntou enfim, desconfiada. – Eu não tenho muito dinheiro. Não posso comprar equipamentos nem nada. Por que acha que vendo aventais?

– Vamos dar um jeito. Há bolsas de estudo disponíveis e... escuta, a gente vai dar um jeito, eu prometo. – Ursula pegou o descanso de copo que Adelaide colocara na mesa e devolveu-o com força à palma da mão da artista. – Liga pra Carole. E espero ver você na próxima semana. Por favor, tenta não ser presa nesse meio-tempo. – Ela virou o resto da bebida e se levantou. – Foi um prazer te conhecer, Adelaide. E estou animada para conhecer ainda mais você e o seu trabalho.

No fim das contas, Carole acabou desempenhando um papel mais importante do que qualquer uma delas poderia ter previsto. Quando Adelaide telefonou para ela na segunda-feira seguinte, encorajada pela curiosidade dos colegas de casa ("O que você tem a perder?"), a ligação ruim acabou sendo responsável pela construção da nova identidade de Adelaide.

– Adelaide o quê, meu bem? Adelaide Box?

– Não, *Brockes*. Adelaide *Brockes*.

– Desculpa, a ligação está falhando... É Adelaide Fox?

Por fim, Adelaide, que ainda tinha dúvidas sobre as expectativas artísticas de Ursula, mentiu e disse que sim, seu nome era Adelaide Fox. Instantes depois, as moedas que tinha para o telefonema acabaram, a ligação caiu e ela recolocou o fone no gancho, sentindo-se surpresa porque parecia que aquilo estava de fato acontecendo.

Porque, maravilha das maravilhas, Ursula parecia não ser uma impostora – Carole aguardara mesmo sua ligação e já havia sido encarregada de providenciar formulários de subsídio para Adelaide preencher. As engrenagens estavam girando com uma velocidade emocionante. Além do mais, ela acabou gostando do nome Adelaide Fox – parecia mais elegante, mais urbano do que o velho e banal Brockes. Ela saiu

da cabine telefônica deixando o novo nome – e suas novas perspectivas – a envolverem como o vestido de baile da Cinderela. *Preste atenção, Londres*, pensou. *Adelaide Fox chegou e vai longe*.

Apesar de tudo, ela está ansiosa para contar a Jessica a próxima parte de sua história, no dia seguinte.

* * *

De manhã, quando Jessica chega, o ingênuo Jean-Paul a cumprimenta como se ela fosse sua melhor amiga há muito perdida, late empolgado e chega a rolar para ganhar carinho na barriga.

– Sinceramente, Jean-Paul, onde está a sua dignidade? – pergunta Adelaide, mas não consegue evitar um sorriso indulgente enquanto Jessica tira da bolsa outra fatia grossa de presunto e faz com que o cachorro bobo exiba todo tipo de truques pelo privilégio de recebê-la.

Adelaide volta ao ponto em que parou na véspera e conta sobre as semanas que antecederam sua matrícula na escola de artes. A incrível capacidade de Carole de arrancar até o último centavo disponível do conselho, por meio de subsídios e permissões especiais, foi uma revelação para os amigos de Adelaide, que não tinham ideia de que tais fundos estavam disponíveis, e isso os estimulou a buscar cursos universitários semelhantes e formulários de bolsas de estudo para si. Esme reuniu um portfólio de trabalho e conseguiu um lugar em Camberwell. Jeanette foi direto para a London College of Fashion com vários projetos. Eles arrancaram as cortinas cinzentas do sótão vazio e transformaram o cômodo em um estúdio, ousando se levar a sério.

– E para você? Como foi começar na Goldsmiths? – pergunta Jessica. – Me conte todos os detalhes de que puder lembrar sobre suas primeiras semanas e meses lá. Acho que essa vai ser uma parte realmente fascinante para os leitores.

É estranho pensar na própria vida sendo segmentada em partes para os leitores, mas Adelaide continua, contando histórias sobre suas primeiras incursões na pintura, o módulo de arte têxtil que ela adorava, as mulheres com quem fez amizade. A vida na Goldsmiths era intensa e hedonista, com novos pubs favoritos a descobrir e festas cheias de pessoas fascinantes. Mas, acima de tudo, estava o trabalho artístico. O modo como ela se dedicara de

corpo e alma ao aprendizado – determinada a melhorar, a impressionar, a absorver tudo o que pudesse.

– Parece que você foi muito feliz durante esse período – comenta Jessica.

– Feliz? – diz Adelaide com uma risadinha. – Ora, fui estuprada por um colega no meu segundo ano e quebrei o tornozelo ao cair de uma janela em uma *bad trip* de ácido, mas fora isso...

Ela solta essas informações sem querer, só para contradizer Jessica, para colocá-la em seu lugar. Mas acaba caindo na própria armadilha, porque Jessica se inclina para a frente na mesma hora, com uma expressão preocupada, mas também interessada. Sem dúvida acha que isso vai ser *realmente* fascinante para os leitores, dispostos a se deleitarem de forma deplorável com os piores e mais aterrorizantes momentos da artista sobre quem estão lendo. Embora Simon Dunster definitivamente vá aparecer em seu livro de memórias – que ele apodreça no inferno –, Adelaide ainda não está disposta a entregar a história à doce Jessica. Verdade seja dita, a mulher provavelmente só tentaria acrescentar um final feliz, e definitivamente não havia um.

– Meu Deus, Adelaide, sinto muito – fala a jornalista, antes de empregar aquele truque irritante de permanecer em um silêncio enlouquecedor na esperança de atrair mais confidências.

Melhor esperar sentada.

– No verão, depois do primeiro ano, economizei e fui para a Itália com as minhas amigas Esme e Margie – continua Adelaide, se deleitando com o lampejo de frustração que passa pelo rosto de Jessica. – Fomos a Florença, Siena e Roma, para ver com nossos próprios olhos os afrescos e a arquitetura de que nossos professores tanto falavam. Voltei à Galeria Uffizi três dias seguidos porque não me cansava.

– Deve ter sido incrivelmente inspirador – comenta Jessica. – E divertido também, aposto. Quem não gosta de uma viagem só de garotas?

Adelaide bufa diante de um comentário tão brega. Será que Jessica Martindale ou qualquer outra jornalista de peso se referiria àquele verão crucial como "uma viagem só de garotas"? Nunca, nem em um milhão de anos. Adelaide não consegue imaginar Martindale, séria e de voz grave, sequer pensando em juntar aquelas palavras como um conceito, menos ainda dizendo-as em voz alta. Martindale estaria interrogando Adelaide sobre arte, querendo saber mais da viagem em um nível puramente

intelectual, para determinar seu impacto nas três amigas como artistas e criadoras.

Só que, no instante seguinte, Adelaide se dá conta de que, por mais estranho que pareça, a Jessica à sua frente tem razão, na verdade.

– Ninguém nunca me disse isso dessa forma – confessa Adelaide, falando devagar –, mas você está certa. Nós nos divertimos muito. Foi a primeira vez que viajamos para o exterior. Nos sentimos livres, sem freio. O mundo parecia se estender diante de nós e, pela primeira vez, não havia ninguém no nosso caminho.

Agora ela está perdida na nostalgia, revisitando momentos em que não pensava há anos. As três com blocos de desenho e carvão nos pontos mais turísticos para ganhar algumas liras desenhando retratos dos turistas de verão. E também se apresentando cantando canções dos Beatles na Piazza della Signoria, na esperança de aumentar os fundos escassos, reconhecidamente com mais entusiasmo do que talento, mas se divertindo muito. Elas subindo na traseira de vespas pilotadas por belos rapazes italianos, gritando enquanto eles disparavam pelas esquinas da cidade em uma velocidade emocionante.

– Foi maravilhoso – diz Adelaide por fim, com uma risadinha. *Queria que vocês estivessem aqui*, elas tinham escrito em cartões-postais para Jeanette, Rita e outros amigos, mas, na verdade, não tinham desejado mais nada quando estavam tendo dias tão incríveis. – E, sim – acrescenta ela como um incentivo à entrevistadora otimista –, estávamos todas muito felizes.

– Lá estava você em belíssimas cidades italianas... jovem, linda, talentosa, sem qualquer preocupação... – estimula Jess, claramente querendo mais.

Mas Adelaide não consegue dizer nada de imediato, porque algo peculiar acontece dentro dela. As emoções se elevam como um rio transbordando. Ela está pensando em Esme e Margie, as melhores mulheres, as melhores amigas, e não consegue evitar o desejo de revisitar aquela época por um dia – até mesmo uma hora –, para que pudesse ver seus rostos animados e sorridentes mais uma vez, em uma ensolarada praça italiana. Para que pudessem beber vinho tinto barato e sonhar grandes sonhos juntas, chamar a atenção de homens lindos que passavam e abafar risadinhas com as mãos. Naquela época, a amizade entre elas era tudo.

– Ah, Adelaide... – ela ouve Jessica dizer, e só então se dá conta das

lágrimas escorrendo pelo rosto. *Mulher idiota! Velha boba e ridícula!* – Deixa eu achar um lenço para você – murmura Jessica, já revirando a bolsa enorme, o que imediatamente deixa Jean-Paul animado, pois acha que vai ganhar mais presunto.

Que belo exemplo de lealdade canina, pensa Adelaide, em meio às próprias emoções tumultuadas. *Por que não ignorar completamente a tutora chorosa?*

– Você gostaria de fazer uma pausa? – sugere Jessica, ainda vasculhando a bolsa. – Quer um copo d'água?

Para grande constrangimento de Adelaide, um soluço escapa de sua garganta. O que está acontecendo com ela? Pelo menos agora Jean-Paul está sintonizado com sua angústia e pressiona a cabeça na perna dela em solidariedade, fitando-a com olhos castanhos melosos.

– Toma, pega aqui – diz Jessica, enquanto deixa um pacote surrado de lenços de papel na mesa à sua frente. – Vou pegar um copo d'água, tá certo? Quer mais alguma coisa?

Adelaide balança a cabeça, sem confiar em si mesma para dizer algo. Mas sente-se grata pelas pequenas bênçãos – afinal, não houve nenhuma tentativa de abraçá-la, ou algo horrível assim, enquanto Jessica sai da sala e fecha a porta silenciosamente. Graças a Deus, também, que a jornalista teve a sensibilidade de deixá-la sozinha para se recompor, em vez de ficar por perto tentando consolá-la com uma agitação constrangedora. Adelaide ouve a voz divertida de Margie em sua mente – *Pelo amor de Deus, Addie, que é isso? Parece que estou de volta na Fontana di Trevi, com você transbordando água por toda parte, amiga!* –, acompanhada de uma de suas habituais risadas roucas de cigarro, mas o comentário imaginário só a faz se sentir pior.

Ah, cala a boca, Margie, pensa ela, cansada, secando os olhos. Adelaide acaricia as orelhas macias de Jean-Paul enquanto expira lentamente. Mulher boba. Não é do feitio dela perder a compostura. Sempre soube que teria que falar sobre Margie, mas não esperava ser emboscada por antigos sentimentos tão cedo – e com tanta violência. A pergunta inocente de Jessica sobre como haviam se divertido... aquilo a pegou desprevenida, só isso. Adelaide geralmente se proíbe de pensar naquele lado das coisas – é mais fácil sentir raiva.

A imprensa sempre demonstrou interesse pelo coletivo de artistas do

qual Adelaide fez parte – suas exposições conjuntas, as casas compartilhadas e a confusão de relacionamentos entre eles. Jeanette e Esme chegaram às primeiras páginas dos tabloides nos anos 1970, quando trocaram de maridos como parte de uma peça performática sobre o casamento moderno, e isso ainda é mencionado, de forma ofegante e lasciva, sempre que se escreve sobre o grupo. Naquela época, circulavam boatos sobre traições e falsidade entre eles na disputa pela glória. Até hoje, ninguém nunca perguntou sobre quanto se divertiam, sobre a camaradagem entre eles. A franqueza de Jessica, embora ingênua, é bastante revigorante. As pessoas às vezes são reverentes demais com os artistas – bajulando, fingindo e sorrindo. Esquecem que ela também já foi jovem e despreocupada.

Adelaide ouve uma batida discreta na porta e Jessica volta com um copo de água gelada na mão.

– Você está bem?

– Sim, perfeitamente – responde Adelaide com firmeza. – Obrigada. – Mas ela não confia mais em sua firmeza diante das reações desarmantes de Jessica. – Talvez seja melhor pararmos por aqui – diz, tomando a decisão no calor do momento. – Você já deve ter bastante material para o capítulo de amostra. Talvez seja melhor seguir com o texto, para que Lucas e eu possamos tomar uma decisão sobre... sobre os próximos passos. Sim?

É evidente, por sua expressão desapontada, que Jessica não esperava ser dispensada tão cedo.

– Ah. Certo. Sim, claro – responde ela. A mulher está tentando parecer otimista e profissional, mas não há como disfarçar o desânimo expressado por seus ombros caídos. – Sim, com certeza. Bem, obrigada pela hospitalidade. Foi ótimo passar os últimos dias com você. Agradeço a oportunidade e... – Adelaide percebe que Jessica está refletindo sobre alguma coisa. Talvez queira saber se pode ficar o resto da semana no hotel? – E... bem, não é da minha conta, mas tenho certeza de que se você quisesse ver a Margie novamente, poderia fazer isso. Não valeria... sabe, não valeria a pena fazer as pazes?

A mudança no rumo da conversa é tão inesperada que Adelaide leva algum tempo para assimilar o comentário dessa mulher estúpida. Quem ela pensa que é?

– Como *é*? – pergunta ela, em tom tão frio que o ar ao redor delas parece ficar mais gelado.

Jessica engole em seco, mas aparentemente não se intimida com a frieza de Adelaide.

– Vi como ficou chateada quando falou sobre a Margie... e sei que você é uma pessoa orgulhosa, mas pode ser que... ajude? – insiste ela. – Se ao menos tentasse acertar as coisas com ela... Talvez você não ficasse assim tão... sabe, tão solitária e... – Ela está vacilando, aparentemente perdendo a coragem à medida que a expressão de Adelaide se torna cada vez mais severa. Mesmo assim, segue em frente, como um bombardeiro kamikaze imprudente em uma última missão: – ... tão infeliz?

Adelaide mal consegue falar, tamanha sua indignação. E raiva também, diante da ousadia daquela arrivista.

– *Infeliz?* – repete, incrédula. – Você acha que sou infeliz, né? E *solitária*? Em que *diabo* – Jean-Paul gane quando ela aumenta o tom de voz – está se baseando para dizer isso? Em algumas manchetes chocantes que leu? Em uma ideia para a sua coluna de consultório sentimental? Você não sabe nada sobre mim... não sabe nada sobre o que aconteceu com a Margie, está entendendo?

No entanto, isso ainda não é suficiente para dissuadir Jessica.

– Mas é essa a questão, não é? – retruca ela, com o rosto vermelho. – Achei que estava aqui para saber mais sobre você, para contar a sua história com todos os detalhes e nuances e... com a *sinceridade* que merece. Mas cada vez que você se aproxima de uma curva no caminho, você me afasta. E diz que não sei de nada. Então me conta! Descreve o que eu não sei! Porque estou aqui para te ajudar, lembra? Para te ajudar com as suas memórias!

Adelaide não gosta de receber sermões – de ninguém, e menos ainda de alguém que, por direito, nem deveria estar naquela sala. Como aquela mulher ousava?

– Você só está aqui porque o Lucas cometeu um *erro* – Adelaide a corrige com desdém. – Você é a Jessica errada... errada em todos os níveis. E agora eu gostaria que fosse embora.

O coração dela está disparado, a adrenalina acelerando seu corpo. Se ao menos Jean-Paul não fosse um apreciador de presunto tão ganancioso, ela o faria avançar naquela mulher desgraçada, faria, sim. Que atrevimento!

Jessica engole em seco, parecendo abalada.

– Adelaide, me desculpe, eu...

– Saia, ou vou colocar você para fora. E que Deus me ajude, vou fazer

isso com as minhas próprias mãos, então não me provoque! – grita Adelaide, apontando para a porta para não deixar dúvidas. – Fora! Agora! Vá!

Com uma expressão angustiada, Jessica abaixa a cabeça e pega o celular, o bloco de notas e a bolsa.

– Sinto muito mesmo...

– Não estou interessada! – brada Adelaide. – Vá embora.

Ela permanece rígida na cadeira e nem olha enquanto Jessica atravessa a sala e sai pela porta. Só quando escuta a porta principal se fechar é que se permite afundar o corpo no assento. Adelaide leva a mão ao peito e sente o coração bater com tamanha violência que quase teme que ele possa saltar de seu corpo. Inferno. Maldição.

Jean-Paul gane e se apoia nela – ele odeia vozes elevadas –, e Adelaide o acaricia suavemente, com os dedos trêmulos.

– Desculpe, querido – fala baixinho, sentindo-se sem fôlego. – Não se preocupe. Mais uma que se vai, hein, Jean-Paul? – Ela está se esforçando ao máximo, mas sua voz não parece tão destemida quanto suas palavras. – Enfim, não gostávamos mesmo dela, não é mesmo? Já vai tarde!

Capítulo Nove

– Que psicopata! – brada Becky do outro lado da linha, quando Jess, abalada e chorosa, liga para contar o que aconteceu. – Como assim, ela simplesmente expulsou você? Isso é uma afronta! De todas as... Bem, quem perde é ela, Jess. Uma perda enorme, uma cratera. Maldita prima-dona idiota!

Jess está se sentindo tão arrasada que não consegue sorrir, menos ainda se animar com a indignação de Becky. A Jessica errada, pensa, como se estivesse dando um tapa na própria cara com as palavras. Enfim relembrou o instante em que estava catando os cacos embaixo da mesa da *brasserie*: *Como assim, a Jessica errada?*, dissera o homem ao celular. Ela apostava que era Lucas falando com Adelaide, sendo inquirido sobre fosse qual fosse o erro cometido.

Jess fecha os olhos e solta um gemido. E que erro! Ela nem deveria estar ali! Sua antiga chefe, Lucinda, estivera certa – ela simplesmente não é boa o bastante para o mundo da alta cultura. Esteve iludida o tempo todo. E como é esmagador cair de uma altura tão grande. Ter o nariz esfregado no próprio erro antes de ser expulsa porta afora! *Uma ideia para a sua coluna de consultório sentimental*, zombara Adelaide, como se a menosprezasse. Por Deus, que sensação horrível.

– E, a propósito – continua Becky, entusiasmada com a defesa de sua ideia –, antes de sair da cidade, certifique-se de deixar a conta de serviço de quarto mais gigantesca do mundo. Champanhe, ostras, tudo. Para ensinar uma lição àquela vaca cruel.

– Estou tão arrasada, Becks... – lamenta Jess, tropeçando na calçada. – Eu estava me sentindo tão *adulta* vindo para cá. Como uma verdadeira mulher bem-sucedida, madura... como se tudo estivesse prestes a mudar. Eu me

esforcei tanto para fazer a Adelaide gostar de mim, mesmo quando ela era grosseira. Mas ela simplesmente jogou tudo de volta na minha cara. Quando eu estava só tentando... – a voz dela falha – ajudar!

– Ela não merece a sua ajuda, meu bem. Você é um milhão de vezes melhor que ela. Um bilhão de vezes!

– E agora tenho que voltar para casa antes da hora e admitir que não deu certo... – Novas lágrimas ardem em seus olhos porque essa é quase a pior consequência de ter sido dispensada; ela imagina a expressão presunçosa no rosto de David. *Merda! Ele vai se sentir tão superior, não vai? Vai adorar*. – Estou mortificada.

– Não fica! Se alguém deve ficar mortificada, é ela, por se comportar como uma criança jogando brinquedos para fora do carrinho de bebê, quando tem quase 80 anos, pelo amor de Deus! Foi bom você se livrar dela. Um golpe de sorte, acho.

Mas o problema é que ainda dói demais para parecer um golpe de sorte. O orgulho de Jess está despedaçado por ter um trabalho tão bom arrancado de suas mãos antes mesmo de ter a chance de provar seu valor. A ideia de um retorno forçado à vida normal – à maternidade, à cozinha, às roupas para lavar – sem ter aquele outro espelho dourado para olhar com admiração... ela não consegue ver aspectos positivos na perda.

– E tem um lado bom. – Becky, como sempre, está heroicamente tentando encontrar o lado positivo para a amiga. – Você não vai voltar até sexta-feira, certo? Então tem basicamente um dia e meio só para você. Em Paris. E antes que diga qualquer coisa, eu te proíbo terminantemente de voltar para casa mais cedo. Suas filhas estão bem. A Albertine está vivendo a vida dos sonhos, com a casa só para ela e comigo à disposição para atender a todos os seus desejos felinos. Além disso, você tem um encontro amanhã à noite, não é? Então...

– Não é um *encontro*, é só...

– Então, fique onde está e divirta-se. Vão aparecer outros trabalhos. Deixa o David passar uma semana inteira cuidando das filhas para variar e volta na sexta-feira com sacolas do Duty Free e um sorrisinho secreto pós-encontro. A Albertine e eu *insistimos*.

Becky talvez tenha razão, pensa Jess depois que desligam, sentindo-se um pouquinho melhor. Seu quarto de hotel está pago até sexta-feira de manhã,

que é para quando também está reservada sua passagem de trem. Durante o resto da estadia, ela pode ser turista. Adelaide que vá para o inferno.

Enquanto falava com Becky, Jess caminhou até metade da Rue de Rivoli, e ela decide continuar andando em direção ao Louvre e ao Jardin des Tuileries. Que se dane a alta cultura e a arte erudita: ela vai ser uma pessoa normal, comum, e dar uma volta na roda-gigante, apreciar a vista da cidade e lembrar a si mesma que há mais na vida do que uma artista petulante e seus acessos de raiva.

Daquele momento em diante, o dia de Jess melhora consideravelmente. Um passeio na roda-gigante é o pontapé inicial, então deixar a dieta de lado com um cheeseburger com fritas em um café próximo. Ela compra algumas lembrancinhas para as meninas – um lindo lenço de seda para cada uma e uma caixa de *macarons* em tons pastel para dividirem – e manda uma foto para Polly em que está fazendo pose de modelo com uma boina laranja. *Exagerei?*, escreve, acompanhado de um emoji dando uma piscadela. (Polly é a fashionista das três filhas e tem opiniões fortes.) Então, Jess se permite fazer um passeio de barco pelo rio Sena, até a Torre Eiffel, onde sobe de elevador até o topo e pede uma taça de champanhe no bar chique do monumento, como sempre quis fazer. O preço é exorbitante, é claro, e muito mais do que ela deveria gastar em uma bebida nas atuais circunstâncias, mas decide que só se vive uma vez. Fez por merecer. Depois de expirar até seus ombros relaxarem, Jess tenta aproveitar o momento e tira uma foto mental de si mesma. *Aqui estou eu, me divertindo muito em Paris, pensa, e aconteça o que acontecer, olhe só pra mim agora com a minha taça de champanhe Moët & Chandon e uma vista espetacular*. Isso é *bom*.

No instante seguinte, seu celular toca. Um número desconhecido aparece na tela, e o coração de Jess dispara.

– Alô? Jess Bright falando – diz, rezando para que um milagre tenha acontecido e Adelaide esteja ligando para se desculpar.

– Oi. Hum... Jessica? Aqui é o Lucas Brockes.

– Ah. – Jess desanima. Ele provavelmente vai pedir para ela sair do hotel e ir embora logo, não é? Ou vai acusá-la de perturbar a tia velha e neurótica. – Oi – acrescenta, com a voz abatida.

Vamos em frente, então, pensa Jess. Vamos ouvir o que você tem a dizer. Mas tome cuidado, parceiro, porque ela já tomou meia taça de champanhe e pode muito bem revidar com algumas verdades desagradáveis.

– Entendo que houve um pequeno desentendimento hoje de manhã – começa Lucas.

É uma forma de se dizer. Não há dúvida de que Adelaide acabou com ela. É um milagre que as orelhas de Jess ainda não tenham pegado fogo, depois das palavras cáusticas que imagina terem sido ditas.

– Sim – responde.

– Se vale de alguma coisa... sinto muito – diz ele. – A Adelaide é minha tia e já estou acostumado com o jeito dela, mas reconheço que ela pode ser... – Há uma pausa, e Jess o imagina tentando encontrar uma forma diplomática de dizer "um pesadelo". – Bem... obstinada, vamos ser sinceros – ele finalmente consegue chegar a uma palavra. – A minha tia não é a pessoa mais fácil do mundo.

– Não mesmo – concorda Jess.

É o eufemismo do ano, pensa ela, enquanto se lembra da voz imperiosa de Adelaide expulsando-a da casa. Mas por que Lucas está ligando para dizer coisas que Jess já sabe?

– Escuta... você está no hotel? – pergunta ele. – Talvez seja mais fácil conversarmos pessoalmente.

No hotel? Não, meu bem, ela está bebendo champanhe no alto da Torre Eiffel. Mas ele não precisa saber desse detalhe.

– Não – responde Jess. – Estou... – Ela não tem coragem de revelar a localização exata, porque tem a terrível sensação de que ele receberia essa informação com desdém. Na Torre Eiffel? Que programa de turista! – Estou no Faubourg Saint-Germain – continua, citando a área da cidade onde o monumento fica.

Afinal, o que Lucas tem a ver com aquilo?

– Tudo bem – diz ele. – Consigo chegar aí em vinte minutos, estaria bom para você?

Jess revira os olhos, exasperada, porque ele está arruinando totalmente o momento dela ali. E se Lucas acha que ela está disposta a devolver seu champanhe caro por causa dele, depois da forma como a tia se comportou, pode esperar sentado.

– Que tal quarenta minutos? – propõe ela com os dentes cerrados.

Lucas concorda, então sugere que se encontrem em um café próximo. Jess desliga e deixa escapar sem querer um gemido alto e tão frustrado que dois homens de terno na mesa ao lado se viram e olham espantados para ela,

com as sobrancelhas erguidas. Jess ergue a taça para eles, em um brinde, sentindo-se um pouco fora de si. Será que deve beber o resto do champanhe, mesmo tendo combinado de encontrar o arrogante Lucas em menos de uma hora? Não seria mais sensato se manter totalmente sóbria? Tarde demais para ser sensata, decide, e toma um gole em desafio. Ninguém, ninguém mesmo, vai tirar dela o champanhe da Torre Eiffel, e ponto-final.

* * *

– Oi de novo – diz Lucas, quando Jess chega ao café depois de chupar duas pastilhas de hortelã e jogar um pouco de água fria no rosto no banheiro do último andar da Torre Eiffel. – Lamento que a gente esteja se encontrando nessas circunstâncias. O que posso pedir para você?

A expressão nos olhos castanhos dele é tão firme e tranquilizadora, em vez de combativa, que Jess sente a tensão se dissipar enquanto Lucas vai pegar um espresso com leite vaporizado para ela. Talvez ele não esteja prestes a repreendê-la em público pelo que aconteceu. Ou, se estiver, pelo menos está lhe pagando um café primeiro.

Jess checa o celular e vê que chegou uma mensagem de Polly. *Essa cor fica horrível em você!!! Mas ficaria tão bem em mim...* Na sequência há um emoji de mãos postas e um coração apaixonado, e Jess tem que conter uma risada quando vê Lucas voltando com a bebida dela.

– Então, você quer me contar o que aconteceu? – pergunta ele, sentando-se diante dela. – Quero dizer, a Adelaide já me contou a versão dela da história, mas sei que isso não significa que ouvi uma versão ponderada dos acontecimentos.

Talvez seja o champanhe falando, mas Jess não consegue se conter.

– Ela disse que você cometeu um erro ao me contratar – deixa escapar em um rompante, ainda magoada com a revelação. – Que eu era, e cito literalmente, "a Jessica errada". Isso é verdade?

Ela está pronta para acrescentar que tinha ouvido parte da ligação dele naquele dia na *brasserie*, caso Lucas tente negar, mas basta olhar para ele para saber a verdade.

– Ah, certo. Que maravilha – diz Jessica, em tom sarcástico.

De repente, tem a horrível sensação de que está prestes a começar a chorar. A decepção, a humilhação... é demais.

– Não é tão ruim quanto parece – responde ele. – Quando estávamos conversando sobre quem convidar, a Adelaide disse "a Jessica", e presumi que ela se referia a você porque tinha lido a ótima entrevista que fez com ela. No que me diz respeito, você era uma candidata confiável.

Jess não gosta do uso do pretérito em relação a ela ser confiável.

– Mas na verdade ela estava se referindo a...?

Ele brinca com uma colher de chá, retardando o golpe.

– Bem... não que isso seja relevante, mas... Tá certo. Jessica Martindale – explica ele.

Ao ouvir aquilo, Jess geme e apoia a cabeça entre as mãos. Pronto. Agora ela entende por que Adelaide a fitou de cima a baixo daquele jeito no primeiro dia. Agora entende por que a mulher foi tão rápida em expulsá-la porta afora. Porque Jessica Martindale é uma potência intelectual, uma jornalista americana que está sempre aparecendo em programas culturais com suas opiniões, escrevendo artigos de opinião para jornais de grande porte, sem mencionar as biografias com excelentes avaliações que já escreveu. *É claro* que Adelaide queria que Jessica Martindale escrevesse suas memórias. Quem não gostaria?

– Era melhor não ter perguntado – murmura.

Bem quando ela achava que já havia chegado ao fundo do poço naquele dia. Errado!

– Ela não quer o trabalho, se isso faz você se sentir melhor – revela Lucas, com uma expressão resignada. – O livro de memórias da Adelaide não está sendo uma jornada muito tranquila, para ser sincero.

Jess bufa.

– Por que será, não é mesmo? – provoca. – Afinal, é uma delícia trabalhar com ela...

É uma declaração nada profissional, mas Jess não se importa mais. Aliás, por que está perdendo tempo nessa conversa – que até agora só fez com que se sentisse pior – quando está em Paris, livre e desimpedida? Quando há um milhão de outras coisas que poderia estar fazendo naquele momento? Deveria ter pedido outra taça de Moët & Chandon na Torre Eiffel quando teve oportunidade e dito a Lucas que estava ocupada demais para encontrá-lo.

– Não posso argumentar contra isso – admite ele. – Mas não estou aqui para falar sobre outros jornalistas, e sim para saber se há alguma forma de

ter você de volta. Se consigo te convencer a pelo menos escrever o capítulo de amostra, como foi planejado a princípio.

Jess ri na cara dele.

– Você está brincando comigo? Porque acho que sua tia não iria quer, nem por um minuto.

Lucas suspira, mas não parece surpreso com a resposta dela.

– Sabe, na segunda-feira, quando nos demos conta do que tinha acontecido... de toda a confusão da "Jessica errada" – diz ele, o que a faz estremecer de novo. – Desculpa... mas me escuta. Àquela altura, eu já tinha entrado em contato com a editora que está trabalhando conosco e mencionado o seu nome. E disseram... e juro que não estou inventando isso... disseram que estavam muito satisfeitos com a nossa escolha, se referiram a você como "uma escritora confiável" e disseram que você tinha uma boa reputação no meio.

Jess estreita os olhos enquanto se pergunta se essa é apenas uma tentativa de bajulação, mas ele parece bastante sincero.

– Humm.

Se o que Lucas diz é verdade, ela não pode negar que são palavras bem agradáveis de se ouvir. Talvez alguém na editora se lembre dela dos tempos de correspondente da seção de cultura, embora seu orgulho a impeça de pedir mais detalhes.

– Enquanto isso, alguns outros jornalistas, que se consideram a última bolacha do pacote... sem citar nomes, obviamente... se comportam como divas: perdem todos os prazos, não se dão nem ao trabalho de se esforçar e irritam todo mundo – continua ele.

– Você não precisa dizer isso para *mim* – responde Jess, pensando nos supostos colunistas famosos com quem já trabalhou, alguns tão unanimemente odiados que era possível ouvir um assobio baixo varrendo o escritório sempre que seus nomes eram mencionados.

– Enfim, o que estou dizendo é que se você entregar um primeiro capítulo brilhante, que deixe os editores felizes, então... Bem, a Adelaide talvez mude de ideia.

Ah, claro...

– Tenho quase certeza de que a Adelaide não quer que eu escreva o livro de memórias dela – declara Jess. – E, veja só, eu também não quero mais o trabalho, agora que já tive uma amostra da experiência. Então...

Ela dá de ombros, sem se preocupar em terminar a frase.

– Bem, tenho uma notícia pra você – retruca ele. – Está em seu contrato que você tem que escrever o primeiro capítulo antes de pagarmos o resto do valor da semana de teste. Então...

Lucas encolhe os ombros e Jess sente o rosto quente.

– O quê? Não está, não – argumenta ela, mas quando as palavras ainda estão saindo de sua boca já se sente abalada, pois se lembra muito bem de que foi ele que redigiu o documento. – De qualquer forma, mesmo que *esteja* – continua Jess, recuperando-se depressa –, então, uma notícia pra você: talvez eu ignore isso e não receba o pagamento. Porque qual é o objetivo de escrever o capítulo se não vou conseguir o trabalho?

Esse dia não está fazendo muito bem à sua pressão arterial, pensa Jess, ao se dar conta na mesma hora de que, na verdade, ela precisa do dinheiro – já o incluiu no orçamento. Inferno.

– Esta sem dúvida está sendo uma tarde cheia de notícias de última hora – comenta Lucas com ironia, e Jess se sente enrubescer ainda mais.

– Desculpe – murmura ela. – Foi um dia meio difícil. Frustrante.

– Posso imaginar. Já fui alvo do temperamento difícil da Adelaide – comenta ele. – Mas se isso faz você se sentir melhor, ela pareceu lamentar a forma como as coisas aconteceram.

– Ah, claro – retruca Jess, em tom sombrio, sem acreditar nem por um segundo. *Lucas está tentando colocar panos quentes*, pensa. Mas o estrago foi grande demais, não? – Enfim, me fala sobre você – continua, subitamente cansada de estarem insistindo em falar de seu fracasso. – Você está trabalhando no arquivo da Adelaide, certo? Como está indo, já encontrou alguma coisa realmente interessante?

– Bem...

Ah, uau, ele está mesmo prestes a divulgar alguns segredos?, pergunta-se Jess, tentando disfarçar a ansiedade enquanto ele faz uma pausa tentadora.

– Se você conseguir o trabalho, vai poder ver tudo por si mesma, não é?

E isso é tudo o que ele lhe oferece, a discrição obviamente levando a melhor.

Jess solta um gemido de frustração e Lucas sorri para ela, o primeiro sorriso de verdade que ela vê no rosto dele. É um belo sorriso.

– E se eu precisar ficar um pouco mais tentada para realmente escrever o

capítulo, se precisar de uma dica do que está por vir? – rebate ela, levantando uma sobrancelha, esperançosa.

Ele ri, mas não morde a isca.

– Está tudo lá esperando pelo escritor que ficar com o trabalho – diz ele.

– Então, quando você diz "está tudo lá", está se referindo especificamente aos anos com o Remy? Ao que aconteceu com o William? Ao rompimento com a Margie?

– Está tudo lá – repete Lucas, insistindo na mesma discrição irritante. Então ele franze o nariz. – Para ser sincero, não cheguei muito longe – confessa. – É um trabalho gigantesco, especialmente por causa da forma caótica como a Adelaide cataloga os documentos. Estamos falando de caixas e mais caixas de coisas, amontoadas aleatoriamente.

Apesar de tudo, Jess sente uma pontada de curiosidade diante da possibilidade de ter permissão para folhear os cadernos, as cartas e os diários de Adelaide. Deve haver muitos tesouros naquelas caixas, alguns deles, sem dúvida, que passaram anos, ou mesmo décadas, guardados. É o sonho de todo jornalista bisbilhoteiro.

– Mas por que você está fazendo isso? – pergunta ela. – Quero dizer, você teve que deixar de lado o seu trabalho de verdade ou está conseguindo combinar os dois? Aliás, só por curiosidade, o que você *faz*?

– Sempre trabalhei com direito corporativo – responde ele. *Faz sentido*, pensa Jess, lembrando-se do contrato excessivamente zeloso. – E... bem, passei por algumas dificuldades nos últimos anos, pessoalmente e em relação à minha carreira, então, na primavera, Adelaide sugeriu que eu viesse trabalhar para ela por alguns meses.

– Lamento ouvir isso – diz Jess, e abaixa os olhos para a mão dele por um instante, reparando na ausência de uma aliança.

Ela fica em silêncio, esperando que ele dê mais informações. Mas não é o que Lucas faz.

– Ah... também queria dizer que posso mudar a sua passagem de volta – diz ele, enquanto pega o celular e entra no site do Eurostar. – Amanhã de manhã estaria bom para você? Às onze horas?

Jess leva um instante para responder, porque só consegue pensar (para seu constrangimento) no encontro com Georges no dia seguinte à noite – não é um encontro, se corrige na mesma hora – e como terá que cancelar se for embora pela manhã.

– Hum...

– Se você quiser? – diz ele em tom de pergunta, quando ela continua calada. – Só presumi que você gostaria de voltar para perto das suas filhas logo.

É claro que ela quer voltar para perto das filhas logo. É claro que elas são muito mais importantes que Georges. Claro que sim.

– Sim, isso mesmo, eu gostaria – responde Jess por fim, enquanto sua mente está em disparada, se perguntando se eles não podem remarcar o encontro do dia seguinte para hoje à noite. Se há alguma forma de ela salvar aquilo. – Às onze parece perfeito.

– Sem problemas – fala ele, já digitando. – Pronto. Tudo certo. Vou te encaminhar a nova passagem e a confirmação. – Ele guarda o celular e toma o café. – Então... você vai aceitar?

– Aceitar o quê? – Ela ainda está pensando em Georges e demora um instante para voltar a se concentrar na conversa. – Ah... o capítulo.

É irritante, mas parece que ele conseguiu colocá-la em uma encruzilhada. Antes de mais nada, Jess precisa do dinheiro, mas toda aquela conversa de Lucas sobre o arquivo e os segredos guardados ali também serviu para despertar consideravelmente seu interesse. E se for verdade que ainda não perdeu totalmente a possibilidade de conseguir o trabalho, então não deveria pelo menos se esforçar ao máximo pela oportunidade?

– Acho que sim – concorda Jess, com os dentes cerrados.

Capítulo Dez

É quinta-feira de manhã. Adelaide e Jean-Paul caminham lentamente pela Place des Vosges, como sempre, embora os pensamentos de Adelaide estejam muito distantes da cena de verão à sua frente. Desde que ela concordou com a ideia do livro de memórias, Simon Dunster está à espreita no fundo de sua mente, esperando o momento de reaparecer como um vilão de desenho animado. Ela o conheceu na escola de artes – um rapaz bonito de cabelos cacheados dos Home Counties, a região abastada ao redor de Londres, que se achava especial porque o pai era importante na política. Adelaide não ligava muito para ele ou para o pai dele, mas, quando começou o segundo ano na escola de artes, o caminho dos dois continuou a se cruzar, e não no bom sentido. Antes, ela precisara se esforçar muito, aprendendo tudo o que podia para alcançar os outros alunos, e tinha demorado um pouco para ficar confiante, para sentir que talvez houvesse um lugar para ela ali, afinal. Mas à medida que o período letivo de outono avançou, Adelaide sentiu que estava ultrapassando os colegas de turma, como se fosse movida a combustível de foguete. Todos lhe diziam que suas produções eram boas. Agentes começaram a sondá-la. O *Times* publicou uma matéria depreciativa sobre a natureza radical dos aventais que ela criava, o que levou dezenas de mulheres a procurarem a barraca de Adelaide na Berwick Street para comprar suas criações como nunca.

Simon Dunster pareceu não gostar do fato de ela receber tanta atenção. A primeira coisa de que Adelaide se lembra de ele dizer é "Você não é tão boa assim", com as mãos nos bolsos, diante de um dos quadros de natureza-morta dela. Isso aconteceu depois do fim da aula, quando a professora já havia saído e estavam todos guardando as coisas.

Adelaide deu apenas uma olhada de relance para ele, imperturbável.

– Eu sei – falou. – É por isso que estou aqui. Estudando para *ser* boa.

A resposta dela foi totalmente sincera – não se importava se Simon gostava ou não de seu trabalho –, mas ele interpretou como sarcasmo.

– Você se acha melhor do que todo mundo, não é? – perguntou em tom zombeteiro.

– Na verdade, não – disse Adelaide, antes de reparar na expressão irritada dele, no olhar de alguém que não estava acostumado a ser rebatido por uma mulher. – Mas acho que sou melhor que você – acrescentou, então, em tom frio.

Alguns colegas de Simon que estavam por perto riram ao ouvir aquilo e, quando ele passou com o rosto rígido de raiva, eles o empurraram de brincadeira. Outros deram risadinhas enquanto continuavam a limpar os pincéis e a guardar as tintas. Simon agia como um cara influente, mas não era muito benquisto. E então uma garota com longas tranças cor de linho – Heidi, como todos a chamavam, embora seu nome verdadeiro fosse Pam – disse em voz baixa:

– Cuidado com ele, viu? Simon tem um lado asqueroso.

Adelaide não gostava que lhe dissessem o que fazer, mesmo que fosse a doce e bem-intencionada Heidi. Afinal, já tinha enfrentado o pai bêbado e beligerante várias vezes, sem falar na vez em que usou um atiçador para se livrar de um pretenso ladrão que invadira a ocupação artística; certamente não tinha medo de um pirralho mimado como Simon Dunster, que só queria parecer importante. Ele parecia determinado a irritá-la, criticando com frequência seu trabalho e murmurando comentários cifrados sobre ela para os amigos sempre que Adelaide estava perto o suficiente para ouvi-lo.

– Ignora ele – disse Margie, quando Adelaide reclamou da situação no bar depois da aula.

– Tenho a impressão de que Simon está a fim de você – avaliou Jeanette. – Apesar de ter um jeito esquisito de demonstrar isso.

Adelaide estava ocupada demais com os aventais, os trabalhos do curso e os eventos sociais da faculdade para perder o sono por causa de Simon. Mas então aconteceu a festa de Natal organizada por um grupo popular naquele ano, em um armazém abandonado em Deptford. Havia velas acesas por toda parte, litros de ponche e o toca-discos Dansette de alguém ligado a um pequeno gerador para garantir a música. Todos dançavam e Adelaide estava feliz, realmente feliz. Tinha encontrado sua turma, sabia o que queria fazer

pelo resto da vida. Era 1964 e Londres parecia o centro do mundo, pulsando com transformações, um lugar onde tudo era possível.

Mais tarde naquela noite, chegou um momento em que ela estava cambaleando na escuridão do lado de fora, tentando encontrar o banheiro que ficava no pátio. Sua respiração formava nuvens de vapor no ar de inverno quando ela sentiu a mão de alguém agarrar subitamente seu braço e segurá-la com tanta força que deixaria um hematoma ali no dia seguinte.

– Mas o que você...? – gritou Adelaide quando foi empurrada contra uma parede de tijolos e mantida presa ali. A lua estava cheia, mas a luz não era forte o bastante para revelar a identidade da pessoa que a agarrara, que permanecia encoberta pelas sombras. – Ei! – bradou ela, tentando se soltar.

– Cala a boca – disse uma voz que Adelaide reconheceu muito bem, e sentiu o peso dele pressionando-a contra a parede para que ela não pudesse se mexer.

– Simon, o que você tá...?

– Eu *mandei* calar a BOCA!

Adelaide estremece ao se lembrar daquela conversa, mesmo sessenta anos depois, sob o sol quente de julho. Simon repugnante com os lábios carnudos, rasgando suas roupas e batendo nela na escuridão gelada, porque na imaginação limitada dele aquela era a única forma de levar a melhor sobre ela. Depois, Adelaide tinha cuspido bem na cara dele, que lhe respondera com uma bofetada.

– Vaca suja – xingou Simon, abotoando as calças, enquanto ela ficava ali tremendo.

Ele achou que a história tinha terminado ali, que tinha vencido, mas estava errado. Nossa, como estava errado.

– Vamos, Jean-Paul – diz Adelaide, puxando a guia do cachorro, que se mantém parado, determinado a alcançar algumas batatas fritas caídas sob uma das mesas da *brasserie*.

É impressionante como Jean-Paul consegue empacar quando está em busca de uma iguaria tão valiosa quanto uma batata frita na calçada.

O olhar de Adelaide encontra um fósforo usado no chão e isso basta para levá-la de volta no tempo, para a noite em que estava do lado de fora do apartamento de Simon Dunster em New Cross com uma caixa de fósforos na mão, algumas semanas depois da festa. O toque áspero de um fósforo sob o manto da escuridão, o rápido clarão de luz laranja que logo se tornou um

fogo crescente e envolvente, devastando a casa e os pertences de Simon. Às vezes, a vingança é um prato que se come quente, no fim das contas.

Em sua defesa, ela havia presumido que ele não estaria lá naquele momento – era véspera de Ano-Novo e Simon com certeza estaria em alguma festa, disse a si mesma. Como poderia saber que ele tinha pegado uma gripe e se deitara cedo para dormir? Simon não morreu, embora seu lindo rosto nunca mais tenha sido o mesmo. Ele abandonou a faculdade e, da última vez que Adelaide teve notícias, estava trabalhando para o pai, fazendo alguns trabalhos de escritório a portas fechadas, onde não assustaria o público com as queimaduras. Isso era o melhor que poderia ter acontecido com ele, na opinião de Adelaide. Não, ela não se arrependia. Por que deveria?

– *Vamos* – ordena a Jean-Paul, que finalmente cede, parecendo derrotado.

Adelaide se solidariza. Não foi uma boa semana, no geral. Falar sobre o passado tinha despertado algumas lembranças desagradáveis que ainda não haviam voltado a afundar na lama. E Lucas estava irritado com ela por ter dispensado Jessica tão depressa. Até chegou a ir atrás da mulher quando soube o que havia acontecido.

– Estou começando a achar que você não quer que esse livro de memórias seja escrito – irritou-se ele, mal conseguindo disfarçar a impaciência. – Foi tudo um projeto para alimentar a sua vaidade? Devo mesmo continuar a me preocupar em organizar o seu arquivo? No ritmo que vão as coisas, não vai haver ninguém para examiná-lo. E eu tenho a minha vida em Londres, é bom você se lembrar disso.

Não é típico dele ficar tão zangado. Lucas sempre foi calmo e equilibrado, desde a infância. Adelaide sabe que ele tem muita coisa na cabeça e que acabou deixando as próprias preocupações um tanto de lado recentemente por causa dela. Sabe que tem pedido muito dele. Talvez demais? Ah, por que tudo tem que ser tão complicado?

Capítulo Onze

Mais tarde na mesma manhã, enquanto Paris se afasta pela janela do trem, Jess sente um emaranhado de emoções. Também está com uma dor de cabeça forte e implacável depois de beber vinho demais na noite anterior, quando afogou as mágoas na *brasserie*. Graças a Deus por Valentin, seu novo amigo, que, além de recomendar o tartare de salmão para um último jantar delicioso (grande ideia), também chamou o namorado, Nicolas, para fazer companhia a Jess quando ele mesmo ficou ocupado demais com o trabalho para cuidar dela. *Nicolas é divertido, mas talvez divertido até demais*, pensa Jess, relembrando os drinques que ele pediu depois que a primeira garrafa de vinho terminou. Sem falar nas doses de Pernod pelas quais insistiu em pagar quando ela começou a fraquejar.

O estômago de Jess se revira com a lembrança, e ela apoia a cabeça na lateral do trem, com os olhos fechados. *Não pense no Pernod. Nem imagine o cheiro daquela bebida, Jess, pelo amor de Deus!* Seu novo amigo da noite anterior, Nicolas, era alto e bonito, com cabelos castanhos desarrumados, sobrancelhas perfeitamente desenhadas, com fendas em cada extremidade, e uma cruz dourada em uma orelha. E se provou extremamente habilidoso na arte de arrancar segredos das pessoas.

– Você também deveria ser jornalista – disse Jess, em um misto de horror e admiração, depois de se dar conta de que Nicolas a havia feito contar toda a história do fim de seu casamento. – Ou espião. Ou interrogador.

Pior, apesar de ter reconhecido esse talento em Nicolas, havia continuado a falar, aparentemente incapaz de esconder qualquer coisa, já que no instante seguinte se pegou confessando tudo sobre Georges, incluindo o fato de que fora obrigada a cancelar o encontro porque ele não

poderia encontrá-la mais cedo. *Se você for a Londres em algum momento...* dissera Jess em uma mensagem, com um emoji sorridente para encobrir seu desapontamento, mas ficou com a forte sensação de que estava apelando.

– Olha como ele é lindo – lamentou com Nicolas, enquanto mostrava a página de Georges no Facebook, e Nicolas assobiou em aprovação.

– Mas ele é bonito mesmo, hein? Isso é uma tragédia! Destino, você está acabando com a gente! – gritou Nicolas, erguendo o punho para o céu. – Por que está fazendo isso com a Jess?

Ela sorri com tristeza no trem, lembrando-se do lamento fervoroso dele, e fica muito feliz por não ter ficado tão bêbada a ponto de aceitar a sugestão insana de Nicolas de ligar para Georges e convidá-lo para se juntar aos dois para uns drinques. Pelo menos alguns instintos de autopreservação continuam sãos e salvos.

De manhã, Beatrice, a recepcionista gentil do hotel, fez o possível para se igualar a Nicolas em extravagância, levando as mãos à altura do coração e se declarando arrasada com a partida antecipada de Jess.

– Vamos sentir a sua falta, Jess. Esperamos te ver de novo em breve.

– Eu também, Beatrice. Obrigada por tudo, especialmente pelo presunto – disse Jess, enquanto devolvia a chave com relutância.

Ela olha pela janela agora, à medida que o trem avança, deixando Paris para trás, junto com seus sonhos de evolução na carreira. Levando-a para casa, de volta à sua vida banal e caótica, onde vai ter que se dedicar às contas a pagar, à roupa a ser lavada, ao que precisa cozinhar para o jantar e aos dramas complicados que fluem e refluem em torno das filhas como marés vivas.

No entanto, Jess mal pode esperar para revê-las. Havia conversado com as três quase todas as noites, mas não é a mesma coisa de estarem juntas pessoalmente, compartilhando o dia a dia. Ela faz o possível para acompanhar os interesses em constante mudança das filhas – Edie no momento está obcecada por mangá, enquanto Polly cita um número desconcertante de influenciadores que Jess precisa procurar secretamente para se atualizar. Os gostos de Mia se voltam para bandas obscuras, podcasts horríveis sobre crimes reais e técnicas de maquiagem, e Jess não consegue entender nada disso direito.

Depois de entrar em contato com David e dar sua desculpa oficial – *Já tenho todo o material de que preciso para o capítulo de amostra, por isso*

pensei em pegar um trem mais cedo de volta para casa –, os dois concordaram que as meninas voltarão para casa naquela tarde. Jess está encantada com a ideia e, lendo nas entrelinhas, percebe que o ex-marido também ficou bastante aliviado. Todo mundo saiu ganhando.

Jess vê que recebeu um novo e-mail de Lucas e clica para abri-lo. *Espero que seu trem tenha chegado na hora e que esteja tudo bem*, escreveu ele. *Encontrei um monte de fotos antigas no arquivo hoje de manhã e achei que talvez possam te inspirar para o capítulo de amostra.*

O e-mail tem três anexos, com as legendas *Poland Street*, *Festa da faculdade* e *Fim de semana em Little Bower*, e Jess amaldiçoa o wi-fi do Eurostar enquanto espera o download dolorosamente lento das fotos. Além disso, o que é, ou onde fica, Little Bower? A primeira imagem se abre na tela: uma foto em preto e branco de quatro mulheres sentadas diante de uma mesa de cozinha cheia de garrafas e taças de vinho, cada uma delas com um cigarro na mão. Jess dá zoom e reconhece Adelaide (a mais alta, com cabelos compridos e franja cortada reta), Esme (de óculos grossos e um sorriso tímido), Margie (de cabelos curtos, dando uma gargalhada) e Jeanette, que tem o rosto obscurecido por uma nuvem de fumaça, mas parece estar usando uma blusa de veludo bastante ousada com partes decotadas, sem dúvida desenhada e costurada por ela mesma.

Ali estão elas, pensa Jess, olhando emocionada para os rostos daquelas mulheres. É possível dizer pela linguagem corporal relaxada como são próximas umas das outras – mulheres incríveis, jovens que ainda deixariam sua marca no mundo da arte. E que também davam boas risadas juntas, se aquela foto servia de referência. Imagine fazer parte do grupo delas. Imagine passar pelos altos e baixos pelos quais as quatro passaram, coletiva e individualmente, sem que nenhuma delas tivesse a mais remota ideia, naquele momento, de que estavam destinadas à grandeza.

Jess suspira, desejando que Adelaide tivesse sido um pouquinho mais gentil com ela. Que tivesse lhe oferecido uma fração que fosse da ternura evidente naquela foto. Poderia ter sido o melhor trabalho da vida de Jess, escrever a porcaria do livro daquela mulher. Ah, não importa.

A segunda foto revela outra cena em preto e branco, com dez ou mais pessoas no que parece ser uma festa à fantasia. Procurando com atenção, Jess acha Adelaide usando peruca e um vestido em estilo Maria Antonieta, conversando com um homem bonito vestido de pirata. Há uma Cleópatra

(Esme, talvez?), o rosto de alguém saindo de um gigantesco tubo de pasta de dente de papelão e um homem que parecia ter se fantasiado de Salvador Dalí, considerando o grande bigode curvado para cima.

Como só tinha visto Adelaide em sua versão atual, séria e ameaçadora, era bom ver aquele lado mais jovem e divertido dela entre amigos, pensa Jess. Com que frequência ela deve relembrar aqueles momentos e como será que eles a fazem se sentir? Encantada, melancólica, triste?

Então, a terceira foto. *Fim de semana em Little Bower* é a legenda, o que faz Jess pensar em um jardim, talvez uma pérgula coberta de vegetação, mas quando abre a foto vê uma praia de seixos. Lá está o famoso quarteto mais uma vez – Adelaide, Esme, Margie e Jeanette –, todas vestidas como antigas beldades em trajes de banho: de biquíni, batom e salto alto (um pesadelo nas pedras, imagina Jess) enquanto fazem poses provocantes. Apesar da ressaca, apesar de tudo, Jess ri alto da cena, pois não consegue se conter; ela ama a atitude desafiadora delas. Essa fotografia em particular é colorida – o que é fantástico, porque os biquínis são vermelhos, amarelos, laranja e verde-azulados, então realmente se destacam nas pedras e no céu azul de verão. É glorioso!

Mas alguma coisa continua martelando na mente de Jess. Little Bower... ela já ouviu esse nome antes. É o nome da praia? Certamente não, não soa nem remotamente marítimo, pensa, e recorre ao Google, onde digita as palavras. O resultado principal vem de um artigo sobre a propriedade no *Times*, com data de cinco anos antes, e ela lê as seguintes palavras: "... Little Bower, antigo estúdio compartilhado pelo coletivo de arte London Bohemian, está de volta ao mercado imobiliário como uma casa para uso familiar, após uma cuidadosa reforma..."

Ahhh, deve ser por isso que ela se lembra de ter ouvido o nome do lugar.

O segundo resultado da lista é um pouco mais sinistro. "Little Bower, o local misterioso onde a arte encontrou a morte", lê Jess, e lembra com um arrepio que sim, claro, foi naquele lugar em que se deu uma cena infame: anos antes, o corpo de um jovem fora encontrado do lado de fora. Na década de 1980, talvez? A história completa lhe foge, mas ela lembra que pesquisou a respeito e que havia uma janela quebrada no andar de cima e um bilhete de suicídio escrito em uma máquina de escrever. Jess abre a matéria, sentindo-se um tanto macabra, lembrando-se dos detalhes mais importantes. Colin Copeland, o rapaz morto, tinha 26 anos, era do East End

de Londres, estava desempregado e era considerado uma pessoa "solitária". Sua morte foi registrada como suicídio, apesar de a irmã dele, uma tal de Eleanor Copeland, insistir que o veredicto estava errado. *Ele era feliz, tinha planos!*, é a descrição do que ela teria dito. *Um bilhete de "suicídio" datilografado? Ah, para com isso. Meu irmão não conseguia nem soletrar "suicídio", menos ainda cometer um. E por que ele pularia de uma janela fechada, e não de uma janela aberta? Me respondam isso!*

Ainda restam dúvidas se havia mais alguém na propriedade no momento da morte de Colin, afirma a matéria. As artistas envolvidas foram todas interrogadas, mas tinham álibis sólidos, segundo o inquérito policial. Little Bower fica em uma rua sem vizinhos próximos, mas, no dia em questão, um homem que passeava com cães afirmou ter visto um carro estacionado em frente à propriedade, que fica a pouco mais de três quilômetros de Hythe Beach.

Os olhos de Jess se arregalam um pouco quando ela lê esse último detalhe. Seria Hythe Beach na fotografia, então? Se fosse esse o caso, Little Bower estaria a menos de uma hora de carro da casa dela em Canterbury. Quarenta e cinco minutos, provavelmente, em uma boa velocidade. Ela tenta se lembrar do que mais sabe sobre a casa – que alguém do grupo, possivelmente Jeanette, comprou o lugar ainda como um casebre decadente, depois de sua primeira grande exposição no final dos anos 1960. Ou será que a herdou? Fosse como fosse, ela e várias amigas passaram o verão reformando e redecorando a casa, transformando-a em um segundo lar, um lugar para pintar, desenhar e pensar, longe da agitação da vida londrina. *Mas por que Colin Copeland foi parar lá?*, pergunta-se Jess, olhando para a foto alegre da praia em sua tela. Como a morte dele se encaixa na história de Little Bower?

Inferno, ela se deixou fisgar novamente, mesmo sabendo que não pode se dar a esse luxo. Ela já perdeu o trabalho, não pode se permitir voltar a se conectar emocionalmente. No entanto, não há nada que a impeça de fazer uma viagem rápida até Hythe, certo? Para encontrar a casa e descobrir mais sobre a história, só por curiosidade. Nada a ver com o livro... talvez consiga produzir uma matéria para o jornal, se conseguir desenterrar bastante informação. Por que não?

* * *

Você pode achar que já me conhece, mas lamento dizer que isso não é verdade. Você não tem ideia. E ainda nem tenho certeza do quanto vou contar da minha história, da minha vida, porque não sou de confiar facilmente em ninguém. Quando terminar de ler esse livro de memórias, você vai entender por quê. Mas uma coisa posso prometer: tudo o que você vai encontrar nestas páginas é verdade. Foi exatamente o que aconteceu. E se quiser me julgar por algum comportamento, vá em frente. Não vou me importar.

Jess está em casa e tudo parece bem agora que ela abraçou cada uma das filhas, se inteirou das novidades, tomou um banho e se recostou no sofá, com um merecido copo de gim-tônica na mão e uma Albertine mal-humorada ao seu lado, balançando o rabo. Já é a manhã seguinte, sexta-feira, e ela está decidida a colocar a mão na massa – pelo menos enquanto a voz de Adelaide ainda está fresca em sua cabeça. Se conseguir montar o esqueleto de um capítulo de amostra logo, enquanto as meninas estão na escola, vai poder se dedicar a elas no fim de semana. Quem sabe até sugerir uma viagem de bate e volta a Hythe no dia seguinte, com um breve desvio até Little Bower no caminho para casa?

Ela relê as palavras que acabou de digitar na tela, com o nariz franzido. O tom que capturou certamente soa como o de Adelaide, mas será que a mulher vai discordar do estilo não convencional, quase agressivo, que Jess está estabelecendo? Será que vai achar que Jess está sendo debochada se o capítulo de amostra começar desse jeito? Bem, que seja.

– Se não consegue lidar com a verdade, Adelaide – murmura Jess, com os dedos pairando acima do teclado –, sinta-se à vontade para parar de ler.

Eu nasci em janeiro de 1945, na Rudge Street, em um quarto gelado, nos fundos de uma casa geminada apertada. Era noite e a minha mãe jura que emergi ao mundo no exato instante em que a casa do outro lado da rua estava sendo bombardeada. Todos na sala gritavam muito alto, então minha primeira impressão do mundo foi provavelmente de total pandemônio. Encare isso como quiser.

Jess sente que está entrando no ritmo. Ela está gostando bastante de

assumir o tom direto e objetivo de Adelaide, embora obviamente ajude ter páginas e mais páginas da fala dela transcrita para se inspirar.

Eu fui a terceira de quatro filhos, tinha dois irmãos mais velhos, Robert e Peter. William, meu irmão favorito, nasceu no ano seguinte. Não vou contar o que aconteceu com William porque não é da sua conta, mas eu o amava.

Jess morde o lábio. Será que passou do limite? Os editores hesitariam em adotar uma linha tão deliberadamente combativa em um livro finalizado, mas com sorte a frase vai deixar claro para Adelaide (e Lucas) a posição absurda que a artista adotou até ali, protegendo os momentos mais dolorosos de sua vida com um zelo excessivo em manter certas informações sigilosas. Quem sabe isso talvez até a force a se superar e ser mais acessível com a pessoa que for escolhida para escrever aquele maldito livro. Às vezes, milagres acontecem.

A porta se abre de repente. Os dedos de Jess escorregam no teclado, e ela estremece de surpresa. Que...? São só onze e meia da manhã, ninguém deveria ter chegado da escola ainda.

– Oi? – chama Jess, já se levantando e saindo apressada na direção do hall de entrada. – Quem é... *Mia!* O que aconteceu?

Ali está a filha mais velha chorando muito e se deixando cair no tapete, com a mochila ainda pendurada em um braço. Mia se inclina para o lado como se tivesse levado um tiro, colocando as pernas em posição fetal. Jess corre até ela.

– Meu bem! O que aconteceu? Você está machucada? – *Alguém esfaqueou a minha filha*, pensa na mesma hora. *Ela foi assaltada, agredida.* – Ah, meu amor... – diz Jess, ajoelhando-se ao lado de Mia e esfregando suas costas. Não há nenhum ferimento visível, nada óbvio. – O que *aconteceu*?

– É o Zach – responde Mia, soltando as palavras entre soluços. – Ele... ele tá saindo com a Georgia Greene. Achei que ele... – Mais soluços a agitam, e ela mal consegue falar. – Achei que ele gostasse de mim.

Ahhh. Eram ferimentos invisíveis, então – mas quase tão graves quanto os físicos quando se tem 17 anos. Jess se abaixa para embalar Mia. Graças a Deus ela está ali, e não em Paris, graças a Deus pode abraçar a filha nesse momento em que a menina tanto precisa.

– Ah, não... – diz, solidária.

Jess se dá conta então de que, apesar da declaração de Mia de que ela e Zack eram "só amigos!" na outra semana, a menina estava claramente

esperando por algo a mais, algo mais profundo. Pobre Mia. Jess se lembra muito bem da dor da rejeição na adolescência. A agonia de ver alguém por quem se está apaixonada se envolver com outra pessoa.

– Eu me sinto uma idiota, mãe – lamenta Mia, em meio a uma enxurrada de lágrimas. – Sou muito burra!

– De jeito *nenhum* – retruca Jess. – Burro é ele por escolher outra pessoa em vez de você. Um bobo. E vai ficar muito envergonhado quando se der conta do erro que cometeu.

Mas essas palavras parecem não tocar a filha, que continua inconsolável. *É assim que tudo começa*, pensa Jess, enquanto elas permanecem abraçadas no chão do corredor, com o rosto de Mia encharcado de lágrimas. Esse terrível endurecimento por que todos temos que passar quando se trata de amor, as surpresas desagradáveis que podem nos surpreender quando menos esperamos.

Jess franze o cenho quando se lembra do sorriso afetado de Zach naquela manhã em que o pegara saindo do quarto de Mia. Se visse aquele garoto de novo, ele com certeza sentiria a rajada ardente de sua fúria materna.

– Mas sei bem como dói na primeira vez que isso acontece – acrescenta Jess, porque nesse momento Mia provavelmente precisa de suavidade, e não da ferocidade de uma mãe leoa. Então hesita. – Você... Você foi cuidadosa quando esteve com ele, não é?

Mia soluça, passa o braço nos olhos e faz uma careta.

– Mãe. Por favor. Agora não.

– Vou deduzir que isso significa que você foi, mas... Tá certo. Não vou me meter. Você não precisa me dizer nada. Apesar de que obviamente *possa* dizer, a qualquer momento... você sabe disso, certo?

Mia revira os olhos de uma forma tão melodramática que é um milagre que permaneçam nas órbitas. Mas pelo menos parou de chorar.

– Como se eu fosse pedir conselhos sobre relacionamento para você.

Ela se desvencilha dos braços de Jess e funga com vontade.

Isso magoa Jess. Ela passa um lenço de papel para a filha, que assoa o nariz com um som que mais parece uma buzina. É sempre assim com as filhas: Jess se sente aceita em um momento, mas é empurrada para longe no instante seguinte. É preciso aproveitar a proximidade que consegue ter enquanto ela está sendo oferecida, ao mesmo tempo que tenta absorver as

ondas de culpa. Ainda assim, ela também tem sentimentos. Não é fácil encontrar um ponto de equilíbrio em relação a isso.

– O que te ajudaria agora? – pergunta Jess com calma, depois de contar até dez mentalmente. – Uma xícara de chá? Um abraço da gata? Quer que eu te dê uma carona de volta para a escola? – Ela cruza os braços. – Porque nós duas sabemos que você não deveria estar em casa a essa hora, então...

Mia dá de ombros como quem diz "e daí?".

– Eu disse que estava passando mal e pedi dispensa médica, não estão me esperando de volta – explica ela. Então sua expressão se altera. – Aliás, mãe, o que tá acontecendo com o papai? Ele tá saindo com alguém?

A mudança de assunto é tão rápida e inesperada que Jess quase sente o impacto físico.

– Como assim? – pergunta ela, antes de acrescentar: – Não que eu saiba.

É como se o chão tivesse estremecido sob o tapete gasto do hall de entrada. David e outra mulher de novo? Como ela deveria se sentir sobre aquilo?

– Não sei, eu só... – Mia encolhe os ombros. – Ele estava agindo de um jeito meio esquisito. Meio misterioso.

Esquisito. Misterioso. Isso não parece um homem delirando de amor, mas o que Jess sabe? Afinal, na última vez ela não tinha percebido nenhum sinal.

– Eu... hummm. Sei tanto quanto você.

Ela examina a filha com mais atenção.

– Você ia ficar chateada, se ele estivesse com alguém?

– Eu? Não. Não ia, não. Desde que não seja uma pessoa horrível. Por quê? Você ia ficar chateada?

Jess hesita enquanto tenta encontrar as palavras certas.

– Não sei se eu ia ficar *chateada* – responde com cautela.

Com Mia, nunca se sabe o que vai ser repassado nem para quem. As meninas não sabem de todos os detalhes da separação dos pais – no que lhes diz respeito, a mamãe e o papai simplesmente não se amam mais daquele jeito ("Como acontece com muitas pessoas. Mas ainda amamos muito *vocês*").

Um caso amoroso breve e desprezível era uma coisa, mas saber que David estava em um relacionamento maduro e assumido publicamente...?

Com certeza isso faria a situação parecer mais definitiva, conclui Jess. Mas talvez fosse... bom?

– No começo, eu ia achar meio estranho – continua ela.

Jess se sente incomodada, sem dúvida, como um gato que teve o pelo acariciado do jeito errado, mas fora isso não consegue nomear seus sentimentos.

Mia se apoia nela, afável de novo.

– Homens, não é? Malditos homens! – Elas riem, sem muito humor, então Mia repete o que Jess lhe perguntou: – O que te ajudaria agora, mãe? Uma xícara de chá? Um abraço da Albie? Ou nós duas enlouquecermos e abrirmos uma sidra juntas?

Jess bufa.

– Definitivamente não. – Então, tem uma ideia. Uma ideia capaz de desviar a mente das duas dos assuntos frustrantes do coração. – Mas devolvo a sua sugestão da sidra com uma das minhas: que tal dar uma olhada em uma casa onde ocorreu uma morte misteriosa?

Os olhos de Mia cintilam. É óbvio que sim. A menina se diverte ouvindo histórias sangrentas de serial killers.

– Jura? O que aconteceu?

– Bem – diz Jess –, essa é a questão.

Nossa, ela está morrendo de vontade de ver aquela casa, e se Mia já se liberou da escola, então... Jess se levanta, pega um casaco e as chaves do carro e as agita no ar.

– Posso te contar a história no caminho – acrescenta ela. – Vamos?

– Óbvio que sim – é a resposta da filha. – Partiu, mãe. Uma *road trip*!

Capítulo Doze

Adelaide sabe muito bem por que está tendo uma semana tão turbulenta. Ela sempre teme os dias que antecedem o aniversário de Remy, porque ele ocupa sua mente de antemão e afeta suas emoções. É hoje – e não só isso: seria o octogésimo aniversário dele. Adelaide imagina como Remy teria aproveitado ao máximo as comemorações: uma grande festa em algum lugar glamoroso, com ele no centro, atraindo todas as atenções. Ela costuma pensar que ele teria se tornado um idoso muito alegre... de cabelos brancos, elegante como sempre, em um terno sofisticado e sapatos bem engraxados. O homem era tão estiloso que teria ficado bem até usando óculos de lentes grossas e um par de aparelhos auditivos. Ele teria adquirido uma bengala com castão prateado para fazer pose, quer precisasse dela para fins de mobilidade ou não.

Em vez disso, pensa Adelaide, enquanto abre o pesado portão de madeira na entrada do cemitério Père Lachaise, Remy foi sepultado ali, havia mais de vinte anos, enquanto a chuva escorria pelos colarinhos dos enlutados e as lágrimas respingavam nos sinuosos caminhos de paralelepípedo. Os filhos dele, esguios e delicados, se colocaram um de cada lado de Coco, sob guarda-chuvas pretos, e os três ignoraram Adelaide, que fez o mesmo em relação a eles. *Que tragédia*, murmuravam as pessoas, enquanto a chuva caía. *Que desperdício*.

Não está chovendo no momento e Adelaide sente apenas o cheiro de terra seca, o leve movimento de uma brisa por entre as folhas das árvores. Será que ainda resta alguma coisa de Remy ali, pergunta-se ela, ou ele é apenas uma lembrança? Se existe alma, ela acha que a dele talvez já tenha voltado para Roquefort-les-Pins, a aldeia onde cresceu. Imagina Remy

assobiando pelas casas de pedra ensolaradas e pelas florestas de pinheiros. Ele sempre amou o sul.

– Vamos, Jean-Paul – chama Adelaide quando o cão fica para trás, farejando o pilar do portão.

São oito horas da manhã de sábado, e eles foram prestar suas homenagens mais cedo porque a emissora de TV francesa Canal+ vai reexibir um documentário sobre Remy hoje à noite, para celebrar o dia, e o programa está sendo muito divulgado. É quase certo que haverá multidões vagando pelo cemitério para visitar o túmulo dele mais tarde, e ela não quer ser notada. A ida tão cedo também se deve à previsão de que o dia será mais quente, mesmo para os padrões parisienses. Os jornais estão repletos de notícias sobre os incêndios florestais que assolam a Europa, os céus cheios de fumaça, e Adelaide começou a sonhar com cenários congelados, com vendavais tão fortes a ponto de tirar o fôlego. A maioria dos parisienses com algum bom senso já deixou a cidade, mas ali está ela, ainda se arrastando como uma idiota. Ela passa a mão na testa, que já começa a ficar úmida de suor.

– Vamos, querido, antes que nós dois derretamos – pede ela.

Sua história de amor com Remy começou em Nice, quando sua primeira exposição francesa foi inaugurada em uma galeria da cidade. Adelaide tinha 28 anos e era verão; o dia longo e quente enfim começava a refrescar quando a exibição privada começou, na noite anterior à inauguração oficial. As mulheres presentes pareciam usar apenas minivestidos fofos ou terninhos descolados, com óculos escuros no alto da cabeça, acima dos cabelos em cortes chanel elegantes. Adelaide usava um kaftan branco que ela mesma havia confeccionado, com enormes mangas drapeadas e decote profundo. CORAGEM, ela havia bordado por dentro da bainha, em homenagem aos velhos tempos, e, por algum motivo estranho, isso ajudou. Seu nariz estava queimado de sol devido a uma tarde passada na praia e seus pés estavam descalços – por um instante, Adelaide teve medo de parecer mais uma órfã vitoriana de camisola do que a artista do momento, mas então tomou duas taças de champanhe e em poucos goles endireitou os ombros e decidiu parar de se importar tanto. No lugar onde estavam, perto da Promenade des Anglais, era possível ouvir as gaivotas através das grandes janelas abertas enquanto o céu lentamente ficava rosado.

Adelaide estava com um humor estranho naquela noite... tudo parecia

um pouco onírico, extremamente colorido. Em meio aos vertiginosos ventos da boa sorte que fustigavam sua carreira, ela também precisava aceitar a morte recente do pai – de insuficiência hepática, após décadas de alcoolismo. Um dia ela estava no funeral dele, pela primeira vez em anos ao lado da mãe de rosto fino e dos irmãos; e, no dia seguinte, estava num avião para Nice. Era como se tivesse deixado algo para trás na Inglaterra, uma parte de si mesma. No fim, Adelaide nem gostava do pai, já fazia muito tempo que não gostava dele, mas ainda não conseguia assimilar o fato de que nunca mais o veria. Isso a deixou desequilibrada, como se ela tivesse perdido o norte. Mas então lá estava Remy caminhando em sua direção e, mesmo naquela época, Adelaide reconheceu o momento como de profundo significado.

O ar parece um pouco mais fresco naquela parte do tranquilo cemitério, e Adelaide levanta o rosto, grata pela brisa. Essa é a melhor hora do dia para visitar o lugar, antes que os turistas cheguem com suas mochilas, ticando itens da caça ao tesouro de lápides que eles próprios estabeleceram: Piaf, Chopin, Wilde, Morrison, Proust e todos os outros. Remy também, é claro. Ele teria ficado emocionado por ter um lugar ali, pensa Adelaide, fazendo uma pausa para assentir respeitosamente para o túmulo de Georges Seurat ao passar (descanse em paz, Georges). O cemitério é enorme, mas, mesmo assim, atualmente não permitem mais que qualquer Tom, Dick ou Harry seja enterrado ali – há uma lista de espera e valores de locação a serem pagos para garantir tal privilégio. Após a morte de Remy, Adelaide havia feito a solicitação para que ele fosse enterrado ali, com o apoio de Coco, sua outra ex-mulher. Mas, ao longo dos anos, perguntou-se se foi egoísmo da parte delas mantê-lo em Paris, por mais grandioso que fosse seu local de descanso final. Ele tinha uma relação complicada com a cidade, por assim dizer.

Remy tinha sido convidado para a exposição particular de Adelaide em Nice, junto com vários outros artistas locais emergentes, e ela ainda consegue visualizá-lo: franzino mas musculoso, a camisa mostarda com estampa paisley e calças justas, sexy em sua postura orgulhosa e ereta. Ela tinha 1,70 metro e ficava mais alta do que ele se usasse salto alto – a estatura modesta de Remy nunca deixava de espantá-la, porque ele tinha uma personalidade grandiosa, do tipo que poderia conquistar todo um salão em segundos. O coração de Adelaide disparou quando ele se apresentou a ela, dizendo que a achava muito talentosa, fitando-a com olhos cinzentos

cintilantes enquanto os dois conversavam. Desde Simon Dunster, Adelaide evitava qualquer envolvimento com homens – "Ando ocupada demais", dizia em tom de desdém –, mas mesmo assim se pegou sentindo-se atraída por Remy. Bastante atraída.

Naquela época, ainda era uma raridade um homem responder à arte dela com elogios e perguntas ponderadas, em vez de simplesmente dizer o que achava que ela estava tentando fazer (ou, mais comumente, o que achava que ela *deveria* fazer). A carreira de Adelaide estava decolando – um quadro dela tinha sido comprado pelo Museu de Arte Moderna de Nova York (uma grande emoção e honra), havia boatos de que a artista representaria o Reino Unido na Bienal de Veneza – e ela estava se divertindo muito experimentando mais estilos gráficos em seu trabalho. No entanto, alguns homens – muitos homens – ainda pareciam determinados a lhe explicar as obras que ela própria criava, como se Adelaide fosse estúpida demais para decodificá-las sozinha. ("Então as partes douradas da peça representam o capitalismo, presumo? Entende o conceito de capitalismo, Srta. Fox?") Nem é preciso dizer que ela adorava confundir as expectativas deles – sempre argumentava, mesmo que eles estivessem certos, e inventava respostas falsas, se necessário. ("Sinto muito, mas você está redondamente enganado, o uso do dourado é uma referência à arte bizantina, em que simbolizava a luz divina e transcendente, incorporando o mundo espiritual invisível. Você sabe do que estou falando quando me refiro à 'arte bizantina'?")

Os críticos não sabiam lidar com ela e muitas vezes recorriam a comentários sarcásticos. *Ingênuo*. *Simplista*. *Mas isso é* arte*?*, perguntavam, deixando claro seus pontos de vista. Remy, por outro lado, era tão seguro de si que não se sentia degradado por elogiá-la como uma grande artista, à altura dos colegas homens.

– Sim, meu bem, mas eu também estava tentando te levar pra cama, não se esqueça – respondeu Remy, quando Adelaide comentou isso com ele certa vez.

Fosse como fosse, no espaço vertiginoso e irreal que de alguma forma conseguiu transpor a escuridão da morte em sua família, e com a *joie de vivre* daquela cidade linda e ensolarada, Adelaide se apaixonou rápida e perdidamente por Remy, quase desde o primeiro instante em que seus caminhos se cruzaram. Durante o resto da noite, ela permaneceu consciente da presença dele onde quer que estivesse na sala, seu corpo respondendo a

ele como em uma reação química, o coração acelerando cada vez que Remy a olhava. Assim, quando a exposição privada terminou e o galerista sugeriu um aperitivo num bar próximo, pareceu a coisa mais natural do mundo convidá-lo para ir também.

Aquele foi o começo dos dois, doce e verdadeiro – uma única flecha atingindo diretamente o alvo –, mas o relacionamento nunca mais foi tão tranquilo. A paixão entre Adelaide e Remy era como uma fornalha – às vezes ardia, às vezes destruía. Eles se separavam e voltavam a ficar juntos; gritavam, berravam e se amavam com igual intensidade. A carreira de cada um os levou a viagens por todo o mundo – Nova York, Veneza, Melbourne, Tóquio –, mas ambos faziam um trabalho primoroso na casa que acabaram comprando em um pequeno vilarejo provençal nos arredores de Avignon. A casa foi o presente de casamento de um para o outro, um espaço onde a criatividade reinava e era suprema, onde o resto do mundo se fundia no horizonte atrás deles.

Adelaide chega por fim ao túmulo de Remy, uma pedra de mármore cinza, e felizmente parece que ela é a primeira pessoa ali hoje.

– Olá de novo, meu velho amigo – cumprimenta ela, com a voz embargada, porque mesmo nesse momento, mais de vinte anos depois, dói lembrar que Remy não está mais ali.

Dói lembrar que ele nunca mais vai olhar para ela, que nunca mais vai inspirá-la, fazê-la rir, nem sussurrar algo ultrajante em seu ouvido. Adelaide se apoia no topo da lápide enquanto se curva cuidadosamente para colocar o buquê de rosas brancas na base, torcendo para que seus joelhos não cedam na metade do caminho.

– Seu velho idiota – continua ela, em tom triste. – Sempre desaparecendo da minha vida, não é? Sempre dando a última palavra. Ah, Jean-Paul... não!

Tarde demais. O cachorro acaba de levantar a perna sem cerimônia na direção da pedra de mármore, e o jato de xixi salpica os caules das rosas.

– Ah, por Deus.

Adelaide sente uma risada surgir. Pelo menos Remy também adorava cães. Ela tem certeza de que ele não se importaria que fizessem xixi em seu túmulo. Deus sabe que os dois tinham passado por coisas muito piores juntos.

Os dedos de Adelaide apertam a lápide quando ela se lembra da morte

de Remy, algo que sempre foi um enorme peso para ela. O que mais poderia ter feito? Assim como o pai dela, Remy estava determinado a viver mergulhado em uma garrafa, e ninguém parecia capaz de resgatá-lo. Então, é claro, depois da morte dele, Monica, aquela cretina, só piorou seu sofrimento.

Adelaide endireita o corpo, tentando se recompor, mas não adianta, seu coração está transbordando de emoções e ela precisa enxugar os olhos e assoar o nariz, depois respira fundo algumas vezes na esperança de controlar seus sentimentos. Perdida em seu próprio mundo, Adelaide não se dá conta dos passos se aproximando atrás dela até ouvir um pigarro suave e uma voz hesitante.

– Adelaide? Achei que te encontraria aqui.

Capítulo Treze

– Mãe, acho que encontrei alguma coisa! – grita Mia, correndo para a cozinha.

É hora do almoço de sábado e Jess está fazendo ovos mexidos no fogão. *Aqui vamos nós*, pensa. Embora não se arrependa de ter ido com a filha a Hythe na véspera, para visitar Little Bower, não contava com o entusiasmo com que Mia se lançaria nas investigações depois que voltassem. Nesse ritmo, a menina já vai ter o primeiro episódio de seu podcast sobre crimes reais gravado e lançado até o fim do dia.

– Mais trabalho de detetive? – pergunta Jess, colocando sal e pimenta moídos na panela, bem no instante em que quatro fatias de pão saltam da torradeira. – Você pode passar manteiga nas torradas pra mim, meu bem?

– Sim, mais trabalho de detetive – confirma Mia, e faz a gentileza de pegar uma faca. – Extra! Extra! Encontrei a irmã do Colin Copeland.

– Uau! – Jess se vira e vê uma expressão de triunfo no rosto da filha. – Muito bem, Sherlock. E...? O que descobriu sobre ela?

– Bem, a mulher já está bem velha. – Isso pode muito bem significar que a irmã de Colin Copeland tem a idade de Jess, pois ela sabe muito bem o que a filha classifica como "velha". – Mas ainda não se conformou com o que aconteceu. Ela criou um site sobre a injustiça da morte do Colin, e adivinha?

– O quê? E como vão essas torradas? – pergunta Jess, baixando o fogo da panela.

– A sua amiga Adelaide é mencionada nas divagações dela... mais de uma vez. E Eleanor, a irmã do Colin, encontrou alguém da cidadezinha mais próxima que viu a Adelaide no local no momento da morte do Colin!

"A morte do Colin", sinceramente. Mia está falando sobre o homem

como se ele fosse o personagem de um dos podcasts que ela escuta, em vez de uma pessoa real que morreu tragicamente jovem.

– Na hora *exata* da morte? – insiste Jess.

Mia nunca manifestou qualquer desejo de ser jornalista, mas Jess faz questão de incutir em todas as filhas um respeito saudável pelos fatos.

– Bem, não, não na hora *exata*, a mulher não viu a Adelaide empurrando o Colin pela janela nem nada parecido, mas ela estava no local *perto* da hora em que ele morreu. Tipo, no dia anterior.

Jess demora um pouco para responder. Mia está completamente convencida de que Adelaide é uma assassina, e Jess, embora ainda tenha sentimentos conflitantes em relação à artista, provavelmente deveria se esforçar mais para desencorajá-la. Se Mia começar a propagar suas teorias na internet, Jess pode imaginar Lucas revidando pesado com ações judiciais e ordens de silêncio.

– Lembre que ela tem um álibi – diz, então, antes de enfiar a cabeça no vão da porta e gritar: – ALMOÇO! – Uma tentativa de chamar as outras filhas.

– Sim, um álibi que a Eleanor Copeland diz ter sido totalmente inventado depois do que aconteceu – responde Mia, com os olhos cintilando. – Ele estava apaixonado por ela, sabia? O Colin. Era louco por ela.

– Louco pela Adelaide?

– Sim. A Eleanor diz que o quarto dele era quase um santuário dedicado a ela. Muitas fotos coladas na parede. E ele também guardava recortes de jornais sobre a Adelaide dentro de um livro.

– Certo. Como um grande fã?

Jess serve os ovos em cima das torradas com manteiga.

– Mais como um stalker. Obcecado. Então, o que acho que aconteceu foi o seguinte: o Colin seguiu a Adelaide até a casa em um fim de semana e ela disse: "Quer saber? Que se foda..."

– Ei, olha como fala, por favor.

– Aí ela matou o Colin. Talvez acidentalmente, mas ainda assim... ela matou. Quer dizer... poderia ter acontecido assim, certo?

Edie e Polly entram na cozinha, discutindo acaloradamente sobre um vidro de esmalte que ambas reivindicam como seu.

– Vamos conversar sobre isso mais tarde – diz Jess a Mia, sabendo que

suas habilidades de mediação estão prestes a ser postas em prática.

Mesmo ela, experiente em ser multitarefa, não consegue gerenciar duas conversas que exigem atenção plena.

Ainda assim, ao longo do almoço, Jess se vê obrigada a admitir que está intrigada com o mistério que cerca Little Bower. Na véspera, ela parou o carro na rua, a uma curta distância do lugar, e sentiu um calafrio por estar ali, no estúdio dos famosos artistas. A casa ficava afastada da estrada, uma propriedade que não foi feita para ser encontrada facilmente, mas que chamava a atenção assim que surgia à vista, com seus tijolos vermelhos e telhado de telhas. O tijolo dava lugar a algumas partes em estilo enxaimel sob os beirais, e as janelas na frente e nas laterais eram enormes – tinham facilmente o dobro da altura das janelas comuns –, com molduras de madeira.

– Ele deve ter caído dali – supôs Mia em voz baixa, apontando para a janela no lado leste do prédio. Ela havia passado toda a viagem de carro buscando notícias arquivadas no celular e se tornou autoridade no que se refere aos detalhes da descoberta do corpo. – Graças a Deus que as pessoas passeiam com cães, certo? Eles parecem farejar todos os cadáveres. Será que a gente devia arranjar um cachorro?

– O quê? Pra você levar o bicho para farejar cadáveres? Pode esquecer. Antes de mais nada, é bom lembrar que nós temos um gato.

– Enfim, foi sorte que aquele cachorro *realmente* tenha farejado o corpo de Colin, se não o pobre homem poderia ter ficado ali, morto, por dias – continuou Mia, imperturbável. – Calculam que ele quebrou o pescoço e morreu na mesma hora. Pelo menos isso.

O lugar estava silencioso quando elas se aproximaram – o único barulho era o som do vento nas árvores. Após a casa havia um campo onde ovelhas pastavam de cabeça baixa, mas, fora isso, Jess e Mia estavam sozinhas. Jess sabe, graças às suas pesquisas na internet, que a casa foi reformada por dentro, mas a vista dela da rua ainda deve ser a mesma que Adelaide e as amigas tinham quando chegavam ali, vindas de Londres, para passar algum tempo livre. Ela imaginou todas descendo de um carro na entrada da garagem, com malas e cavaletes, ou relaxando no jardim, bebendo dry martínis e fofocando. A foto que Lucas lhe enviara, das quatro posando de biquíni e rindo na praia, voltou à mente, e ela sentiu certo anseio pelo tanto que provavelmente haviam se divertido.

Jess estava tão imersa na própria imaginação que levou um instante para reparar em um rosto espiando pela janela superior. Por uma fração de segundo insana, teve a sensação de ter voltado no tempo e achou que a pessoa era Adelaide ou Margie, prestes a levantar o caixilho da janela e chamá-la, convidá-las a entrar para tomar um drinque. Jess sentiu um arrepio percorrer seus braços na mesma hora. No entanto, voltando ao mundo real, a mulher de meia-idade carrancuda era provavelmente a atual dona da casa, que devia estar se perguntando por que Jess e Mia estavam bisbilhotando.

– É melhor a gente ir embora – murmurou Jess, pois não queria ter que se explicar.

Em casa, agora, Jess coloca uma garfada de ovo mexido na boca enquanto tenta negociar um tratado de paz sobre esmalte de unhas, pensando nas descobertas emocionantes de Mia, no site de Eleanor Copeland e nas alegações que a filha leu lá. Uma coisa é certa: definitivamente há mais nessa história do que parece. Mas cabe a ela ir mais fundo na investigação?

Capítulo Catorze

É Coco, claro, ao lado dela diante do túmulo, com o próprio buquê de flores – muito mais luxuoso do que o de Adelaide, com folhagens, tudo envolvido em celofane. Cerca de duas vezes o tamanho e sem respingos de xixi de cachorro. Isso é um bom resumo de como sempre foi a relação com a rival, pensa Adelaide, tentando não revirar os olhos.

Coco já deve ter quase 70 anos, mas poderia passar por muito mais jovem, vestida de preto, com o cabelo loiro imaculado. Ao seu lado, Adelaide parece um elefante envelhecido e suado.

– Olá – diz ela, torcendo para que Coco não tenha testemunhado o pequeno ato questionável de Jean-Paul momentos antes. – Como vão você e os meninos?

Coco era a outra esposa de Remy, a mulher por quem ele abandonara Adelaide no fim dos anos 1980. Furiosa e ferida como nunca, Adelaide reagira deixando a França para aceitar uma encomenda de trabalho que havia surgido no momento perfeito, em Tóquio, onde pintava jardins para uma galeria durante o dia (o que se mostrou estranhamente reconfortante) e exagerava no saquê à noite. Quando esse trabalho chegou ao fim, ela escolheu a nova oferta mais distante possível de Remy e Coco (já grávida) e aceitou lecionar na fantástica escola de artes de Ottawa – e se surpreendeu ao perceber que adorava a nova ocupação. Enquanto Remy e Coco tinham um filho depois do outro, Adelaide trabalhou muito, se dedicou aos alunos e se inspirou na grandiosidade das paisagens ao seu redor. Também se envolveu em um relacionamento com um fotógrafo canadense robusto e bem-humorado chamado Brad (a imprensa os apelidou de "Bradelaide" por um tempo, o que ele amava e ela odiava), mas no fundo Adelaide sabia que seu coração ainda estava em Paris.

– Estamos muito bem – responde Coco, ao pousar seu buquê no túmulo de modo a quase cobrir o de Adelaide. – O Maxime está trabalhando como jornalista do *Le Figaro* atualmente, e o Romain trabalha na Opéra Bastille. – Ela encolhe os ombros, como se dissesse que obviamente seus filhos incríveis encontraram as merecidas posições de destaque na cultura francesa. – Já eu me ocupo com o trabalho de caridade.

– Fantástico – diz Adelaide com rigidez.

Parece uma fadinha linda. Foi assim que Remy a descrevera pela primeira vez em seu diário execrável, mas tal adoração não duraria. *Infelizmente, não passa de uma boneca, uma boneca com o cérebro vazio. Nada que me interesse ou me divirta*, voltara a escrever já para o final. Não que Adelaide possa se dar ao luxo de ser presunçosa, pois Remy dissera coisas muito piores sobre ela, o velho desgraçado. Na verdade, a publicação altamente contestada dos diários dele, dois anos após sua morte, tinha sido a única vez em que ela sentira algum tipo de afinidade com Coco. Remy as tratara pessimamente ao longo dos anos. E seus diários brutalmente sinceros, vendidos pela oferta mais alta por aquela Monica, aquela Judas, humilharam igualmente as duas quando os exemplares chegaram às prateleiras. (Adelaide ainda não perdoou Monica por isso. Jamais deveria tê-la apresentado a Remy, menos ainda o encorajado a aceitá-la como sua empresária também. Nem é preciso dizer que Monica será retratada com o devido desprezo no livro de memórias de Adelaide.)

Ela olha fixamente para o túmulo, sentindo o pulsar da raiva causada pelas múltiplas traições do ex-marido, o coração ainda machucado. Ele a decepcionara demais e apenas agravara suas traições ao morrer sem sequer tentar se redimir. Mas Remy a *amava*, lembra Adelaide a si mesma, e se lembra dele chegando a Berlim para buscá-la quando ela finalmente estava bem para deixar o hospital. Ele a tirou de lá e a levou para a Provença, para que terminasse de se recuperar com tranquilidade, só os dois – e era exatamente disso que ela precisava.

– A propósito – diz Coco –, eu estava arrumando alguns pertences dele outro dia e encontrei algumas coisas que deveriam ficar com você. Há uma pequena aquarela com seu nome escrito no verso. Diz "Para Adelaide", só isso. Há também uma carta para você, o envelope ainda lacrado, presa ao quadro com um pedaço de fita adesiva.

– Uma carta? – repete Adelaide, assustada. – Do Remy? O que diz?

– Eu não *abri* – fala Coco, envolvendo mais o corpo com o cardigã preto drapeado. – Acabei de dizer que o envelope está lacrado. Você pode não ter muita consideração por mim, Adelaide, mas pelo menos respeito a privacidade das pessoas.

É uma pena que você não tenha respeitado o casamento de outra mulher, Adelaide tem vontade de dizer, mas não diz.

– Bem... obrigada – responde, um tanto relutante. Mesmo tantos anos depois, ela se ressente de ter que agradecer a Coco por qualquer coisa. – Você quer que eu passe lá para pegar ou...?

– Talvez pudéssemos nos encontrar para tomar um drinque. Colocar a conversa em dia – sugere Coco, para grande surpresa de Adelaide.

Que diabo as duas têm a dizer uma à outra, depois de tanto tempo? *Ele me amou mais! Mas eu dei a ele dois filhos preciosos!*

– Você parece desconfiada – comenta Coco –, mas não se trata de nenhum ardil. – Ela suspira e aponta para o túmulo diante delas. – A vida é curta, certo? Curta demais para termos inimigos, para cultivarmos a amargura. Podemos beber alguma coisa juntas, não acha? Reclamar do marido terrível que tivemos. Talvez também falar sobre como amamos esse homem.

Adelaide engole em seco, sem saber como responder. Seu orgulho está dizendo: *Prefiro morrer!* No entanto, ela também sente certa curiosidade pelo que as duas, as esposas de Remy, poderiam conversar. *Você não se sente solitária?*, pergunta Jessica, preocupada, em sua mente (*cala a boca, Jessica*), mas é verdade que ela se tornou deliberadamente uma ilha na última década, repelindo o contato social quando o mundo se mostrou excessivo. Adelaide pode até discordar de Coco sobre a vida ser curta demais para se ter inimigos (jamais), mas vem descobrindo nos últimos tempos que ser uma ilha pode se tornar cansativo.

– Muito bem – concorda ela por fim. – Sim. Vamos fazer isso.

Pouco tempo depois, ela dá uma desculpa para ir embora, de modo que Coco possa ficar com Remy só para si. Apesar de tudo, sente-se intrigada. Uma pequena aquarela, com "Para Adelaide" escrito no verso, uma última carta... O que será que diz? E será que ela quer mesmo saber?

Capítulo Quinze

Com o fim de semana chegando ao fim, Jess tem a forte sensação de que gostaria de um segundo fim de semana para se recuperar do primeiro. Ela lavou três levas de roupa – a máquina de lavar de David aparentemente não teve nenhum trabalho enquanto as meninas estavam com ele –, reabasteceu os armários de comida e assumiu o habitual papel de motorista, deixando as filhas no centro da cidade e na casa de amigos, conforme solicitado. Também comprou shorts de educação física novos para Polly e um carregador de celular novo para Mia, para substituir o que foi perdido (Jess está convencida de que, em algum lugar do mundo, há uma enorme pilha de itens perdidos que pertencem às meninas Bright). Como se tudo isso não fosse suficiente para uma única mulher, ela também terminou e enviou o capítulo de amostra para Adelaide e Lucas, junto com a fatura do valor que ainda deve ser pago. Às vezes, muito ocasionalmente, Jess tem a sensação de que está no controle da própria vida. Mas é muito cansativo fazer todo esse gerenciamento sozinha, pensa, enquanto esvazia a lava-louças naquela noite. Por mais satisfatórias que sejam as conquistas, não é a mesma coisa que ter alguém com quem compartilhá-las.

No instante seguinte, o comentário enigmático de Mia sobre David volta à sua mente. *Será que* ele *ainda está sozinho?*, se pergunta. Ou uma nova pessoa apareceu em seu mundo, uma pessoa importante para ele, como Mia parecia sugerir? Então, ela se vê de volta àquela noite terrível dois anos antes – *Jess... Preciso te contar uma coisa* –, vê David constrangido e na defensiva, andando de um lado para outro na sala, com ela tão atordoada que mal conseguia entender as palavras.

Talvez os amigos dele estivessem empenhados em lhe arrumar alguém, arranjando jantares e saídas à noite, como os amigos dela haviam tentado.

Talvez David tivesse conhecido uma colega linda, a versão feminina dele, que vive para os esportes e sente prazer em ficar debatendo estatísticas de arremessadores rápidos e médias de rebatidas até as estrelas brilharem no céu. Não, espera, essa era Bella, a publicitária de 25 anos de Brisbane. *Eu fui infiel*, dissera David novamente, andando de um lado para outro, incapaz de encará-la nos olhos. *Ela tem quantos anos?* Jess se lembra de ter balbuciado, a repulsa revirando seu estômago em meio ao choque intenso. Os olhos dela não tinham se desviado nem uma vez para outro homem durante os anos de casada. Só de pensar no marido tirando a roupa de outra mulher, passando as mãos por todo o corpo dela, os telefonemas e as mensagens de texto secretos, os encontros escondidos em quartos de hotel... Era como se David tivesse arremessado uma bola de demolição contra o mundo dela e tudo estivesse desmoronando, virando escombros. *Meu Deus, David!*, gritara Jess, mal conseguindo assimilar o que estava ouvindo. *Como você pôde fazer isso com a gente?*

Mas há algumas perguntas para as quais não há respostas, pensa ela ainda magoada, enquanto arruma os talheres na gaveta. E há algumas revelações das quais não há como voltar atrás, quer a pessoa goste ou não. Seus pensamentos se voltam para Adelaide, e ela imagina como deve ter sido difícil para a mulher quando aquele idiota do Remy a trocara por Coco, muito mais jovem. Pelo que Jess lembra dos diários explosivos dele, Remy já tivera vários casos com integrantes da sociedade parisiense, mas saber do envolvimento dele com a bela e vazia Coco, depois de conviver com a inteligência afiada e apaixonada de Adelaide, deve ter sido o golpe derradeiro. Ainda assim, Adelaide acabara perdoando-o, não é mesmo? E voltou a amá-lo. Jess não consegue imaginar uma reviravolta daquelas, mas sente uma pontada de tristeza porque não vai poder ouvir a história contada pela própria Adelaide, para essa parte do livro de memórias. Deixa pra lá.

Ela fecha a porta da lava-louças depois de esvaziá-la, sentindo-se cansada. Se David tem uma nova parceira, então boa sorte para ele – e para aquela mulher misteriosa também. Jess, por outro lado, está ocupada demais para pensar nesse tipo de coisa.

* * *

Uma semana se passa e uma quantia substancial entra na conta de Jess, da

parte de Adelaide, mas não há nenhuma palavra, nem mesmo de agradecimento, em relação ao capítulo. Tudo bem. Talvez seja melhor assim, já que Edie foi pega matando aula de novo, Mia ainda está com o coração partido e Polly fraturou um osso do pulso em uma partida de críquete, o que tornou necessária uma corrida ao pronto-socorro. Jess está feliz por poder estar ali, como a mãe confiável que trabalha em casa, enquanto as filhas seguem aos trancos e barrancos até o fim do ano letivo. Às vezes, por mais que a pessoa deseje que um trabalho seja a versão idealizada de seus sonhos, é preciso reconhecê-lo pelo que é, depois pegar o dinheiro e seguir em frente. E é exatamente isso que ela vem tentando fazer nos últimos dias: escrever e enviar sua coluna de consultório sentimental e apresentar várias ideias de matérias – incluindo uma sobre viajar sozinha aos 40 anos e redescobrir uma cidade favorita mais de vinte anos depois, além de uma matéria bem-humorada sobre experiências como *ghost-writer*. Desesperada, Jess sugeriu até um artigo sobre pessoas que gostam de gatos *versus* pessoas que preferem cães para a revista *Our Pet*.

Ela recebeu alguns retornos tímidos – um editor de reportagens especiais de um jornal pareceu bastante interessado no artigo sobre *ghost-writers*, até Jess deixar claro que "Não, ela não podia divulgar qualquer dado pessoal sob risco de ser processada", e depois disso o homem perdeu o interesse. A revista sobre animais de estimação nem se deu ao trabalho de responder. Agora, Jess está pensando em propor uma matéria sobre as London Bohemians e sua influência duradoura na arte contemporânea. Uma rápida releitura do contrato redigido por Lucas a faz lembrar que ela não tem permissão para revelar qualquer informação recolhida na conversa com Adelaide – ou seja, não é permitido divulgar nada que manche a reputação de Adelaide usando aquelas informações –, mas não há qualquer cláusula que a impeça de pesquisar aquele período específico da história da arte.

Infelizmente, várias integrantes do grupo não estão mais vivas: Esme sofreu um acidente vascular cerebral há vários anos e morreu em um lar de idosos na Costa Sul; Rita teve um infarto em sua casa, em Galway, quando tinha 60 anos; e Jeanette teve câncer na garganta, se recuperou, mas acabou pegando Covid na primeira onda e morreu sozinha em um hospital de Londres. Pelo menos Margie ainda está viva, embora more em Pasadena – ela se aposentou da vida de artista e passa seu tempo com alguns cães que resgatou e muitos netos, pelo que Jess pôde descobrir na internet.

Em um reflexo, Jess fecha os dedos ao redor do globo de neve em cima de sua mesa enquanto faz um apanhado geral da situação. Ela adora globos de neve desde que era bem pequena e sua babá de Essex lhe dera um de Natal. Nele, o Papai Noel caminhava por uma paisagem nevada, com um saco de presentes nas costas e um pequeno tordo empoleirado no ombro. Esse globo morou no quarto de Jess durante toda a infância, um oásis pequeno e tranquilo em cima da cômoda, até o dia – Jess devia ter uns 13 anos – em que ela deixou um dicionário de francês cair em cima dele, estilhaçando o globo em fragmentos minúsculos e irreparáveis. Adeus, Papai Noel. Boa sorte, pequeno tordo.

Jess vira o globo de neve na mão, fazendo os minúsculos flocos brancos se agitarem e assentarem. Esse ela ganhou de Polly de presente de aniversário alguns anos antes, e tem a London Eye, o Big Ben e a Tower Bridge todos amontoados (de um jeito impossível), junto com um típico ônibus de Londres e um táxi preto.

– Porque você ama Londres e adora neve! – exclamou Polly em triunfo, quando Jess abriu o presente, enquanto David dizia um "desculpe" silencioso, ao fundo, provavelmente achando que tinha ajudado na compra de um presente particularmente ruim. Mas...

– Que esperta, eu adorei! – agradeceu Jess, abraçando a filha com o mesmo entusiasmo que tinha abraçado a babá de Essex naquele Natal tantos anos antes. – Agora posso ter neve sempre que eu quiser.

No instante em que ela se pergunta, um tanto desesperada, se algum editor de jornal ou revista poderia estar interessado em uma matéria sobre globos de neve (em julho? Provavelmente, não), seu celular toca. O coração de Jess dá um salto nervoso quando ela vê o número de Lucas na tela, porque Jess não pode mentir, o capítulo que enviou na semana anterior traçou um retrato nada favorável de Adelaide. Ninguém leria aquilo e pensaria: *Ela parece uma pessoa legal*.

Será que ele está ligando para me dar uma bronca pelo que escrevi?, pergunta-se Jess, sentindo-se desconfortável. E se as palavras afiadas que usou no texto fizeram Adelaide ter um infarto, ou a jogaram direto nos braços da morte? Mas a verdade é que ela foi paga pelo trabalho, e prontamente, portanto seria estranho ele ligar para reclamar agora, certo?

Só há uma forma de descobrir. Ela leva a mão à altura do coração e respira fundo. Em seguida, desliza o dedo pela tela para atender a chamada.

– Alô?

Capítulo Dezesseis

Adelaide olha da janela da cozinha para a praça abaixo, perdida em lembranças. O aniversário de Remy passou, mas o ex-marido permanece em sua mente, até porque, ironicamente, ele sempre sonhou com um apartamento na Place des Vosges. Ela havia feito uma oferta por aquele imóvel no fim dos anos 1990, movida pela ansiedade e pelo desespero, esperando dar a Remy uma razão para viver, mas ele morreu antes mesmo de ela assinar a papelada. Típico de Remy. Um último golpe já na porta de saída.

Lá embaixo, um guia turístico com uma bandeira da República Tcheca presa à mochila conduz um grupo protegido por chapéus de sol pela praça, e Adelaide se vê de volta em Praga, revivendo uma noite que preferiria esquecer. Ela e Remy estavam em uma festa pós-exposição na cidade, onde a mostra dele, Le Temps du Monde, havia sido lançada – com uma recepção um tanto conflitante, como se viu, pois alguns críticos começaram a chamá-lo zombeteiramente de "Monsieur Adelaide". (Nem é preciso dizer que aquilo foi tão bem-recebido quanto um condenado em fuga batendo à porta.) Mas aquilo ainda ia acontecer – o lançamento da mostra em si estava repleto de grandes pensadores e pesos pesados da cena cultural de Praga, o burburinho era positivo e, embora Remy tivesse ficado pálido de raiva no início da semana por causa da distribuição das pinturas no espaço (ele levara pelo menos um pobre membro da equipe da galeria às lágrimas), acabara relaxando no papel de estrela da noite, o peito visivelmente estufado enquanto os elogios continuavam a fluir em sua direção.

Era uma noite de novembro e Praga estava fria e escura, com uma camada espessa de neve no chão e cobrindo os telhados. Postes de luz solitários pontilhavam as antigas pontes de pedra como sentinelas acesas,

enquanto os bares e restaurantes tinham as janelas embaçadas, prometendo o conforto do calor e da alegria lá dentro. A galeria havia organizado uma festa para depois da inauguração da exposição no restaurante de um hotel da Cidade Velha, com mesas cobertas por toalhas brancas e serviço de prata, e um trio de jazz tocava em um canto. O clima era de euforia até logo depois de os pratos principais serem retirados, quando Remy desapareceu sem dizer uma palavra.

– O Sr. Lavigne está se sentindo mal? – perguntou o galerista de Praga enquanto as garçonetes começavam a distribuir a sobremesa: fatias gigantescas de bolo com camadas de chocolate e creme, além de café servido em finos jatos escaldantes de bules altos de prata.

– Está tudo bem, senhora? Acha que foi algum problema com a comida? – perguntou também o maître, em voz baixa e preocupada, com as mãos às costas enquanto se inclinava na direção de Adelaide.

– O que aconteceu com o Remy? – indagou um jornalista do *Prague Post*, com os olhos cintilando em expectativa. – Onde ele está? Há algo que deveríamos saber?

Adelaide não tinha como responder às perguntas – estava tão confusa quanto todos eles. Seus olhos se desviavam o tempo todo para a saída do restaurante, para as portas dos banheiros, esperando que Remy reaparecesse com um sorriso de desculpas, uma história, alguma explicação. Ela até deixou o salão e saiu andando pela recepção do hotel procurando por ele – será que Remy tinha ido fazer alguma ligação? Talvez precisasse de um momento a sós? –, mas não o encontrou em lugar algum.

Será que ele também humilhou Coco publicamente alguma vez?, pergunta-se Adelaide. É claro que Coco há muito ocupa um lugar de destaque na lista de desafetos d'*A arte da vingança* de Adelaide, portanto ela não vai começar a sentir *pena* da mulher, mas não consegue evitar algumas especulações aleatórias. Graças aos diários de Remy, Adelaide sabe que ele dormiu com uma dançarina do Moulin Rouge no dia seguinte ao nascimento do filho Maxime (seria possível a infidelidade ficar *ainda* mais vulgar?), mas ela imagina que, na época, Coco estava encasulada em uma ala de maternidade com seu bebê, abençoadamente ignorante do comportamento atroz do marido. Após ver Coco, Adelaide está inesperadamente interessada em tomar aquele drinque com ela. A perspectiva de trocar histórias de guerra com alguém que lutara no mesmo front vem se tornando mais interessante a

cada dia. E, é claro, ela está encantada com a ideia daquele último quadro, daquela última carta com seu nome. A parte irritante da história é que ela e Coco não conseguiram achar um horário conveniente para se encontrarem, e agora a mulher deixou a cidade e foi à Île de Ré, onde Maxime organizou férias de quinze dias para toda a família.

A cafeteira sibila como um gato furioso e Adelaide a desliga, tentando não pensar em Coco andando de bicicleta pela ilha com os filhos e noras ou genros. Ela provavelmente ainda tem pernas lindas, sem varizes à vista, e fica sensacional com um enorme chapéu de sol e óculos escuros no estilo Jackie Onassis. Será demasiado cruel ter esperança em um ônibus desgovernado, um motociclista distraído ou um motorista bêbado ao volante depois de um segundo copo de vinho à hora do almoço? Ela supõe que sim.

Lá em Praga, Adelaide tinha tomado um conhaque no bar antes de voltar para a mesa, sentindo uma energia nervosa se apoderar dela. Sim, era estranho, disse para a mulher ao seu lado, tentando manter a compostura. Não, ele nunca tinha feito nada parecido. O vestido elegante de lã que ela usava colava às suas costas por causa do suor; a tentativa de atenuar o rubor excessivo do rosto com uma camada grossa de pó facial no banheiro feminino se mostrou inútil. Felizmente o jantar terminou. Adelaide voltou depressa à recepção do hotel, com um sorriso fixo que fazia o maxilar doer, e perguntou se alguém poderia verificar discretamente os banheiros masculinos e os outros bares ao redor do hotel. Nada ainda.

Remy estaria no hotel onde estavam hospedados, do outro lado da cidade, certo? Ela entraria no quarto e ouviria as desculpas dele, o pedido de perdão. Mas, um pouco mais tarde, quando enfim abriu a porta do quarto, ela constatou que estava escuro e silencioso, a cama cuidadosamente arrumada, irritando-a com seu vazio. Parada na porta, com a neve derretendo nos ombros do casaco, Adelaide de repente se lembrou do modo como o marido e uma garçonete sorriram um para o outro naquela noite e sentiu algo se contrair em seu âmago. Ele não teria feito uma coisa daquelas, não é mesmo?

Ah, Adelaide.... Ela sente vontade de voltar no tempo e se sacudir por ser tão confiante. É claro que ele faria uma coisa daquelas. E é claro que tinha feito. E Remy continuaria, iria além, tomando atitudes semelhantes vezes sem conta.

O porteiro eletrônico toca e Adelaide é arrancada de suas lembranças. Deve ser Lucas, que ligou cedo pela manhã, sugerindo se juntar a ela em sua caminhada matinal "para que possamos conversar". Só Deus sabe o que *isso* significa. Será que ele esbarrou em alguma coisa crítica no arquivo? Ou também está prestes a abandoná-la?

– Já vou – diz Adelaide, enquanto ela e Jean-Paul descem a escada.

É outro dia escaldante. Ainda não são nove horas e o ar já parece pegajoso. A cidade vai estar úmida e lenta, e as ruas, abarrotadas de turistas suados. Pela primeira vez em anos, ela se vê recordando com saudades os chuvosos verões ingleses, em que todos reclamam do clima terrível. Vai acabar deitada no piso de cerâmica frio da cozinha, ofegante como Jean-Paul, se a temperatura subir ainda mais.

– Então... boas notícias. Os editores adoraram o capítulo de amostra da Jess – conta Lucas ao atravessarem a praça.

As árvores estão cheias de folhas e garantem uma sombra abençoada quando as pessoas param embaixo delas, mas eles estão no centro, sem um galho sequer entre suas cabeças nuas e o céu. Adelaide percebe com o coração apertado que o sobrinho tem uma expressão severa no rosto. Experiências anteriores lhe dizem o significado disso: ele já tomou uma decisão e não aceitará argumentos.

– E devo dizer que também adorei! – continua Lucas. – O texto é vibrante e divertido, e acho que ela realmente pegou o seu tom, do início ao fim... tem um toque rabugento que é muito cativante.

– Humm – murmura Adelaide.

Na verdade, o capítulo a pegara de surpresa. Quem diria que Jessica, com aquele rostinho inocente, tinha também um traço tão maldoso? Não havia nada reconfortante no texto, nenhuma romantização, apenas as palavras enérgicas de Adelaide, fielmente reproduzidas e ordenadas em frases articuladas e cheias de ímpeto. As amostras de capítulos que vieram dos escritores testados antes de Jessica eram de um sentimentalismo efusivo.

– Não tenho certeza – continua ela.

Transcrever algumas histórias de infância é uma coisa, imagina Adelaide, mas empunhar a faca contra Simon, Remy, Coco, Monica e todos os seus profundos desafetos... isso é outra coisa bem diferente. Será que Jessica conseguirá atingir os níveis de crueldade que Adelaide gostaria de infligir?

– Acho que deveríamos seguir com ela – diz Lucas –, mas, por favor, pelo

amor de Deus, seja mais gentil com a mulher. Chega de ataques de pirraça. Chega de esconder o jogo.

– Ataques de pirraça? – repete Adelaide, erguendo-se em toda a sua altura com tanta indignação que quase dá um jeito nas costas.

Seja mais gentil, sinceramente..., pensa, irritada. No dia em que Adelaide adotasse "Seja mais gentil" como mantra, ela poderia muito bem dar um tiro na própria cabeça.

– Não é de admirar que a sua esposa tenha te abandonado, se é assim que você fala com as mulheres – revida ela, incapaz de se conter.

Algum tempo se passa e Lucas permanece calado, mas sua expressão, com os lábios cerrados, deixa evidente para Adelaide que a resposta dela foi um golpe baixo. E foi mesmo. Ele tem razão.

– Desculpe – murmura ela, mas o sobrinho já está falando de novo.

– A Jess esteve em Little Bower, sabia? – comenta ele. – Tem fotos no Instagram dela. Espero que isso seja um sinal de que ainda está interessada em você e no livro.

Adelaide sente um arrepio desconfortável percorrer sua espinha, apesar da manhã abafada de julho. Jessica anda bisbilhotando Little Bower? Ela não gosta nada daquilo. O que espera encontrar lá?

– Humm – é tudo que Adelaide volta a murmurar.

Para crédito de Jessica, as pequenas armadilhas que Adelaide preparou para ela – as mentiras, as omissões deliberadas – tinham sido claramente percebidas e evitadas todas as vezes. A mulher não é tão ingênua quanto parece.

– Você não concorda que o capítulo foi bem escrito? – pergunta Lucas.

Eles ainda estão no meio da praça, esperando Jean-Paul farejar ao redor das pernas de um banco, e no instante seguinte percebem um jovem com cabelos castanhos e desgrenhados correndo em direção a eles, parecendo muito determinado. Ah, por Deus. Deve ser um fã alucinado, sem dúvida. Ela consegue identificá-los a quilômetros de distância.

– Srta. Fox? É você, certo? – pergunta ele, a voz trêmula de empolgação. Inglês, elegante, do tipo que espera conseguir tudo o que deseja... Adelaide já conheceu homens como ele o suficiente. – Posso tirar uma selfie?

– Não, certamente não pode – responde ela.

Como detesta essa moda de câmeras enfiadas na cara, de estranhos

invadindo seu espaço pessoal, esperando que ela abra um sorriso forçado para uma lente. Podem muito bem ir para o inferno, todos eles.

O homem parece desapontado, mas mesmo assim recua. Pelo menos ele não está murmurando que ela é uma vaca como alguns fazem.

– Certo... – diz ele, e se inclina para cumprimentá-la. – Desculpe incomodar. Acho seu trabalho surpreendente. É uma verdadeira honra te conhecer.

– Obrigada – diz Adelaide com gentileza, e logo dispensa o homem ao se virar para o cachorro. – Pelo amor de Deus, Jean-Paul, esse é o mesmo banco que você cheira todos os dias.

O rapaz entende a deixa e se afasta, sem dúvida para tentar tirar fotos clandestinas à distância. Que seja. Ela não tem energia para se importar.

– De volta ao livro de memórias... – insiste Lucas, e Adelaide solta um gemido.

Ela está cansada de pensar em Jessica, no livro de memórias, em toda aquela ideia estúpida. Gostaria de viajar no tempo e voltar à Provença – pintar maçãs como Cézanne, mergulhar em uma piscina da cor de uma água-marinha, deixar a água encobrir sua cabeça. Se desligar do mundo. Adelaide se lembra da piscina que ela e Remy tinham em sua casa na Provença, como ele mergulhava bem, o corpo ágil desenhando um arco perfeito da terra para a água, deixando apenas uma ondulação. Tem vontade de voltar no tempo e fazer escolhas diferentes. Tentar de novo.

– Os editores estão interessados – repete Lucas, como se Adelaide se importasse com o que um monte de gente de Londres que ela nunca viu pensa. – Eles são mesmo a favor dessa parceria com a Jess. Pense no que isso pode significar para você... um interesse imenso e renovado no seu trabalho. A sua história alcançando milhares de pessoas em todo o mundo... milhões até. Isso vai ser um tapa na cara de qualquer um que já agiu mal com você, não vai? – acrescenta ele, em tom persuasivo. – Os idiotas que não acreditaram em você.

Adelaide o encara com desconfiança. Ela não disse a Lucas – nem a ninguém, aliás – que pretende que seu livro de memórias seja um último ato de vingança. Será que ele adivinhou suas intenções?

– Talvez eu deva conversar com ela – admite Adelaide depois de um instante, quando Jean-Paul finalmente conclui suas explorações no banco e

eles voltam a caminhar mais uma vez. – Para ver se conseguimos suportar a ideia de trabalharmos juntas por mais algum tempo.

– Ou talvez eu pudesse falar com ela, que tal? – sugere Lucas. – Sondar o terreno.

– Ah, tudo bem – concorda Adelaide. – E você também pode tirar esse sorriso do rosto – acrescenta ela, sem nem mesmo olhar para ele. – Não pense que me tornei uma criatura influenciável na velhice.

– Eu jamais pensaria isso – responde ele.

Parte Dois



Capítulo Dezessete

Depois de algumas semanas, Jess está de volta ao Eurostar, mais uma vez a caminho de Paris, só que agora parece diferente. *Ela* se sente diferente. Que emoção ter algum poder, para variar, poder dizer a Lucas que não, na verdade ela *não podia* voltar imediatamente para a França, mesmo que a tia velha e irritadiça dele estivesse estalando os dedos para chamá-la – precisava entregar outro trabalho importante antes. Jess presumia que seria capaz de voltar a trabalhar no livro de memórias em agosto. (Para ser sincera, o suposto trabalho importante não existia: ela ia levar as filhas para uma semana de férias em Norfolk, mas Lucas e Adelaide não precisavam saber disso. Que pensassem que ela estava sendo muito disputada e fazendo um favor a eles aceitando escrever o livro.)

O momento também é fortuito, pois David já ia ficar com as meninas na segunda quinzena das férias escolares. Durante o resto do verão, ele vai cobrir jogos-teste de críquete em todo o país, depois, no outono, vai para a Índia, para a Copa do Mundo de Críquete Masculino, ou seja, essa é praticamente a única quinzena em que Jess pode se comprometer com Adelaide em Paris. Será que vai ser suficiente para ela reunir todas as informações de que precisa sobre a mulher? *Vai ter que ser*, pensa. Além disso, elas sempre podem fazer videochamadas, mesmo que Adelaide aparentemente as deteste.

Jess ainda não está acostumada a dividir as férias escolares com o ex-marido dessa maneira – é apenas o segundo verão em que se organizam assim. A ideia de David viajar só com as meninas, sem ela, parece muito estranha. Os quatro partiram no dia anterior, de manhã, para a Itália, onde ele aparentemente alugou uma villa toscana que parece chique e tem até piscina, segundo Polly. Não se trata de uma competição, mas isso sem

dúvida vai superar a organização das férias que as filhas tiveram recentemente com Jess, hospedadas em uma casa de campo com um cheiro embolorado (mas, fora isso, maravilhosa!), a um quilômetro da praia mais próxima.

– Jura? Preciso mesmo dividir o quarto com a Edie *e* a Mia? – questionou Polly, consternada, quando chegaram. – Meu Deus, mãe, isso é um castigo, não férias! – (Jess às vezes pensa que Polly deve ter sido uma princesa em outra vida... A filha sem dúvida tem o ar de alguém que se sente permanentemente prejudicada.) – *Cada* uma de nós vai ter um quarto na Itália, sabia? E todos são suítes e tudo mais. Não é como...

– Cala a boca, Polly – repreendeu Edie e, por um instante, Jess achou que estava prestes a receber alguma lealdade da filha do meio, até ela acrescentar: – Como se a gente quisesse dividir o quarto com você!

Quanto a Mia, que passou a semana em Norfolk exibindo o cansaço de uma garota de 17 anos que estava lá contra a vontade, ela preparou uma surpresinha para Jess e David: comunicou que não vai pegar o avião de volta da Itália com o pai e as irmãs no fim das férias; em vez disso, embarcará em um trem para Nice no dia anterior, pois combinou de se encontrar com um grupo de amigas para umas férias só das meninas.

– Não se preocupem, economizei e vou pagar por tudo! – avisou, quando jogou aquela bomba.

– Essa não é a parte que mais me preocupa – respondeu Jess.

Ainda assim, depois de algum debate, ela e David consentiram com o plano. Afinal, Mia vai fazer 18 anos em setembro e prometeu a) ser sensata, b) cuidar de si mesma e c) atender o maldito celular quando a mãe precisar checar como ela está. *Os tempos estão mudando*, pensa Jess, olhando pela janela do trem enquanto o interior da Inglaterra passa velozmente.

Nesse meio-tempo, ela tem as próprias aventuras em que pensar, com duas semanas completas em Paris no horizonte, além de mais quatro meses de escrita depois, já que o objetivo é entregar o primeiro rascunho do livro até o Natal. Renda garantida! Uma equipe editorial fantástica! Trabalho estável pelo resto do ano! Além do mais, com o incentivo de Becky, ela estabeleceu algumas regras básicas.

– Não se atreva a deixar aquela velha ranzinza gritar com você ou te tratar como lixo de novo – exigiu a amiga. – Você é um ser humano com sentimentos, mesmo que ela não seja.

Jess não foi tão direta quanto Becky, mas explicou a Lucas – ou Luc, como ele sempre assina os e-mails – que se a ideia é escrever um bom livro de memórias, ela precisa ter acesso a todos os fatos disponíveis.

– Sei muito bem que Adelaide estava escondendo informações na metade do tempo que passamos juntas – disse ela quando os dois conversaram ao telefone. – Não posso fazer meu trabalho se a sua tia continuar guardando os detalhes importantes.

Bem, agora é esperar para ver se as coisas vão ser diferentes na segunda vez. Jess fez uma reserva no mesmo hotel de antes e já está ansiosa para conversar com Beatrice, sem mencionar ver Valentin na *brasserie*. Mais emocionante ainda, ela não perdeu tempo e marcou logo um novo encontro com o lindo Georges, o que a deixa agitada (de um jeito bom) sempre que pensa a respeito. Jess colocou na mala seu macacão preto favorito para a ocasião, a roupa que sempre faz com que se sinta glamorosa e sexy. É verão! É Paris! Ele é uma antiga paixão e muito bonito! De quantos motivos uma mulher precisa para se vestir bem?

Jess toca o pingente dourado pendurado no cordão em seu pescoço, e os dedos se fecham na metade de um coração escurecida pelo tempo. Depois de revirar todas as caixas guardadas no sótão, onde havia diários antigos, revistas escolares, álbuns de fotos, redações da época da universidade e coisas do gênero, ela enfim encontrou o que procurava: o colar que completava o de Pascale, comprado havia mais de duas décadas, naquele fatídico verão em Paris. Ela provavelmente nunca vai saber a verdade sobre o que aconteceu com a amiga, mas talvez possa revisitar alguns lugares que frequentavam naquela época, como forma de honrar sua memória.

Mas isso é para a Jess do futuro. No momento, ela tem um romance delicioso para ler, além de uma xícara de chá e um grande *pain au chocolat* crocante do vagão-buffet para degustar. À medida que o trem mergulha no túnel, Jess se pega ansiosa pela próxima quinzena do outro lado do Canal da Mancha.

Capítulo Dezoito

Dizer que Adelaide está nervosa com o retorno de Jessica ao apartamento na segunda-feira de manhã parece absurdo, mas... bem, o fato é que ela *se sente* bastante agitada com a perspectiva de começar tudo de novo, ainda mais sabendo que dessa vez é para valer. Nada de fugir das perguntas de que não gosta. Nada de evitar verdades difíceis.

A campainha toca na hora certa, e Jean-Paul se levanta com um pulo de seu refúgio fresco no chão da cozinha para soltar uma saraivada estridente de latidos, e lá vai Marie-Thérèse, *tum-tum-tum*, atender a porta. E, assim, elas começam de novo.

– Bom dia, Adelaide. Bom dia, Jean-Paul! – diz Jessica, entrando.

Ela está muito elegante em uma camisa de cetim branca de manga curta e calças curtas azul-marinho. Carrega uma bolsa grande, de onde tira não apenas uma embalagem de petiscos para cachorros ("Somos amigos agora, não somos, Jean-Paul?"), mas também uma caixa de chá inglês, alguns *crumpets*, um pote de Marmite e uma barra de chocolate ao leite da Cadbury.

– E algumas guloseimas da Inglaterra para você – completa ela, colocando os presentes na mesinha de centro.

É tão atencioso da parte da jornalista que Adelaide se pega brevemente sem palavras. Nos bons tempos, ela se habituou a grandes gestos – buquês de flores, prêmios, recepções com champanhe –, mas já faz muito tempo que ninguém pensa em lhe oferecer pequenos mimos como esses. É ridículo, na verdade, que um pacote de pãezinhos de supermercado e alguns saquinhos de chá possam fazer seus olhos arderem com lágrimas contidas, mas é o que está acontecendo.

– É muita gentileza da sua parte – diz Adelaide. – Nossa, faz anos que

não como Marmite. – Ela tem um sorrisinho no rosto quando estende a mão para tocar a tampa amarela do pote da pasta escura e salgada. – Décadas. Obrigada. Eu sempre soube que você era a pessoa certa para esse trabalho.

É uma piada, claro, uma piadinha às custas de ambas, e não é particularmente engraçada, mas serve para quebrar o gelo, porque Jessica sorri em resposta e diz:

– Ah, com certeza, eu também!

Então elas se entreolham, a princípio um tanto apreensivas, mas é como se tudo o que aconteceu antes tivesse passado e as duas pudessem seguir em frente. Ao menos essa é a esperança de Adelaide.

Marie-Thérèse é convocada para preparar um bule de chá com o presente que Adelaide acabou de ganhar, depois elas começam a trabalhar. Jessica começa sugerindo que passem algum tempo conversando sobre o livro de memórias como um todo, para pôr todos os pingos nos is, por assim dizer, desde o início. É preciso pensar sobre a estrutura, diz ela, determinar o que Adelaide *deseja* com o livro e se há áreas específicas nas quais ela gostaria de se concentrar mais. Jessica teve a ideia de dar a cada capítulo o nome de um quadro de Adelaide e já fez uma lista provisória.

– É só uma ideia – comenta Jessica, tirando da bolsa um pedaço de papel datilografado. – Além disso, gostaria que você me dissesse o que está fora de questão. Sei que há certos pontos que você não quis abordar da última vez, o que é justo, e é claro que a palavra final sobre tudo será sua. Mas...

– Nada está fora de questão – interrompe Adelaide. – Vou te contar tudo o que quiser saber. Tudo. Na verdade, estou ansiosa para tirar algumas coisas do peito, esclarecer certos assuntos de uma vez por todas.

Jessica arregala os olhos.

– Até... o que aconteceu com o seu irmão? – confirma. – E... bem, peço desculpas por parecer indelicada, mas você mencionou um estupro...

– Sim, vou te contar sobre isso. E também vou contar como coloquei fogo no apartamento dele depois. E como o incêndio arruinou o rosto do homem para sempre – diz Adelaide bruscamente, o que faz Jess parecer ainda mais espantada. Chocada, talvez. *Aperte o cinto, garota*, pensa Adelaide. *Esse é só o começo*. Então ela respira fundo porque, apesar da bravata, as próximas palavras vão ser mais difíceis. – E vou falar tudo sobre o William.

Jessica encontra o olhar dela.

– Tem certeza?

Adelaide faz uma pausa e reconsidera. Ela *tem* certeza? Recontar essa parte de sua vida vai parecer mais uma autoflagelação, contrastando com os ataques a outras pessoas que vão ocupar boa parte do livro. Adelaide carrega a história de William consigo há tantos anos que já se acostumou a suportar o fardo sozinha. E se ela soltar aquela história, se contar em voz alta, em uma página impressa, e todo aquele fardo parecer menos pesado? Seria bom, ou seria mais nobre continuar suportando o castigo? Adelaide fecha os olhos brevemente e respira fundo. Endireita os ombros. Então, aponta para o celular de Jessica.

– Essa coisa está gravando? – pergunta.

* * *

William foi o garoto mais bonzinho que já existiu. Era apenas catorze meses mais novo que Adelaide, e os dois foram melhores amigos desde o primeiro dia.

– Cara de um, focinho do outro – costumava dizer a mãe dela, com uma expressão afetuosa nos olhos, quando estava de bom humor. – Farinha do mesmo saco – murmurava com desaprovação sempre que eles aprontavam alguma coisa.

William tinha cabelos castanhos rebeldes, olhos azuis, sardas e, na memória de Adelaide, sempre lhe faltava um dente. Ele ria alto e sabia ser exuberante, embora também fosse dado à timidez – costumava se esconder atrás das pernas da mãe sempre que as tias tagarelas que gostavam de beliscar bochechas apareciam de visita. Ele e Adelaide adoravam brincar na lama, nos antigos locais de bombardeio ao redor de Stepney, com os outros meninos e meninas das ruas vizinhas, embora tal atividade fosse estritamente proibida pelos pais de todos.

– A gente gostava de brincar nas docas de St. Katharine, que foram fortemente bombardeadas na Blitz e estavam abandonadas – conta Adelaide.

Ela evoca o lugar em sua mente: os armazéns vazios com as janelas quebradas, deixando quem entrava ali com a permanente sensação de estar sendo observado, a água turva batendo nas paredes do cais, o horizonte com espaços vazios onde antes existiam prédios.

– No verão, às vezes íamos a Yorkshire visitar os meus avós, ou ficávamos com uma de nossas tias que tinha uma casa em Surrey... com um jardim de verdade, que nós achávamos muito elegante – continua ela.

É como se voltasse para lá enquanto fala, como se estivesse correndo para cima e para baixo no gramado com os irmãos de novo, tentando subir na macieira, as mãos ficando verdes com o líquen do tronco e dos galhos. *Os quatro deviam parecer uns moleques esfarrapados*, pensa Adelaide, enquanto Jessica pontua a conversa com perguntas precisas: onde em Yorkshire, e como eles chegavam até lá? Ela consegue se lembrar do nome da rua onde a tia morava? Mais alguma lembrança em relação à casa – cheiros? Animais de estimação? Como Adelaide se sentia sempre que ia para lá? – Feliz, com saudades de casa, livre?

Adelaide responde a tudo o melhor que pode, conta tudo de que consegue se lembrar, o que é bastante coisa. Mas chega um momento em que ela finalmente precisa encarar o final da história de William e dizer as palavras em voz alta.

– Então, no verão em que eu tinha 10 anos e William, 9, meus pais disseram que tinham uma grande surpresa para nós dois – continua ela. – Eles economizaram o ano todo e, pela primeira vez, iríamos passar as férias à beira-mar, em Margate, durante uma semana. Nossa! Você pode imaginar a empolgação. Ficamos animadíssimos. Nunca tínhamos visto o mar, era algo de que só se ouvia falar nas histórias. – Uma profunda melancolia a invade quando ela evoca mais uma vez o prazer vertiginoso que sentiram, como ela e William se abraçaram, felizes, quando a mãe deu a notícia. – Então chegamos, e foi uma grande emoção ver aquela enorme extensão de azul pela primeira vez. Ver como o céu parecia vasto acima do mar. Um céu digno de Turner – acrescenta, embora, é claro, na época ela não fizesse ideia de quem era Turner.

Adelaide se vê de novo ainda menina, olhando as gaivotas gritando, com os cabelos presos em tranças e sardas espalhadas pelo nariz.

– O trem estava lotado e também atrasado, acho – segue Adelaide –, e por isso estávamos todos com muito calor e irritados quando chegamos a Margate. Mas nosso ânimo melhorou quase de imediato quando descemos até a orla... a novidade, o lugar, a aventura de simplesmente estar ali. Meu irmão Robert disse: "Até o ar tem um cheiro diferente aqui!" e todos erguemos o nariz como cachorros, farejando, até minha mãe nos mandar

parar com aquilo, dizendo que crianças educadas não *farejavam*, e que se não parássemos de fazer bagunça, voltaríamos direto para Londres, no próximo trem. – A cena se desenrolou em sua cabeça com tanta clareza como se tivesse acontecido na véspera. Isso é surpreendente, considerando que muitas vezes ela não consegue se lembrar do que estava fazendo na terça-feira anterior. – Faz décadas que não penso nisso – confessa Adelaide.

– É uma ótima imagem – comenta Jessica, com um sorriso encorajador.

– Estávamos hospedados em uma pensão a uma ou duas ruas da praia principal – volta a falar Adelaide. – E, nos primeiros dias, foi como se estivéssemos no paraíso. O clima estava perfeito... passávamos horas na praia todos os dias, construindo castelos na linda areia dourada e entrando e saindo correndo da água. O Peter e o Robert sabiam nadar, mas o William e eu não, então... – Ela vacila pela primeira vez e respira fundo. – Desculpe – murmura, entrelaçando os dedos no colo quando o resto da frase fica preso em sua garganta.

Parece difícil encontrar as palavras.

– Não precisa ter pressa – comenta Jessica. – Conte quanto quiser agora. Podemos voltar a esse assunto mais tarde, se preferir.

Adelaide assente, dobrando as pregas da saia entre os dedos, enquanto se lembra do sol quente em seus membros nus, do brilho em seus olhos. Ela quase consegue sentir a areia molhada escorrendo entre os dedos dos pés de novo, agachada na beira da água, cavando fossos e canais com as mãos. O sabor dos sanduíches de ovo e agrião e das batatas fritas salgadas, embaladas em papel vegetal para eles pela proprietária da pensão todas as manhãs. Como um dia eles desembrulharam o piquenique e descobriram pãezinhos doces macios e gelados com cerejas cristalizadas por cima, e todos comemoraram, felizes.

– Então, uma tarde, estávamos jogando críquete na praia com outras crianças... – diz ela.

E consegue sentir o peso da bola de tênis úmida na curva da palma da mão. Um dos irmãos, Peter, louco por esportes, tinha lhe ensinado pacientemente como arremessar a bola, movendo o braço direito para trás e para a frente em círculos, e Adelaide havia começado a jogar como se tivesse feito aquilo a vida toda. *Bom trabalho!*, gritou um garoto mais velho do grupo quando ela eliminou William na primeira tentativa, e Adelaide sentiu

o prazer inebriante de receber um elogio de um garoto mais velho percorrer seu corpo enquanto tentava parecer indiferente.

– O William não queria mais brincar – conta ela.

Ele era pequeno para a idade e um dos mais novos, e algumas das meninas mais velhas riam sempre que ele agitava o taco ou se atrapalhava com uma pegada. Adelaide hesita quando se lembra do rosto ruborizado do irmão, do brilho em seus olhos que deixava nítido que ele estava à beira das lágrimas. *Isso é chato, vamos brincar de fazer castelos de novo*, disse ele a Adelaide, puxando-a pelo braço.

– E eu me senti dividida – confessa ela, baixinho. – Porque eu adorava brincar de fazer castelos de areia com o meu irmão mais novo, mas também adorava estar com as crianças mais velhas. E senti que tinha subido no conceito daquele grupo. Que estava sendo aceita.

No silêncio pesado que se segue, Adelaide percebe que Jessica parou de contribuir com suas intermináveis perguntas. Ela está sendo sensível, sem dúvida, mas isso só serve para fazer Adelaide se sentir profundamente solitária. Ela fecha os olhos por um instante, mas a carinha de decepção de Will está gravada em sua mente, com uma expressão triste, como se a rejeição da irmã tivesse sido a gota d'água. Adelaide volta a abrir os olhos na mesma hora, porque ainda dói imaginar aquele garotinho magrelo implorando pela atenção dela.

– Eu disse que não – continua Adelaide, com um esforço para dizer aquelas palavras. – Virei as costas para ele.

Ela está tremendo muito, e Jean-Paul, percebendo a angústia da tutora, vai até seu lado e pressiona o corpo na perna dela. O carinho faz Adelaide ter vontade de chorar, e ela pousa a mão no cachorro, sentindo-se reconfortada com essa bondade tão pura. O que os humanos fizeram para merecer o amor dos cães?

– O William entrou no mar sozinho, mesmo sabendo que não tinha permissão – diz ela para a sala silenciosa, como se as próprias paredes estivessem ouvindo. – Nenhum de nós estava olhando para ele.

Adelaide engole em seco, imaginando o corpo franzino do irmão entrando na água traiçoeira, com os ombros nus rosados pelo sol e rígidos em desafio. *Ele estava chorando?*, ela sempre se perguntou. Como William deve ter se sentido rejeitado naquele momento...

– Mais tarde, um homem disse que uma onda o derrubou assim que ele

entrou. O William deve ter sido puxado para o fundo antes de saber o que estava acontecendo. – Ela cerra os lábios. – Podem levar apenas segundos para uma criança se afogar, sabe? Acontece de estarem na superfície em um instante e no minuto seguinte terem desaparecido no fundo. E foi... foi isso que aconteceu com o Will.

Adelaide não consegue se conter: um soluço escapa quando ela diz o nome dele, e ela cobre o rosto com a mão, porque ainda é doloroso demais pensar nele lutando para respirar enquanto seus pequenos pulmões se enchem de água. Então, se lembra do grito que ouviu, do calafrio que a percorreu como se soubesse, no fundo de seu ser, que sua vida estava prestes a mudar para sempre. O jogo parou. Eles se viraram. Alguém estava gritando, depois a mãe de Adelaide estava correndo na areia em direção a um homem de calção vermelho que cambaleava ao sair do mar segurando o corpo pálido e flácido nos braços. *Meu bebê!*, gritava a mãe de Adelaide. *Meu filhinho!*

– Ah, Adelaide... – diz Jessica em algum lugar próximo. – Que terrível. Sinto tanto...

Adelaide não consegue mais falar. Ela se sente oprimida pela tempestade emocional que assola seu íntimo, e é como se as lembranças que trancou dentro de si por tanto tempo a atacassem com a intensidade de um raio.

– Eu sempre me culpei – confessa ela, engasgando com as palavras. – Se eu não tivesse dispensado o meu irmão...

– Ah, não! Você não deve se culpar – insiste Jessica em tom fervoroso, e deve ter se levantado da cadeira porque, no instante seguinte, está pressionando um lenço de papel na palma da mão de Adelaide e pousando a mão com gentileza em suas costas. – Você era só uma criança. Uma *criança*, Adelaide, e não deve assumir nenhuma culpa. Todo mundo que teve um irmão nessa vida já passou pela experiência de escolher outra pessoa para brincar em algum momento. É claro que o que aconteceu não foi culpa sua.

Adelaide tenta corajosamente se recompor, mas demora um pouco.

– Obrigada – consegue dizer por fim, enxugando os olhos e assoando o nariz.

Jessica volta para a cadeira, onde espera em um silêncio respeitoso, com expressão preocupada, que Adelaide só vê quando enfim se arrisca a levantar os olhos.

– Desculpe – murmura ela, e dá uma palmadinha carinhosa em Jean-

Paul, só para ter algo para fazer. – Santo Deus. É como se eu estivesse numa sessão de terapia.

Ela pisca algumas vezes, afastando as lembranças do que se seguiu: as tentativas desesperadas – e sem qualquer esperança – de reanimar William na areia. A caminhada entorpecida de volta à pensão, a cabeça dela zumbindo de choque e culpa. Durante muito tempo, não pareceu real. Como poderia ser? As tias chegando, tagarelando, para ajudá-los a fazer as malas e para dar apoio à mãe de Adelaide no vagão do trem. Então eles chegaram em casa, no vazio terrível que era a casa deles sem Will, e uma saudade dolorosa se instalou no peito de Adelaide e permaneceu ali por todos aqueles anos desde então.

– É difícil perder alguém – conforta Jessica, em voz baixa. – Deve ter sido devastador para você. Mas podemos prestar uma homenagem à natureza encantadora do William no livro, não podemos? Podemos registrar o lugar dele no mundo, imortalizar o seu irmão no papel. Sei que não é a mesma coisa... – Ela se interrompe quando Adelaide volta a enxugar os olhos. – Quer que eu prepare uma xícara de chá? Ou prefere fazer uma pausa e tomar um pouco de ar fresco?

Adelaide se sente sem energia depois de contar essa história – uma história que nunca chegou a contar inteira nem para Remy – e não tem certeza do que quer. É como se todo o seu corpo fosse um enorme hematoma. Mas precisa reconhecer que Jessica é gentil. Gentil de uma forma que não deixa Adelaide se sentindo constrangida ou vulnerável em relação às próprias emoções.

– Ar fresco parece uma boa ideia – concorda ela depois de algum tempo.

Uns dez minutos depois, Jessica a leva, com Jean-Paul, até o Chez Louis, um pequeno café com confortáveis cadeiras de vime na calçada e uma tigela de água do lado de fora para cães sedentos. *Foi uma boa ideia*, pensa Adelaide, já se sentindo renovada por estar ao ar livre, em vez de presa dentro de casa com suas piores lembranças.

– Beatrice, do hotel onde estou hospedada, disse que os doces aqui são sensacionais – anuncia Jessica, quando elas se acomodam em uma mesa livre.

Ela ajusta o guarda-sol acima das duas para que Adelaide seja banhada por uma sombra refrescante.

– Ora, estamos em *Paris* – Adelaide não resiste a lembrar. – Não é difícil

encontrar doces excelentes.

No entanto, enquanto prende a guia da coleira de Jean-Paul ao braço da cadeira, ela se sente tentada ao ver um *pain aux raisins* rechonchudo sendo servido em uma mesa próxima. Jessica, por sua vez, depois de ter ido checar dentro do café para conferir tudo o que é oferecido, retorna decidida a experimentar uma *chouquette*, um pãozinho de massa choux dourado cravejado de cristais de açúcar.

– *Deux, peut-être?* – sugere a garçonete que se aproxima para anotar o pedido. – Eles são *muito* pequenos, madame.

– *Absolument* – aceita Jessica, sorrindo. – *Merci*.

– E para a *madame*? – continua a garçonete, se virando para Adelaide. Então leva a mão ao peito e arregala os olhos. – Ah, madame Fox! Que honra! Adoro o seu trabalho!

– Muito obrigada – diz Adelaide, já temendo o inevitável pedido de uma selfie.

Mas a garçonete apenas solta um ofegante:

– Estou *muito* feliz em conhecê-la, madame.

Depois, se lembra do que está fazendo ali e anota o pedido, com o rosto enrubescido.

Isso já é distração o bastante para diminuir a tensão que dominava o corpo de Adelaide até o momento, embora ela não se sinta nada ansiosa pelo instante em que Jessica dirá daquele jeito animado dela: "Então! Onde estávamos?", para empurrá-las de volta ao rescaldo da morte de Will. Só que, em vez disso, a jornalista na verdade parece bastante deslumbrada.

– Uau! – exclama ela. – Isso acontece com frequência?

– Quase todo dia – responde Adelaide.

Ela começa a descrever alguns dos encontros mais estranhos que já teve com fãs: completos estranhos pedindo que ela autografasse partes de seus corpos (incluindo uma mulher que chegou a fazer uma tatuagem do autógrafo), outros que a presentearam com desenhos, flores, declarações de amor...

Mas então algo terrível acontece. Ela ouve um latido e percebe que Jean-Paul disparou de debaixo da mesa em direção a um west highland terrier, arrastando a guia.

– Jean-Paul! – grita, alarmada.

A rua ali é só para pedestres, então não há carros; ainda assim, há

bicicletas passando em disparada por aquelas ruas e idiotas em patinetes elétricos, em uma velocidade alta o bastante para atropelar um cachorrinho que não está olhando para onde vai.

– Jean-Paul! – grita outra vez.

Quando se levanta freneticamente da cadeira, Adelaide esbarra na mesa, o que sem dúvida a deixará com um hematoma do tamanho de um pires no dia seguinte. Felizmente Jessica é mais ágil, se levanta de um pulo e corre para pegar a ponta da guia da coleira do staffbull.

– Jean-Paul, seu idiota! – brada Adelaide, cambaleando na direção deles, seu coração disparado com o esforço.

Mas a culpa é dela, por não ter amarrado a guia na cadeira com a firmeza necessária. Estava concentrada demais nas próprias desgraças, nas suas lembranças carregadas de culpa! Mas Adelaide logo vê que Jean-Paul está bem, então se inclina um pouco e leva a mão ao peito, na altura do coração. Na verdade, o cachorro está se divertindo muito, saltitando com o outro cão, fingindo brigar enquanto os dois se revezam correndo e girando um na direção do outro. Jessica – e a dona do westie – mal conseguem se manter de pé enquanto os cachorros correm ao redor.

– Sinto muito – diz Adelaide em francês, principalmente para Jean-Paul, mas também para a dona do westie, uma mulher de certa idade, de aparência muito elegante, com cabelos brancos bem penteados e óculos de sol enormes, usando um vestido longo rosa-escuro e sandálias Birkenstock. – Pensei que ele estava bem amarrado à minha cadeira, mas... Jean-Paul! – Ela se pega mudando para o inglês quando o cachorro salta na outra mulher com grande exuberância. – Já chega.

A mulher sorri e se abaixa para brincar com o animado staffbull.

– Tudo bem – responde ela com sotaque americano. – Você é um amorzinho, não é? Que amor de menino!

Jean-Paul costuma ser bastante reservado com outros cães, e também com humanos que não são Adelaide, mas no instante seguinte está rolando ali mesmo na calçada, o que permite que aquela mulher de cabelos brancos faça carinho em sua barriga, uma honra normalmente reservada apenas a Adelaide. Desde quando ele se tornou tão dado? Jessica entrega a guia a Adelaide, que dá um pequeno puxão.

– Agora vamos – diz Adelaide ao cão. – Desculpe – volta a falar para a mulher, que entende a deixa e se levanta.

– Foi um prazer conhecer vocês – fala a mulher.

– Vocês também! – ecoa Jessica, dando uma palmadinha camarada no westie.

Jessica e Adelaide voltam para a mesa, onde a garçonete está servindo as bebidas e os doces, ainda com uma expressão fascinada no rosto.

– Jesus, Maria, José! Você está bem? – pergunta Jessica. – Essa manhã deve estar sendo uma montanha-russa para você.

Adelaide dá um sorrisinho ao ouvir o "Jesus, Maria, José", uma frase que a mãe costumava dizer e que ela não ouvia há anos. Adelaide deixa o corpo afundar no assento, ainda segurando com firmeza a guia, enquanto o coração finalmente desacelera depois do susto. Jean-Paul, o cara de pau, está deitado de novo, como se nem sonhasse em sair em disparada para lugar nenhum.

– Estou bem – diz ela, em seguida parte um pedaço do *pain aux raisins* e coloca na boca.

A massa amanteigada, crocante e folhada se dissolve na língua e, por um instante, William está de volta à sua lembrança, lá na praia, exclamando em êxtase por causa do pãozinho doce gelado, como se fosse a melhor iguaria do país. Como o irmão mais novo, que amava doces, teria adorado os bolos e as sobremesas de Paris, pensa Adelaide com súbita ternura. E o que ela daria para tê-lo do outro lado da mesa naquele momento, com os olhos cintilando ao contar seus últimos feitos! Adelaide sempre teve curiosidade sobre o homem que ele teria se tornado quando crescesse, como suas vidas poderiam ter se interligado ao longo de todos os anos após aquele dia de Margate. Tudo poderia ter sido tão diferente com William ao seu lado. O pai dela talvez não tivesse bebido tanto. A mãe teria sido mais feliz. Quanto à própria Adelaide, será que ela teria saído de casa aos 16 anos, como tinha acontecido? Teria se tornado a pessoa que é?

Jessica está certa, conclui. Ela deve a William o testemunho da vida dele e da dela, o registro de tudo para a posteridade. Adelaide dá um sorrisinho para Jessica e indica o celular da jornalista com um aceno de cabeça. *Respira fundo, Adelaide. Você consegue fazer isso*.

– Vamos continuar? – diz ela. – Estou pronta quando você estiver.

Capítulo Dezenove

Será que Jess deve ousar dizer isso? Até agora, está gostando da nova relação de trabalho com Adelaide. Nada de comentários sarcásticos. Ou de insinuações para fazê-la se sentir desajeitada como uma caipira idiota. São educadas uma com a outra. Respeitosas, até. Jess também tem certeza de que Adelaide enfim está sendo sincera com ela. A versão da infância que a artista lhe deu no primeiro dia foi muito mais completa, muito mais rica do que as poucas migalhas oferecidas anteriormente.

Tudo bem que apenas um dia se passou dos quinze que terão juntas. Ainda resta muito tempo para as coisas darem errado – para gritos e ataques de mau humor, para Jess ser mandada para casa mais uma vez em um capricho petulante. Ela não deve se precipitar. Mas, quando sai do apartamento de Adelaide, às duas da tarde daquela primeira segunda-feira, depois de várias longas sessões de conversa, seus passos estão leves, naquele ritmo específico que vem de saber que está no caminho certo. Que há uma boa história a ser contada e ainda muito mais por vir. Se Jess fizer tudo certo – se as duas conseguirem se manter naquele rumo –, o livro de memórias pode ser o passaporte dela para o sucesso. O material original já é incrível – inspirador, inesperado e profundamente comovente. Às vezes, terrivelmente comovente, para dizer a verdade.

Os olhos de Jess se nublam quando ela se lembra do sofrimento de Adelaide de manhã. A dor na expressão da mulher, as lágrimas escorrendo por seu rosto em luto por causa do precioso irmão perdido. Jess a incentivou a abandonar o sentimento de culpa, mas percebeu que a artista vinha se castigando pela perda durante todos aqueles anos. A veia jornalística de Jess ficou empolgada, sim, ao ver a história se desenrolar com uma sinceridade tão crua, mas, enquanto mulher, Jess só conseguiu sentir empatia e tristeza

pela angústia de Adelaide. (E, no papel de irmã, Jess também pretende ligar para o irmão para uma boa conversa em breve. Talvez até proponha que combinem de se encontrar para conversar pessoalmente ainda nesse verão.)

Ela espera que Adelaide fique bem após aquela sessão tão intensa.

– Sabe, eu moro bem perto de Margate – Jess se pegou dizendo em um rompante, ao se despedirem. – Se algum dia você quiser... – Ela hesitou. Afinal, por que diabos uma pessoa iria querer revisitar um lugar associado a um trauma daqueles? Não era como se Adelaide fosse ter um dia animado em Margate, para depois voltar para casa com um estoque de lembrancinhas. – Desculpe, não sei por que disse isso – se viu forçada a concluir. – Me ignora.

A expressão de Adelaide lhe disse que era exatamente aquilo que ela planejava fazer, e elas apenas combinaram um horário para se verem no dia seguinte. É difícil revisitar lembranças difíceis. Jess sem dúvida sabe muito bem daquilo.

– Você já vai se sentar para escrever sobre o que conversamos? – perguntou Adelaide quando Jess já estava prestes a partir. – Ou vai passear primeiro?

Uau, Adelaide puxando um assunto casual, pensou Jess, encantada, e tentou disfarçar a surpresa. Mas também pareceu significativo que, pela primeira vez, a mulher estivesse se esforçando para conhecê-la melhor.

– Provavelmente vou voltar para o hotel e fazer algumas anotações, sim – respondeu Jess. – Embora... – Ela hesitou. – Bem, em algum momento quero voltar ao lugar onde trabalhei por um tempo, quando saí da universidade. O Hotel d'Or, você conhece? Fiz uma grande amiga lá, na época.

– No Faubourg Saint-Germain? Sim, eu costumava fazer muitos desenhos de cafés nas calçadas por lá, anos atrás. Sempre havia personagens fascinantes para desenhar.

– Nossa, posso imaginar! – falou Jess, já pensando em alguns dos clientes abastados com quem a artista devia ter esbarrado, os homens em ternos sob medida, as mulheres carregadas de joias e casacos de pele.

É engraçado pensar em Adelaide sentada por perto, observando as idas e vindas dos belos e famosos da alta sociedade, enquanto gente como Jess e Pascale saía furtivamente para fumar e tomar café em seus uniformes preto e branco.

– Eu me pergunto se nossos caminhos chegaram a se cruzar naquela

época... – acrescentou Jess com um sorriso tímido. – Enfim. Estou indo agora. Até amanhã.

Jess acelera o passo, e uma lembrança retorna: ela entrando no minúsculo quarto dos funcionários no porão, que dividia com Pascale, e vendo a amiga parada diante do espelho, aplicando rímel.

– Jess, se eu te pedisse para me ajudar com um negócio meio perigoso... – começou a dizer Pascale, em tom cauteloso.

Mas naquele momento Jess reparou que a amiga estava usando o vestido novo dela – de Jess –, o vestido preto justo, com decote ombro a ombro, que ela ainda nem tinha usado.

– Ei! Sua cretina abusada – interrompeu Jess. – Quem disse que você podia pegar isso emprestado?

– Ahhh. – Pascale fez uma pausa, os cílios de um dos olhos grossos e destacados, os do outro, macios e suaves. – Você não se importa, né? Por favor! Estou linda demais nele, *non*?

O Hotel d'Or podia ser um refúgio glamoroso para seus hóspedes, mas para a equipe que fazia a limpeza, era um trabalho árduo. Naquela ocasião, Jess estava exausta depois de um longo turno que tinha envolvido limpar inúmeras marcas nojentas de vasos sanitários, remover preservativos usados da roupa de cama e evitar não apenas um, mas dois hóspedes do sexo masculino excessivamente simpáticos que consideravam as camareiras um alvo legítimo. Em resumo, ela não estava com a menor disposição para admirar a beleza da amiga, ainda mais porque Pascale tinha o dom irritante de parecer melhor do que Jess em qualquer coisa que usava. E era particularmente irritante quando o vestido em questão era da própria Jess, o que significava que agora ela sempre se lembraria de como Pascale ficava muito mais sexy nele.

– Fica à vontade – grunhiu, e entrou no banheiro.

Só mais tarde, lavando o cabelo, enquanto a água fumegante caía ao seu redor, é que Jess se lembrou do comentário inicial de Pascale. *Se eu te pedisse para me ajudar com um negócio meio perigoso...* O que será que ela quisera dizer com aquilo? Mas quando Jess saiu do banho, limpa e perfumada, enrolada em toalhas, Pascale já tinha saído, deixando apenas um leve aroma de perfume de sândalo.

Ora, para onde ela foi?, perguntou a chefe da limpeza, Sylvie, na manhã seguinte, quando Pascale não apareceu para o turno.

O que ela falou pra você?, indagou o policial de barba bem-aparada alguns dias depois, quando os pais de Pascale o acionaram. *As pessoas não desaparecem do nada, mademoiselle. Quem ela estava indo encontrar?*

Jess não sabia. Não teria como responder. Só o que conseguia ouvir em sua mente era a estranha pergunta inacabada de Pascale. *Ajuda com o quê?*, se perguntava, preocupada. No que exatamente a amiga tinha se metido?

As pessoas não desaparecem do nada, dissera o policial, mas aparentemente desapareciam, sim. Podiam só desaparecer, com o vestido preto novo da amiga e tudo. Caminhando pela rua agora, Jess sente os dedos se fecharem em torno do pingente dourado do colar, que se tornou a única metade do coração desde aquele dia, sem nunca mais se reunir com sua outra parte. *Ah, Pascale... O que aconteceu com você? Para onde você foi?*

Ela estava vagando durante todo aquele tempo, imersa em velhas lembranças, mas logo se dá conta de que está prestes a passar pela *brasserie* Les Amours. Vai colocar a cabeça para dentro e ver se Valentin está trabalhando naquele horário, decide, porque precisa ver um rosto amigo. E se ele estiver trabalhando e decidir convencê-la a tomar uma taça de vinho gelado e comer um almoço tardio, quem é Jess para dizer que não?

Infelizmente – para ela, pelo menos –, aquele deve ser o dia de folga de Valentin, porque Jess vê outro garçom de avental atendendo às mesas externas. Não importa. De qualquer forma, vinho na hora do almoço provavelmente seria má ideia, já que ela tem um material bastante comovente e intenso para transcrever naquela tarde. Então Jess repara que o senhor idoso que tinha visto antes na *crêperie* ali perto está lá mais uma vez, tomando café espresso em uma das mesas na calçada. Hoje, ele está usando uma camisa de linho branca e calça bege, os pés calçados com mocassins estilosos, marrons, muito bem engraxados. Seus cabelos brancos têm um corte elegante, e ele usa óculos de armação preta enquanto lê o jornal na mesa à sua frente, umedecendo com cuidado um dedo na língua antes de virar a página. O homem está sempre ali, sozinho, repara Jess com o cenho franzido, enquanto se pergunta sobre a história dele. Como se sentisse o olhar dela, o homem se vira na direção de Jess e levanta a mão em um aceno.

– *Bonjour, madame* – cumprimenta ele, da *crêperie*, e Jess ruboriza ao ser flagrada encarando-o antes de acenar de volta.

– *Bonjour* – responde, e depois, em um impulso, se vira na direção dele.

– *Ça va?* – pergunta educadamente, tentando compensar o fato de ter sido flagrada encarando-o.

– *Ça va bien, merci* – responde o homem. Ele tem olhos castanhos simpáticos e se levanta quando Jess se aproxima. – *Et vous?*

O que você está fazendo?, pergunta-se Jess. Afinal, o trabalho a espera – aquele depoimento sobre o que acontecera em Margate não vai se transcrever sozinho. Mas quando o homem aponta para a cadeira em frente à dele com um sorriso simpático, ela se vê retribuindo o sorriso e se sentando.

– *Merci!* – diz Jess, então acrescenta em resposta à pergunta dele: – *Bien, merci*. – Ela faz uma careta diante daquela resposta tão básica. – *Pardon. Je suis anglaise et...*

– Ahh! Fiquei em dúvida sobre isso – fala ele em inglês quando ela vacila de novo, e Jess o encara, surpresa com o sotaque americano em sua voz. Estivera certa de que o homem era um local. – Meu nome é Alain, sou franco-canadense. Eu cresci no Québec, mas conheci a mulher mais linda de Paris há quarenta anos, então.... – Ele encolhe ombros. – A vida me trouxe até aqui.

– Que romântico! – exclama Jess com um suspiro, encantada. Ora, se ele está ali há quarenta anos, então pode ser considerado um local. – Há tantas histórias de amor nesta cidade.

– Ahhh! – O homem sorri e se aproxima um pouco mais. – Isso quer dizer que há uma história de amor aqui para você também?

Quem dera ela tivesse essa sorte.

– Não – começa a responder, mas no instante seguinte se pega pensando em Georges e no macacão matador que está pendurado no quarto do hotel, pronto para o encontro em dois dias. – Embora... bem, talvez. – Ela fica muito ruborizada. – Quer dizer... provavelmente não. Mas nunca se sabe, não é mesmo?

Os olhos dele parecem cintilar mais do que nunca.

– Nesta cidade tudo é possível – diz o homem em tom cúmplice. – E o amor é sempre a resposta, eu acho.

– O amor é uma boa resposta – concorda Jess, embora se sinta um tanto hipócrita por dizer aquilo quando as ruínas de seu casamento ainda ardem. Nesse instante, ela ouve o toque que definiu para as ligações das filhas. – Opa, meu celular – explica, enquanto procura o aparelho na bolsa. –

Desculpe, mas vou ter que... – Ela encontra o celular e se levanta novamente. – Foi um prazer te conhecer, Alain – diz, já deslizando o dedo pela tela para atender a ligação. É Edie. – Se cuida. – Então ela dá as costas e o deixa sozinho. – Oi, meu bem – fala Jess para a filha. – Tá tudo bem?

* * *

Edie é a filha mais sensível de Jess, sempre foi. A menina é capaz de sintonizar o humor das pessoas com a precisão de um sismógrafo detectando tremores de terra. Aos 3 anos, deixava Jess nervosa com algumas declarações assustadoras que davam a impressão de que a menina se lembrava de uma vida passada. Uma dessas declarações foi: "Meu nome antes era Gwendoline e eu tinha dois irmãos." Outra: "Sinto falta de ter cavalos." Talvez por isso, Jess costuma dar muita importância às intuições da filha do meio.

– Tem alguma coisa acontecendo com o papai – foi o veredicto de Edie ao celular, e Jess sentiu um arrepio percorrê-la ao ouvir palavras tão fortes, porque logo se lembrou de que Mia também havia comentado sobre o comportamento estranho de David.

Mais tarde, voltando do mercado com algumas provisões – um pouco de pão crocante, uma fatia muito macia de queijo brie, tomates escarlates quase explodindo de tão maduros e um saco de nectarinas rosadas –, ela se pergunta o que deve fazer, se é que deve fazer alguma coisa. Ao contrário da irmã mais velha, Edie não acha que David está necessariamente apaixonado, mas parece convencida de que tem algo acontecendo que ele não contou às filhas.

– O papai anda muito quieto – disse Edie. – Fica distraído e não escuta quando estamos todos conversando. Como se ele estivesse em seu próprio mundo.

Será que Jess deveria se preocupar? Comentar algo com ele? Afinal, só tem a palavra das filhas de que há algum problema – não é como se ela mesma tivesse visto evidências de qualquer alteração de comportamento. Talvez o ex-marido estivesse passando por um período depressivo pós-separação – Deus sabe que, desde a separação, há momentos em que ela se sentiu profundamente desamparada, insegura. Momentos em que não tem certeza de quem realmente é, sem David para lembrá-la. Jess se pergunta

com quem ele conversou sobre a separação, se conseguiu ir além de toda a conversa barulhenta sobre futebol com os amigos e desabafar. Perdida em pensamentos, ela demora um instante, quando entra no hotel, para perceber que Beatrice está na recepção e parece satisfeita em vê-la.

– *É* você*!* Vi seu nome na lista de hóspedes esta manhã e pensei: "Será que há *outra* Jessica Bright hospedada conosco em tão pouco tempo?" Não é outra! E estou feliz!

– Ah, também estou feliz, Beatrice! – responde Jess, contente, esquecendo por um instante seu dilema. – Como vai? Aliás, essa blusa é linda, combina muito com você. Ah, e como foi a prova de piano da sua filha, correu bem?

Beatrice pisca várias vezes, num trejeito afetado.

– Obrigada. E sim, a Mathilde passou na prova e ficou muito feliz. – Ela finge secar o suor da testa, embora, fiel ao estilo Beatrice, esteja imaculadamente maquiada e arrumada, como se tivesse seu próprio microclima, mais fresco do que a onda de calor que todos estão enfrentando. – É bom te ver de novo, Jess.

– Digo o mesmo. Estou ansiosa para colocar o assunto em dia – comenta, antes de se lembrar, tarde demais, de que é uma hóspede, e não uma amiga de verdade de Beatrice. O que é uma pena, já que gosta muito da mulher. – Acho que você não... – continua a falar, sem se conter. – Não. Estou sendo boba.

– O que foi? Você quer me pedir alguma coisa? Não é possível que haja outro cachorro que precise alimentar – diz Beatrice, fazendo uma careta engraçada. – Talvez seja um leão desta vez?

– Não, nada de cachorros ou leões. – Jess sente que está enrubescendo. – Eu só ia... Bem, você pode não aceitar, obviamente, mas gostaria de saber se você gostaria de sair para tomar um drinque um dia desses, só isso. Mas sei que você é muito ocupada – acrescenta, dando a Beatrice uma desculpa fácil para que ela possa recusar.

– Você quer sair para tomar um drinque? Comigo?

Ah, Deus! Ela teria ultrapassado os limites?, pensa Jess, envergonhada. Com certeza o convite que está fazendo é pouco convencional.

– Bem... sim, mas só se você...

– Eu vou amar! A gente precisa fazer isso – interrompe Beatrice,

radiante. – E eu vou te levar a um bar muito legal. O mais incrível. Deixa eu ver... – Ela checa o celular. – Que tal quinta-feira à noite?

– Perfeito! – responde Jess. Georges na quarta, Beatrice na quinta... dá só uma olhada na vida social dela em Paris! – Vamos torcer para que o seu bar incrível tenha vinho suficiente para nós.

– Cuidado, Paris! – brada Beatrice em tom teatral, bem quando dois turistas grandes, carregados de malas, entram pela porta e parecem surpresos com a declaração.

Jess abafa uma risadinha e deixa Beatrice com os turistas. Ah, mas aquilo foi legal, não foi?, pensa, enquanto sobe a escada até o quarto. Ela pode ter uma biografia para escrever, mas com certeza também vai se divertir no tempo livre.

Capítulo Vinte

Quando Adelaide se matriculou na Goldsmiths, não foram apenas as aulas de desenho e pintura que acenderam suas sinapses como se fossem as luzes de Natal da Oxford Street. Ela logo descobriu como adorava conhecer também o trabalho de outros artistas, descobrir quem a precedera e o contexto histórico em que haviam feito suas criações.

Até então, ela nunca tinha colocado os pés em uma galeria de arte, mas Ursula, sua mentora, decidiu mudar isso e a mandou visitar a National Gallery, o Courtauld Institute, a Tate e uma série de instituições menores localizadas em Londres. Isso também incluía a Whitechapel Gallery, situada a poucos minutos de onde Adelaide havia crescido. Poderia muito bem ter sido em outro país.

Com aquelas portas se abrindo diante dela, seus olhos também se abriam. Todos aqueles retratos renascentistas que desprezara, por considerá-los um pouco rígidos ou enfadonhos, assumiram uma perspectiva totalmente nova quando ela soube que os artistas da época tinham desfrutado de uma influência impressionante, já que eram as únicas pessoas capazes de criar uma imagem lisonjeira (ou não) da realeza, do Papa, dos membros abastados da sociedade. Quanto poder devia ter havido por trás dos pincéis daquelas pessoas! Adelaide também adorava ver o trabalho inacabado dos artistas – o que o *underpainting*, a pintura de base, de Gainsborough, revelava, o que os esboços de Schiele lhe diziam.

Seu cérebro vibrava com estilos e épocas, comportamentos e humores, à medida que ela os absorvia. Adelaide mudava de artista contemporâneo favorito toda semana, enquanto visitava exposições com obras de Miró, Freud, Dalí. Em pouco tempo, porém, ela passou a focar em artistas femininas antigas e novas – Morisot, Kahlo, Boty –, atraída pela sabedoria

que eram capazes de transmitir. Adelaide se apaixonou pela fotografia de Diane Arbus. Ficou obcecada pela arte abstrata de Hilma af Klint; fez experiências com produtos botânicos durante sua fase Georgia O'Keeffe. Aquela parecia uma forma tão boa quanto qualquer outra de aprender seu ofício, emulando as obras de seus artistas mais queridos, por isso dedicou horas ao estudo das técnicas deles, examinando as marcas, tentando descobrir como exatamente eles haviam chegado às suas melhores obras.

Então, naquele primeiro verão no exterior com as amigas, andando a esmo pela Galeria Uffizi, ela se deparou com uma das obras-primas de Artemisia Gentileschi: *Judite decapitando Holofernes*. Ao ler no guia que o quadro havia sido pintado após Gentileschi ter sido estuprada pelo pintor italiano Agostino Tassi, sentiu na mesma hora um arrepio percorrer sua espinha. Sim, podia ver a raiva fria e justificada estampada no rosto de Judite, a força em seus braços, os nós dos dedos esbranquiçados com o esforço enquanto segurava a cabeça de Holofernes. E também a solidariedade da criada ao seu lado, a urgência das duas. Quase dava para ouvir o sangue borbulhando da garganta do homem e sentir o cheiro forte de ferro no ar. Tudo aquilo continha a violência e a paixão de uma mulher do século XVII! A obra mexeu muito com a cabeça de Adelaide.

No mês de dezembro seguinte, quando *ela* foi estuprada, sentiu-se entorpecida durante dias, como se sua chama interior tivesse sido apagada de alguma forma. Adelaide se perguntou se havia sido um erro ingressar na escola de artes, se de fato havia um lugar para ela ali, no fim das contas. E começou a faltar às aulas. Passou dias a fio na cama, com a sensação de que seu espírito tinha sido reduzido a um minúsculo ponto morto, que flutuava, perdido, dentro da casca que se tornara seu corpo. Por fim, Margie a convenceu a assistir às aulas do último dia do semestre de inverno e Adelaide se arrastou até lá, com a sensação de estar tendo uma experiência extracorpórea enquanto caminhava pela rua, incapaz de se lembrar de como voltar a ser Adelaide Fox. Então, quem ela viu, atravessando a entrada da faculdade à sua frente, em um passo arrogante, senão o próprio Dunster, o macho alfa, sem nenhuma preocupação no mundo? O que tinha mudado para ele? Nada. Como era possível que o homem pudesse seguir a vida tranquilamente quando a deixara arrasada e apequenada, sem pensar duas vezes?

Foi então que Adelaide a sentiu: a mesma raiva que ardera em

Gentileschi tantos séculos antes. A mesma raiva sentida por tantas mulheres injustiçadas e abusadas ao longo dos anos. Foi isso que a incitou a incendiar o apartamento de Dunster pouco tempo depois – uma iniciativa gratificante, mas que não foi capaz de aplacar por completo a sede de vingança que rugia dentro dela. Adelaide se viu atraída pela arte de Gentileschi – pela coragem de Judite, pela vingança de Artemisia. Não seria recomendável dar sequência à vingança e decapitar Simon Dunster, por mais que apreciasse a ideia de acertar um golpe de machado naquele pescoço rosado, mas ela talvez pudesse atualizar a famosa pintura de Gentileschi.

– Foi aí que comecei a pintar a mim mesma como Judite em uma nova versão do trabalho de Artemisia Gentileschi – diz ela a Jessica, que está estranhamente silenciosa. – E o Simon como Holofernes. Há sangue de verdade na pintura... meu sangue, me cortei e misturei ao vermelho. E sabe de uma coisa? É incrivelmente gratificante criar a pintura da morte dolorosa e horrível do seu inimigo. Realmente muito agradável. Recomendo a todos... Certifique-se de colocar isso no livro – acrescenta Adelaide, apontando um dedo.

Os olhos de Jessica têm um brilho de solidariedade.

– E ajudou? – pergunta ela, baixinho. – Você passou por uma experiência horrível. Quer conversar sobre seus sentimentos a respeito...?

– E mais – continua Adelaide, sem se deter. Não, ela com certeza não quer falar sobre "sentimentos". – Inscrevi a obra para a exposição da faculdade naquele verão, com uma nota explicativa. Que o mundo visse o rosto do meu estuprador e o que eu desejava para ele, decidi. Que meus sentimentos fossem conhecidos por todos!

Jessica engole em seco.

– E... a faculdade exibiu a peça? – murmura. – Quais foram as repercussões? Todos reconheceram o Simon?

Adelaide deixa escapar um suspiro e revive, tantos anos depois, a frustração que sentiu na época.

– A faculdade foi negligente até para se envolver mesmo que minimamente – responde, com a voz cheia de desprezo. – Covarde demais. Teve medo de enfrentar qualquer questão legal, principalmente por causa do pai do Simon. Eles tentaram me enrolar, é claro... disseram que achavam que o quadro não era tecnicamente bom o bastante para ser incluído no programa porque... Nem consigo lembrar o que disseram, a desculpa que

inventaram. O quadro era, sim, bom o bastante para ser exposto, e todos nós sabíamos disso.

Jess se ajeita no assento.

– Escuta, falando de questões legais, nós realmente deveríamos considerar...

– Mesmo assim, eu não ia deixar que me impedissem – continua Adelaide, antes que Jessica possa estourar sua bolha. – E, embora o quadro ainda não tenha sido exibido ao público porque, ao que parece, todos ficam aterrorizados com a menor *possibilidade* de litígio, ele se tornou o primeiro de uma série que gosto de chamar de "Vingança".

Ela lança um sorriso largo e duro para Jessica, que parece bastante nervosa. (Ótimo. Adelaide levou anos para aperfeiçoar aquele sorriso.)

– E essa série... – diz Jessica, tão absorta na história que se permitiu desviar do assunto. – Você ainda tem os quadros? – Sua expressão se altera quando algo mais lhe ocorre. – E devo considerar que outras pessoas importantes são retratadas neles?

– Correto – confirma Adelaide. – Eu ainda os tenho. E sim, todos os meus inimigos estão nas telas, sendo assassinados ou torturados de uma forma ou de outra pela minha mão. – Ela une os dedos, mantendo contato visual. – Pode acreditar em mim, é uma verdadeira galeria de canalhas. Como será detalhado no nosso livro.

– Uau! Que incrível – comenta Jessica. – E onde estão esses quadros? O plano original é exibir todos juntos?

Ela se anima, e inclina o corpo para a frente com entusiasmo. Olhe só a jornalista, pronta para disparar mais perguntas.

– Tenho esperança de conseguir fazer algo assim, logo que o livro de memórias for publicado – responde Adelaide. – Os quadros expostos ao lado dos trechos correspondentes do livro, talvez. Apesar de que, por enquanto, a maior parte deles está no meu arquivo. No meu antigo estúdio, do outro lado da cidade.

– Uau! – diz Jessica mais uma vez. – Talvez eu possa... Quer dizer, seria incrível ver esses quadros, se possível. Poderíamos reproduzi-los no livro, talvez? Apesar de que... – Ela faz uma careta antes de prosseguir com a ideia. – A questão é que posso imaginar os advogados dos editores ficando bem nervosos com isso, exatamente como aconteceu com a Goldsmiths. Na verdade, infelizmente, todo esse episódio com o Simon Dunster aciona um

alerta de problemas jurídicos. Mais cedo, quando você falou sobre, hum, ter incendiado o apartamento dele... Preciso avisar que é quase certo que os editores não vão querer o nome dele publicado, ou qualquer coisa que possa causar problemas a você... ou a eles.

Naturalmente, Adelaide já pensou sobre isso.

– É verdade – responde. – Concordo que eles não vão querer problemas. Mas estou disposta a assumir total responsabilidade pelas minhas palavras. Essa é a questão... eu quero citar nomes. Quero punir todos que já me fizeram mal. E se essas pessoas decidirem me processar... deixe que processem. Vai ser um prazer ter o meu momento em um tribunal e ver a verdade registrada. Estou velha demais e guardo rancor demais dessas pessoas para deixar alguém me intimidar.

Jessica morde o lábio, sem parecer convencida.

– Certo – diz ela com cautela. – Bem...

– Você não precisa se preocupar com questões legais – garante Adelaide. – Está aqui para escrever a minha história. E é isso que estou tentando lhe dar, se você me deixar continuar. Tudo bem?

– Tudo bem – concorda Jessica, mas mantém uma expressão cautelosa. O que aconteceu com o lado ousado da mulher? – Isso tudo é muito sério, Adelaide – continua depois de um instante. – E eu estava tão envolvida com o que você contava que pareceu errado te interromper para perguntar sobre detalhes. Mas podemos retornar para o momento em que você pintou a sua primeira peça da série "Vingança", por favor? Seria ótimo incluir algumas linhas sobre o que estava passando pela sua cabeça. É diferente pintar algo assim quando as suas emoções estão tão intensas? Você consegue se desligar do tema durante o processo... para pensar nas pinceladas, digamos, em vez de na história por trás delas? – As perguntas saem apressadas, em um fluxo tão intenso que Adelaide acha que corre o risco de esquecer as primeiras. – Além disso, você conseguiu trabalhar de memória quando estava pintando o rosto de Simon? Ou usou fotografias? Com certeza não o fez posar para você, né?

– Eu me senti...

Adelaide faz uma pausa para refletir, para retornar àquele momento.

Ali, em seu minúsculo espaço de trabalho na faculdade, vestida com o macacão marrom de operário que ela preferia naquela época, com os cabelos presos no alto da cabeça enquanto o antigo aquecedor portátil era a

única coisa que fornecia um mínimo de calor para evitar que ela congelasse no ateliê gelado. Sempre dava para ouvir o rádio de alguém tocando – a Radio Caroline acabara de ser lançada; os Beatles e canções beat tocavam o tempo todo. A tela em que ela trabalhava era grande para os padrões anteriores – quase dois metros de altura – e, ao fim de uma sessão, os músculos de seus braços doíam por causa do esforço físico necessário para colocar tanta tinta na tela enorme. As pessoas não costumam pensar na fisicalidade que envolve uma tela grande – subir e descer escadas, o esforço de trabalhar com muita tinta... Muitas vezes o artista termina o dia com o corpo e a mente igualmente exaustos. Ainda assim, as horas desapareciam sem que ela realmente se desse conta de qualquer outra coisa a não ser a imagem que se formava diante dela.

– Eu sentia raiva, sim – continua Adelaide –, mas quando encontrei uma forma de canalizar essa raiva, ela se transformou em uma energia cinética incandescente. Uma força, de um tipo que eu nunca tinha experimentado. Na verdade, fiquei empolgada, como se surfasse em uma onda tão poderosa que só precisava aguentar firme e seguir em frente.

Ela sente uma súbita pontada de saudade por seu antigo ímpeto, pelo vigor que já teve.

– A paixão só pode levar a gente até certo ponto – acrescenta. – É a concentração nos detalhes... nas pinceladas, como você diz, na luz incidindo na cena, no modo como compreendemos a textura do tecido, na forma de fazer o sangue parecer convincente, no delineamento das mechas de cabelo... tudo isso é que nos coloca em uma espécie de... bem, de transe. Um lugar diferente, onde o cérebro está se esforçando muito para registrar tudo exatamente como vemos na nossa mente. Na verdade, me sinto muito calma quando estou profundamente imersa nesse processo. Nada mais parece importar... nem o Simon, nem o Remy, nem o C... – Adelaide se interrompe. – Nada se acumula na minha mente. A minha mão se torna o meu cérebro... só o que conta é a tinta e o que faço com ela.

Ela encara as mãos, felizmente livres de tremores hoje, e amaldiçoa o processo de envelhecimento que lentamente vem tirando a arte dela. Que saudade dos tempos em que podia se dedicar a uma tela e esquecer o resto do mundo.

– Uau! – É a terceira vez que Jessica solta essa exclamação de surpresa no espaço de dez minutos, percebe Adelaide, enquanto a mulher a observa,

balançando ligeiramente a cabeça. – Isso foi... Nossa, é maravilhoso ouvir você falar sobre isso. Tão interessante. Não quero de forma alguma parecer grosseira ou hipócrita, mas às vezes eu meio que esqueço que você é esse... esse gênio, Adelaide. Por isso, me ver sentada aqui, ouvindo você descrever o seu processo criativo... – Os olhos da jornalista estão arregalados. – A verdade é que me sinto impactada por estar... bem, na presença de tamanha grandeza. Da *sua* grandeza.

Adelaide não sabe como reagir àquilo. Como está há muito tempo imersa no mundo da arte, seu detector de mentiras está permanentemente em alerta e ela sabe que não deve aceitar elogios efusivos sem questionamentos. No entanto, há tanta sinceridade nas palavras de Jessica que é possível acreditar em tudo o que ela disse.

– Obrigada – responde Adelaide depois de um instante, embora com desconfiança. – Enfim. Talvez nós devêssemos...

Mas Jessica, que está folheando um bloco de notas, ainda não parece pronta para continuar.

– Antes de prosseguirmos – diz ela, em tom gentil –, eu estava montando um cronograma ontem e percebi que houve uma omissão bastante significativa na narrativa até agora: você não me contou muito sobre como nasceu a sua amizade com Margie Flint. Sei que esse também é um assunto delicado – balbucia, e ergue a mão como se quisesse evitar qualquer discussão futura, que sem dúvida vai acontecer, pensa Adelaide –, mas você poderia pelo menos falar sobre as suas primeiras impressões a respeito dela, sobre como a amizade entre vocês se desenvolveu, sobre as coisas boas dos primeiros momentos? – Há uma pausa em que Adelaide reflete sobre como responder àquilo, até que Jessica insiste mais um pouco. – Seguindo o combinado de me contar a verdade, toda a verdade e nada além da verdade?

Adelaide suspira. Isso, sim, é saber encurralar alguém... E embora haja, obviamente, muitas "coisas boas", como Jessica disse, isso não é algo em que se permita pensar com frequência. Ela se abaixa para fazer carinho em Jean-Paul enquanto protela a resposta.

– Talvez a gente deva fazer uma pausa? – diz, por fim. – Marie-Thérèse? – chama no instante seguinte. – Você está por aí? Estamos morrendo de sede. Alguma chance de nos trazer uma bebida gelada?

Jessica se levanta.

– Eu mesma posso pegar – oferece, já se inclinando para colocar as

xícaras usadas de volta na bandeja.

– Não, você não vai fazer isso – fala Adelaide. – Eu pago um bom dinheiro àquela mulher para... *Marie-Thérèse!* Onde diabo ela está?

Jessica se senta e faz uma careta, sem se preocupar em ser discreta.

– O que foi? Por que está com essa cara? – Adelaide se ouve bradar.

– Porque... Bem, seja você quem for, gênio ou não, há maneiras e *maneiras* de falar com as pessoas, não é? – As palavras explodem de Jessica como se ela estivesse tentando contê-las há algum tempo. – Maneiras educadas. Boas maneiras. E... falando sem rodeios, também há maneiras bastante agressivas. Que podem ser horríveis para a outra pessoa.

Adelaide se irrita. Espera um pouquinho, ela tem vontade de retrucar, dois minutos atrás eu supostamente era uma presença de enorme grandeza. Agora você vem me dar um sermão sobre boas *maneiras*? Então ela volta os olhos para Marie-Thérèse quando a mulher enfim entra na sala com a expressão azeda de sempre.

– Ah, aí está você. Gostaríamos de uma jarra de água gelada, Marie-Thérèse. Por favor – acrescenta com firmeza, sentindo os olhos de Jessica sobre ela. *Maneiras bastante agressivas*. Ah, pelo amor de Deus. – E alguns biscoitos também, se tiver. – E ali estava aquele olhar de novo. – *Por favor*.

– Não é tão difícil, né? – murmura Jessica.

Ou melhor, Adelaide acha que é isso que Jessica diz. Ela fixa os olhos na mulher e pergunta com sua voz mais gelada:

– O que foi?

Mas Jessica apenas a encara com uma expressão surpresa e responde:

– O quê? Eu? Nada.

Bem quando Adelaide estava começando a gostar dela. Deveria ter imaginado que era bom demais para durar.

* * *

Margie chamou a atenção de Adelaide na primeira vez que se viram, ambas novas na faculdade, esperando diante do balcão da recepção para pegar suas carteirinhas de estudante. Margie usava um vestido preto e laranja com estampa geométrica e um cardigã amarelo-mostarda contrastante, quase tão longo quanto o próprio vestido. Seus cabelos loiros quase brancos, na altura dos ombros, estavam afastados do rosto por uma faixa de tecido com

estampa paisley, e ela usava brincos de argola dourados, ousadamente grandes. Por alguma razão, havia uma caveira preta desenhada nas costas de uma das mãos. Em meio a um mar de jovens com vestidos em tons pastel, saias rodadas e bolsinhas elegantes, Margie se destacava como alguém diferente, alguém interessante. Adelaide, que se sentia cada vez mais deslocada com as risadas daquelas garotas bem-articuladas que passavam os verões pintando aquarelas na Cornualha e em Norfolk, na mesma hora viu na garota ao seu lado uma alma gêmea e uma possível amiga. E foi o que aconteceu.

Margie era da classe trabalhadora de Southend, alta e franca, e criava peças ousadas e impressionistas com uma grande variedade de cores. Tinha sempre um cigarro no canto da boca – e não eram poucas as vezes em que, concentrada no trabalho, deixava o cigarro arder até queimar seu lábio. Estava sempre coberta de bijuterias, a tal ponto que alguns dos rapazes do período delas a apelidaram de Jingle Bells, por causa do tilintar dos acessórios.

– Nos tornamos próximas como irmãs – conta Adelaide a Jessica, em tom melancólico. – Teríamos feito qualquer coisa uma pela outra... e com frequência realmente fazíamos.

– Me descreve alguma dessas vezes – insiste Jessica. – Em que encrenca vocês duas se meteram?

– Quanto tempo você tem? – responde Adelaide.

Ela ri, mas o som logo fica preso em sua garganta quando se lembra mais uma vez do rosto da amiga tão querida, do brilho em seus olhos, da boca larga e sorridente. Como as duas passavam horas fazendo roupas novas para sair à noite – vestidinhos minúsculos com cintos e botões grandes, os cabelos penteados em enormes coques-colmeia, a maquiagem caprichada no lápis preto e no batom.

– Ai, meu Deus, por favor, me diz que há fotos de vocês duas – implora Jessica enquanto Adelaide as descreve.

– Eu com certeza tenho algumas, mas ela provavelmente tem ma... – Adelaide se interrompe, sem vontade de terminar a frase.

Ela sabia que teria que falar sobre Margie para o livro, mas, enquanto conta "as coisas boas" para Jessica, se surpreende ao se dar conta de como foram boas. Tão boas que de repente parece insuportável que as duas não sejam mais próximas, que ela não possa ligar para Margie e relembrar os

velhos tempos. Não pode simplesmente perguntar: *Ei, você tem alguma foto nossa com as nossas melhores roupas?* Adelaide engole a emoção.

– Sim, tenho certeza que tenho algumas – diz ela, abrindo e fechando os dedos no colo. – Isso basta por enquanto? – pergunta, ciente do tom suplicante em sua voz. – Talvez possamos voltar a Margie em outro momento, quando eu me sentir menos...?

Menos...? Ela não sabe bem que palavra usar. Frágil? Instável? Para quem se diz uma cínica cansada do mundo, parece que sim; os últimos dois dias a abalaram como se tivesse ocorrido um terremoto.

Jessica se apieda dela.

– É claro. Com certeza. Vamos deixar isso de lado por enquanto, então. Talvez pudéssemos falar sobre o seu último ano de faculdade, sobre as suas lembranças favoritas e momentos significativos daquela época.

É um terreno mais seguro... Adelaide aceita com gratidão a rota mais fácil e começa a compartilhar algumas histórias interessantes para fazer a vontade de Jessica. Ver os Beatles no Astoria em Finsbury Park; Margie sendo expulsa do show quando tentou subir no palco durante "I Wanna Hold Your Hand". O apartamento horrível para onde tinham se mudado, cheio de mofo e ratos, além do maior rato de todos, a praga que era o senhorio, um assediador sexual. As duas invadindo uma festa em Kings Road e conhecendo Julie Christie e Peter Blake. Ficar chapada pela primeira vez e se apaixonar por um modelo escocês chamado Alastair, que tinha os malares mais lindos de Londres. Ser abordada por Jonty, um agente promissor que usava gola alta e óculos estilo Michael Caine com lentes grossas, quando estava organizando a exposição final na faculdade. Ela e Margie se mudando do apartamento horrível, mas não sem antes pintarem imagens obscenas e nada lisonjeiras do proprietário assediador em todas as paredes, além de avisos sobre o comportamento dele em letras gigantes.

– Não acredito! – exclama Jessica, rindo (de uma forma nada profissional, Adelaide não consegue deixar de reparar). – Incrível. Que vida você viveu, Adelaide. Que vida extraordinária!

Adelaide também sorri, porque gostou de contar tantas histórias de travessuras e exuberância. Quando foi a última vez que se permitiu dar tantas gargalhadas? Às vezes a pessoa fica tão concentrada nos momentos difíceis e nas mágoas que se esquece de olhar para trás, para os dias

gloriosos e dourados da juventude. Mas ali estão eles de novo, recém-escavados da memória e muito divertidos de lembrar. Sim, divertidos!

Ainda assim, esse é apenas o prelúdio em muitos aspectos, supõe Adelaide, quando se despede de Jessica, pouco depois. Ela tem plena consciência de que histórias mais complicadas ainda estão por vir... como icebergs se aproximando. Ao embarcar nesse livro de memórias, sua intenção sempre foi arrancar tudo do fundo de si mesma e colocar no papel, como se estivesse extirpando um tumor. Adelaide continua a acreditar que um artista deve ser capaz de confrontar a verdade com firmeza, por mais monstruosa que seja. Mas, agora que está ali, com menos de quinze dias para contar sua história e vendo o tempo passar... será que ainda tem o olhar ousado necessário, ou vai acabar vacilando no final, desistindo antes de concluir sua história?

Capítulo Vinte e Um

Jess sai da sessão de terça-feira zonza com tudo o que ouviu, a cabeça cheia de Swinging London e Carnaby Street, além da terrível vingança infligida a Simon Dunster. Claro, tudo isso é um ótimo material de trabalho, mas algumas histórias parecem uma bomba prestes a explodir em suas mãos, e ela não sabe o que fazer com elas. Assim que sai da Place des Vosges, Jess pega o celular e digita o número de Luc. As informações são importantes demais para lidar sozinha com elas.

– Oi, é a Jess Bright, que está escrevendo o livro de memórias da Adelaide...

– Eu sei quem você é – interrompe ele, parecendo achar divertida a apresentação dela. – Está tudo bem?

– Na verdade, não – solta Jess. – Pra ser sincera, estou um pouco preocupada com algumas coisas que a Adelaide me contou nos últimos dias.

– Ahhh. Entendo. Onde você tá? Já saiu do apartamento, né?

– Acabei de sair. A questão é que a Adelaide fez algumas coisas bem graves, de acordo com o que me contou. E eu alertei à sua tia que os editores com certeza vão surtar com alguns detalhes, mas ela diz que quer contar tudo mesmo assim. Sério, estou meio preocupada que ela acabe encrencada por se expor tão abertamente. – Um pensamento novo e terrível lhe ocorre. – E, na verdade, eu também posso me encrencar, se souber de tudo e não fizer nada a respeito. Quer dizer... ela incendiou o apartamento de um homem, Luc. Poderia ter matado o cara. Parece que ela o desfigurou, possivelmente para o resto da vida. O que devo fazer com essa informação? O editor vai se sentir obrigado a falar com a polícia? Depois, tem também o caso do Colin Copeland...

Ela se interrompe ao lembrar de como Adelaide quase disse o nome dele

ao falar sobre sua série de pinturas "Vingança". A mulher recuou rapidamente ao se dar conta de seu erro, mas Jess entendeu muito bem do que se tratava, ainda mais depois das alegações sinistras que Mia andara fazendo.

– Quer dizer, em relação a isso só estou supondo, mas, pelo que Adelaide já deixou escapar, ela sabe mais sobre a morte do homem do que disse anteriormente. Então, se a sua tia me confessar alguma coisa...

Jess vê mentalmente uma imagem granulada de si mesma, pálida e ansiosa, em uma sala de interrogatório da polícia de Kent, sua consciência forçando-a a contar o que sabe. Para ser justa, ela havia pedido a Adelaide que lhe contasse a verdade, mas nunca poderia imaginar que a verdade seria tão... bem, incriminatória.

– Hum – diz Luc. – Vocês terminaram por hoje? Já almoçou? Eu estava indo comer alguma coisa, se quiser me acompanhar... meu apartamento não fica longe do de Adelaide. Podemos conversar mais.

Neste momento, duas jovens passam por Jess segurando caixas de isopor abertas com falafel e batatas fritas cheirosos, e o estômago dela na mesma hora ronca de fome.

– Seria ótimo – responde Jess.

A esta altura, seu cérebro tolo já se imagina atrás das grades por ocultar informações sobre um caso antigo de incêndio criminoso e possivelmente sobre a tentativa de assassinato de Simon Dunster. Para não mencionar o que aconteceu com Colin Copeland. Jess viu *Orange Is the New Black* e sabe que seria absolutamente patética na prisão, que se deixaria intimidar até morrer.

Ela procura recuperar a compostura. Com sorte, a situação não vai chegar a esse ponto.

– Ah, e eu também queria te perguntar sobre o arquivo dela.... se posso dar uma olhada nele em algum momento. Adelaide disse que por ela tudo bem.

Um arrepio sobe por seus braços enquanto ela se visualiza diante das pinturas da série "Vingança". Vai ser muito assustador ver a imagem de Adelaide decapitando Simon, com tudo o que sabe agora.

– Claro, quando quiser. Talvez amanhã? – sugere ele. – Vou estar livre a tarde toda, se for bom pra você. Mas, para o almoço de hoje, você conhece o Monsieur Pélican? É só procurar um restaurante em uma barcaça, não

muito longe da casa da Adelaide. É meio turístico, mas a pizza deles é bem decente. Consigo chegar lá em dez minutos, o que acha?

– Gosto da ideia – diz Jess. – Até logo.

* * *

O Monsieur Pélican fica em uma barcaça na beira do rio, atracada perto da Pont Marie e com uma varanda adjacente, à sombra de guarda-sóis, como Jess descobre pouco depois. Os bancos de piquenique da varanda estão cheios de famílias em férias comendo hambúrgueres, enquanto jovens de 20 e poucos anos tiram fotos de seus drinques coloridos, em um ângulo que inclui o rio como cenário. Por um momento, quando vê uma mulher com três filhas, todas falando acaloradamente ao mesmo tempo, Jess sente uma pontada de saudade das próprias filhas, que estão de férias sem ela, mas então vê Luc e deixa o sentimento de lado com determinação. Os negócios primeiro.

O restaurante está movimentado, mas graças a um milagre Luc encontrou um lugar na sombra, no meio do convés. Ali, os bancos dão lugar a mesas menores com cadeiras de vime de aparência confortável, e Jess sente o nó no estômago começar a diminuir quando ele a vê se aproximando e acena. Um garçom passa com algumas pizzas de cheiro incrível, tão bom que a faz franzir o nariz e tocar o amuleto em volta do pescoço, lembrando-se de como ela e Pascale às vezes escolhiam fatias de pizza marguerita de massa grossa para o almoço, em seu café italiano favorito, perto do Hotel d'Or. Mas é melhor Jess também não pensar em Pascale nesse momento.

– Que lugar legal – elogia ela, sentando-se.

É como se Luc tivesse conseguido adivinhar exatamente do que ela precisava naquele dia de verão: se sentar em um lugar bonito, bem distante da escuridão da história de Simon Dunster. O ar cheira a protetor solar e batatas fritas, e barcos de passeio lotados de turistas tirando fotos passam em alta velocidade. Mais dois minutos e ela mesma não vai conseguir resistir a um drinque.

Eles pedem a comida e as bebidas, depois Jess respira fundo e conta em detalhes suas preocupações. *Os dedos-duros se dão mal*, ouve Edie alertar em sua mente e fica ligeiramente nauseada, até se lembrar de que seu trabalho é

supostamente contar ao *mundo* todos os segredos de Adelaide. Se o mundo conseguir suportá-los, é claro.

– Eu sei que toda essa divulgação supostamente é boa e, sim, Adelaide venderia um monte de livros com tanto drama, mas não consigo imaginar que isso vá trazer alguma consequência feliz para ela, você consegue? E isso é apenas o que me contou até agora. A Adelaide já deu a entender várias vezes que há muitas outras histórias fortes por vir.

Luc tamborila na mesa, pensativo. Ele está usando uma camisa branca de manga curta e, enquanto espera que fale, Jess admira o bronzeado dos braços dele.

– Acho melhor eu ler tudo antes de enviarmos o primeiro rascunho para a editora – diz ele depois de um instante, e Jess tem que se forçar a voltar a prestar atenção, pois se dá conta de que ainda está olhando fixamente para os braços de Luc. Constrangedor. – Posso alertar a minha tia em relação a qualquer trecho que eu considere mais arriscado – continua ele. – Mas, enquanto isso, talvez seja bom para ela desabafar em relação a essas coisas.

– Sim, mas... – Jess não quer se colocar no centro da situação, mas Luc não parece ter compreendido as possíveis repercussões mais amplas. – Bem, para ser mais objetiva, *eu* também não quero ir para a prisão, Luc.

Ela deve ter falado um pouco alto demais, porque no instante seguinte a mulher na mesa mais próxima se vira e a encara com interesse. Jess responde com sua melhor cara fechada, inspirada em Adelaide, depois, felizmente, a garçonete chega com as bebidas, uma cerveja Pelican para Luc e um *jus de pamplemousse* para ela.

– Quem disse alguma coisa sobre prisão? E por que *você* está se colocando em uma cela de repente? Não estou entendendo – diz ele quando os dois estão sozinhos mais uma vez.

Jess toma um gole do suco: agridoce e gelado, perfeito.

– Eu seria cúmplice dos delitos dela! – sussurra em resposta. – Isso não me torna corresponsável ou algo assim? Eu não deveria ter dado uma "voz de prisão por cidadã comum" no instante em que ela me contou que ateou fogo no apartamento daquele bosta do Simon, e a levado para a delegacia mais próxima?

– De jeito nenhum – assegura ele. – Estou começando a achar que você não leu aquele contrato que passei séculos redigindo. Ele te exonera especificamente de qualquer forma de cumplicidade, porque tive a intuição

de que uma situação semelhante a essa poderia acontecer. Escuta, você definitivamente não vai acabar na prisão. Pode guardar as faixas de "Liberdade para Jess Bright" e as petições ao Parlamento.

– Ah. – Jess sente um peso sair de seus ombros, e a brisa que bate em seu rosto subitamente parece um grau mais fresca. – Jura? Tudo bem. Obrigada. E a Adelaide também vai ficar bem? Quer dizer, não vou entregar a sua tia se você estiver preocupado com isso, mas... – Ela para, sentindo como se estivesse participando de um filme ruim.

Não vou entregar a sua tia... sinceramente, pensa, encolhendo-se diante da própria linguagem melodramática.

– Também vou me certificar de que ela não seja presa – garante Luc. – De qualquer forma, não consigo imaginar a Adelaide usando um conjunto de moletom cinza de presidiária.

– Meu Deus, não – diz Jess. – Apesar de que... bem, eu investiguei a respeito e...

– Você investigou? Porque pensou seriamente que poderia ser uma possibilidade?

Jess percebe que ele está contendo uma risada e sente a nuca ficar quente.

– Bem... – repete, mas não consegue pensar em nenhuma explicação além da verdade. – Sim, tá certo, eu investiguei. Sim – continua, na defensiva. – E, pelo menos no Reino Unido, as mulheres não precisam usar uniforme na prisão, então... – Ela se sente enrubescer porque percebe que Luc está precisando se esforçar muito para se manter sério. – O que eu posso fazer se tenho uma imaginação fértil?

– É o que estou descobrindo – responde ele, mas ao menos seu sorriso é bem-humorado, e não o de alguém que a considera uma completa idiota. Ou pelo menos Jess torce para que esse seja o caso. – Bem, fico grato pela sua preocupação com o traje de presidiária da Adelaide. É bom saber.

– Ah, fica quieto – diz Jess, constrangida com a brincadeira dele.

– E o que você está achando da minha tia dessa vez? – continua Luc. – Ela está se comportando?

– Hum... – Jess faz uma pausa, dividida entre a diplomacia e a sinceridade. – Bem, pelo menos a Adelaide ainda não voltou a me perguntar se eu sou surda ou só estúpida...

– O quê? Ela não fez isso!

– E ela sem dúvida está me contando tudo, e tenho quase certeza de que

nada do que está falando é fictício – continua Jess, gostando bastante de ver a expressão horrorizada no rosto de Luc. Então ela cede. – Hoje nós rimos muito juntas sobre algumas histórias da juventude dela. A sua tia é bem engraçada, às vezes.

– A Adelaide estava rindo?

– Sim! Até com lágrimas nos olhos em certo momento, lágrimas de riso, por causa de uma história sobre ela e as amigas levando a melhor em cima de um antigo senhorio. – Jess sorri ao se lembrar do momento, Adelaide com a mão no peito, mal conseguindo falar enquanto tentava terminar a frase. – Apesar de que isso é raro – admite. – Na maior parte do tempo... bem, a sua tia é bem sombria, né? Não pode ser descrita como uma dessas pessoas naturalmente otimistas em relação à vida. E parece muito interessada em se vingar de qualquer um que já a tenha irritado. A Adelaide falou por pelo menos quinze minutos sobre o primeiro agente dela, Jonty, explicando em detalhes por que ele se revelou um imbecil.

Luc assente.

– Ela tem seus motivos para ser rígida – fala ele. – A Adelaide passou muito tempo deprimida depois da morte do Remy, e sei que o lockdown foi horrível para ela. A minha tia ficou muito ensimesmada... quase não pintou, quase não viu ninguém durante dias. Graças a Deus tinha o Jean-Paul como companhia, porque ela deve ter se sentido muito solitária.

Jess sente uma pontada de culpa por ter chamado Adelaide de solitária na vez anterior que esteve em Paris. Não admira que a mulher tenha explodido com ela.

– A Catherine, minha irmã, e eu... a gente estava torcendo para que a nova exposição e o livro de memórias pudessem animá-la um pouco, mas talvez a gente tenha sido simplista demais – continua Luc. – Mas fiquei feliz em saber que ela estava rindo hoje. Isso me soa mais positivo.

– Concordo – diz Jess. Ela faz uma pausa, mas logo a curiosidade leva a melhor. – Onde você se encaixa em toda essa situação, se não se importa que eu pergunte? Você também está passando o verão aqui, certo? O que deixou pra trás no Reino Unido?

Ele parece surpreso ao ver os holofotes subitamente virados em sua direção.

– Uau... tudo bem – responde ele depois de algum tempo. – Hum... bem, acho que deixei pra trás um divórcio. Uma demissão por causa de corte de

equipe. Alguns vasos com plantas que estão secando aos poucos. Todas as coisas importantes.

– Ahhh. Desculpa – diz Jess, já arrependida de sua intromissão. – Eu também – acrescenta. – Apesar de que no meu caso é apenas uma separação, não um divórcio, mas mesmo assim é uma confusão.

– Eu não sabia disso – comenta Luc, e ela se pergunta por que ele saberia, quando ouve: – Li a sua coluna sobre maternidade. E a do consultório sentimental também. Achei que tudo estava ótimo no front doméstico.

Ele andou lendo o trabalho dela? Que constrangedor...

– Ah, Deus, você não fez isso... – diz Jess, sentindo-se subitamente envergonhada.

Todos aqueles recortes pessoais e íntimos da vida dela, de sua família... era como descobrir que alguém tinha mexido em sua gaveta de calcinhas.

– Sim, logo que a Adelaide sugeriu você para o trabalho... ou melhor, quando eu achei que ela estava sugerindo você... chequei a entrevista que você tinha feito com ela e alguns dos seus outros trabalhos, antes de entrar em contato – explica Luc, e se apressa a continuar, antes que eles se desviem para a sombria história da Jessica errada: – Mas antes de mais nada foi o que eu li que me fez achar que você seria boa para escrever as memórias da Adelaide, porque a sua escrita é muito precisa, muito perspicaz – continua ele. – Você escreve com o coração e dá vida a tudo tão bem... O que foi? Por que está me olhando assim? Adorei aquela coluna que você escreveu sobre a praga dos piolhos, foi brilhante! Realmente me fez rir.

– Ah, para com isso – diz Jess, sem saber se ele está rindo da cara dela.

Provavelmente. David sempre tinha tratado o trabalho dela publicado nas revistas como se fosse de baixo nível, para um público sem sofisticação intelectual, em comparação com o mundo profundamente importante do jornalismo esportivo. Como se bastasse reunir alguns chimpanzés em uma sala e eles escreveriam uma das colunas de Jess – o marido tinha deixado isso implícito muitas vezes. Apesar das palavras gentis, no fundo Luc provavelmente pensa o mesmo.

– Você é boa! – insiste ele. – Sabe disso, né?

Ainda desconfiada, Jess precisa examinar com atenção a expressão dele, mas Luc parece sincero.

– Hum... obrigada? – responde ela com cautela.

Nesse momento, as pizzas chegam, e também a salada de tomate e muçarela que ele pediu para os dois dividirem. As pizzas estão um pouquinho chamuscadas nas bordas, do jeito que Jess gosta, e, depois que a garçonete lhes deseja um animado "*Bon appétit*" e se vira para sair, Jess começa a cortar fatias com gosto.

– Boa escolha – fala enquanto o cheiro de queijo derretido e manjericão invade suas narinas. – Eu precisava disso. – Então, para mudar de assunto, pergunta: – E você tem algum trabalho aqui, além do que está fazendo para Adelaide?

– Alguns trabalhos de consultoria – responde Luc. – Mas, nesse verão, eu não estou conseguindo evitar a sensação de que... Bem, eu fico me perguntando se não preciso mudar um pouco as coisas... Se estar aqui não é o catalisador para eu tomar algumas decisões importantes...

– Tipo o quê?

– Tipo... – Ele faz uma pausa enquanto mastiga, pensativo. – Trabalho na área jurídica desde que me formei – continua, por fim. – E tem sido ótimo, um trabalho interessante e relevante. Colegas e salários decentes. Uma profissão respeitável, sabe. Provavelmente eu teria continuado para sempre na empresa em que trabalhava, se não tivesse havido aquela onda de demissões. Mas, agora que estou fora desse estilo de vida... das longas horas no escritório ou no tribunal, dos processos, da rotina, do mesmo trajeto todo dia... não sinto muita pressa em retornar a ele.

– Crise de meia-idade? – brinca Jess.

– Ah, meu Deus, provavelmente é isso, né? Mas é estranho. Com a demissão e o fim do meu casamento no ano passado, tenho a sensação de que alguém apertou um botão de pausa na vida que eu conhecia. A esteira parou e aqui estou eu em Paris, me perguntando para onde vou...

– E...? Conseguiu chegar a alguma conclusão? Qual seria o seu sonho se não tivesse nada no seu caminho?

Luc franze o nariz.

– Pergunta típica de alguém com uma coluna de consultório sentimental – brinca ele, o que a deixa envergonhada. Por favor, que ele não tenha lido nenhuma das colunas em que ela dava conselhos sexuais. Jess preferiria morrer. – Ah, não sei. Ainda não cheguei tão longe – confessa Luc, mas logo desvia os olhos, e ela se pergunta se aquilo é verdade. – E você?

Jess pega um pedaço de tomate da salada e coloca na boca enquanto

pensa. Está maduro e suculento, temperado com azeite e pimenta-do-reino... o puro sabor do verão.

– Houve um problema parecido com a esteira da minha carreira este ano – diz ela. – Mas devo confessar que sempre odiei esteiras ergométricas. Não suporto correr e correr e nunca chegar a lugar nenhum.

– Além disso, há sempre aquele pânico de que um dos cadarços do tênis fique preso de alguma forma e ela trave – concorda ele.

– Nem *fala*! Esse é um dos meus pesadelos recorrentes!

Ele dá um risinho meio envergonhado.

– Eu sei, li isso em uma de suas colunas. Desculpa! – diz, quando Jess joga a cabeça para trás com um gemido. – Não consegui resistir. Mas continua, você estava prestes a me contar sobre a vida dos seus sonhos.

Jess ainda está constrangida por ter alguém citando suas próprias palavras para ela, mas, por outro lado, também é meio lisonjeiro. Luc tinha lido *mesmo* o trabalho dela, o bastante para se lembrar de trechos inteiros.

– Bem, qualquer sonho que eu tenha precisa levar em consideração três adolescentes, o que exclui coisas empolgantes ou excêntricas demais – responde ela –, mas em termos de trabalho, eu adoraria realizar alguma coisa... – Jess faz uma careta. – Eu estava prestes a dizer "impressionante", o que soa tragicamente carente. Mas você sabe, algo que fizesse outras pessoas dizerem "Uau!", que me desse a sensação de ter chegado lá, de ser um sucesso.

– Eu diria que escrever duas colunas durante anos a fio, e todo o restante do seu trabalho como jornalista, é bastante impressionante – comenta ele.

– Sim, você talvez *ache* isso, mas pode acreditar em mim, há toda uma hierarquia no mundo da palavra impressa, e algumas pessoas adoram colocar os outros no lugar que acham que cabe a eles – explica ela, sentindo-se ruborizar de novo. – Esnobes com olhos críticos, que desprezam qualquer um que escreva conteúdo popular como eu, em vez de matérias eruditas e dignas de prêmios. – Na mesma hora, o rosto de sua antiga chefe, Lucinda, volta à sua mente. *O problema com a Jess...* Isso ainda a irrita, mesmo depois de todos aqueles anos. Por que ela não consegue deixar a história para trás? – Por isso fiquei feliz em conseguir o trabalho com a Adelaide, mesmo que tenha sido um acidente. Porque enfim vou ter algo mais profundo no meu currículo de novo. Ninguém vai chamar essa biografia de "banal", ou "superficial", ou qualquer uma daquelas outras palavras condescendentes

que parecem ser usadas só para os textos das mulheres. – Jess sente a voz vacilar com uma súbita indignação, e tenta voltar a um estado emocional em que se sinta menos exposta. – Bem, pelo menos vamos torcer para que não, pelo bem da Adelaide.

– Eu não me dei conta disso – confessa Luc. – Meu Deus. Como isso deve ser irritante... Diz o homem, afirmando o óbvio ululante – acrescenta ele, e ergue o copo. – Bem, um brinde a você e a sua escrita inteligente e divertida, Jess. E foda-se todo o resto.

Aquela última frase é tão inesperada – e tão o que ela *não* achava que ele diria – que Jess cai na gargalhada.

– Vou brindar a isso – fala, rindo, enquanto também ergue seu copo e encosta no dele. – Fodam-se todos eles. Principalmente a Lucinda.

– Sim, definitivamente ela. Não tenho ideia de quem seja, mas ela parece uma pessoa terrível – diz Luc, solidário.

– A pior.

Eles sorriem um para o outro, então algo desconcertante acontece.

Aquilo não foi... não foi um arrepio, foi? Por um momento insano, Jess tem a sensação de que suas terminações nervosas estão gritando para chamar sua atenção. Como se seu coração estivesse se expandindo dentro da caixa torácica e...

Bem, isso não pode ter acontecido, se apressa a concluir, e desvia os olhos. Por um lado, um coração em expansão seria biologicamente impossível. Por outro, ela não tem 14 anos, não está mais na idade de ter paixonites por alguém. Está ali para trabalhar, para agir de forma profissional. Só está sem prática com esses arrepios, só isso – provavelmente é má digestão, por estar comendo rápido demais. Além do mais – alô! –, ela tem um encontro com Georges na noite seguinte. Então, se for para haver arrepios e sensações estranhas no coração, ela definitivamente deveria guardar todas essas coisas para *ele*.

– De qualquer forma – diz Jess, ciente de que um silêncio estranho se instalou entre os dois. Ela não está acostumada com a companhia de homens, é isso, diz a si mesma. Não é de admirar que algo em seu corpo enlouqueceu por estar diante de um cara bonito em Paris. – Então... sobre o arquivo. Como faço para chegar lá amanhã?

Luc explica onde fica o arquivo, em um antigo estúdio alugado por Adelaide, e os dois combinam um horário para se encontrarem. Então, ele

começa a contar sobre algumas fotos que encontrou em meio ao conteúdo de cartas antigas e amassadas em uma caligrafia comprida e fina, e os folhetos de exposição jogados descuidadamente em uma sacola. Está tentando organizar tudo cronologicamente, explica, mas o material é uma grande confusão.

– Quanto aos quadros... – continua Luc, e faz uma expressão de horror fingido.

Parece que há apenas pilhas e mais pilhas de telas antigas, algumas da época em que Adelaide ainda era estudante – quadros antigos, cheios de teias de aranha, que nunca receberam os devidos cuidados. Ele está catalogando tudo da melhor forma possível, comparando as telas com as listas das exposições, mas algumas nunca foram expostas – neste momento, Jess respira fundo, lembrando-se da série "Vingança" –, e outras foram pintadas por cima do original, ou precisam de restauração profissional.

A conversa está tão interessante que é um choque quando a garçonete reaparece para recolher os pratos e copos vazios, e Jess percebe que, sem se dar conta, eles já estão ali há uma hora e meia. Como é possível?

– Nossa, é melhor eu ir – diz ela, ciente de que seu computador a aguarda e de que pretende falar com as filhas. Luc provavelmente também tem coisas a fazer à tarde. – Mas obrigada pelo seu tempo... por tudo isso.

Ela faz um gesto amplo com a mão, abrangendo a barcaça, o almoço, os dois. Não "os dois" daquele jeito, se corrige Jess mentalmente, sentindo-se nervosa de novo. (Ah, pelo amor de Deus, o que há de errado com ela?)

Eles têm uma breve discussão sobre quem vai pagar a conta, e Luc acaba vencendo, mas só depois que Jess afirma que vai pagar na próxima vez, seja quando for. Então os dois saem da barcaça e descem até a margem do rio.

– Obrigada mais uma vez – diz Jess, e se pergunta se eles vão se abraçar ou talvez dar um beijinho no rosto um do outro ou...

Não. Luc está destrancando o cadeado de uma bicicleta presa ali perto com a expressão concentrada... ele não parece disposto a fazer nada daquilo.

– Foi bom conversar, Jess – fala ele, e guarda o cadeado da bicicleta em uma mochila. – Ah – acrescenta, em tom um tanto brusco. – E uma fazenda, por sinal.

– Uma fazenda? – repete Jess, sem entender.

– Meu sonho. Se não houvesse nada no meu caminho.

Ainda assim, ela leva um instante para entender.

– Ah! Uau, isso é um salto e tanto. Você realmente quer ser fazendeiro?

Ele encolhe os ombros, parecendo um pouco tímido.

– Bem, sim, eu teria uma pequena propriedade. Talvez um pomar. Um lindo porco peludo, também. E cultivaria muitos legumes e verduras. Com certeza teria um trator. Reflorestaria alguns acres... – Ele abre as mãos timidamente. – Isso seria o bastante pra mim. Esse é o sonho.

Jess sorri, sentindo-se encantada – lisonjeada – por Luc ter compartilhado isso com ela.

– Gosto do seu sonho. Consigo te ver com facilidade em um trator – fala.

Então tem que se afastar, porque agora ele está com uma expressão satisfeita no rosto e há um momento estranho entre eles – outro! –, no qual parece que estão muito próximos. Por causa de um porco peludo e alguns vegetais, pelo amor de Deus. Ela não está imaginando essas coisas, está?

– Bem. Vejo você amanhã – diz ela, para desfazer qualquer estranheza que esteja acontecendo entre os dois. – Tchau!

Capítulo Vinte e Dois

– Ele me parece esquisito demais – diz Margie, soltando uma longa baforada do cigarro. – O que você vai fazer a respeito?

– O que eu posso fazer? Não tem como eu confrontar o cara, né? Tô torcendo para que ele fique entediado e acabe desistindo. Que se concentre em outra pessoa – responde Adelaide.

O ano é 1980 e as duas foram passar o fim de semana em Little Bower, junto com outras amigas, mas está muito cedo e, por enquanto, só Adelaide e Margie acordaram. As duas estão na cozinha – Margie serviu uma xícara de café para cada uma (acabou o leite), e Adelaide acaba de confessar sobre seu estranho "fã", expressando alívio por sair de Londres e ir a um lugar onde não espera vê-lo espreitando em todos os cantos. Na noite anterior, Adelaide dormiu seu sono mais profundo em anos. Ela está com coisas demais na cabeça.

– Talvez você devesse confrontar o homem. Eu faria isso. É só perguntar: *O que você pensa que tá fazendo?* – Margie golpeia o ar com o cigarro para enfatizar as palavras. – *Porra, cara, qual é o seu problema?*

Adelaide dá um sorrisinho, porque poderia ter adivinhado, quase palavra por palavra, que essa seria a sugestão da amiga tão destemida. As duas têm 30 e poucos anos e a faculdade parece ter acontecido muito tempo atrás, já que ambas tiveram sucesso em suas carreiras. Depois da exposição em Nice, o trabalho de Adelaide também viajou para galerias em Berlim e Amsterdã, enquanto Margie está se destacando no mundo da escultura – uma de suas peças chegou a integrar recentemente uma exposição no Museu Guggenheim, em Nova York. Elas continuam a ser melhores amigas, mas se veem menos agora, até porque Margie se casou, tem um filho de 3 anos e mora no subúrbio, enquanto Adelaide e Remy têm uma casa em Primrose

Hill, totalmente imersos na vida de Londres. Elas ainda têm Little Bower para se encontrarem, e Adelaide se sente cada vez mais grata pela oportunidade de deixar tudo para trás e se reconectar com suas amigas mais fiéis. É a primeira vez que ela fala sobre o homem que costuma segui-la por toda parte, a primeira vez que reconhece em voz alta como isso a incomoda.

– A questão é... – diz Adelaide, então se interrompe. – Você vai me achar uma idiota.

– É claro que não. Bem, não mais do que já acho. Fala.

Adelaide encara a amiga – o rosto que conhece tão bem, os cabelos loiro-claros curtos, as olheiras que agora se devem aos terríveis hábitos de sono do filho pequeno, e não às longas noites trabalhando no ateliê.

– Outro dia eu fiquei olhando pra ele e... tem alguma coisa no rosto do cara. Por um instante, achei que ele fosse o Will.

– Ah, Addie...

Margie entende na mesma hora, sem necessidade de mais explicações. Às vezes é como se os pensamentos das duas estivessem sincronizados, conectados em um plano no qual as palavras são desnecessárias.

– Sim. Quer dizer, ele não é o meu irmão, obviamente. Mas pensei muito claramente: *Olhe lá o William*. Isso complicou e muito as coisas na minha mente. Meu rosto deve ter demonstrado meus sentimentos... provavelmente até olhei para ele de certa maneira... com saudade, esperança... Agora fico me perguntando se ele interpretou errado a minha expressão e...

Adelaide esfrega os olhos, desejando pela milionésima vez que o homem pudesse de fato ser o seu irmão. Seu amor perdido. *Olha você aí!*, ele poderia ter dito com aquele seu sorriso travesso, e corrido para abraçá-la. William sempre apareceu em seus sonhos ao longo dos anos, e ela sempre ficava emocionada ao vê-lo, mas agora ele está presente todas as noites. É quase como se estivesse tentando lhe dizer algo.

– Não sei – continua Adelaide. – É complicado. Eu não acredito em reencarnação ou qualquer outra bobagem desse tipo, mas... O que você acha que acontece com a alma de uma pessoa quando ela morre?

Margie apaga o cigarro na grande concha de vieira que usam como cinzeiro.

– Nada. Deixa de existir – responde ela, encolhendo os ombros. Ainda está de camisola (na verdade, uma camisa grande listrada em rosa e branco), que desliza por um ombro com o movimento. – Ah, por favor, Addie. O

homem não é o seu irmão. Ele só é meio esquisito mesmo, e você não deveria deixar que ele te perseguisse sem falar nada. E espero que você não esteja *se* culpando por isso também, porque, não importa como olhou pra ele, tenho quase certeza de que a expressão em seu rosto não dizia *Fica à vontade para me seguir como um doido obcecado*. – Ela estreita os olhos. – E aquele seu namorado francês, ele não pode dar um susto no esquisito e mandar o cara de volta pra caverna de onde saiu?

Adelaide abaixa os olhos, porque Margie e Remy não gostam um do outro, e ela nunca soube ao certo por quê.

– Vou dar um jeito – diz ela. – Não se preocupe comigo.

* * *

Jessica chega, como sempre, às dez horas em ponto e, como sempre, é levada até a sala pela lúgubre Marie-Thérèse.

– Uma bandeja de chá com acompanhamentos, Marie-Thérèse – pede Adelaide em francês, antes de sentir o olhar de Jessica sobre ela e acrescentar: – *Por favor*. Se não for muito incômodo. Se você puder fazer esse esforço.

Mais tarde, à noite, relembrando a cena, ela perceberá que só foi sarcástica por causa de Jessica – porque não suporta que lhe digam o que fazer, como se comportar. Mas, para Marie-Thérèse, o sarcasmo parece ser a gota d'água.

– Fazer esse *esforço*? – repete a mulher, com a expressão furiosa. – Madame Fox, eu sempre me esforço! Eu me esforço todos os dias nesta casa para atender a senhora e sou tratada como a sujeira que sempre estou limpando. A senhora não consegue ser educada por um segundo sem ser desagradável logo depois. Então, não! Não vou trazer o seu chá. – Nesse momento, ela arranca o avental e o joga no chão, empinando o nariz vermelho. – Não vou limpar, cozinhar, lavar e passar, não vou comprar comida para o seu cachorro fedorento. Não vou arrumar a sua cama nojenta. Estou indo embora e a senhora vai ter que fazer todo esse trabalho sozinha. Pra mim, chega!

Ela bate com o pé no chão uma última vez, para marcar o fim do discurso, depois se vira e se retira.

– Nossa! – exclama Adelaide, surpresa.

– Quer que eu vá atrás dela? – pergunta Jessica, parecendo preocupada. – Ou você vai?

– Ir *atrás* dela? Depois desse showzinho? Com certeza não vou fazer isso – responde Adelaide, e seus trejeitos ingleses se intensificam por causa da indignação.

Como a mulher tinha ousado chamar Jean-Paul de fedorento? E a cama dela *não* é nojenta!

– Mas você não acha que... Talvez se tentasse se desculpar... – Esse se mostra um argumento irrelevante, já que, no instante seguinte, elas ouvem a batida da porta, tão alta que Jean-Paul levanta as orelhas, alarmado. – Talvez não – continua Jessica, desanimada. – Hum... Bem, quer que eu prepare chá para nós? Ou prefere sair de novo? – Ela dá uma olhada em Adelaide. – Você tá bem? Essa cena foi bem horrível. Apesar de que...

– Estou perfeitamente bem – diz Adelaide, antes que Jessica se atreva a começar a culpá-la.

O clima no apartamento acaba se desanuviando, e elas continuam a trabalhar. Adelaide começa a contar histórias de quando estava na casa dos 20 anos. Por onde começar? Talvez retomando o ataque prazeroso a Jonty, o agente dedicado que lhe prometeu mudar sua vida, mas, em questão de semanas, ela iria descobrir que ele dedicava todo o seu tempo aos artistas homens que também agenciava.

– Talvez já tenhamos o bastante sobre o Jonty – comenta Jessica, interrompendo uma história especialmente mordaz que Adelaide já começava a contar. – Talvez você pudesse falar sobre... hum, o que estava te deixando feliz naquele período.

– Me deixando *feliz*? – repete Adelaide, tentando não revirar os olhos. Mas então se lembra de por acaso encontrar David Hockney, que foi tão gentil em relação a uma das obras dela que a deixou emocionada demais para falar. – Fiquei muito feliz com isso – admite.

Em seguida, Adelaide descreve os vários trabalhos de pagamento irrisório que aceitou para conseguir sobreviver enquanto pintava: um tempo como assistente em uma galeria de Kings Road, um bico como recepcionista em um teatro do West End, um curto período trabalhando como faxineira no turno da manhã na Royal Academy. A menção a esse último trabalho a faz lembrar de Marie-Thérèse e da saída intempestiva da mulher, então sua voz falha. É muito irritante saber que agora terá que suportar o cansativo

processo de encontrar outra pessoa para cuidar dos afazeres domésticos. Adelaide já teme a ligação para a agência, afinal, o gerente arrogante foi bastante desdenhoso com ela da última vez. *Madame, temos recebido muitas reclamações a seu respeito*, dissera, em tom de censura. *E já lhe enviamos mais da metade de nossa equipe!*

– Adelaide...? – chama Jessica, trazendo-a de volta à sala.

– Sim, sim, desculpe. Onde eu estava? Sim, na Royal Academy. Olha só uma história para você. Em primeiro lugar, só comecei o trabalho de faxina porque um amigo meu da Goldsmiths estava trabalhando lá e conseguiu a vaga pra mim. E, no fim, passar aspirador naqueles grandes salões, tirar o pó e limpar o chão sob algumas das maiores obras do mundo... era simplesmente uma oportunidade tentadora demais para alguém como eu, que desejava ter seu trabalho visto e admirado, ainda mais porque o Jonty não parecia ter nenhuma pressa em fazer isso acontecer. Então... – Ela sorri, sentindo uma onda de carinho pela jovem impulsiva e ousada que foi um dia. – Então eu coloquei furtivamente um quadro meu na exposição de verão deles. Troquei uma paisagem sombria por ele... só Deus sabe por que um quadro tão chato foi escolhido... e imprimi um pequeno cartão com os detalhes e o preço da minha pintura, para combinar com todas as outras que estavam ali.

Jessica se inclina para a frente, com os olhos cintilando. Faz muito tempo que Adelaide não conta essa história em particular... e a jornalista nunca ouviu a respeito.

– Não creio! – exclama ela, encantada. – Isso é muito divertido! Como você definiu o preço? Alguém comprou? Quanto tempo demorou até perceberem que seu trabalho nem deveria estar ali?

– Quinhentas libras – responde Adelaide, animada. – O equivalente a cerca de dez mil hoje. Admito que foi muito ousado da minha parte. Extremamente questionável. Meu coração batia tão forte quando troquei os quadros que juro que houve um momento em que achei que estava tendo um infarto. Mas eu me safei.

– Ai, meu Deus, *adorei* isso. É fantástico. Conta mais sobre a pintura. Era algum quadro de que você se sentia particularmente orgulhosa? A sua atitude foi alguma espécie de declaração?

Adelaide dá uma risadinha zombeteira.

– Na verdade, não – admite. – Talvez tenha servido como uma

declaração de que eles deveriam ter tido mais cuidado com as medidas de segurança. Quanto ao quadro... Bem, naquela época, havia muitas obras bobinhas, *Natureza-morta com flores, Primavera na campina*, esse tipo de bobagem. O meu quadro era um retrato da Margie, de rosto inteiro, com um cigarro nos lábios e uma expressão perversa nos olhos. *Mulher fumando um cigarro*, foi como chamei.

Ela consegue ver claramente o quadro, pintado a óleo em uma tarde tranquila, quando as duas estavam entediadas. Margie não gostou, disse que seu nariz parecia muito bulboso, mas Adelaide ficou bastante satisfeita com a tonalidade, com o olhar direto que conseguira capturar na tela.

– E o quadro ficou pendurado lá por... meu Deus, vários dias, pelo menos, antes que alguém tentasse comprá-lo. O que foi bastante lisonjeiro. É claro que, quando o misterioso comprador perguntou sobre como seguir com a compra, meu pequeno castelo de cartas caiu. A administração da Royal Academy ficou absolutamente furiosa, me demitiu na hora, disse que eu tinha sorte de eles não me acusarem criminalmente por... não me lembro, fraude, talvez... ah, e por roubar a paisagem sombria. Como se eu quisesse aquilo na minha parede! Não, eu coloquei no fundo de um armário de arquivo, em uma sacola.

– Ah, então tudo bem – balbucia Jessica.

– A Royal Academy queria abafar todo esse assunto, mas, infelizmente para eles, eu tinha um amigo que trabalhava no *Evening Standard* na época. Passei a história adiante como fofoca e, quando dei por mim, um jornalista já estava entrando em contato querendo os detalhes. No dia seguinte, publicaram uma foto minha e do meu quadro no jornal, então alguns outros também publicaram, porque acharam que era o tipo de história divertida para fechar a edição. O assunto também foi tema de um programa de artes qualquer da Radio 4. O melhor de tudo é que alguém do Palácio de Buckingham entrou em contato com o Standard para dizer que a própria princesa Margaret estava interessada em ver a pintura!

– Não *acredito*! – exclama Jessica. – Jura? Essa história só fica melhor. Então você vendeu o quadro para a princesa Margaret? Ai, meu Deus! Você a conheceu?

– Não, não, nada disso. E devo dizer que a minha mãe nunca me perdoou por isso. – Adelaide até consegue ver a mãe, a pobre e velha Geraldine, parada com as mãos apoiadas na pia, enquanto a filha contava a

história. *E você disse não? Para a princesa Margaret? Não me diga isso. Por favor, me diga que você tá brincando. Ah, eu desisto, Adelaide. Desisto mesmo!* – Não tinha nada errado com a princesa Margaret. Na verdade, eu adorava a ideia de ela, entre tantas pessoas, ser dona de um quadro chamado *Mulher fumando um cigarro*. Mas àquela altura o Jonty já tinha esticado aquele dedo suado e estava ao telefone com os contatos dele. Recebemos uma oferta de um colecionador extremamente rico, de quem não me lembro o nome, que se ofereceu para pagar mil libras pela pintura. Como eu poderia recusar?

– Uau, Adelaide. *Uau* – diz Jessica. – Isso deve ter sido incrível. Você consegue lembrar em que gastou o dinheiro? Se comemorou a venda de algum jeito especial? E o que a Margie disse sobre um retrato dela receber tanta atenção?

– Na verdade, ela ficou furiosa, porque nem gostava do quadro – responde Adelaide. – Disse que eu a desfigurei publicamente. Então, a mãe da Margie, a Edna, ficou sabendo da história toda, mesmo morando em Southend, e também ficou furiosa, porque não sabia que a Margie fumava. – Seus lábios se curvam em um sorriso, porque ela ainda se lembra do telefonema que recebeu, de como todos na casa conseguiram ouvir a fúria de Edna Flint do outro lado da linha. – Quanto à comemoração, pelo que me lembro, fomos à casa noturna do Ronnie Scott. – É como se, por um instante, ela estivesse de volta ao clube de jazz mal iluminado no Soho. – É claro que, naquela época, o próprio Ronnie tocava saxofone quase todas as noites lá – acrescenta Adelaide, quando Jess parece não entender. – Acho que me lembro de algumas de nós subindo no palco para dançar com a banda depois de alguns uísques a mais.

– Isso é sempre um sinal de uma boa noite – comenta Jessica, com a expressão de quem já fez coisa parecida.

– Mas eu me lembro muito bem da retaliação da Margie – continua Adelaide. – Com um retrato pintado por ela... um retrato horroroso meu, em carvão, que me fazia parecer uma bruxa. *Mulher contando suas trinta moedas de prata*, foi como ela chamou – diz ela, rindo da lembrança. – Um quadro absolutamente horrível. Na verdade, a Margie foi até a Royal Academy e perguntou ao presidente da época se ele gostaria de ter o quadro pendurado no escritório. "Te faço por dez libras", ofereceu ela, mas o homem recusou, o que é engraçado. – Adelaide dá uma risadinha

debochada enquanto se lembra da indignação fingida da amiga. – Meu Deus, nós nos divertíamos muito naquela época, realmente nos divertíamos.

– Parece que sim – diz Jessica. Então hesita. – Talvez eu pudesse... – Ela se interrompe de novo. Abre a boca e volta a fechá-la. – E se eu entrasse em contato com a Margie? – sugere timidamente. – Para ver se ela ainda tem o quadro. Não seria incrível se pudéssemos colocar os dois no livro? Acho que os leitores adorariam...

– Ah, não – rejeita Adelaide na mesma hora, antes mesmo de Jess terminar a frase. – De jeito nenhum. Por favor, não faça isso.

– Talvez eu pudesse só...

– Não – repete Adelaide. – E não me pergunte de novo. – Ela limpa uma sujeira imaginária da saia, já sem o humor alegre de antes. – Acho que por hoje já basta, não é? Você provavelmente vai precisar escrever um pouco enquanto eu... – Adelaide fica ainda mais desanimada quando se lembra de que não tem mais Marie-Thérèse para preparar o almoço, limpar e arrumar, organizar o jantar, esvaziar a lata de lixo. – Eu também tenho muito o que fazer – diz, em tom sombrio.

– É claro – responde Jessica, e se levanta da cadeira com certa relutância, como se esperasse uma mudança de ideia de última hora. O que não acontece. – Até amanhã.

Capítulo Vinte e Três

O Hotel d'Or não mudou muito nos últimos vinte anos, pensa Jess, parada na calçada diante da antiga mansão de pedra branca, com as altas portas pintadas de preto e dourado ladeadas por arbustos bem-cuidados em distintos vasos de pedra. Tudo na fachada grandiosa transpira elegância. Pelas portas, ela consegue ver de relance uma parte da silenciosa área do lobby com pilares de mármore, tapetes grossos e claros e um piano de cauda. *O restaurante deve estar lotado para o almoço a essa hora*, imagina – a equipe de garçons carregando travessas com tampas prateadas em meio ao estampido das rolhas, ao tilintar suave de talheres pesados. Bem-vindos ao seu refúgio do resto do mundo. Tentem não pensar nos trabalhadores mal pagos organizando tudo depois de cada movimento seu.

Adelaide terminara abruptamente a sessão do dia, então Jess cedeu a um impulso e pegou o metrô para o Faubourg Saint-Germain antes que pudesse mudar de ideia. De pé ali – se perguntando se deve entrar furtivamente, em nome dos velhos tempos, ou se os porteiros uniformizados já a identificaram como Não Rica –, vê um Bugatti preto parar em frente às portas e os funcionários voltarem a atenção para o carro. Um deles se adianta para ajudar os recém-chegados com a bagagem, enquanto outro pega a chave do carro com uma pequena mesura e se prepara para estacioná-lo. Jess examina os recém-chegados – ambos de óculos escuros, ele com as roupas típicas de quem trabalha na área de tecnologia: camiseta branca amassada, jeans escuro e tênis, que provavelmente custam mais do que a parcela mensal da hipoteca da casa dela. A mulher está usando um vestido preto com gola alta e sandálias de salto anabela; seus braços tonificados e a cintura fina são, sem dúvida, um patrimônio arduamente conquistado em sessões diárias com um personal trainer.

É difícil não ficar olhando fixamente para as pessoas glamorosas, que exalam privilégio e entram de braços dados pelas portas do hotel sem uma única palavra de agradecimento à equipe de funcionários que torna tudo isso possível. Ela não consegue deixar de lembrar do desdém de Pascale pelos hóspedes ricos, e muitas vezes rudes, que as duas atendiam quando trabalhavam como camareiras ali.

– Eles acham que, porque podem se dar ao luxo de se hospedar nesse lugar, somos inferiores – dizia Pascale, torcendo o nariz e revirando os olhos. – O jeito como mal nos olham... como se não fôssemos pessoas de verdade, como se não merecêssemos nem um mero *olhar* de verdade.

Àquela altura do desabafo, ela sempre batia no peito.

– Não somos humanas também, com corações batendo e mentes capazes de alegria, amor e dor? *Mon Dieu!* Eles não sabem nada sobre o que é existir no mundo real. Nada, estou te dizendo!

Jess concordava. E por isso continua a se preocupar em ser particularmente simpática com a equipe de serviço em todos os lugares a que vai – bares, restaurantes, hotéis –, já que ela mesma desempenhou essa função um dia. Provavelmente é também por isso que os modos arrogantes de Adelaide com Marie-Thérèse a irritaram desde o primeiro momento.

– Eles não sabem nada – respondia Jess – e ainda assim têm tudo. Como pode ser justo?

– E são bagunceiros como porcos! Tão descuidados com tudo! E têm o pior gosto! Argh. Me dê o dinheiro deles e vou saber gastar muito melhor. Pode acreditar!

Jess não conseguia contra-argumentar. O descuido dos hóspedes do hotel com seus bens sempre a chocava. Eles faziam o checkout, iam embora e deixavam roupas novas e sem uso no guarda-roupa, e jamais, até onde ela sabia, ligavam para o hotel depois, pedindo para que aquelas roupas lhes fossem enviadas. Joias eram com frequência descartadas, frascos de perfume eram abandonados nas penteadeiras, ainda pela metade. O hotel tinha regras rígidas sobre a devolução desses itens pelos funcionários, mas a chefe de Jess e Pascale, Sylvie, muitas vezes fazia vista grossa para pulseiras ou frascos de perfume ocasionais que acabavam escondidos no bolso de uma das funcionárias.

Para Jess, isso era apenas parte do trabalho, mas Pascale se deixava afetar por aquelas coisas. Pior ainda, ela começou a procurar maneiras de revidar.

– Estou te dizendo, um dia vou seduzir um homem rico – gostava de dizer Pascale, depois de um turno de trabalho, enquanto trocavam os uniformes nos alojamentos compartilhados no porão do hotel, que cheirava a mofo. – Vou seduzir o cara, pegar todo o dinheiro dele, depois vou partir seu coração. Talvez até mate o homem. Aí vamos ver quem vive melhor. – Tudo isso era acompanhado de um sorriso confiante. – Você também pode participar do plano. Seríamos como Thelma e Louise. – Jess se lembrava que a amiga dissera certa vez.

– Ah, claro... porque olha só como tudo terminou bem pra elas – disse Jess com um risinho zombeteiro em resposta.

Pascale empinou o nariz.

– *Essa* Thelma aqui não vai se dar mal – retrucou ela, majestosa, cutucando a bochecha e fazendo beicinho.

Jess se lembra das palavras ousadas da amiga e, mesmo anos depois, sente um arrepio percorrer seu corpo, embora o dia esteja quente. Pascale tinha só 22 anos na época, só um pouco mais velha do que Mia agora. Cheia de bravata e atrevida, mas esguia o bastante para ser facilmente dominada por um homem furioso, se foi o caso. Ferida. Morta e jogada no rio... Ah, Pascale... Você não tentou nada estúpido, não é? Jess ouve novamente a amiga fazendo aquele último pedido enigmático – *Jess, se eu te pedisse para me ajudar com um negócio meio perigoso...* – e sente a bile subir pela garganta com a lembrança.

Então, Jess escuta alguém se dirigindo a ela:

– *Madame? Puis-je vous aider, madame?*

Um dos porteiros uniformizados aparece subitamente ao lado de Jess, e ela endireita o corpo. O homem é alto, de ombros largos, o corpo de um jogador de rúgbi. Jess supõe que tenha 20 e poucos anos, e é bonito – pele dourada, cabelos escuros bem cortados sob o quepe vermelho que é parte do uniforme. *A mãe dele deve ter orgulho do filho elegante*, pensa Jess, imaginando uma fotografia do rapaz de uniforme no parapeito da lareira.

– *Non, merci* – responde ela, mas ainda assim se vê empacada ali. Afinal, é jornalista e não há nada pior do que uma história inacabada. – Se bem que... eu mesma trabalhei aqui em 1998 – continua em francês. – E estou tentando localizar uma amiga com quem trabalhei naquela época. Pascale Bernard, já ouviu esse nome?

Ele parece surpreso com a pergunta.

– Pascale Bernard? Não, sinto muito – responde o porteiro.

– E a Sylvie, ela ainda trabalha aqui? – insiste ela. – Na limpeza? Pequena, negra, com uma gargalhada gostosa.

Ela o perdeu. O homem agora apenas a encara, parecendo perplexo.

– Sylvie? – repete o rapaz.

– Sim... na limpeza? Eu só estava me perguntando...

Ele balança a cabeça, desviando os olhos para uma idosa de cabelos brancos armados que se aproxima do hotel carregada de sacolas de compras de LaCroix e Dior.

– Sinto muito, madame. Sou novo aqui. Com licença.

O rapaz se afasta apressado na direção de seu novo e elegante alvo de atenção, para ajudá-la com as compras.

Jess expira com força, e só então se dá conta de que estava prendendo a respiração. É claro que o porteiro não pode lhe dar nenhuma resposta. O que ela estava esperando? Não *há* respostas, esse é o problema. Ela se afasta, sentindo a pele vibrar. *Deixa isso pra lá*, diz a si mesma. Pascale nunca apareceu em nenhuma pesquisa na internet e, no fundo do coração, Jess sabe que a amiga provavelmente está morta. Por que vasculhar o passado agora? Além do mais, um arquivo e Luc a esperam, se lembra, e acelera o ritmo.

* * *

O arquivo de Adelaide fica no antigo ateliê da artista, em Belleville, a nordeste da cidade. A Rue Sainte-Marthe é estreita e sombreada, as fachadas das lojas quase todas pintadas em cores vivas. O som de um clarinete tocando jazz sai de uma janela aberta no segundo andar de um prédio, dois rapazes passam em bicicletas motorizadas, e um idoso que fuma um cigarro diante de uma porta fica olhando enquanto Jess passa. Ela estende a mão para acariciar o pelo quente de um gato preto debruçado no parapeito da janela e se pergunta como Albertine está, sozinha em casa. Becky lhe enviou algumas fotos até o momento, além de uma história emocionante sobre Albertine colocando uma raposa para correr no outro dia – para ser sincera, parece que a gata não se importa com o fato de a família estar ausente de novo.

Jess quase passa direto pela porta marrom porque é muito sem-graça –

ela esperava algo muito mais grandioso, impressionante. Porém, alguns instantes depois de bater, Luc abre a porta, alertando-a para tomar cuidado com os degraus porque o tapete está bastante surrado, e ela o segue até o segundo andar do que já foi uma casa antiga. Ele conta que os quartos foram todos convertidos em ateliês, e Jess sente a curiosidade se aguçar à medida que passa pelas outras portas fechadas, imaginando o que estaria sendo criado por trás delas.

No auge do sucesso, Adelaide tinha um estúdio muito maior em Montparnasse, conta Luc quando chegam ao segundo andar, e enfia uma chave na porta. Ela e Remy compartilhavam o lugar, mas depois, quando se separaram, ela levou tudo para o estúdio onde estão, antes de partir para trabalhar no Japão.

– E aqui estamos – anuncia ele, abrindo a porta.

Jess respira fundo, imaginando uma Adelaide mais jovem subindo esses mesmos degraus, com os braços cheios de telas e o coração partido. Enquanto segue Luc até o estúdio, ela antecipa a cena: um espaço claro e arejado, com paredes brancas e limpas, talvez um frigobar cheio de champanhe para os dias bons. Prateleiras de tintas e pincéis. Uma enorme claraboia para deixar a luz do sol entrar. Mas em vez disso...

– Ai, meu Deus...

Jess engole em seco, porque o salão enorme é o completo caos. Há caixas empilhadas sobre caixas. Pilhas de quadros apoiados uns nos outros. Um armário de arquivo verde-garrafa empoeirado com pilhas oscilantes de papel em cima. Sacolas cheias de... de quê? Desenhos, blocos de notas, correspondência? Ela olha ao redor, estupefata. Até onde sabe, Luc é um homem organizado e competente, alguém que presta muita atenção aos detalhes. Como ele consegue suportar trabalhar no meio de tanta bagunça?

– Parece um depósito de lixo, eu sei – diz ele, em tom animado. – Melhor irmos até onde começa a parecer um pouco menos com uma grande cena de crime.

Luc aponta para a frente e Jess vê, através de uma porta aberta, que há um segundo salão parcialmente escondido por uma pilha de caixotes azuis.

– Ahh – diz ela instantes depois, aliviada, porque aquele segundo salão é uma mudança bem-vinda diante do caos do primeiro.

Antes de mais nada, o espaço é muito mais claro, com uma enorme janela-guilhotina, pela qual entra a luz amarelada da tarde. Há uma

escrivaninha e uma cadeira de escritório perto de uma parede, com um notebook, um par de alto-falantes e uma linha do tempo impressa e presa na parede acima, no nível dos olhos. Jess também vê uma chaleira elétrica e uma pequena máquina de café sobre outro armário de arquivo, esse vermelho e com aparência de novo. E um grande ventilador no chão. Alguns desenhos emoldurados na parede, e também fotos de Luc com um menino. Filho dele? Ela pretende descobrir mais tarde.

– Aqui está bem melhor – comenta ela. – Graças a Deus. Tive visões terríveis de você tendo que trabalhar naquele buraco lá atrás durante todo o verão, e...

– Sim, percebi isso pela expressão no seu rosto – fala Luc, com um sorriso. Ele abre a janela-guilhotina. – Pois bem, a Adelaide largou tudo aqui, foi para Tóquio e depois disso aceitou o emprego em Ottawa. A verdade é que este lugar ficou abandonado por anos. Não tinha nem seguro, dá pra acreditar? Ela voltou para Londres em meados dos anos 1990, cuidou da mãe que estava morrendo e parou de pintar por um tempo. O Remy já tinha deixado a Coco àquela altura e estava rondando a Adelaide de novo... não que ela estivesse interessada a princípio. Por fim, ela retornou para Paris, veio para este mesmo estúdio e voltou a se dedicar à arte.

Ele indica o espaço ao redor com um gesto, e só então Jess percebe que as tábuas do piso estão salpicadas de manchas de tinta em todos os tons.

– Ela trabalhou em toda a série "Pássaro" aqui – continua Luc. – Muito legal, né? Você está parada bem no meio de um cenário autêntico da história da arte.

– Que incrível! – concorda Jess.

Ela já viu as fotos icônicas de Adelaide daquela época, de macacão, com os cabelos presos no alto da cabeça, descalça e fumando um cachimbo. A série "Pássaro", como Lucas chama, é uma coleção de quadros que apresentam imagens relacionadas a voo e liberdade, com figuras femininas sombrias. É possível perceber que o conjunto foi pintado em um momento de mudança pessoal porque, mesmo aos olhos de uma pessoa amadora como Jess, há uma paixão concreta visível nas pinceladas, uma atitude de "foda-se" que transparece em cada tela. E algo nessa paixão claramente ressoou com força no público, porque a série provou ser um grande momento de retorno, e as pinturas foram exibidas em todo o mundo ao longo da década seguinte. Críticas de arte feministas em particular

abraçaram as obras. Eram a prova de que um homem fraco jamais iria conseguir esmagar uma mulher forte, disseram. Exultem, porque outra grande mulher está livre de seus grilhões! Bem... ao menos até Adelaide retomar seu relacionamento com Remy quando ele estava morrendo.

– Bem – diz Lucas –, deixa eu te mostrar até onde cheguei.

Ele se senta diante da escrivaninha e começa a mostrar a Jess seu sistema de organização – a datação das obras, a catalogação da correspondência.

– Além de cuidar do arquivo, a Adelaide me pediu para compilar uma lista de obras significativas, na esperança de que a gente consiga abordar galerias sobre uma grande, e possivelmente última, exposição, a ser montada quando o livro for publicado. – Luc afasta o cabelo dos olhos. Está quente no salão, apesar da brisa que entra pela janela. – Portanto, trata-se de um trabalho enorme, para dizer o mínimo. Mas maravilhoso também. Extraordinário. Um sonho para quem gosta de organizar coisas.

Ele aponta os polegares para o próprio peito, com um sorriso autodepreciativo.

– Posso imaginar – responde Jess. – É empolgante também, com tanto material para trabalhar. Você encontrou alguma pérola escondida? Ah, e encontrou um quadro chamado *Mulher fumando um cigarro*?

– Aquele que ela colocou clandestinamente na Royal Academy? Não, esse quadro é propriedade privada – explica Luc –, mas posso te mostrar uma fotografia e também os recortes de imprensa da época, se quiser.

– Ah, eu quero muito, por favor – aceita Jess na mesma hora. – Ela me contou a respeito agora de manhã... Eu nunca tinha ouvido essa história antes.

– É uma boa história, né? Imagine ter a coragem de fazer uma coisa dessas – diz ele, rindo, e se acomoda diante do computador. Luc flexiona os dedos teatralmente acima do teclado. – Muito bem, então. Me dá um minuto para colocar em ação o meu sistema incrivelmente complicado... Pode dar uma olhada ao redor enquanto espera.

Jess não precisa de um segundo convite e volta para o outro salão. Não vai bagunçar nada que Luc já tenha arrumado, diz a si mesma, mas, mesmo assim, a ideia de ser a primeira a tropeçar em algo que está enterrado ali há anos é realmente empolgante. *É como vasculhar uma liquidação*, pensa, enquanto para diante de uma pilha de caixas e abre aleatoriamente a de cima. Ali dentro, encontra pelo menos dez blocos de notas e pega um para

folhear. Não há data em nenhuma das páginas, mas ela acha que se trata de um bloco de notas antigo – talvez da época de faculdade de Adelaide? –, porque o estilo é ingênuo e imaturo, os traços a lápis muitas vezes hesitantes. Os esboços são em grande parte naturezas-mortas – arranjos de flores em vasos; frutas em uma tigela; uma coleção de utensílios de cozinha dentro de um jarro –, intercaladas com um retrato ocasional que ela examina com mais interesse. Um menino bonito com o colarinho levantado, fazendo beicinho para quem vê a imagem. Uma jovem soprando um dente-de-leão, de olhos fechados. Uma mulher mais velha com óculos de lentes grossas e uma expressão severa (a mãe de Adelaide, talvez?). As páginas seguintes só provocam mais perguntas. Será que aquela cena de uma rua era uma vista que Adelaide conhecia bem? E aquele pub desenhado às pressas, será que era um lugar que frequentava?

Jess pega um caderno diferente e começa a folhear. Esse deve ser de um período posterior, porque é perceptível que a mão que trabalhou ali está mais confiante, que as composições são mais pensadas. Nele, às vezes é possível detectar um humor evidente no desenho, até mesmo na narrativa, pensa Jess, sorrindo enquanto se detém em um retrato de um senhor lambendo um sorvete com uma expressão de felicidade. Ela tira uma foto do esboço e pensa que seria ótimo escolher algumas das primeiras obras para entrar no livro. Se esses primeiros desenhos são fascinantes para ela, que não entende de arte, sem dúvida serão de interesse ainda maior para os fãs de Adelaide, ou mesmo para qualquer entendido do assunto.

Então, Jess repara em um pedaço de papel com um desenho solto em tinta preta, de um homem sentado diante de uma mesa com uma taça de vinho. Remy quando jovem, talvez? Jess percebe o olhar atento do modelo, o leve erguer da cabeça em uma atitude quase desafiadora. A linguagem corporal é lânguida, sem medo, e ela sente intuitivamente que há intimidade entre o tema e a artista. Se aquele não é Remy, Jess quer muito saber quem é, pensa, tirando outra foto rápida.

– Consegui – diz Luc. Jess devolve com certa relutância o bloco de notas para onde estava e volta ao salão principal, onde vê que ele colocou vários recortes de jornal em cima da mesa. – O sistema funciona!

– Fantástico – responde ela, e se inclina para examinar os recortes amarelados, agora protegidos por envelopes plásticos.

A manchete de um deles é "Por que o quadro pintado por essa

universitária destemida é a obra mais comentada da exposição de verão?". "A afronta da farsa da faxineira", brada um editorial menos aprovador. "Quem é *A mulher fumando um cigarro*?", questiona outro, e Jess contém uma risada enquanto se pergunta se essa teria sido a matéria que a mãe de Margie leu – imagina o espanto da mulher ao ver o rosto da filha encarando-a do jornal. Jess examina com atenção o último artigo, onde a pintura foi reproduzida, e adora a expressão capturada nos olhos de Margie. Mesmo em preto e branco, quase dá para sentir o cheiro da fumaça ondulante do cigarro que emoldura o alto da cabeça dela.

– Tenho o quadro em uma foto colorida aqui, se quiser ver – diz Luc, e balança o computador.

É claro que ela quer ver.

– Nossa! – diz Jess, absorvendo a imagem na tela e imaginando a tarde preguiçosa em que foi criada.

O fundo de um laranja queimado faz com que o cabelo platinado e os lábios vermelhos de Margie saltem da imagem, os tons de pele são fabulosos, a fumaça lindamente nebulosa em contraste com as linhas nítidas em outras partes do retrato. Ouvindo Adelaide falar sobre seu aprendizado, seus estudos, Jess aprendeu a olhar mais de perto para as pinturas, em busca das formas e contrastes, e percebe ali que as espirais de fumaça são sutilmente refletidas pelas ondas do cabelo de Margie e pelos vincos da blusa branca que ela usa. É verdade que o nariz é um pouco pesado, mas de alguma forma isso só torna a imagem ainda mais atraente.

– Adorei – declara Jess. – É tão vibrante. Tenho a sensação de que conheço a Margie, só de olhar para ela na tela. De que estou lá com as duas, no momento em que foi pintada.

– Também adoro esse quadro – diz Luc. – E quando a gente vê como é fantástico, como chama a atenção, não consigo acreditar que não foi visto mais cedo na exposição de verão.

– Exatamente! O quadro teria praticamente saltado da parede. Você poderia me enviar a imagem por e-mail, por favor? A editora vai incluir algumas fotos e ilustrações no livro, certo? Acho bom começarmos a fazer uma lista.

Então ela faz uma pausa e olha de novo para o quadro. *Ajuda aqui, amiga*, parece estar lhe dizendo Margie. Em nome da solidariedade

feminina, Jess não deveria pelo menos tentar intervir no afastamento das duas?

– A propósito – continua, cautelosa. – Eu estava pensando em entrar em contato com a Margie para ver se ela ainda tem o retrato da Adelaide, aquele que ela desenhou em retaliação. O que você acha? Seria bom mostrar os dois, não seria? É uma conclusão brilhante para essa história.

Luc a encara.

– Não sei se a Adelaide ia gostar disso.

– Ela não gostou nem um pouco quando sugeri – confessa Jess com um suspiro.

Ela não entende. Se fosse sua vida, daria qualquer coisa para rever a antiga amiga que desapareceu – e Adelaide só precisaria pegar o telefone, enviar um e-mail e poderia retomar o contato com a antiga amiga *dela*.

– Você não acha triste que as duas continuem sem se falar, mesmo depois de todos esses anos? Seria ótimo reuni-las... as duas eram tão próximas.

Ele faz uma careta.

– Sim, mas...

– E às vezes, se as pessoas são teimosas ou orgulhosas demais para se reaproximarem por conta própria, você não concorda que é justo que outra pessoa intervenha?

– E, nesse cenário, presumo que você seja essa outra pessoa? – pergunta Luc, sem parecer convencido.

– Com certeza! Uma boa amizade é uma das coisas mais preciosas do mundo. Principalmente entre mulheres. Não vejo qual seria o problema em tentar resgatar o relacionamento delas, mexer os pauzinhos nos bastidores para ajudar as duas a encontrarem uma forma de voltar à vida uma da outra.

– Posso ser sincero? Se eu fosse você, não me envolveria. Se a Adelaide quisesse retomar essa amizade, já teria resolvido isso sozinha. Ela deve ter uma boa razão para ter rompido relações com a Margie. E não vai te agradecer se você interferir.

Jess não diz nada, mas não está convencida. E se a suposta "boa razão" for apenas o fato de Adelaide ser teimosa demais para fazer as pazes? Ou talvez Margie que fosse. Ela tem certeza de que, se conseguir reunir as duas de novo, depois de elas superarem a confusão que causou a briga, o sentimento que vai restar será de alegria. Se aprendeu alguma coisa sendo

uma conselheira sentimental é que todo mundo precisa de ajuda de vez em quando. Talvez pudesse fazer uma pesquisa secreta, ver se consegue encontrar algum contato de Margie. Adelaide não precisa saber, não é mesmo?

– Então, que tipo de coisa seria útil para você aqui? – pergunta Luc, encerrando o assunto. – Quer que eu encontre o que já consegui dos primeiros anos, se você estiver trabalhando cronologicamente? Para começar, tem um monte de fotos de quando ela era universitária e alguns relatórios escolares divertidíssimos.

– Isso seria fantástico – responde Jess. Então, como não consegue controlar a curiosidade, pergunta: – Ah, e falando em fotos, quem é a criança nessas fotos com você?

Ela indica as imagens com um gesto e aproveita a oportunidade para olhar mais de perto. Luc e o garoto em uma praia, molhados e segurando pranchas de bodyboard, os dois rindo. Luc e o garoto em uma lanchonete qualquer, compartilhando um milk-shake de chocolate gigantesco com um canudo para cada, usando bonés de beisebol combinando. Os olhos de Jess retornam à foto da praia e ela aproveita para dar uma conferida rápida no corpo de Luc: músculos bem-marcados...

– É seu filho? – pergunta ela, desviando novamente os olhos.

– Não, esse é o Hen, meu sobrinho. Henry, na verdade – diz ele. – É filho da Catherine. Ele tem 18 anos agora, acabou de terminar as provas do ensino médio. – Luc continua a mexer no computador enquanto fala. – Não tenho filhos – acrescenta, antes de abrir um novo documento e se inclinar na direção da tela. – Muito bem, vamos ver o que temos aqui.

* * *

A tarde passa de um jeito muito agradável. Luc se dedica a examinar uma nova caixa e cataloga e cruza informações de tudo o que encontra. De vez em quando, levanta alguma coisa particularmente interessante – uma fotografia, um esboço – para mostrar a Jess. Enquanto isso, ela começa a examinar os documentos que ele lhe passou, e todos acrescentam cor e contexto às gravações que ela fez com Adelaide. Um livreto da exposição *Trabalho* é particularmente empolgante – em suas páginas, é possível encontrar detalhes de todas as obras incluídas na mostra e alguém (a própria

Adelaide?) fez anotações e acrescentou comentários breves e animados. *VENDIDO, viva!*, está escrito ao lado da listagem com o preço de um avental nomeado *Quanto lixo*. Jess se depara com uma fotografia de Adelaide com os pais – e sim, o desenho da mulher mais velha que viu antes sem dúvida é da mãe, conclui, enquanto compara as duas com a satisfação de um detetive desvendando um mistério.

– Caramba, olha só esse cara – comenta Luc.

Ele mostra o retrato de um homem tão corpulento que parece prestes a explodir as costuras do terno. Ele tem pescoço grosso, sobrancelhas pesadas acima dos olhos semicerrados, e foi pintado com os cotovelos perpendiculares ao corpo, segurando o punho direito com a mão esquerda de maneira ameaçadora. Luc está limpando uma teia de aranha do rosto do homem, e só quando a poeira baixa é que Jess dá uma boa olhada nele e sente algo dentro dela vibrar em resposta.

– Espera, eu acho... – murmura ela, ao se aproximar. Examina com atenção a testa alta do homem, o nariz proeminente e a boca maliciosa. – Já vi esse homem antes – diz. – O retrato tem data? Algum outro detalhe? – Ela experimenta uma sensação ruim, um sentimento que não consegue explicar. – É estranho, mas acho que conheço esse homem.

– Como é possível? Esse quadro é muito antigo. Talvez ele nem esteja mais vivo – argumenta Luc, virando a tela.

– De quando eu morei em Paris antes. Trabalhei como camareira aqui, anos atrás – explica Jess.

No mesmo momento, ele diz:

– O quadro é de 1998, está datado.

– É da época em que eu estava aqui – fala Jess. E sente a pele vibrando, como se seu corpo soubesse de algo que ela não sabe. – Acho que ele talvez frequentasse o bar do hotel onde eu trabalhava.

Sim, deve ser isso. Jess consegue imaginar o homem com um conhaque e um charuto, encostado no balcão do bar, gargalhando com um grupo de homens ao seu redor. Ela e Pascale às vezes tomavam uma bebida lá depois do trabalho, embora a administração não gostasse de que os funcionários se misturassem aos hóspedes. Delphine, uma amiga delas, trabalhava atrás do balcão, sempre servia enormes taças de vinho às duas e cobrava uma fração do preço normal quando o chefe dela, Thierry, não estava olhando. Jess tira uma foto da pintura e planeja perguntar mais a Adelaide sobre o homem.

Provavelmente não é nada, diz a si mesma, e volta a atenção para a pilha de papéis que está examinando. Sua imaginação deve estar lhe pregando peças.

– Nossa, o Valentin ia *amar* isso – comenta, alguns minutos depois, quando descobre uma foto de Adelaide em um vestido de baile sendo ajustado por duas mulheres... colegas de faculdade, talvez? Jeanette? – O Valentin trabalha na *brasserie* perto de onde estou hospedada. Ele estudou moda na escola de artes daqui – explica ela, vendo a expressão perplexa de Luc.

– Você já fez um amigo? – pergunta ele, confuso. – Jess, você acabou de chegar!

– Já fiz *muitos* amigos, meu caro – responde Jess, rindo, e começa a contar nos dedos. – Tem a Beatrice, a recepcionista do hotel... na verdade, nós vamos sair amanhã à noite; o Valentin e o namorado superlegal dele, o Nicolas; o Alain, um senhor que é um doce e está passando por um momento difícil desde que a esposa desenvolveu demência... – Jess sente os olhos marejados quando se lembra da última conversa com ele na *crêperie*. – Há um mês, a família tomou a decisão de transferir a esposa dele para uma casa de repouso – continua ela. – Por um instante, achei que o Alain fosse começar a chorar enquanto me contava, Luc. Lendo nas entrelinhas, dá para ver que ele está bastante perdido sem ela... está sempre sozinho na *crêperie*, quando antes os dois estariam... O que foi? Você tá *rindo* de mim?

– Não! – diz Luc, o que obviamente não é verdade. – Bem, tá certo, estou, sim, mas é de surpresa. Nossa, estou aqui há quase dois meses e ainda não conheci ninguém, muito menos fiz amizade com uma pessoa aleatória e ouvi a história da vida dela. Como você faz isso?

– Como assim? Eu é que quero saber como você conseguiu passar dois meses aqui e não conhecer ninguém! Nem mesmo um vizinho, ou alguém do seu café favorito, ou...? – Ele balança a cabeça. – Ah, Luc... – brinca Jess. – Que triste! Eu simplesmente sou simpática, me interesso por outras pessoas.

– Eu nunca vou sair por aí conversando com estranhos. Sou londrino, não vou fazer isso – protesta ele. – E não é nada triste. Gosto da minha própria companhia, obrigado. Tenho amigos que vêm da Inglaterra a cada poucas semanas... a Catherine e o Hen também vão vir para cá na semana que vem. Então, pode tirar essa expressão do rosto, estou perfeitamente bem. Na verdade, estou me divertindo muito!

– Hum – diz ela. – Bem, se você ficar entediado, me avisa, porque tenho certeza de que o Alain gostaria de companhia. Ele é muito legal e teve uma vida muito interessante, mas dá para perceber que se sente solitário.

– Obrigado, mas passo – responde ele, com uma expressão divertida nos olhos escuros. Depois de um tempo, acrescenta: – Sabe, por um instante achei que você estava prestes a me convidar para sair, em vez de tentar me empurrar para o Alain solitário.

Ele desvia os olhos para o relógio na parede – o que é uma sorte, porque o poupa de ver a expressão surpresa no rosto de Jess. (O Luc está brincando, não é, sobre a possibilidade de ela convidá-lo para sair?)

– Falando nisso, são quase seis horas, dá pra acreditar? Você tá com fome? Tem um bom restaurante italiano mais acima na rua, ou o Dixième Degré, na esquina, que é ótimo.

– Já são seis horas mesmo? – Jess não consegue acreditar na rapidez com que o tempo passou. Ela nem mencionou ainda as pinturas da série "Vingança", que são o motivo de ter ido até o estúdio. – Como isso aconteceu? Juro que ainda eram três e meia, tipo, dez minutos atrás.

– O tempo sempre parece voar aqui – justifica Luc.

Ele se levanta de onde estava ajoelhado, diante de uma caixa, e se espreguiça. A camisa que está usando sobe com o movimento e Jess tenta não olhar para a faixa bronzeada de abdômen à mostra, mas não consegue parar de lembrar como o corpo de Luc parecia bonito na foto da praia.

– Então... vamos comer alguma coisa?

– Ah. Merda, não, não posso – diz Jess, agitada. – Já marquei um enc... – Ela não consegue terminar a palavra "encontro" porque neste exato momento seu celular anuncia a chegada de uma mensagem e ela vê que é do próprio Georges Sexy. – Ou não? – murmura, enquanto pressiona a tela para ler a mensagem.

Jess sente o coração afundar no peito, porque parece que Georges está lhe dando um bolo em cima da hora. *Jess! Désolé!*, é como começa a mensagem, seguida por uma explicação complicada em um francês abreviado que o cérebro dela não consegue traduzir imediatamente.

– Droga – diz Jess, mais para si mesma.

Ela está ansiosa por um jantar sedutor desde que entrou em contato com Georges – até mudou de ideia sobre a roupa que usaria, optando pelo vestido maxi azul-claro em estilo grego, que é drapeado o bastante para

disfarçar todas as *frites* e os *vins blancs* que tem consumido nos últimos tempos. É terrível admitir que ela também já planejou que lingerie e que perfume vai usar? Afinal, está em *Paris*, e se não puder usar roupas íntimas sexy em Paris, onde vai usá-las, então?

– Está tudo bem? – pergunta Luc. – É uma mensagem do Alain, ou do Valentin, ou de algum outro galã parisiense?

– Espera um pouquinho, eu só...

Ela lê de novo a mensagem... diz algo sobre drinques com colegas, consegue entender. Só então se dá conta de que Georges Sexy não está de fato cancelando o encontro, mas se desculpando porque só vai conseguir chegar às nove, não às oito como tinham marcado.

– Ah! Tudo bem. Desculpa por isso – diz, enquanto digita rapidamente uma resposta. *Sem problemas. Nove horas tá ótimo pra mim. Até mais*. Seu coração acelera um pouco. – Tudo ótimo. Sim, vou encontrar uma pessoa pra jantar às nove, mas... – Jess faz uma careta. – Meu Deus, às *nove*, não consigo aguentar tanto tempo sem comer alguma coisa – confessa, pensando em voz alta.

Se vai se encontrar com Georges às nove horas, vai ter que esperar séculos – pelo menos até as nove e meia – antes que qualquer comida de verdade seja colocada à sua frente. E, até lá, já vai estar fraca de fome. Possivelmente nada atraente de fome. Se comer alguma coisa com Luc agora, pode aplacar o pior da fome, imagina.

– Ah, que se dane, sim. Vamos comer alguma coisa. Boa ideia!

Eles guardam e arquivam com cuidado todos os documentos que examinaram e, quando saem para a rua, Jess se sente muito animada. Está mais movimentado agora, com um agradável burburinho de verão no ar. Casais e grupos de amigos estão sentados nas mesas da calçada com cervejas e drinques diversos, e música toca nos bares e restaurantes – parece que todos estão saindo do trabalho com vontade de se divertir.

– Dizem que esse lugar é bom – comenta Luc, apontando para uma rua lateral.

No final da rua, eles encontram um bar simpático, ao ar livre, com guarda-sóis de cores vivas e trepadeiras subindo pelas paredes pintadas de branco, enquanto "Love Again", da Dua Lipa, brada de um alto-falante.

– Perfeito – diz Jess, até porque ela e as filhas adoram essa música.

No instante seguinte, ela se vê transportada para uma viagem de carro

com as meninas, todas cantando a música a plenos pulmões. Na verdade, o clima de férias ali em Paris é tão alegre que Jess não resiste e pede um Aperol Spritz quando o garçom hipster se aproxima da mesa. Sim, e algumas azeitonas e queijo, para aproveitar. Ah, e por que não também uma porção de fritas para dividirem?

– Então – diz Luc, quando já estão comendo. – Com quem você vai jantar mais tarde? É outro novo amigo, ou...?

– Não exatamente – responde Jess, enquanto coloca uma azeitona na boca. Nossa, que delícia. – O Georges e eu costumávamos sair quando eu trabalhava aqui e... bem, na verdade é isso. Combinamos de nos encontrar. – Ela percebe um súbito constrangimento entre eles. Ou o Aperol Spritz está embaçando tudo? – Não é exatamente um encontro romântico – afirma Jess, sentindo-se na defensiva. – Só dois velhos amigos se revendo.

Luc está ocupado espetando uma azeitona e não responde imediatamente. Então pergunta:

– Você já saiu com outra pessoa desde que se separou do seu ex? Ou ainda não está nesse estágio?

– Não saí. Na verdade, não foi... Não – responde ela.

Então Jess se lembra das ocasiões em que as amigas tentaram lhe arrumar um par, e em como ela se sentiu totalmente desinteressada. Além disso, anda ocupada com as filhas, determinada a colocá-las em primeiro lugar enquanto todas se adaptam ao novo modo de vida pós-separação.

– Não que eu esteja com muita pressa – completa Jess. – E você?

Eles conversam por algum tempo a respeito – sobre como é horrível passar pelo fim de um casamento, mas também sobre o alívio de se ver saindo do outro lado desse túnel; o prazer inesperado de perceber que o mundo ainda gira, que a vida continua a oferecer alegrias cotidianas: pôr do sol, risos, ronronar de gatos. A conversa se volta, então, para as filhas dela e depois para as experiências de infância de cada um; na sequência, Jess pergunta mais sobre o sonho dele de ser um pequeno proprietário rural e implica só um pouquinho quando Luc confessa ter feito uma planilha com links para suas máquinas e seus equipamentos agrícolas favoritos. Talvez ela se sinta encorajada pela segunda bebida, porque se admite que andou pesquisando cursos de agronomia tendo ele em mente.

– Só porque eu lembrei que um amigo tem um vizinho que trabalha na universidade perto de mim – explica Jess, tropeçando um pouco nas

palavras ao ver a expressão perplexa dele. – Agronomia e ciência, ou alguma coisa parecida, em Canterbury. Universidade de Kent. Mas investiguei um pouco mais e há muitos lugares fantásticos onde você pode estudar. A Universidade de Hadlow, que fica perto de Tonbridge, parece ótima também, e... – Ela se interrompe. – O que foi? Por que está me olhando desse jeito?

– Estou só... – Luc balança a cabeça. – Surpreso. Quer dizer, você não precisa me considerar um candidato aos seus conselhos sentimentais, Jess, se é disso que se trata. Sou capaz de resolver a minha vida.

– Eu sei disso! É claro que você é! – Ela se sente constrangida. – Desculpa, eu só estava tentando... – Ela deixa outra frase inacabada e dá de ombros, sem saber como sair desse buraco que conseguiu cavar.

– Do que você acha que se trata tudo isso? – pergunta ele, e desvia os olhos brevemente para o garçom, que se aproxima com um prato enorme de nachos cheios de molho picante, guacamole e queijo para a mesa vizinha. – Se não se importa que eu diga, você parece muito interessada em se envolver na vida de outras pessoas.

– Só para ajudar! – protesta Jess, porque a crítica parece um pouco íntima demais. – Não há nada de errado com isso, certo? Aliás, eu gostaria de ter conseguido ajudar *mais* pessoas! – As palavras escapam em um rompante, e há lágrimas em seus olhos, porque está pensando em Pascale.

Jess aperta as mãos por baixo da mesa, tentando se recompor.

Luc parece – compreensivelmente – um pouco assustado com a explosão, mas não pergunta nada.

– Tudo bem – diz ele depois de um instante. – Bem, obrigado. Universidade de Hadlow, você disse? Vou dar uma olhada. – Então desvia novamente os olhos para os nachos próximos, como se estivesse sendo atraído magneticamente para o prato. – A propósito, você ainda está com fome? Posso pedir alguns desses, se quiser dividir comigo?

O coração de Jess volta a bater em um ritmo normal, e ela assente.

– A noite é uma criança – fala. – Com certeza.

A noite é uma criança, ela diz a si mesma no banheiro, enquanto joga água no rosto para tentar suavizar o rubor intenso. Ainda tem muito tempo antes de precisar ir embora. O problema é que, de repente, depois de nachos realmente gostosos e um desvio hilariante para contarem histórias constrangedoras da universidade, já são oito horas e Jess ainda está com as

roupas que usou o dia todo, sua maquiagem já saiu e seus pés provavelmente estão fedendo nas sandálias. Nunca vai ter tempo para o banho e a escova que vinha planejando, nem para a aplicação cuidadosa de uma maquiagem sexy nos olhos, que sempre leva mais tempo do que ela imagina.

– Merda! – grita Jess, e se levanta de um pulo. – Ah, meu Deus, desculpa, Luc, preciso ir.

– Tem certeza? – pergunta ele, parecendo desapontado. – Você não poderia... ficar?

Ela está tão agitada, tentando chamar um garçom para pedir a conta – *não, é a minha vez, você pagou as pizzas, lembra?* –, que não responde. E já está checando no aplicativo de mapas o caminho mais rápido de volta ao hotel e amaldiçoando sua péssima capacidade de gestão de tempo. Só alguns minutos mais tarde, depois que Luc insiste em pagar – *não, sério, tá tudo bem* – e ela se despede rapidamente com um abraço e sai correndo pela rua, é que as palavras dele voltam à sua mente. *Você não poderia... ficar?*

Jess estaca na rua, e o rosto bonito dele surge em sua mente. A pergunta em seus olhos escuros.

– Merda – diz ela em voz alta.

De repente, tudo está ficando um pouco complicado demais. Confuso demais. Será que ela está vendo coisas onde não há nada? Luc provavelmente estava apenas sendo simpático, certo? Curtindo a conversa. Sim, é quase certo que tenha sido só isso, nada mais.

Jess continua a andar e afasta Luc da mente. *Não seja tão boba*, diz a si mesma. Além disso, em pouco tempo, ela vai reencontrar o lindo Georges. Não faz sentido complicar as coisas.

Capítulo Vinte e Quatro

– Como assim, você não tem ninguém? – pergunta Adelaide, irritada, tamborilando na mesa da cozinha.

É quinta-feira de manhã e essa é a terceira agência de serviços domésticos para a qual já ligou. Como previsto, a empresa que ela sempre utilizou se recusou terminantemente a lhe enviar uma nova governanta, ou mesmo uma faxineira. *Marie-Thérèse deve ter contado a boa e velha história triste para eles*, pensa Adelaide, com o maxilar cerrado.

– É verão, senhora – responde a mulher, um tanto ácida. – Nossa equipe também tem direito a férias.

– Não estou dizendo que *não* devem ter, só que...

– Até mais, madame – retruca a atendente, e desliga na cara dela.

Desliga na cara de *Adelaide Fox*. Quando só o que ela está tentando fazer é pagar um bom dinheiro a alguém para limpar seu apartamento e cuidar de suas necessidades domésticas! Aqueles idiotas *não querem* trabalhar para ela? Até parece que a colocaram em alguma lista proibida para evitar problemas para as agências de serviços domésticos! Um relance de paranoia toma conta de sua mente. Será que ela está em uma dessas listas?

– É melhor que eu não esteja – murmura para Jean-Paul.

Por ora, vai ter que abandonar a busca e cuidar ela mesma do que precisa ser feito no final da manhã. É preciso levar Jean-Paul para passear, comprar provisões, lavar toda a louça do jantar da noite anterior, arrumar a cama, fazer uma limpeza rápida no banheiro... Céus. Como as pessoas conseguem fazer tudo isso? Adelaide manda uma mensagem para Jessica pedindo para que chegue uma hora mais tarde do que o habitual e chama o cachorro. Ar puro e uma caminhada – vamos torcer para que seja o suficiente para apaziguar seu humor exaltado.

Perto do rio, a brisa parece um pouco mais fresca, com a agitação da cidade mais distante. Há poucos barcos turísticos na água a essa hora e o cenário é sereno. Ela e Jean-Paul andam na sombra sempre que podem, caso contrário a calçada fica quente demais para as patas pequeninas do cão. É especialmente durante o verão que Adelaide sente falta dos grandes espaços verdes de Londres e se pega imaginando como Jean-Paul adoraria a oportunidade de ficar sem a guia e brincar nos campos gramados dos Parliament Fields. Como o cachorrinho ficaria encantado ao se deparar com tantos piqueniques com churrasqueiras portáteis – tantos cheiros deliciosos para farejar, tantas salsichas e sanduíches tentadores para tentar roubar!

O pensamento a faz sorrir antes que uma onda de melancolia a atinja. Será que algum dia retornará a Londres, ou mesmo à Inglaterra? É possível que não. Uma lembrança se infiltra em sua mente: ela deitada em Fordham Park, o espaço verde mais próximo da Goldsmiths, com um grupo de amigos em uma noite de verão, o sol baixo parecendo bronze líquido no céu. Cinco ou seis deles fumando cigarros de enrolar e bebendo vinho barato da garrafa (Meu Deus, não eram nada sofisticados...), enquanto resolviam os problemas do mundo. Todas aquelas grandes questões existenciais a que respondiam com tanta paixão, vistas através das lentes da lealdade e da justiça... Eles estavam preparados para dar a vida por uma causa. *Ah, imagina ser jovem e idealista de novo!*, pensa ela, olhando para Jean-Paul, que tinha feito uma pausa para farejar uma lata de lixo de cheiro particularmente pungente.

Adelaide se lembra de que, quando chegou o momento crítico, uma das amigas tinha *realmente* colocado seu futuro em risco pelo bem de Adelaide, e sem pensar duas vezes. A amiga se adiantara em seu socorro na hora certa, mesmo que as consequências tivessem sido mais terríveis do que qualquer uma delas poderia esperar. Será que Adelaide tinha ouvido o motor do carro naquele dia? Já não consegue lembrar. Só consegue ver Colin Copeland vindo em sua direção com uma expressão de determinação terrível, e ela mesma gritando com um medo repentino, uma súbita certeza de que aquilo não acabaria bem. Então veio o som misericordioso de passos subindo as escadas. Um grito de raiva. E quando se deu conta do que estava acontecendo... Adelaide pisca várias vezes para esquecer a antiga lembrança e se dá conta de que Jean-Paul descobriu, perto da lixeira, uma caixa de comida abandonada que deseja investigar mais detalhadamente. A caixa um

dia serviu para armazenar frango frito, mas agora não passa de um caixão para seus ossos.

– Ah, não, nem vem – diz ela, afastando-o, porque todo dono de cachorro conhece as histórias horríveis de ossos de galinha entalados, e ela nunca se perdoaria se esse fosse o destino de Jean-Paul.

O cão, por outro lado, parece muito disposto a correr o risco e firma as patas no chão, recusando-se a se afastar.

– Ah, nossa – comenta uma voz atrás dela, parecendo achar a cena divertida. – Tem um cheiro bom demais, não é, querido? Será que essas pessoas que jogam lixo na rua desse jeito não *pensam* nos cachorros? A propósito, é bom revê-la.

Adelaide se vira, um tanto nervosa, e vê uma mulher de cabelos brancos com um vestido esvoaçante laranja e rosa e um westie na coleira ao seu lado. Ela demora um instante para se lembrar de onde já a viu – ahhh, sim, é a mulher que estava com o cachorro que Jean-Paul disparou para cumprimentar no outro dia –, mas pelo menos a atenção de Jean-Paul é desviada para o westie e ela pode arrastá-lo para longe da tentação.

– Oi – diz Adelaide, enquanto os cães se cumprimentam farejando os traseiros um do outro, o que faz com que suas guias rapidamente se embolem.

– Ei, vocês! – chama a mulher. – Pelo amor de Deus, imagine ficar tão animada com o cheiro da bunda de alguém... Vocês dois vão nos fazer cair! – Rindo, ela desenrola a guia em torno da de Adelaide e puxa gentilmente o westie para o lado. – Você está indo por aqui? Que bom! Vamos acompanhar vocês, se não for incômodo.

Em outro dia, Adelaide talvez tivesse dito um não educado – ou, sinceramente, até mesmo um não nada educado –, mas já está cansada de todas as tarefas que ainda tem pela frente e acaba concordando.

– Claro – responde, em tom bastante rígido, embora a mulher já tenha sincronizado o passo com o dela e a fala não pareça realmente ter sido uma pergunta.

– Você está em Paris há muito tempo? Viemos apenas para o verão, mas eu disse ao Jim, o meu marido, que não podíamos ficar longe da Meg, a cachorra, por tanto tempo... Achei que ela ficaria muito confusa se sumíssemos de repente. Preciso contar que fui adotada quando era bebê, então estou sempre projetando meus problemas de abandono em todos ao

redor, até mesmo na cachorra. Ela provavelmente ficaria bem, mas como poderia correr esse risco? De qualquer forma, viemos de Montreal e aqui estamos. Não é maravilhoso? Os edifícios, a história, a *comida*! Estou me divertindo muito!

Na mesma hora, passa pela mente de Adelaide um filme com os destaques de Montreal – as cores do outono da ilha de Sainte-Hélène refletidas no amplo rio Saint-Laurent, muito azul; o esplendor gótico da Basílica de Notre-Dame; Brad insistindo para que ela experimentasse o *poutine* e rindo enquanto jurava pela vida da mãe que o gosto era melhor do que a aparência (felizmente, ele estava certo). A apenas algumas horas de Ottawa, aquele lugar havia se tornado um destino divertido para eles passearem nos fins de semana. Ela leva um instante para voltar ao seu corpo, à conversa, e não tem certeza de qual parte do monólogo da mulher deve responder primeiro.

– Bem, a primeira vez que morei aqui foi nos anos 1980 – diz Adelaide, no fim. – Mas já me mudei bastante.

– Nos anos 19*80*! Agora me sinto uma idiota. Então é claro que sabe como este lugar é maravilhoso. Ontem levamos a Meg ao jardim suspenso, não é fabuloso? Parece um jardim secreto lá em cima, perto dos edifícios. E as catacumbas também são incríveis, né? Fomos lá na semana passada e ainda estou tendo pesadelos. Ao que parece, meu marido encontrou um museu de taxidermia incrível que ele quer que a gente visite hoje à tarde... Já estou sentindo que o verão não será longo o suficiente para nós. – Ela dá uma cotovelada em Adelaide, de um jeito camarada. – Desculpe, olha como estou tagarelando. Sou a Frieda. Devemos ter a mesma idade, não acha? Tenho 70 anos, mas estar aqui me faz sentir como uma adolescente outra vez. Há tanto romance no ar!

Adelaide está pensando que Frieda é animada demais para o seu gosto quando dois jovens de patins passam pelas duas em alta velocidade, quase perto o bastante para derrubar Frieda.

– Ei! Seus babacas! – grita Frieda para as costas deles, sem se deixar abalar, e ergue o dedo médio para garantir.

Talvez a mulher não seja tão desagradável, afinal.

– Eu sou a Adelaide – se apresenta ela, enquanto as duas continuam a andar. – Adelaide Fox. – Frieda claramente não é uma amante da arte, porque o nome não tem qualquer efeito sobre ela. Não provoca nem uma

contração muscular. – Parece que você está se divertindo muito. Já esteve em alguma...? – Adelaide hesita, mas não consegue se conter. – Em alguma galeria de arte nesse período em que está aqui?

– Eu? Ah, não, eu não gosto desse tipo de coisa. Tanto o Jim quanto eu trabalhamos no ramo de construção... não sei distinguir uma ponta de um pincel da outra. Prefiro qualquer prédio grande.

– Mas um edifício é uma espécie de arte, não? – Adelaide se sente obrigada a dizer.

Ela nunca esteve no jardim suspenso ou nas catacumbas e nunca ouviu falar do tal museu de taxidermia, mas se pudesse escolher, sempre iria preferir uma visita ao Louvre, ao Musée d'Orsay, ao Pompidou... ou a qualquer uma das galerias de renome mundial da cidade, na verdade.

– Será? Ou se trata de uma proeza da física e do trabalho especializado? Tá certo, provavelmente um pouco dos dois – admite Frieda. Ela sorri para Adelaide, que, surpresa com a camaradagem nos olhos de Frieda, sorri de volta. – Então, me conta, você se sente em um êxtase permanente, morando em uma cidade como essa? Sem levar em consideração os cretinos de patins, é claro. A vida é uma maravilha atrás da outra?

– Nossa, não – diz Adelaide com uma risadinha de desdém. – Estou sempre enfrentando centenas de aborrecimentos, assim como qualquer ser humano.

– Que tipo de aborrecimentos? Seus croissants de café da manhã são perfeitos?

– Quem dera! Está mais para passar meia hora ao telefone, como aconteceu esta manhã, tentando encontrar uma faxineira em vão. Ou ter que abrir caminho entre multidões de turistas toda vez que saio do meu apartamento. Ou ainda o artista de rua na praça que parece só conhecer "La Vie en Rose" ou "Non, Je Ne Regrette Rien". Não sei nem dizer quantas vezes tive vontade de fazer com que ele se arrependesse disso.

Frieda ri.

– Ele vai estar tocando "Oui, Je Regrette Tout" quando você acabar com ele.

– Ah, sem dúvida – diz Adelaide, rindo.

Apesar da reticência inicial, ela começa a sentir certo afeto pela mulher enquanto as duas seguem pela margem do rio, conversando. Há algo revigorante e cheio de energia nela que faz Adelaide se sentir um pouco

mais viva. Talvez esteja calejada de viver na cidade mais bonita do mundo, porque ver Paris através dos olhos de Frieda é surpreendentemente inspirador.

Por isso, é com certa decepção que Adelaide se dá conta de que as duas foram muito mais longe do que ela costuma ir.

– É uma pena, mas preciso voltar para casa – explica, ciente de tudo o que ainda precisa fazer antes de Jessica chegar. – Mas foi bom conversar com você.

– Digo o mesmo! Espero que nossos caminhos se cruzem de novo, ou ao menos os dos nossos cachorrinhos – responde Frieda. – Ah, e por falar nisso, você quer o número da nossa faxineira? Ela é muito boa, apesar de ser meio assustadora e monossilábica.

– Posso viver com alguém assustador e monossilábico se houver também um "muito boa" junto – declara Adelaide, satisfeita. – Sim, por favor.

Elas param e pegam os celulares, porque Frieda, assim como Adelaide, não consegue andar ao mesmo tempo que faz qualquer coisa tecnológica. Frieda primeiro precisa encontrar os óculos no fundo da bolsa preta enorme, então digita com dificuldade o número de Adelaide para lhe passar os detalhes.

– Pronto – diz por fim, e o celular de Adelaide emite um sinal de confirmação um instante depois. – E se quiser tomar um drinque ou uma taça desse delicioso rosé francês, é só avisar, porque *estou dentro*. Foi um prazer te conhecer, Adelaide. E você também, Jean-Paul, querido.

– Tchau, Frieda – se despede Adelaide, com um sorrisinho, enquanto se vira e volta na direção oposta.

É raro encontrar alguém que não tenha ideia de quem ela é, mas também é estranhamente revigorante falar de igual para igual com uma pessoa pela primeira vez, sem a bajulação ou a subserviência bobas de sempre. E, além disso, ela agora tem o número de uma faxineira. O dia definitivamente deu uma guinada para melhor.

Capítulo Vinte e Cinco

PARA: Agência de Talentos Rook Associates S/A.
A/C: Margie Claremont, nascida Flint – favor encaminhar

Prezada Sra. Claremont,

Estou em Paris no momento, no processo de escrever as memórias de Adelaide Fox. Não é de surpreender que seu nome tenha surgido várias vezes até agora (de uma forma boa, apresso-me em acrescentar). Adorei ouvir as histórias sobre as suas façanhas, os seus triunfos e sobre como se divertiram juntas. Por isso estou entrando em contato, porque...

É nessa parte que Jess empaca toda vez que tenta escrever um e-mail para Margie. Ela se sente desencorajada ao lembrar do olhar de advertência de Luc – até mesmo de desaprovação – quando a ouviu sugerir entrar em contato com a antiga amiga de Adelaide. Mas então Jess se lembra de Adelaide desatando a chorar ao falar de Margie, e parece a coisa mais óbvia do mundo que Jess deveria facilitar o caminho para a reconciliação. Simplesmente perguntar se Margie ainda tem um desenho antigo que fez de Adelaide é válido, certo? Ninguém pode contestar isso. Ainda assim, ela não consegue encontrar as palavras.

Jess suspira e afasta o computador. Talvez não esteja no estado de espírito para fazer isso. Na noite passada... bem, a palavra "montanha-russa" vem à mente, se não for um clichê. Depois de deixar com relutância o bar em Belleville e Luc, ela voltou para o hotel, preparada para a mudança de visual

mais rápida de todos os tempos... só para descobrir, assim que chegou, que Georges havia mandado uma nova mensagem, daquela vez dizendo que não poderia encontrá-la naquela noite. Ele lamentava muitíssimo. Estava arrasado. Esperava poder se redimir convidando-a para um jantar dos sonhos na semana seguinte, talvez na segunda-feira?

– Ah, vai à merda, Georges – quase uivou Jess, e jogou o celular do outro lado do quarto.

Depois de ficar largada cinco minutos na cama, ela fez, sim, a mudança de visual mais rápida de todos os tempos, e foi direto para a *brasserie* Les Amours, seu lugar feliz mais próximo. Lá, pediu uma taça grande de vinho e filé com fritas, seguida de outra taça grande de vinho que tomou na companhia de Valentin quando ele terminou seu turno.

– Esse Georges não presta – argumentou Valentin. – Já o monsieur Luc... bem, ele parece legal...

– Talvez o problema seja eu – disse Jess, triste, ignorando a segunda parte da frase de Valentin. – Não sou especial o bastante. Nem boa o bastante.

Essa sempre foi uma de suas aflições secretas: que ela simplesmente não merecia o amor e a atenção de ninguém. Sem dúvida, um terapeuta atribuiria isso ao fato de o pai de Jess ter abandonado a família quando ela era criança, mas na verdade a sensação se tornara realmente incômoda ao longo de seu casamento com David – quando se deu conta de que parecia amá-lo mais do que ele a amava. Jess não era apenas o motor da casa, a pessoa que impulsionava a família, era também a pessoa – a única – que se dedicava a manter a bateria do relacionamento deles carregada. Era Jess que organizava jantares a dois com o marido, ou reservava ingressos para verem o comediante de que gostavam. Era ela que enviava resignadamente uma mensagem de texto para o marido com links para um par de botas bonito quando ele confessava, envergonhado, em toda véspera de Natal, que não conseguia ter ideia do que lhe dar de presente. A questão era que David estava sempre muito ocupado pensando em si mesmo – ou melhor, em seu pênis e em como queria enfiá-lo na bela publicitária australiana mais próxima.

Agora Georges a dispensa no último minuto. Jess está começando a achar que há um denominador comum: ela.

– O quê? Não! – protestou Valentin com fervor, batendo com o punho na

mesa. – Eu discordo completamente!

– Mas por que as pessoas não se apaixonam por mim, Val? Tipo, do jeito certo? O bastante pra me comprar um belo presente de Natal? Eu não sou... tão incrível assim?

Valentin pareceu perplexo – provavelmente por causa da referência ao presente de Natal, já que ela não tinha comentado a respeito em voz alta. Mas se recuperou depressa com a pergunta final de Jess.

– Você *é* incrível, meu bem. Eu sei que é! E o Nicolas também sabe! Vamos adotar você e te dar presentes de Natal, mas, Jess, preciso te dizer uma coisa: estamos em agosto, não em dezembro.

Jess riu porque ele estava sendo um amor e era bom demais ouvir aquelas coisas de alguém.

– Obrigada – murmurou, e se apoiou nele com uma cutucada afetuosa.

Valentin retribuiu o cutucão.

– E, da próxima vez... se você decidir *dar* uma nova chance a esse bosta do Georges, devo dizer... que tal ficar com o Luc? Acho que seria uma boa ideia. *Team Luc*!

– Não tem nenhum *Team Luc* – Jess se sentiu obrigada a declarar. – Enfim, chega de falar da minha vida amorosa deprimente. Me conta as novidades da sua.

No ritmo em que as coisas estavam indo, *chega de falar da minha vida amorosa deprimente* ia acabar sendo a inscrição na lápide dela, pensa Jess, diante do computador, enquanto volta a abandonar temporariamente o e-mail para Margie. Então se volta para um público que ao menos está ligado a ela pelo sangue. *Bom dia, meninas, como vocês estão hoje?*, escreve Jess no grupo da família, e sente uma leve pontada de saudade ao ver os rostos animados das filhas na foto do aplicativo. *Espero que estejam se divertindo muito, estou ansiosa pra saber de tudo quando a gente voltar pra casa. Não se esqueçam de me mandar fotos! Amo todas vocês. Bjs*

Na mesma hora chega uma mensagem de Mia. *Pergunta pra Adelaide sobre o carro vermelho que foi visto perto de Little Bower na época em que o Colin morreu!!!*, é só o que diz, e Jess revira os olhos, já sabendo que não vai perguntar nada. *A Adelaide não sabe dirigir!*, dispara ela de volta, sem paciência. Elas ainda não chegaram à morte de Colin, mas Jess já está apreensiva sobre como Adelaide vai contar esse capítulo específico de sua vida.

A resposta de Edie é mandar uma selfie dela ainda na cama, fazendo uma careta. Polly, por sua vez, envia um emoji de boina, para lembrar à mãe que ela havia lhe prometido uma. *Pelo menos ninguém mencionou que David voltou a se comportar de maneira estranha*, diz Jess a si mesma, enquanto manda um último *Um ótimo dia pra vocês! Talvez a gente possa se falar mais tarde?* Em seguida, ela pega a bolsa e segue até o apartamento de Adelaide para a sessão do dia. É hora de mergulhar mais uma vez na vida bem mais emocionante de outra pessoa.

* * *

Confie em uma mulher – esse é o novo lema de Jess. Não perca tempo com homens não confiáveis. Porque hoje, depois do trabalho, é claro que Beatrice, do hotel, está pronta para sair e tomar um drinque, exatamente como combinado. Não houve nenhuma mudança vertiginosa de planos ou cancelamento da parte dela.

Beatrice está com a aparência impecável de sempre quando Jess a encontra no saguão do hotel – nem um fio de cabelo fora do lugar, a maquiagem dos olhos perfeita. Está usando uma calça palazzo preta de corte amplo, combinado com um top cinza amarrado com um enorme laço atrás do pescoço, e trocou os discretos brincos de brilhante por grandes argolas douradas. Nunca em um milhão de anos Jess – em seu vestido maxi de um rosa desbotado e sandálias gladiadoras – conseguiria parecer chique assim, mas é empolgante ser vista por aí com uma pessoa tão linda. Enquanto seguem caminhando em direção ao Le Mélange, o bar favorito de Beatrice, Jess percebe que todos os homens – e muitas mulheres – se viram e olham quando passam. Olham para Beatrice, obviamente, não para ela, mas mesmo assim Jess se pega um pouco envaidecida com a atenção que sobra.

O Le Mélange é um bar de vinhos, sem nenhuma grande placa anunciando sua localização – definitivamente o tipo de local que a pessoa só encontra se souber que ele está ali. Jess deve ter passado por lá todos os dias desde que chegou a Paris e nunca imaginou que haveria um espaço tão vibrante escondido ali. O interior do bar é decorado com luzinhas cor-de-rosa, as paredes são cobertas por estampas gráficas descoladas – uma galeria própria –, e há assentos mais reservados para acomodar os clientes, além de algumas mesas centrais maiores. A clientela, para a alegria de Jess, *não* é

composta exclusivamente de jovens parisienses modernos – o lugar quase passa a sensação de um pub inglês. Dois homens mais velhos estão sentados diante do balcão do bar, com grandes copos de conhaque na mão; um grupo grande de mulheres de meia-idade de excelente aparência (é com elas que Jess se identifica) balança seus drinques em uma das grandes mesas compartilhadas; e pessoas na faixa dos 20 e poucos, 30 anos, recém-saídas do escritório, ao que parece, tomam vinho. Ela também vê um casal de 50 e poucos anos com uma mulher loira mais jovem (a filha deles?) – todos rindo de algo que a filha mostra no celular –, e a alegria despreocupada dos três faz Jess sorrir. O lugar tem uma energia boa.

Beatrice atravessa o bar com Jess até chegarem a um pátio com enormes plantas tropicais em vasos de terracota entre as mesas. Há ainda bancos ao redor, cheios de almofadas de cores vivas, e lanternas penduradas em um dossel elevado, além da batida alegre de um hip-hop ao fundo.

– *Yes*, Beatrice! – exclama Jess, empolgada, enquanto elas se acomodam na área externa, sob um guarda-sol vermelho. – Eu sabia que você ia conhecer o melhor bar de Paris. Este lugar é fantástico!

– Mas é claro que conheço o melhor bar de Paris – retruca Beatrice, abrindo as mãos e piscando várias vezes de modo afetado. – E agora vou recomendar o melhor drinque: um Soixante-Quinze. Acho que vocês ingleses chamam de "French 75". É um clássico! Champanhe, gim e xarope de limão, pode ser?

– Delicioso... perfeito – diz Jess, animada.

Ela começa a pensar que gostaria que Beatrice assumisse o papel de sua guia permanente ao longo da vida, se esse é o padrão dela.

Depois que a garçonete serve os drinques, Beatrice levanta o copo em um brinde.

– À amizade. É bom poder conhecer você melhor, Jess. Muitos dos nossos hóspedes vêm e vão, e nunca sabemos nada sobre eles, a não ser que acharam a cama dura demais ou que deveríamos investir em novos ar-condicionados. – Ela faz uma careta. – Mas você é diferente. Você é interessante! Gosto que esteja aqui, uma mulher da minha idade, e que esteja se divertindo em Paris. – Ela dá uma cotovelada brincalhona em Jess. – Talvez eu vá para Londres trabalhar lá por algum tempo, hein? E conversar com todos no meu hotel, como você, eu acho.

Jess ri.

– Boa sorte com isso! Antes de mais nada, se for trabalhar em Londres, vai ficar hospedada comigo. E segundo, ninguém fala com ninguém em Londres.

– Em Paris é a mesma coisa. A não ser por você. E é por isso que eu gosto de você!

Jess sorri para ela, comovida, e levanta o próprio copo.

– À amizade – diz, e toma um gole. Obviamente o French 75 é delicioso. Dois de dois para Beatrice. – Falando em amizade – continua Jess –, posso te pedir um conselho?

– Mas é claro! Do que se trata?

É um alívio conversar com Beatrice sobre Adelaide e Margie – um alívio receber uma resposta diferente das que ela recebeu até agora de Adelaide (lágrimas e silêncio) e de Luc (cenho franzido e tentativas de dissuadi-la da ideia). A empática Beatrice entende na mesma hora.

– Isso é terrível! – exclama. – E elas ainda não voltaram a se falar? Por que brigaram?

– Na verdade, não sei – confessa Jess. – Não chegamos tão longe.

Os principais assuntos da sessão do dia com Adelaide incluíram pérolas como a aparição no descoladíssimo programa *Late Night Line-Up*, no qual a artista foi entrevistada por Joan Bakewell ("um amor"); o fato de ter tido duas obras selecionadas para fazer parte de uma exposição do British Council chamada New British Creatives, que percorreu a Europa por dezoito meses no fim dos anos 1960 ("até a minha mãe ficou impressionada"); e sua primeira exposição individual em Nice, no verão, onde conheceu Remy. Até esse momento da narrativa, Margie ainda é a melhor amiga de Adelaide.

– O que você faria? – continua Jess. – Já me peguei várias vezes prestes a mandar um e-mail para ela, quer dizer, para Margie, na tentativa de colocar essa história para andar de novo, mas alguma coisa sempre me impede. Mas eu quero ajudar.

– Então acho que *sim*. Ajudar é bom. Com certeza!

Ajudar é bom. Exatamente, esse é o mantra pessoal de Jess. Ajudar *é* bom. Como alguém pode argumentar contra isso?

– Então vou fazer isso – diz ela. – Vou reunir essas duas mulheres magníficas novamente e pronto!

Beatrice levanta o punho no ar.

– Sim, Jess! Você vai conseguir. Sei que vai! – Ela aponta para o celular de Jess, que está aparecendo no alto da bolsa. – Vamos, faz logo isso. Vou pegar um cardápio pra gente... eu já disse que a comida aqui também é divina? Enquanto isso, você escreve a mensagem para ela, antes que mude de ideia. Não me decepcione!

Beatrice se levanta sem mais nem uma palavra e se afasta, cumprimentando alguns conhecidos pelo caminho. Enquanto isso, Jess, encorajada pela segurança de Beatrice, obedece à nova amiga e procura um de seus rascunhos de e-mail incompletos. Qual a pior coisa que pode acontecer? Um: Adelaide ficar irritada com ela (de novo). Dois: Margie não responder. Nenhuma das possibilidades é exatamente o fim do mundo.

Seus dedos digitam na tela, terminando de redigir o e-mail. *Seria ótimo ter a chance de incluir o seu desenho de Adelaide no livro de memórias, se você ainda o tiver*, ela escreve, então hesita. Algo mais? Ora, já que começou... Ela acrescenta ao texto: *Me avise se também quiser que eu passe alguma mensagem para Adelaide*.

Jess morde o lábio enquanto relê tudo. O e-mail está breve, educado e profissional, a não ser por aquela última frase capciosa. De qualquer forma, é provável que essa mensagem seja lida por uma assistente de Margie, que não vai dar qualquer importância a ela. Não há nenhum dano real no que está fazendo, diz a si mesma. Então, respira fundo, prende o ar – para acalmar o nervosismo – e pressiona "Enviar".

– Pronto? – pergunta Beatrice, voltando com os cardápios e dois novos drinques para elas. – Ótimo! Sabe, você me lembra o meu pai. – Ela ri, provavelmente da expressão confusa de Jess. – Não estou dizendo que você se parece com um homem alto, de 65 anos, do Senegal...

– Eu estava *mesmo* me perguntando como... – comenta Jess.

– Mas ele também gosta de reunir as pessoas. Isso deixa meu pai muito feliz.

Beatrice segue descrevendo o projeto beneficente que o pai – Moussa – criou, na década de 1980, quando acabara de chegar à França e não conhecia ninguém. É uma organização na qual homens se sentindo à deriva socialmente – divorciados, ou novos na cidade, ou talvez desempregados – podem consertar coisas numa grande garagem, no 18º *arrondissement*.

– Adorei! – exclama Jess. – Seu pai parece ser um cara incrível. Que

ótima ideia. – Então a inspiração surge. – Ah! Posso contar ao Alain sobre isso? O senhor que mencionei outro dia, aquele com a esposa que sofre de demência e que ele se viu obrigado a internar em uma clínica. Ele era engenheiro, isso tem tudo a ver com ele.

– Mas é claro – responde Beatrice. – Na verdade, no sábado o projeto vai estar aberto a visitantes. Talvez ele possa aparecer por lá. E você também, se quiser saber mais a respeito. – Ela sorri. – Olha só pra nós, reunindo todo mundo. Tentando deixar todos mais felizes. Acho que somos as melhores pessoas, não?

Jess ri.

– Com certeza somos as melhores – concorda, cruzando os dedos debaixo da mesa.

Resta torcer para que Adelaide concorde quando descobrir o que sua *ghost-writer* acabou de fazer, pensa.

* * *

As horas passam em um agradável borrão de bons drinques, comida deliciosa – "a comida africana mais gostosa desse distrito", segundo Beatrice – e muita conversa sobre a família e a vida de cada uma delas. *Luc está perdendo tanta coisa*, pensa Jess, enquanto ela e a nova amiga compartilham histórias, pintando imagens de seus mundos uma para a outra. Só no fim da noite, quando ela já está bem bêbada e na fila do banheiro feminino, é que Jess percebe um rosto familiar saindo de um dos cubículos.

– Marie-Thérèse! Como vai?

Marie-Thérèse está quase irreconhecível sem o avental, sem o cabelo preso para trás e sem os olhos vermelhos. Nada daquele ar oprimido e infeliz – ela está parecendo dez anos mais jovem usando jeans e uma linda bata cor-de-rosa fechada com um cordão na frente, o cabelo castanho solto ao redor dos ombros. A mulher parece surpresa ao ver Jess, então abre um sorriso cauteloso.

– Jessica. Oi – diz ela, lavando as mãos na pia.

– Tá tudo bem? Andei pensando em você. Já conseguiu outro emprego? – pergunta Jess em francês. – Lamento que você tenha decidido ir embora.

Adelaide já parecia arrependida de ter perdido a governanta, a julgar pelas reclamações e bufos da mulher pela manhã, enquanto preparava

alguma coisa para elas beberem. Jess não pôde deixar de notar que havia louça do jantar sem lavar, além de uma tábua de passar roupa abandonada na cozinha. Não demorou muito para que os padrões da artista se tornassem menos exigentes, por assim dizer.

Marie-Thérèse encolhe os ombros.

– Ainda não. Mas não lamento ter ido embora. – Ela ergue o queixo pontudo, na defensiva, enquanto passa as mãos sob o secador pouco potente, sacudindo-as impacientemente sob o ar morno. – Porque ela é uma mulher desagradável. Uma mulher grosseira! E ruim também, acho. Uma mulher má. Aquele quadro nojento guardado dentro do guarda-roupa... Quase soltei um grito no primeiro dia que o vi.

– Quadro? – repete Jess, sem entender. – Dentro do guarda-roupa? Que quadro?

– Ahh... então você ainda não viu. Sorte a sua. Ainda tenho pesadelos... com o quadro e com ela! – Marie-Thérèse desiste do secador com um último movimento dos pulsos. – Toma cuidado – acrescenta, caminhando em direção à porta. – Você não sabe do que ela é capaz, mas eu sei.

– Espera, me conta mais! – Jess está louca para ouvir a história toda, mas chegou à frente da fila para usar o banheiro, e a urgência de sua bexiga vence a batalha. – Eu te alcanço! – grita para Marie-Thérèse enquanto se afastam, se perguntando o que aquele quadro poderia retratar (e por que estaria dentro do *guarda-roupa* de Adelaide?).

Infelizmente, quando ela sai do banheiro, Marie-Thérèse parece já ter ido embora do Le Mélange, apesar de Jess dar duas voltas cuidadosas pelo lugar. Inferno!

Ela volta para o pátio, ansiosa para contar a Beatrice sobre essa curiosa informação, mas seu celular apita com a chegada de uma mensagem de David. *Você tem um minuto para conversar?*, é só o que diz. Ah, merda. Por que ele tem que ser tão irritantemente vago? *As meninas estão bem?*, replica ela na mesma hora, a adrenalina já disparando nas veias. Enquanto está parada ali, esperando a resposta dele, Jess vê de relance o casal de meia-idade e a filha abrindo uma garrafa de champanhe, e a mulher abraça a jovem parecendo orgulhosa e chorosa. Ela não tem certeza se é capaz de suportar a felicidade de outras pessoas naquele momento, se sua própria está em jogo, pensa, desviando o olhar. *David??*, digita Jess, impaciente, quando ele não responde de imediato. Pelo amor de Deus! É muito injusto mandar

uma mensagem daquela e não imaginar que ela vá entrar em pânico um segundo depois.

Finalmente ele responde. *As meninas estão bem. Desculpa, não tive a intenção de te assustar*, o que já é alguma coisa. Jess leva a mão ao peito e sente o coração diminuir a marcha, então, olha para fora e vê Beatrice conversando animada com as pessoas na mesa ao lado. David deve ter alguma coisa importante para dizer, imagina, ou não estaria pedindo para conversarem. Então, os comentários que as filhas fizeram sobre o comportamento estranho dele voltam à mente de Jess. Será que está tudo conectado? O que está acontecendo?

Estou com uma amiga, mas posso falar rapidamente se você quiser, digita ela, e no instante seguinte seu celular toca. Ele está *mesmo* precisando falar com ela...

– Oi – diz Jess. – O que foi?

– Jess – fala David, e com aquela única palavra ela percebe que ele está nervoso. – Obrigado. Eu não sabia com quem mais falar.

– Sobre o quê? Você tá bem?

– Não tenho certeza. Eu... – Ela consegue ouvir o suspiro que o ex-marido deixa escapar, mesmo com o baixo grave da música e as muitas conversas que acontecem ao redor. – Marquei uma consulta com um médico para a próxima semana, porque... Bem, porque encontrei um caroço. E não desaparece. Na verdade, acho até que ficou maior.

– Um caroço? Onde?

Ah, não. David sempre foi meio hipocondríaco, ninguém no mundo sofre tanto com um resfriado quanto ele, mas um caroço é diferente. Um caroço é um *caroço*.

– Bem... nos testículos, na verdade. Então... sim. Obviamente eu tô me sentindo um pouco nervoso.

A súbita brusquidão em seu tom fica entre a defensiva e o medo.

Jess o imagina curvado, com os ombros tensos, um lampejo de vulnerabilidade nos olhos. David não gosta de se ver em uma posição vulnerável. Bem, quem gosta? Mas ele, entre todas as pessoas, quer sempre passar uma imagem de competência. De ser invencível.

– Posso imaginar.

– Estou aqui com as meninas e não consigo... não consigo aproveitar as férias porque fico pensando... – Aquilo foi um *soluço*? – Não paro de pensar

que... que esse pode ser o meu último verão com elas, e se eu morrer e deixar as meninas sem pai, e...

– Tenho certeza que não vamos chegar a esse ponto – afirma Jess, bem no momento em que Beatrice olha ao redor, procurando-a. Jess faz uma careta e aponta para o celular, então levanta dois dedos, enquanto diz apenas com o movimento da boca: *deux minutes*. – E é claro que você está pensando essas coisas, qualquer um pensaria. – Ela mesma já está imaginando as filhas vestidas de preto no funeral do pai e precisa lidar com as emoções complexas que a imagem provoca. – Mas na semana que vem o médico vai te dar uma noção mais clara do que se trata – continua, tanto para si mesma quanto para ele. – Aposto que é alguma coisa inofensiva como um cisto, ou algo do tipo... – Jess vasculha a mente em busca de possíveis informações médicas. – Ou... um pelo encravado, talvez, ou...

– Sim, claro. Com certeza – concorda ele. – Sim. Desculpe, eu não devia ter te incomodado. É só que... isso tá na minha cabeça e eu tomei um drinque, e...

– Tudo bem – garante Jess.

Ele soa tão diferente de sua personalidade bombástica habitual: o David que embarca em um avião para o outro lado do mundo para trabalhar, que fala com confiança e fluência sobre esporte, política, sobre as últimas novidades em tecnologia. O David que conscientemente atraiu a atenção de uma relações públicas australiana ruiva, de 25 anos, em uma sala lotada e pensou: *Ora, por que não?* Pois esse mesmo homem agora soa abatido, derrotado. Ou talvez ele só esteja arrasado depois de cinco dias como pai solo no exterior. As filhas têm o poder de fazer isso.

– Mas as meninas notaram que tem alguma coisa acontecendo – continua Jess. – A Mia e a Edie me contaram que acham que você está saindo com alguém.

– Ah, merda, é mesmo? Bem, não estou – responde David. – Obviamente não. – Ela ouve a hesitação na voz do ex-marido, percebe a dúvida em seu tom. – Você já contou para elas...?

– Não – responde Jess, antes que ele diga o nome daquela mulher.

– Tá certo. Obrigado.

Ele está aliviado agora – e ela também, de um jeito engraçado. Aliviada por poder responder com sinceridade, por ter cumprido a promessa de não lavar a roupa suja do casamento deles diante das filhas. Deus sabe que já

houve muitos momentos em que se sentiu tentada, em que as meninas tomaram o partido do pai, culpando a mãe pela separação, e Jess teve vontade de gritar: *Vocês não sabem da missa a metade!*

– Cabe a você contar a elas, se decidir fazer isso – diz ela, porque às vezes é difícil ser tão boazinha. – Me dá notícias de como você tá, na semana que vem, viu? – acrescenta. – Ou se... – Jess se pega prestes a cair no velho e péssimo hábito de abrir mão das próprias necessidades para priorizar as dele. *Ou se precisar que eu volte mais cedo* está na ponta da língua. Ela engole as palavras não ditas. Não precisa mais fazer isso. – Ou se precisar conversar novamente – fala, e é o máximo que está disposta a oferecer.

– Obrigado – agradece David. – Vou fazer isso. – Ele hesita. – Você tá se divertindo aí? O trabalho tá indo bem?

– Sim, muito bem, na verdade – responde Jess. – Falando nisso, é melhor eu voltar agora. Deixei a minha amiga sozinha na mesa, então...

– Claro – diz David. – Tá certo, se cuida, então. Tchau, Jess.

Ela franze o cenho ao voltar à mesa, repassando a conversa mentalmente. David *vai* ficar bem, não vai? Ela pode não querer mais continuar casada com ele, mas não há como apagar os sentimentos que acumulou pelo ex-marido, camada em cima de camada, ao longo dos anos que passaram juntos. Além do mais, isso é a última coisa que ela deseja para as meninas, que passem pela preocupação e pela tristeza de terem um pai muito doente, ou pior.

– Aí está você! Tudo bem? – pergunta Beatrice.

Jess força um sorriso. Vai deixar para pensar em David mais tarde.

– Tudo bem – mente, então lembra à amiga que ela havia prometido contar uma história interessante sobre alguns hóspedes malcomportados que estavam no hotel na semana anterior.

– Meu Deus! Sim, os Janviers... agora, isso vai chocar você, Jess. Se prepara pra ficar chocada!

Jess fica tão fascinada com a história dos Janviers e de outros hóspedes, além de continuar pensando no que David contou, que esquece completamente da conversa com Marie-Thérèse até elas irem embora do bar. Já está escuro, apenas o brilho perolado da lua atravessa as nuvens. Uma brisa faz uma lata de Coca-Cola vazia chacoalhar em uma sarjeta próxima, e o barulho repentino faz as duas mulheres se abraçarem, dando risadinhas. Convenientemente, o marido de Beatrice combinou de buscá-la na frente do

hotel, então as duas voltam juntas para lá, de braços dados, com os passos um pouco instáveis depois dos drinques.

– Ah! Eu não te contei com quem esbarrei no banheiro! – exclama Jess, antes de relatar toda a conversa com Marie-Thérèse. – E pode apostar o seu último euro que vou dar uma olhada nesse quadro no guarda-roupa, assim que tiver uma chance – conclui.

– Uau! Bem, e você pode apostar o *seu* último euro que vou te perguntar a respeito todos os dias até você fazer isso – responde Beatrice, com os olhos arregalados. – Agora estou imaginando o pior possível da sua Adelaide. Mas quanto você acha que pode ser ruim?

– O bastante para fazer a Marie-Thérèse ter pesadelos – diz Jess, e, de repente, se lembra de Adelaide falando sobre as pinturas da série "Vingança". *A maior parte dos quadros está no meu arquivo*, dissera ela. A maior parte... isso significa que um deles está escondido no apartamento? – Por enquanto, é um mistério. Mais um mistério em Paris para mim – acrescenta, pensando em Pascale, como acontece tantas vezes. Mas, no instante seguinte, as engrenagens de sua mente giram e surge um novo pensamento. – Beatrice! Posso te mostrar a foto de uma pessoa?

– *Chérie*, você pode me mostrar qualquer coisa – declara Beatrice, apertando o braço de Jess com carinho.

– Provavelmente não é nada – fala Jess, enquanto procura no celular o retrato do homem corpulento que a pegou de surpresa no arquivo no dia anterior. – Você por acaso não reconhece esse homem, né?

É a segunda vez que ela faz essa pergunta hoje, já que mostrou a mesma foto a Adelaide na última sessão que tiveram.

– Ah! Nossa. Sim, ele – tinha dito Adelaide. – Esse homem encomendou um retrato e depois se recusou a pagar. Reclamou que eu fiz ele parecer muito feio e gordo. Idiota. Depois disso, fiz questão de incluir o quadro na minha próxima exposição, só para irritá-lo.

– Você consegue se lembrar do nome dele? Ou de mais alguma coisa sobre ele?

Adelaide tinha examinado Jess por cima dos óculos.

– Por quê? O que isso tem a ver com você?

– Não sei bem...

Como poderia colocar em palavras o arrepio que subia até sua nuca quando olhava para o quadro, a certeza de que aquele homem estava ligado

de alguma maneira ao Hotel d'Or, e talvez até ao desaparecimento de Pascale? Parece exagero, mas ela vê as mãos gigantescas do homem, seus ombros largos, a expressão cruel em seu rosto, e toda vez surge a mesma pergunta em sua mente: *Você matou a minha amiga?* Jess teve um lampejo de lembrança dele no bar, se gabando para o grupo com quem estava. Talvez o homem tivesse mandado uma bebida para a mesa delas? Talvez tivesse flertado com a linda Pascale e quem sabe saído com ela depois, só os dois? Ela certamente estava se vestindo para encontrar *alguém* naquela última noite em que Jess a viu. Mas quem?

Parada ali, debaixo de um poste de luz, mostrando a foto para Beatrice, Jess tem a sensação de que sabe o nome dele, está na ponta da língua. Didier? Laurent? Victor? *Victor*, pode ser isso, e é como se uma campainha distante tocasse em sua mente.

– Ele talvez se chame Victor – diz Jess, experimentando o nome em voz alta, embora consiga ouvir a dúvida na própria voz.

Além disso, mesmo que seus instintos estejam corretos e o homem tenha alguma ligação com o desaparecimento de Pascale, o que ela pode fazer? Tomar o problema para si e vingar a amiga? Talvez esteja passando tempo demais com Adelaide, pensa Jess, enquanto Beatrice examina a foto. Nesse ritmo, ela mesma vai acabar acrescentando uma adaga ao quadro, cravada no pescoço grosso do homem.

Beatrice balança a cabeça.

– Sinto muito, mas não estou reconhecendo. Se você me encaminhar a foto, posso perguntar por aí. Por quê? Qual é a história dessa foto?

Jess se inclina contra a amiga, começando a sentir o cansaço do longo dia e da noite.

– Ele me parece familiar – explica –, mas não consigo imaginar por quê. Só tenho a intuição de que preciso descobrir tudo o que puder sobre ele.

Jess se encolhe, sentindo-se subitamente constrangida. Normalmente, faz questão de trabalhar apenas com fatos, não com intuições ou palpites, mas, pelo bem de Pascale, precisa tentar todos os caminhos que se abrem. Não estava fazendo brindes à amizade ainda hoje? Mas já basta de falar sobre o assunto. Está na hora de agir, de uma vez por todas, e ver se consegue chegar mais perto de descobrir a verdade. Custe o que custar, jura para si mesma.

Capítulo Vinte e Seis

Depois, lembra Adelaide, foi como se o ar vibrasse por muito tempo com o estrondo. Um cachorro latiu em algum lugar distante e as duas estremeceram.

– Você acha que ele está morto? – perguntou ela com voz rouca.

Aquele dia terrível, tão terrível, pensa Adelaide, está tentando roubar sua atenção das palavras cruzadas no iPad. Esse é seu ritual do início da noite: preparar um gim-tônica (sempre com limão e com gelo, o drinque é uma das poucas coisas que gosta de preparar para si mesma), o prazer de deixar o corpo afundar em sua poltrona mais confortável com vista para a praça e, em seguida, um treino gratificante para o cérebro. Depois, talvez se permita um episódio de *Fake or Fortune*, ou um drama policial pavoroso, dependendo de seu humor. O que as palavras cruzadas lhe reservam esta noite? *Má fortuna, desgraça (10)*, ela lê, mas as palavras dançam sem se conectar em seu cérebro. É difícil se concentrar quando acabou de reviver um momento de trauma extremo, quando as lembranças a bombardeiam incansavelmente, por mais que tente mantê-las afastadas.

Adelaide olha para Jean-Paul, deitado aos seus pés, como sempre, com as patas flexionadas durante o sono – talvez ele esteja sonhando em fugir dela e roubar todos os ossos de galinha que quiser. Mas fugir, como ela mesma sabe, nem sempre é a coisa certa a fazer.

– É claro que ele está morto – disse Margie, parada ao lado do que segundos antes fora o vidro de uma janela, mas que naquele instante era um buraco irregular, no formato de um homem, com triângulos de vidro formando sentinelas distorcidas ao redor da moldura. – Olha como o pescoço dele está torcido. Não tem como esse homem se levantar de novo. Graças a Deus.

– Cacete – praguejou Adelaide. Ela estava tremendo da cabeça aos pés, e seu coração parecia prestes a escapar da caixa torácica. – O que a gente vai fazer?

Isso não é bom. Não é o início das palavras cruzadas. Ela precisa sair desse ciclo terrível de reminiscências. Afinal, não pode mudar nada agora, não é?

Adelaide toma um gole do drinque, então passa para a próxima pista e se força a se concentrar. *Parece um pássaro asmático (8, 2, 3)*. Ahh – essa é fácil. PAPAGAIO-DO-MAR, digita, e se lembra da viagem de carro pela Escócia que fez com Remy, ao longo de um mês de junho. Eles tinham planejado uma viagem para pintar paisagens inspiradoras, embora, se a memória não lhe falhava, também tivesse havido muita discussão sobre a leitura de mapas durante os longos períodos dentro do carro, além do consumo de grandes quantidades de uísque barato e paradas para um sexo cheio de energia em pensões insípidas. De vez em quando, sexo também sobre um cobertor xadrez na charneca, uma pausa nas discussões caso estivessem em um local particularmente remoto. No dia que lhe vem à memória, os dois fizeram um passeio de barco em algum lugar no promontório, a leste de Edimburgo, e avistaram papagaios-do-mar fazendo ninhos nas cavidades escondidas nos penhascos, com aquelas carinhas fofas e cômicas, tão parecidos com desenhos animados. O jeito que Remy pronunciava o nome dos pássaros a fazia rir todas as vezes.

Adelaide se lembra de que ele amava a Escócia. *É melhor do que a Inglaterra*, gostava de provocar, para a alegria de qualquer escocês que passasse, que o parabenizava pelo bom gosto. As semanas em que os dois estiveram lá agora parecem um sonho. Tinham encontrado uma fita cassete de música country esquecida no carro que alugaram, mas, assim que a colocaram no aparelho, ela travou e se recusou a ser desligada, de modo que, por mais gloriosa ou dramática que fosse a paisagem ao redor – os majestosos picos cobertos de urze, as florestas, as remotas ilhas de areia branca –, a trilha sonora que acompanhava cada vista era de traição e tristeza plangente. Pelo menos pintar lá era uma delícia. Os dois montavam os cavaletes ao ar livre, desafiando tudo o que a terra lhes lançava – rajadas de vento, chuvas repentinas, aqueles mosquitos intermináveis – em nome da arte. Ainda deve haver uma área inteira no arquivo com as aquarelas que pintou lá, pensa Adelaide, e se pergunta se Lucas já a encontrou.

Então ela se lembra das fotos que Jessica lhe mostrou outro dia após sua visita a Belleville: aquele homem agressivo e corpulento (qual era o nome dele?), e também um desenho a lápis de um velho com um sorvete e um desenho que fizera de Remy. Nos últimos tempos, ela praticamente parou de desenhar – em parte por causa dos tremores que afligem suas mãos (por favor, que não seja Parkinson, pensa o tempo todo, com medo demais para perguntar a um médico), mas também porque não consegue mais ver motivo para isso. Para ser justa, a verdade é que já faz alguns anos que não vê sentido em nada além de seu cachorro. Adelaide imagina um pequeno esboço de si mesma, curvada melancolicamente sobre um iPad, com os pés descalços e retorcidos em cima da chaise-longue. Seria bom desenhar aqueles pés, pensa com distanciamento. Suas mãos e seu rosto também. O corpo em declínio: um estudo em andamento.

Mas, enfim. Está divagando de novo. Onde estava? A próxima pista parece um anagrama, pensa Adelaide, e pega seu bloco de notas para organizar as letras de modo a atender o espaço. ROTA DE FUGA, é isso. Que apropriado... afinal a rota de fuga que ela e Margie tomaram tantos anos antes anda mesmo em sua mente.

– O que a gente vai *fazer*? – repetiu Margie, já recuando para o outro lado do cômodo. – Vou te dizer o que a gente vai fazer. Vamos entrar no meu carro e voltar para a minha casa, é isso que vamos fazer. Ninguém sabe que eu estou aqui. Você contou a alguém além de mim que estava na casa?

Adelaide balançou a cabeça, sem dizer nada, enquanto se esforçava para compreender o que tinha acabado de acontecer. *O homem está morto. Ele atravessou a janela e agora está morto*. Um zumbido horrível dentro de sua cabeça aumentou de intensidade. Ela se sentia fora de si. Como é que Margie estava conseguindo ficar tão calma?

– Muito bem, então nós vamos para a minha casa e vamos dizer a quem perguntar que passamos o fim de semana todo lá. Não vimos nada, não fizemos nada, entendeu? Certo, vamos.

Se Adelaide pudesse voltar no tempo e mudar alguma coisa, seria aquele dia em Little Bower. Se as coisas tivessem sido diferentes, ela e Margie ainda seriam amigas, tinha certeza disso. O esquisito Colin Copeland teria vivido. Mas em vez disso...

– Argh, para com isso – ela se repreende em voz alta, e toma outro grande gole de gim-tônica.

Infelizmente, não está tão bom como sempre... ela se esqueceu de encher a bandeja de gelo na véspera, porque só sobrou um cubo para o drinque da noite, quando normalmente gosta de pelo menos três, tilintando. Esse é o problema quando se perde uma empregada – é uma chatice tentar manter o controle de tudo. Adelaide já mandou mensagens e ligou várias vezes para a faxineira de Frieda, Clothilde, mas ainda não recebeu resposta. Deveria implorar por ajuda? É a isso que se rebaixou?

Nesse meio-tempo, Adelaide se pergunta se seria ultrajante descer até a *brasserie* mais próxima e pedir um pouco de gelo para viagem. Afinal, eles são praticamente vizinhos. Seus pensamentos voltam à conversa com Frieda. *Sorte a sua, morar aqui*, comentara a mulher, entusiasmada. *Tanta beleza bem na sua porta! Todos esses bares e restaurantes maravilhosos para experimentar!* Frieda não pensaria duas vezes antes de descer e pedir gelo, diz Adelaide a si mesma. Com certeza, a mulher pediria um gim-tônica de verdade e se divertiria vendo o mundo passar enquanto bebia.

Mas o problema de morar em qualquer lugar é que muitas vezes a pessoa para de reparar na beleza, já não experimenta os maravilhosos bares e restaurantes. Ao menos se essa pessoa for Adelaide. Nesse caso, a pessoa em questão passa as noites discutindo com *Fake or Fortune* na TV; gasta horas em uma batalha silenciosa contra palavras cruzadas em uma tela e tendo conversas unilaterais ocasionais com o cachorro. *O que Frieda está fazendo agora?*, pergunta-se Adelaide. *O que Jessica está fazendo?* Sem dúvida as duas estão por aí, pela cidade, se deleitando com as vistas, aproveitando uma noite de verão com um visual esplêndido e uma taça de um bom vinho. E ali estava ela, franzindo o cenho de novo para aquela primeira pista das palavras cruzadas – *Má fortuna, desgraça (10)* – enquanto a vida passa por ela.

– A gente nunca é velha demais para se divertir, não é mesmo? – declarou Frieda, quando falava com Adelaide sobre os motivos de sua vinda para a França (a aposentadoria de Jim; o "episódio cardíaco" da própria Frieda, que os tirara da zona de conforto). – A gente nunca é velha demais para uma aventura!

Rá. DESVENTURA, essa é a resposta, percebe Adelaide, e digita a palavra com satisfação. Então solta uma risadinha irônica. Será que o universo estava lhe dando um empurrãozinho? Ela não é uma mulher supersticiosa, mas não consegue evitar a sensação de que tanto o criador de

palavras cruzadas quanto Frieda conspiraram para lhe mandar uma mensagem.

Adelaide se levanta, fecha a porta da cozinha para não ver a bagunça ali dentro (a arrumação fica para amanhã, ela jura) e vai checar seu reflexo no espelho do banheiro. *Ah, que se dane tudo*, pensa, enquanto tira a tampa de seu batom vermelho favorito e aplica duas camadas. Arruma o cabelo, depois corre até o quarto para encontrar um belo colar e borrifar um pouco de perfume. Por mais que não goste de estar errada, precisa admitir que Frieda tem uma atitude melhor do que a dela, mais coragem. Desde quando se tornou tão velha a ponto de abrir mão do próprio senso de aventura? Em algum ponto ao longo do caminho, ela se permitiu navegar nas águas mais calmas da vida, avançando como uma velha barcaça.

Bem, não hoje à noite. Jean-Paul ficará bem sozinho por uma hora se ela deixar o rádio ligado (ele parece gostar do tom educado e contido da estação de notícias). Enquanto isso, ela vai incorporar a nova amiga e sair para tomar um drinque com bastante gelo enquanto observa as pessoas passando. Talvez até leve também um caderno e um lápis bem apontado e desenhe alguns transeuntes, como sempre gostou de fazer. Por que não? Suas mãos ainda não desistiram completamente dela.

– Vou me divertir, Jean-Paul! – declara Adelaide, pegando a bolsa alguns minutos depois. – Será que ainda consigo me lembrar de como se faz isso?

Capítulo Vinte e Sete

Quando chega sábado, Jess está mais do que pronta para uma pausa no trabalho do livro de memórias de Adelaide – e também para ter uma folga da própria artista, por sinal. Por mais incrível que seja mergulhar na vida fascinante de outra pessoa e em todas as histórias surpreendentes, a experiência com certeza é menos incrível quando a pessoa em questão fica o tempo todo fazendo pedidos inesperados que não fazem parte da descrição do trabalho. Como comprar peixe fresco, carne e fruta no mercado ("Está tão quente... e estou muito cansada hoje"). Ou passar a ferro uma pilha de panos de prato ("Não sei passar roupa!"). Ou ainda passar o aspirador na sala ("O Jean-Paul perde muito pelo nessa época do ano e a minha vista não está boa para ver todos. Você não se importa, não é?").

Para ser sincera, Jess não se importa muito – por um lado, está *mesmo* muito calor, e os tornozelos de Adelaide de fato estão muito inchados, e se ela diz que está cansada, Jess acredita. Então não se importa em passar roupa nem em aspirar o chão, porque Deus sabe que já é especialista naquelas tarefas. É só que... Ora, ela tem outras coisas para fazer. Como escrever um livro, o trabalho pelo qual está sendo paga. Mas como pode dizer não?

Talvez o aborrecimento de Jess seja em parte porque ainda não conseguiu dar uma olhada no guarda-roupa, tampouco consegue imaginar uma forma de fazer isso sem algum subterfúgio caprichado. O quarto de Adelaide fica no último andar do apartamento e não há absolutamente nenhuma razão para Jess subir até lá. Além do mais, ela não se considera uma pessoa com qualquer talento para a espionagem – é barulhenta, desajeitada, e vai se denunciar em dois segundos se tentar bisbilhotar.

Também se sente perturbada depois do telefonema de David na outra

noite... os possíveis ecos da revelação ainda ressoam na sua mente. Ele vai ficar bem, não vai? David joga futebol com os amigos toda semana, corre e anda de bicicleta. E come de forma saudável. Mas ela não consegue deixar de se preocupar. Depois de passar tantos meses tentando se desapegar dele, tentando se reinventar fora do casamento dos dois, é desconcertante vê-lo se apoiando nela de novo, como se ainda fossem marido e mulher. Ou é egoísmo da parte dela? Provavelmente.

Ainda assim... David vai voltar para casa com Edie e Polly hoje – na verdade, Jess se dá conta de que eles devem estar voando naquele exato momento. Ele vai a uma consulta médica e terá algumas respostas. Enquanto isso, o membro restante da família conseguiu chegar bem a Nice no dia anterior (muito bem, Mia), onde está com as três melhores amigas, com sorte prestes a ter uma semana realmente divertida sem se meter em muitos problemas. Ou em nenhum, de preferência.

Agora Jess tem o fim de semana só para si e pretende aproveitá-lo ao máximo. Ela passou uma manhã agradável no ambiente refrigerado do Pompidou, passeando pela seção de arte contemporânea, tentando refinar sua cultura, especialmente em relação aos colegas de Adelaide, e agora está a caminho de encontrar Alain. O plano é irem juntos até a "Pequena África", como é conhecida a região onde está acontecendo o dia aberto ao público da oficina administrada pelo pai de Beatrice.

A Rue de Rivoli está lotada de pessoas fazendo compras a essa hora de sábado, e Jess desvia com agilidade pelas ruas laterais para evitar a aglomeração, até voltar ao Marais. Ela se pergunta o que Luc tem feito e se lembra da noite de quarta-feira em Belleville, de como tinha achado agradável a companhia dele. Luc entrou em contato algumas vezes para passar informações que ela havia pedido, mas não perguntou sobre o encontro dela. Talvez seja melhor assim. Ninguém gosta de admitir que levou um bolo.

Falando em encontros com franceses, ela se dá conta de que só tem tempo para comprar algo para comer em uma padaria antes de se encontrar com Alain. Mas, no instante seguinte, Jess percebe que seu celular está tocando no fundo da bolsa e fica surpresa ao ver o nome da filha mais velha na tela.

– Oi, meu bem! Tudo certo? Como está Nice esta manhã? – Ela continua seguindo em direção à padaria na Rue des Rosiers, uma recomendação de

Beatrice, mas aguça os ouvidos quando ouve o que parece ser uma fungada do outro lado da linha. – Mimi? Você tá bem, filha?

– Ah, mãe – diz a filha com um soluço. – Deu tudo errado. Eu tô...

O que quer que ela esteja tentando dizer se perde em um gemido, e Jess para na rua, alarmada.

– O que aconteceu? Você tá machucada? Onde você tá?

Imagens terríveis invadem sua mente – um acidente de vespa, pensa, com o coração disparado. Um assalto. Uma péssima decisão em relação a uma tatuagem.

– Eu... tô indo pra Paris – anuncia Mia, ainda soluçando. – Estou no trem.

Jess pisca várias vezes, tentando processar a informação.

– Mas... as suas férias – argumenta tolamente. – Com a Clara, a Erin e...

– Não diga os nomes delas! Odeio *todas*! – brada Mia, as palavras saindo em um fluxo nervoso. – Você não vai *acreditar* no que elas fizeram!

– Mas, meu amor... – No que ela não vai acreditar? Que diabo aconteceu? Jess tem um milhão de perguntas, mas opta pela mais urgente. – Você disse que está vindo pra *Paris*?

Ela ouve o som abafado de uma adolescente chorosa assoando o nariz.

– Sim, pra Gare de Lyon – responde Mia, pronunciando "Lyon" mais parecido com "leão". – Mãe, posso ficar um pouco com você? Eu tô me sentindo tão... – Uma fungada gigantesca encerra aquela frase em particular. – Eu não acredito que ele teve coragem de fazer aquilo... Estou tão *envergonhada*, mãe, e *humilhada* e...

– Ah, meu bem.

Então tem alguma coisa a ver com aquele garoto. Aquele maldito Zach, que Jess tinha visto pela última vez saindo correndo do quarto de Mia – o garoto cujo lindo pescoço Jess pretende torcer na primeira chance que tiver. E agora a filha está chorando dentro de um trem, em algum ponto entre Nice e Paris, sozinha.

– É claro que você pode ficar comigo – diz Jess, a mente em disparada enquanto tenta encaixar seus dois mundos. – Quer dizer, eu vou estar trabalhando a maior parte do tempo...

Ela também vai sair com Georges na segunda-feira, se o encontro realmente acontecer dessa vez, e planejou conhecer a irmã de Luc, Catherine, e Henry, que aparentemente vão chegar à cidade hoje. Todas as

coisas de que mais gostava em sua gloriosa viagem de independência parecem se afastar lentamente diante de seus olhos, um sonho se despedaçando e evaporando. Mas Mia tem prioridade.

– Não se preocupa – consola Jess, passando a mão pelo cabelo. – Nós vamos dar um jeito. Agora me diz a que horas chega o seu trem, vou te encontrar na estação. Vai ficar tudo bem, tá ouvindo?

* * *

Felizmente, Alain se mostra solidário quando Jess conta sobre o telefonema de Mia, as lágrimas, a chegada iminente da filha, e se desculpa por não poder mais acompanhá-lo à "Pequena África".

– Meus filhos já são adultos – diz ele –, mas me lembro muito bem da turbulência da adolescência. Tudo é um drama, não é mesmo? É claro que você precisa encontrar a sua filha, Jess. A família vem em primeiro lugar.

Ele vai sozinho e Jess deixa escapar a energia nervosa em um longo suspiro. Muito bem, então. Ela tem pouco menos de duas horas antes de encontrar Mia. Duas horas para ser apenas Jess, antes de vestir novamente o sobretudo um pouco mais pesado de "mãe". Sua mente se volta para o computador e as pilhas de anotações que a aguardam no hotel. A verdade é que deveria aproveitar esse tempo para dar uma adiantada no trabalho, visto que seu tempo está prestes a ser seriamente afetado de agora em diante.

Por outro lado, pensa Jess, essa pode ser sua última oportunidade, por algum tempo, de se permitir um momento agradável sozinha... De se deixar ficar ociosa ao sol com um livro e possivelmente um ótimo sorvete. Decisão tomada. Ela vai curtir sua última tarde livre em Paris, e ponto-final. Depois, vai até a Gare de Lyon encontrar a filha chorosa e descobrir como Mia pretende se vingar lenta e dolorosamente dos que a magoaram.

* * *

Mais tarde, ela está na Gare de Lyon, esperando a chegada do trem de Nice, quando recebe uma mensagem de Beatrice. *Acho que seu amigo está se divertindo*, escreveu ela, e mandou junto uma série de fotos: Alain espiando por cima do capô de um carro aberto, com alguns outros homens da idade dele. Alain tomando café em um espaço ao ar livre, concentrado na conversa

com outro homem. Um homem negro alto, com barba grisalha, vestindo uma camiseta onde se lê SENEGAL CALLING (o pai de Beatrice, Moussa, sem dúvida), se dirigindo a vinte ou trinta participantes, com o rosto animado, os braços estendidos como se fizesse uma apresentação. O rosto de Alain, de perfil, aparece no canto inferior direito da imagem, e ele está ouvindo atentamente.

Jess está tão acostumada a ver o novo amigo sozinho que demora um pouco para contextualizá-lo nesse novo ambiente. E, obviamente, uma imagem às vezes conta apenas metade da história – até onde ela sabe, ele pode ter passado o resto do tempo entediado –, mas seu coração se enche de alegria ao ver esses vislumbres de um Alain que parece se divertir. Pelo que Beatrice explicou, a oficina não se limita a consertar coisas. Equipes de voluntários participam juntas de trabalhos comunitários – pintando escolas e lares de idosos, por exemplo. Plantando árvores em uma nova "floresta comestível", no 20º *arrondissement*. Há aulas de culinária para homens que nunca aprenderam a cozinhar e se viram vivendo sozinhos e despreparados para cuidar de si mesmos. Há um grupo de corrida e um clube de ciclismo para amantes desses esportes. Mesmo que Alain não faça os melhores amigos da vida lá, com sorte pelo menos vai conhecer algumas pessoas com quem pode conversar sobre o momento que está passando, além de se envolver em atividades interessantes. Isso. Bom trabalho, Jess. Ela ajudou alguém.

– Oi, mãe – diz uma voz, e ali está a filha na frente dela, bronzeada das férias italianas, com os cabelos presos com uma bandana turquesa que Jess não reconhece e uma enorme mochila vermelha quase engolindo seu corpo esguio. – *Bonjour* – acrescenta Mia timidamente.

– Oi! – Jess a envolve em um abraço, do jeito que dá com aquela mochila gigantesca se enfiando entre as duas. – Oi, linda. Você tá bem?

Ela beija o topo da cabeça da filha, sentindo a forte conexão visceral entre elas com a mesma intensidade do momento em que a filha foi colocada pela primeira vez junto ao seu seio nu. Naquela época, quando estava com os olhos turvos de cansaço e o corpo respingado de sangue do parto, Jess nunca teria acreditado se alguém lhe mostrasse uma foto do momento atual – ela abraçando aquela jovem de pernas compridas com os cabelos ruivos e piercings, os braços fortes e jovens, as panturrilhas

douradas e os tênis de cano alto sem dúvida fedorentos – e dissesse: *Escuta, vocês duas vão se encontrar em Paris daqui a alguns anos. Você vai estar escrevendo o livro de memórias de uma artista famosa; ela vai ter viajado sozinha por seis horas de trem*. E, ainda assim, ali estão elas.

– Ah, meu bem – fala Jess, ao sentir o corpo da filha se sacudir em um soluço.

Porque, quando se tem 17 anos, é possível aguentar firme por algum tempo – no confronto com os amigos, durante a caminhada chorosa até a estação, em uma longa viagem sozinha por outro país –, mas algo em receber a gentileza de alguém que te ama pode fazer a pessoa desmoronar em um instante.

– Tá tudo bem. Vai ficar tudo bem. O que quer que tenha acontecido, a gente vai dar um jeito.

Mia se afasta depois de um instante e funga, com os olhos úmidos. Ela parece exausta, Jess repara com pena. Não importa a energia que a fez chegar até ali, já está se dissipando.

– Você comeu alguma coisa? – pergunta Jess. – Quer beber algo? Vamos caminhar um pouco ao longo do rio, em direção à Notre-Dame... tem um milhão de lugares pra gente sentar e conversar. Quer que eu carregue essa mochila um pouquinho?

Mia enxuga as lágrimas com os nós dos dedos.

– Tá tudo bem. Obrigada, mãe.

* * *

Já é meio da tarde e o ar está úmido, o céu nublado. Parece que uma tempestade está ganhando força quando Jess sai da estação com a filha, e as duas seguem em direção ao rio Sena. Há hordas de turistas em cada esquina – aglomerando-se em frente às lojas; parando para tirar fotos uns dos outros, com sorrisos largos no rosto; a bordo dos barcos turísticos, sentados em filas, protegidos por chapéus de sol.

– Meu Deus – murmura Mia –, é como se o mundo inteiro tivesse vindo pra cá de férias.

Depois de caminharem por algum tempo, elas encontram um bar à beira do rio que tem tudo o que a dupla "mãe de meia-idade e filha adolescente perturbada" precisa: uma mesa ao ar livre desocupada, uma vitrine com

bolos de ótima aparência e uma banda grunge de trilha sonora. Vendo que todas as necessidades delas serão atendidas ali, Mia desvencilha os braços da mochila e a deixa cair no chão com um baque.

– Então – diz Jess, depois de pedirem as bebidas e algo para comer –, quer me contar o que aconteceu? Quem devo colocar na minha lista de alvos?

Ela finge empunhar uma arma imaginária, estreitando os olhos na mira. Está brincando, mas nem tanto. Jess se lembra de quando Edie estava sofrendo bullying no sétimo ano e ela, a mãe, fantasiava jogar as pirralhas envolvidas no chão, enfiar os polegares nos olhos delas, chutar suas barrigas e seguir em frente – até que se lembrou de que as ditas pirralhas eram meninas de 11 anos, e ela era supostamente uma adulta responsável. Ainda assim... que ninguém se metesse entre aquela leoa e seu filhote, ou ia se arrepender.

Mia franze os lábios.

– Não é brincadeira, mãe – retruca, com os olhos fixos na mesa.

– Desculpa. Eu não estava sendo engraçadinha. – Não, ela estava falando sério. – Vamos lá, me conta. O que aconteceu?

A menina deixa escapar um suspiro pesado.

– Bem, o que aconteceu foi que...

Mia apoia o queixo na palma da mão e dá uma rápida olhada na direção da mãe antes de abaixar os olhos novamente para a mesa de metal. Há uma expressão nua e crua de tristeza em seu rosto, e Jess sente o estômago se revirar. Ah, Deus, o que está acontecendo? A Mia não está grávida, não é?

– O que foi, querida? – pergunta, apreensiva.

– O que aconteceu foi que, quando a gente estava junto... – O rosto de Mia fica muito vermelho e sua voz sai em um murmúrio. – O Zach tirou umas fotos minhas.

Ah, não. Portanto, não grávida, ao que parece, mas com fotos na internet. Em um disco rígido, a nudez gravada para sempre em pixels. Sinceramente, quem gostaria de ser um adolescente nos dias de hoje?

– Que tipo de fotos? – indaga Jess, embora já imagine que não se trata de uma selfie normal, completamente vestida. Merda.

– Uns...

Mia engole em seco, e Jess sente os olhos marejarem de repente, quando olha para o rosto da filha e vê todas as outras Mias que ela foi um dia. O

bebê radiante gorgolejante, com um único dente perolado na boquinha. A menina de 3 anos com o gorro de lã vermelho tão amado que, quando Jess ia checar como ela estava à noite, a encontrava dormindo com ele. Aos 7 anos, com longas tranças e um espaço vazio entre os dentes. E agora olhe para ela – linda e desengonçada com o corpo bronzeado, o piercing roxo cintilante no nariz, tropeçando nas palavras que está tentando dizer.

– Uns nudes – consegue dizer Mia, por fim.

– Entendi – diz Jess, determinada a se mostrar neutra, mesmo que esteja morrendo de vontade de falar o nome da filha em voz alta, de gritar com ela por ser tão imprudente. – Deixa eu adivinhar, ele prometeu que não mostraria a ninguém. Que as fotos eram só para vocês dois.

A cabeça baixa de Mia é resposta suficiente.

– Eu sei que foi burrice da minha parte, mãe, por favor, não me trata de um jeito condescendente, não me diz coisas que eu já disse a mim mesma – responde ela, cerrando os punhos. – Não é como se fosse culpada por não ter tido um ótimo modelo de relacionamento.

– Ei! – diz Jess, magoada. – Estou fazendo o melhor que eu posso aqui, tá certo?

A garçonete aparece ao lado da mesa, como um árbitro anunciando o intervalo e servindo os pedidos delas: uma Coca Diet, um *croque-monsieur* e fritas para Mia, um doce de maçã e um café para Jess. Mia ataca vorazmente seu sanduíche, deixando escapar um gemido de "QUEIJO", como se estivesse morrendo de fome, e cabe a Jess retomar a conversa mais uma vez. Ela respira fundo.

– Então, presumo que outras pessoas tenham visto as fotos – conclui, estremecendo em nome da filha.

– Não, mas... – Lágrimas cintilam nos olhos de Mia. – O Zach fica o tempo todo dando pistas nas redes sociais dele de que tem as fotos, e todo mundo do nosso ano na escola está dando força pra ele postar. Quando encontrei a Erin e as outras meninas, até elas estavam rindo e debochando, perguntando se eu podia dar uma prévia para elas. – Mia larga o sanduíche abruptamente e pega um guardanapo para enxugar os olhos úmidos, antes de continuar com a voz baixa e trêmula: – Todo mundo sabe, mãe. E tá todo mundo rindo de mim. E se ele postar e todo mundo acabar vendo? Não vou poder voltar pra escola. Não quero nem voltar para Canterbury. Só quero... – Ela coloca a cabeça entre as mãos. – Quero *morrer*.

– Ah, meu amor – diz Jess, pousando a mão no braço da filha. Por Deus, ela não inveja os adolescentes de hoje com vida social na internet, incapazes de relaxar depois que saem da escola, já que o resto do mundo está sempre presente em um smartphone. – Esse Zach, sinceramente, que merda de pessoa ele se provou ser.

– Eu sei. – Outra fungada enorme. – E as minhas amigas também. Não são mais minhas amigas.

Uma nova lágrima escorre pelo rosto dela.

– Ele ameaçar você assim... isso está dentro da lei? Tenho certeza de que os pais desse garoto não veriam com bons olhos o comportamento dele – continua Jess. – Muito menos a polícia. Aposto que a escola também não ficaria feliz.

– Mãe! Nem pensa em chamar a polícia! – grita Mia, parecendo horrorizada. – Ou falar com a escola. Ai, meu Deus, eu sabia que não deveria ter te contado. Essa é a última coisa que eu quero.

– Tá certo, mas... – Jess se lembra, desolada, do bordão de Edie, "os dedos-duros se dão mal", mas com certeza às vezes é a única opção, não? – Tá certo, bem... tem algum jeito de roubar o celular dele? – sugere, tentando pensar rápido. – Daí destruir o aparelho, jogar o cartão SIM no fogo, invadir a nuvem dele ou seja lá como se chama? Ou ficar do lado do Zach com uma arma apontada para a cabeça dele até ele apagar as fotos?

Mia olha irritada para ela.

– Isso tudo é uma grande piada pra você, né? Pelo amor de Deus, mãe!

– Não! Por que você tá dizendo isso? Eu tô tentando ajudar!

– Como? Fazendo sugestões idiotas sobre armas e colocar fogo nas coisas? – Mia enfia o *croque-monsieur* na boca e mastiga furiosamente. – Deixa pra lá.

Elas estão de volta ao território familiar do "você não sabe de nada", e Jess expira com força, com a sensação de que deu a cartada errada. Com certeza é muito mais fácil responder aos problemas enviados para a "Querida Jess" em sua coluna de consultório sentimental.

– Desculpa – diz Jess, com saudades dos dias em que conseguia resolver qualquer problema das filhas com um abraço consolador. – Poderíamos pedir ao seu pai pra dar uma circulada e ter uma conversa com ele, talvez?

– *Não* – recusa Mia com um gemido. – Olha, esquece que eu contei qualquer coisa, tá? Não quero mais falar disso.

– Tudo bem. – Jess entende a mensagem de "recuar", embora sua mente continue pensando em possibilidades. Deve haver algo que ela possa fazer. Nesse meio-tempo, decide que se mostrar otimista e prática é sua melhor opção imediata. – Bem, não podemos mudar o que aconteceu, mas agora você está aqui comigo... e sabe qual é a melhor vingança? Se divertir. Aproveitar muito a vida – sugere ela. – Temos Paris inteira aqui, aos nossos pés, e estou de folga até segunda-feira. Podemos fazer o que você quiser.

– Vou conhecer a Adelaide? – pergunta Mia, se animando. – É só que andei pesquisando mais sobre a morte daquele cara e tenho perguntas pra ela. Pro podcast que vou fazer.

Pelo amor de Deus.

– Bem... se você conhecer a Adelaide, tem que me prometer que não vai começar a interrogar a mulher. E também não tenho certeza se quero que você faça um podcast de verdade sobre isso. Ela tem um sobrinho com muita intimidade com o sistema jurídico e ele provavelmente entraria com um belo de um processo. – Luc não faria isso, obviamente, mas Mia não precisa saber. – Promete?

Jess vê um brilho nos olhos de Mia por um instante, em seguida a menina responde:

– Prometo. – Elas sorriem uma para a outra. – Por sinal, a gente pode andar na roda-gigante enquanto estou aqui? – pergunta. – Ah, e ir à Boulangerie Moderne?

– Qual é essa?

– É onde a Emily de *Emily em Paris* sempre vai tomar café da manhã... e é uma padaria de verdade – diz Mia, empolgada. – No caminho pra cá, descobri um site em que dá para ver todos os lugares icônicos da série. Como o café onde a Emily e a Mindy comem, o parque onde ela corre e onde fica o prédio do trabalho dela...

Jess balança a cabeça. Nunca viu a série, nada disso significa algo para ela, mas se vai deixar a filha feliz...

– Com certeza – concorda. – Podemos fazer todas essas coisas. Agora come! Vamos deixar a sua mala no hotel e então teremos toda uma cidade para explorar.

Quanto ao Zach, é melhor ele tomar cuidado, pensa Jess. Porque de uma forma ou de outra ela vai dar um fim naquela maldade, é só esperar para ver.

Capítulo Vinte e Oito

– *O mundo da arte* – diz Fiona Bruce. – *Um lugar de fortuna absurda. Mas abaixo da superfície esconde-se o perigo...*

É início da noite de sábado e Adelaide está de novo em sua chaise-longue, com os pés para cima e uma tigela de uvas nas mãos, assistindo a outro episódio de *Fake or Fortune*. *Qualquer coisa para evitar o trabalho doméstico*, pensa. A pia da cozinha ainda está cheia de pratos, e o cesto de roupa suja já está transbordando, enquanto tufos de pelo de Jean-Paul se elevam do chão da cozinha sempre que sopra uma brisa. Ao menos ela enfim recebeu um retorno da faxineira de Frieda, Clothilde, mas a mulher disse, um tanto rispidamente, que só tem disponibilidade na sexta-feira, é pegar ou largar. Sexta-feira é melhor do que nada, mas até lá ainda falta quase uma semana. Enquanto isso, Adelaide vai ter que descobrir como usar o aspirador e a máquina de lavar. Inferno! *Talvez depois do programa*, diz a si mesma, de um jeito nada convincente.

Nesse episódio são apresentadas três pinturas que são supostamente de Turner – e Adelaide não se lembra de já tê-las visto antes. Conforme o programa avança, ela entende a razão: é porque as três telas aparentemente foram pintadas em Margate, onde Turner tinha uma amante, a Sra. Booth. Duas das pinturas são chamadas *Off Margate* e *Margate Jetty*, e Adelaide precisa fechar os olhos brevemente ao ouvir isso. Ela nunca mais voltou a Margate desde aquelas férias terríveis em que William morreu, e sempre tenta evitar ver fotos da cidade ou mesmo ler sobre ela.

Mas é só um lugar, diz a si mesma, com a mão ainda erguida sobre o controle remoto antes de colocá-la de novo no colo. Um lugar na tela da TV, por sinal. Não pode machucá-la a essa distância, quando o pior já aconteceu, quase setenta anos atrás.

Palavras corajosas, mas não demora muito para que as câmeras cheguem a Margate, e lá está a praia mais uma vez em sua tela, com o amado céu "azul Kent" de Turner como uma ampla faixa de luz acima da orla marítima. Adelaide percebe que está prendendo a respiração. Ali está. Foi ali que aconteceu.

É estranho, mas depois de se abrir com Jessica sobre aquele dia terrível, ela consegue sentir um pouco mais de compaixão por seu eu mais jovem, como se a ferida tivesse começado a cicatrizar. *Você era só uma criança*, dissera Jessica, e o engraçado é que Adelaide nunca levou esse fato em consideração antes. Mas é relevante. Ela era mesmo só uma criança. Uma menina que queria continuar jogando críquete. Não fez nada de errado.

O ar escapa por suas narinas, e é como se um pedaço de gelo que estava alojado em seu coração durante todas essas décadas rachasse e se rompesse. Derretesse. Alguma coisa no fato de estar revivendo os velhos tempos para o livro de memórias a está mudando, pensa Adelaide. É como se ela estivesse abrindo as cortinas de um quarto escuro, lembrando a si mesma de que existe um mundo lá fora. De que, mesmo em tempos difíceis, a vida ainda pode ser – na verdade, vem sendo – incrível. De certa forma, é uma pena que ela tenha evitado revisitar Margate, pois o lugar agora abriga a maravilhosa galeria Turner Contemporary, além da nova e empolgante escola de artes de Tracey Emin. (Adelaide tem uma queda por Tracey Emin, cujo trabalho admira muito.) Ela se entrincheirou em seu próprio espaço, como se todos os outros lugares estivessem fechados para ela. Mas conversar com Jessica sobre suas viagens – à Galeria Uffizi, a Nice, até a Margate – despertou algo em seu íntimo, levantando dúvidas sobre se ela voltará a viajar para esses lugares um dia. Já faz tempo que ela presume que não, mas por que tem que ser assim? O que a impede?

O telefone toca e ela pausa o programa para atender. É Lucas. O sobrinho parece reparar em seu humor estranho, porque, em tom um pouco preocupado, pergunta:

– Você tá bem?

– Ah... – Adelaide procura alguma desculpa, porque não está disposta a contar a verdade. – Para ser sincera, estou um pouco farta dessa situação em relação à limpeza – diz, e seus olhos pousam na camada de poeira ao longo da lareira. – A Marie-Thérèse me abandonou há alguns dias e estou tendo

dificuldade em conseguir uma substituta. Vai vir uma pessoa aqui no final da semana, mas...

– Humm – diz ele. O sobrinho gosta de ter um problema para resolver, e é um grande alívio quando ela o escuta dizer: – Deixa comigo, vou ver o que posso fazer. Mas, antes disso, a Catherine e o Hen estão hospedados aqui. Estamos prestes a sair para jantar e queria saber se você gostaria de se juntar a nós.

– Ah – fala Adelaide novamente.

Tempos atrás, seu instinto costumava ser dizer "sim" a qualquer coisa – mais um drinque, uma festa, uma encomenda de trabalho –, mas atualmente a palavra "não" está sempre na ponta da língua. Não, estou cansada demais. Não, estou velha demais. Quando isso aconteceu? Quando parou de dizer "sim"?

– Tenho uma reserva no Chez Janou, podemos colocar mais uma cadeira.

Adelaide olha de relance para a tela da TV, onde os apresentadores acabam de chegar à Tate Britain, ainda com a missão de determinar a procedência daqueles supostos Turners. Não foi bom sair na noite anterior, para tomar aquele gim-tônica e fazer a sessão improvisada de esboços? Gostou de voltar a interagir com a cidade em que morava em uma noite de verão. Ela ainda pode dizer "sim" à vida, certo?

– Sim, tudo bem – responde, em um impulso.

O Chez Janou costumava servir um prato muito bom de peito de pato com alecrim, lembra Adelaide. Sem mencionar a coleção de *pastis* do lugar. E ela não vê Catherine há... meu Deus, cinco anos ou mais. E torce para que o filho da sobrinha, Henry, não seja tão chato quanto o ex-marido de Catherine. De um modo geral, o clã Brockes não parece muito bom em relacionamentos duradouros.

Adelaide pega o controle remoto e desliga a TV. Já basta de Margate por um dia. Ela e Luc combinam como se encontrar, então ela se levanta, subitamente revigorada com a ideia de sair mais uma vez.

– E, para você, a estação de notícias de novo, velho amigo – diz a Jean-Paul, que também se levanta, na esperança de uma caminhada não programada. – Mas, se for bem bonzinho, trago um pouco de pato para você enrolado no meu guardanapo. *E* um pouco das minhas batatas fritas.

Capítulo Vinte e Nove

– Mia, o que acha de ter um trabalho enquanto está aqui? – pergunta Jess no domingo à noite.

Elas estão prestes a sair para comer, e o quarto que agora compartilham – o hotel foi bastante flexível com a situação – está com várias roupas de Mia espalhadas, peças que foram experimentadas e rejeitadas. Enquanto espera que a filha conclua o que parece ser uma sessão exaustiva de aplicação de maquiagem, Jess está sentada em seu lado da cama, lendo uma mensagem que acabou de chegar.

– Que tal ganhar alguns euros por pouco tempo de trabalho todos os dias?

Mia faz um biquinho diante do espelho.

– Fazendo o quê?

As duas se divertiram muito juntas até agora, mesmo que tenham passado grande parte do tempo visitando lugares que aparecem em *Emily em Paris*, para Mia postar em sua conta do Instagram ("Você não acredita como está todo mundo morrendo de inveja de mim!"). Ela parece abalada em alguns momentos, mas pelo jeito as garotas com quem deveria passar as férias pediram desculpas, e uma delas disse até que ameaçou denunciar Zach à polícia se ele não excluísse as fotos e deixasse Mia em paz. (Ao que parece, não há problema em amigas fazerem esse tipo de coisa, mas as mães não têm permissão.) Enfim, houve reconciliações e amizades reconstruídas. Jess espera que dali a poucos dias toda aquela história sejam águas passadas. Caso isso não aconteça, sem que Mia saiba, Jess conseguiu o número da mãe de Zach, graças a Becky, e está com tudo pronto para fazer uma ligação, se for necessário. A informação que ela recebeu de Becky é que a mãe de Zach, Rose, é uma feminista de carteirinha que partiria com tudo para cima do

filho se soubesse o que ele anda fazendo. De um jeito ou de outro, a sororidade está a seu lado.

– Boa pergunta – responde Jess. – Bem, tudo começou, e espero que você não se incomode, porque eu perguntei ao Luc, sobrinho da Adelaide, se ele precisava de ajuda no arquivo na próxima semana, tendo você em mente. Só para você não ficar entediada, sem ter o que fazer, enquanto eu estiver trabalhando com a Adelaide – acrescenta, quando Mia se vira sem parecer muito satisfeita.

– Em um *arquivo* velho e empoeirado? Eca, não, obrigada – diz, e volta à importantíssima tarefa de curvar os cílios. – Não é esse cara que vai me processar quando meu podcast for lançado? Talvez seja melhor eu manter distância.

– Ninguém vai te processar, porque esse podcast não vai acontecer, lembra? – retruca Jess. – E é uma sorte você não querer trabalhar no arquivo, porque ele não tem nada para você fazer lá de qualquer maneira. – O que é bastante justo, reconhece. Jess também não tem certeza se aceitaria tranquilamente uma desconhecida de 17 anos "ajudando" no trabalho dela. – Mas vou te dizer quem *precisa* de ajuda, quem ele acabou de sugerir: a Adelaide.

– Fazendo o quê? Ajudando com a pintura e outras coisas?

– Não, é para... – Jess hesita, porque já tem certeza de que Mia vai recusar. – Seria para fazer o trabalho de limpeza. A governanta que trabalhava para ela foi embora recentemente, então...

– Trabalho de *limpeza*?

– Só passar o aspirador de pó e lavar a louça. Talvez passar alguma roupa...

A voz de Jess perde a força, porque ela nem tem certeza de que a filha sabe passar roupa, menos ainda se ela deveria ter a liberdade de mexer nas roupas (presumivelmente caras) de Adelaide. Mas então algo lhe ocorre. *Roupas*. Armazenadas no guarda-roupa de Adelaide. Desde aquela conversa intrigante com Marie-Thérèse no banheiro do Le Mélange, Jess está ansiosa atrás de uma desculpa para espiar lá dentro. Se Mia estiver aspirando o quarto de Adelaide, então...

– Ah, aceita – insiste Jess. – Ela vai te pagar, obviamente. E talvez você possa me ajudar também. Fazer um pouco do seu trabalho de detetive.

– Para o meu podcast? É *brincadeira*, relaxa. – Mia vira a cabeça de um

lado para outro, checando os cílios no espelho. – Quanto ela vai me pagar?

– Vou descobrir – responde Jess, embora no instante seguinte decida manter silêncio sobre o mistério do guarda-roupa. Se a pintura lá dentro for tão tenebrosa assim, ela provavelmente não deveria encorajar Mia a bisbilhotar. A menos que queira ser responsável pelos pesadelos da filha pelo resto da vida. – Então, está interessada? Hipoteticamente?

– Se ela não tirar o meu couro nem gritar comigo, e se eu não tiver que fazer nada, tipo... nojento, então... tá certo. Acho que sim.

– Ótimo – diz Jess, e se volta de novo para o celular. – Ah, além disso, o sobrinho do Luc, o Henry, está aqui em Paris essa semana, se você quiser sair com alguém da sua idade. Ao que parece, ele tem 18 anos.

– Henry, sobrinho do sobrinho... parece tão empolgante – fala Mia, em tom sarcástico. – Não, obrigada.

– Como quiser.

Jess está prestes a responder a Luc quando percebe que um novo e-mail chegou em sua caixa de entrada. É de alguém chamado Raph Claremont e, como não conhece ninguém com esse nome, já está prestes a ignorá-lo como spam quando repara no que está escrito no assunto: *Re: Margie Claremont*. Meu Deus. Finalmente uma resposta. Ela abre o e-mail na mesma hora.

Prezada Jessica,

Obrigado por seu e-mail para a minha mãe, Margie, sobre um desenho que ela fez de Adelaide Fox. Meu nome é Raphael e sou o filho mais velho de Margie. Antes de prosseguir, lamento dizer que tenho más notícias...

– Ah, não – lamenta Jess quando lê aquilo.

– O que foi agora? Ela passou o trabalho para outra pessoa? – arrisca Mia.

– O quê? Não – responde Jess, distraída, ainda concentrada na mensagem.

A minha mãe está muito doente e, embora se lembre do desenho que você mencionou (com muito carinho, devo acrescentar), ela está

morando comigo e com a minha esposa enquanto se recupera e, assim, não tem como revirar seus arquivos em busca do desenho. Desculpe não poder ser mais útil neste momento. Desejamos a você tudo de bom. Raph e Margie.

Margie está doente... essa é realmente uma má notícia. *Qual será a gravidade?,* pergunta-se Jess, mordendo o lábio. Grave o bastante para que precise de cuidados enquanto se recupera. Mas o trecho "enquanto se recupera" lhe dá esperança de que pelo menos não seja nada terminal. Quanto à frase "com muito carinho"... ora, isso também é motivo para Jess se sentir otimista. Se Margie não se sente consumida pelo ódio e pelo ressentimento em relação à antiga amiga, então certamente há um caminho de reconciliação para as duas, certo? Não está tudo perdido, não é?

* * *

Na manhã seguinte, Jess ainda não decidiu o que deve fazer – se é que deve fazer alguma coisa – com as novas informações que tem sobre Margie. Quer contar a Adelaide o que sabe, na esperança de que isso possa levar a artista a tomar alguma atitude e deixar o passado para trás – se um bando de adolescentes furiosas consegue resolver suas diferenças, por que duas mulheres de quase 80 anos não conseguiriam, afinal? –, mas já sabe que Adelaide não vai ficar nada feliz quando souber do envolvimento de Jess.

Ela ainda está pensando no assunto quando sai do hotel com Mia. Beatrice está na recepção após um fim de semana de folga e, ao vê-las, solta um gritinho de empolgação.

– Ahh! A sua filha... Mia, certo? Nossa, você é linda, *ma chérie*! E a sua *maman*, ela tem tanto orgulho de você. Não parou de falar sobre como você é fantástica!

Isso é obviamente um exagero, mas Jess aprecia o comentário, porque a filha fica radiante de um jeitinho tímido.

– Oi – diz Mia. – Você deve ser a Beatrice. A minha mãe também falou sobre você.

– A sua mãe gosta de falar, *hein*? Mas gostamos disso nela, certo? – Beatrice ri. – A propósito, Jess, sobre o seu homem da pintura – continua

ela. – O meu tio Babacar acha que ele se parece com um homem chamado Doof.

– *Doof*? – Jess sente o peso do desapontamento abatê-la. Afinal, tem certeza de que nunca ouviu esse nome. – Esse nome não me diz nada.

Beatrice dá de ombros.

– É assim que ele é conhecido... ou *era*, porque o meu tio acha que o homem já morreu. E, Jess, fico feliz que você não tenha conhecido esse cara, porque ele não era uma boa pessoa. – Ela desvia os olhos depressa para Mia, como se estivesse escolhendo as próximas palavras. – Era violento, eu acho. Uma espécie de, como vocês dizem... de gângster?

– Gângster, isso. Doof – repete Jess para si mesma, para ver se o nome lhe traz alguma lembrança, mas nada... Será que ela esteve focando na pista errada o tempo todo? – Tá certo. Obrigada de qualquer forma.

– Do que ela estava falando? De que pintura? – pergunta Mia enquanto elas saem do hotel e seguem pela rua.

A jovem está usando camiseta e short, com os cabelos compridos presos em coques duplos, um de cada lado da cabeça, com sombra verde brilhante nos olhos e brincos de argola dourados.

– É... – Jess não quer entrar nesse assunto agora. Deveria ter pensado melhor antes de confiar em um palpite. – Só uma das pinturas de Adelaide. Achei que tinha reconhecido alguém de muito tempo atrás, da época em que trabalhei em Paris. Falando nisso – continua ela, porque vai ter que dar a notícia em algum momento –, vou sair hoje à noite. Com uma pessoa que conheci naquela época.

Mia lança um olhar para a mãe.

– O quê, um *homem*? O papai sabe disso?

Às vezes, Mia pode ser definitivamente vitoriana quando se trata da moral dos pais. E, sinceramente, Jess está cansada de ver as filhas tratando David como um mártir, enquanto ela é colocada no papel de vilã do século.

– Não, ele não sabe, porque não há nada para saber – responde com os dentes cerrados. Em seguida, se lembra da ligação da semana anterior e se pergunta quando será a consulta médica de David. – A pessoa que vou encontrar, Georges, é um antigo amigo, nada mais. Para com isso! – diz Jess, rindo, porque Mia está fazendo biquinho e dizendo silenciosamente "Georges", de um jeito supostamente sexy. – Enfim, chegamos, esta é a Place des Vosges, onde a Adelaide mora – fala, feliz por mudar de assunto.

Jess tem sentimentos conflitantes sobre o encontro de hoje à noite – será mesmo só um encontro entre amigos? Ou mais do que amigos?

– Chique, não é? – continua, e indica a área ao redor com um gesto, abrangendo a grandiosidade e a simetria das casas de tijolos vermelhos, os arcos que margeiam a praça, as árvores e os gramados centrais bem aparados.

Mia faz uma careta.

– É legal – comenta ela. – Mas achei que seria mais elegante. Ela não é, tipo, super-rica?

Mia anda assistindo a episódios demais de *Real Housewives* – ela acha que "elegante" é sinônimo de vidro fumê e cromo, de uma piscina azul no quintal dos fundos e um Range Rover na frente.

– Toda essa praça foi construída por um rei francês no início dos anos 1600, para sua informação – diz Jess para a filha. – Bem... tá certo que não foi construída pelas próprias mãos do rei, mas *para* ele. Difícil ser muito mais chique do que isso, meu bem.

Elas seguem até a porta de Adelaide, e Jess está prestes a apertar a campainha quando hesita.

– Então, só para recapitular: a Adelaide pode ser rabugenta, mas, por favor, não revide. Seja educada, mesmo que ela te irrite. Trata-se de uma idosa obstinada. E, pelo amor de Deus, não comece a fazer perguntas sobre o Colin Copeland ou sobre Little Bower, tá certo? Você não está aqui para fazer uma investigação para um podcast, entendeu?

Mia revira os olhos.

– Sim, manhêêê – responde ela, em tom sarcástico. – Alguma outra ordem? Devo fazer uma reverência toda vez que sair da sala, como fazem com a família real? Limpar os sapatos dela com a língua?

– Basta você agir como faz com as suas avós, é só o que eu estou pedindo. Ou com o professor mais severo na escola. Certo? Muito bem. Vamos entrar.

Ela aperta a campainha e cai na gargalhada ao ver a expressão exagerada de garota simpática de Mia, com olhos muito arregalados e um sorriso falso.

– Perfeito – balbucia Jess, tentando conter a agitação crescente.

Já dentro do apartamento, elas são recebidas por Jean-Paul, e Mia cai de joelhos na mesma hora e faz um grande estardalhaço com ele. Todas as filhas de Jess são apaixonadas por animais – ter um cachorro é o objetivo de

vida delas. Até quando Jess estava grávida de Polly, Mia, aos 4 anos, perguntava se elas não poderiam só comprar um cachorrinho em vez de ter um bebê. *E mantenho o que disse*, fala Mia sempre que a história é contada.

– Ai, meu Deus! Você é tão lindo! – elogia ela, enquanto coça atrás das orelhas triangulares e caídas de Jean-Paul. – Você é um menino tão lindo! Pode me dar a patinha? Ah, mãe, olha só pra ele! – Não satisfeito em lhe dar uma pata, Jean-Paul se inclina para lamber o rosto dela e Mia ri, subitamente parecendo ter 12 anos de novo. – Ei, você está lambendo o meu blush – reclama ela, se contorcendo e rindo.

– Mia, e essa é a Adelaide – interrompe Jess, com certa ironia. – Adelaide, minha filha Mia, que vai fazer *toda* a sua limpeza enquanto trabalhamos. Tudo o que você precisar que seja feito. Não só brincar com o cachorro. Certo, Mia?

A garota se levanta com dificuldade.

– Ah. Desculpa – diz ela. – Oi.

– Oi – cumprimenta Adelaide, com o vislumbre de um sorriso. – Na verdade, se você não se importar de levar esse senhor para um P-A-S-S-E-I-O mais tarde, me ajudaria muito. – Ela soletra a palavra, mas mesmo assim Jean-Paul ergue os olhos, ansioso, como se fosse capaz de soletrar tão bem quanto sabe dar a patinha. Jess percebe que Mia parece tão ansiosa quanto o cão. – Mas, primeiro, talvez você pudesse dar uma boa arrumada na cozinha. Deixa eu mostrar onde está tudo...

Jess se senta enquanto Mia sai animada para receber instruções e torce para que aquilo dê certo. Minutos depois, ela e Adelaide ouvem o som fraco de música vindo da cozinha.

– Isso é um problema pra você? Posso pedir pra ela abaixar – consulta Jess, preocupada, mas Adelaide descarta a ideia com um gesto de mão, parecendo tranquila, então as duas retomam o trabalho.

Cronologicamente, elas estão no fim dos anos 1970, com Adelaide na casa dos 30. A carreira dela está deslanchando, assim como a das amigas, e a imprensa começou a chamá-las de as London Bohemians.

– Mesclando todas, como se uma mulher fosse incapaz de ter sucesso sozinha – comenta Adelaide, irritada.

Não que alguma delas parecesse se importar com a "mescla", já que ainda eram uma força a ser considerada. Elas expunham juntas, saíam juntas para se divertir e continuavam a passar períodos em Little Bower quando

possível. Porém, à medida que várias delas, incluindo Esme e Margie, começaram a constituir família, essas ocasiões foram se tornando menos frequentes e um abismo pareceu começar a dividir o grupo. *As procriadoras e as artistas*, como supostamente descreveu Rita – o que não deve ter ajudado em nada.

Adelaide já falou mais sobre Remy a essa altura – a natureza tempestuosa do relacionamento deles, como ele demorou a se mudar para Londres para ficar com ela ("A França nunca vai te perdoar por me roubar", diz ela, citando-o). O que mais se nota é a crescente falta de respeito de Remy pelo trabalho de Adelaide, apesar de – ou talvez exatamente por causa disso – ser muito mais valorizado do que a arte que ele criava.

– Era difícil para ele – admite Adelaide. – Naquela época, os homens queriam se sentir no comando das mulheres... eram vistos como fracos ou pouco viris se não dominassem suas esposas ou parceiras.

– Ele não conseguia lidar com o seu sucesso – acrescenta Jess. – E minou você.

Ela pensa em David, em como o marido jamais conseguia elogiar o trabalho que ela fazia também, como se isso fosse sugar parte da glória da carreira dele.

– Sim, ele me minou – repete Adelaide. – E eu deixei que fizesse isso, o que faz de mim uma tola maior ainda. – Ela está usando uma túnica cinza e aperta a bainha entre os dedos. – Por que nós, mulheres, fazemos isso? – se pergunta em voz alta. – Por que toleramos o mau comportamento em nome do amor? Eu segurei a mão de Remy quando ele estava morrendo, fiquei ao lado dele até o amargo fim, mas... – Adelaide balança a cabeça. – Ele nem sempre esteve presente para mim. – Então ela volta seu olhar de águia para Jess. – Você tem um casamento feliz, Jessica? Se tem, qual é o seu segredo?

– Não olha pra mim em busca de informações privilegiadas sobre esse tema – responde Jess, e ergue as mãos, mostrando a ausência de uma aliança. – Nós nos separamos há pouco mais de um ano. Ele foi infiel e... – Ela encolhe os ombros, ciente da presença de Mia no cômodo ao lado; e ciente também da necessidade de ser profissional. Ainda assim, sempre adorou um bom papo de mulher para mulher. – Isso meio que me quebrou, pra falar a verdade. Tentamos ficar juntos, mas nisso perdi todo o meu respeito próprio. Cheguei a um ponto em que não conseguia mais fingir e disse isso a ele.

– Bom pra você – comenta Adelaide. Um lampejo de compreensão surge entre as duas. – É de se imaginar que uma artista, entre todas as pessoas, seria capaz de traçar um limite entre as coisas, mas esse nunca foi o meu caso. Quando eu descobri, lá em 1980, que Remy havia sido infiel mais uma vez, também fiquei arrasada. E, como artistas estão sob o escrutínio do público, todo mundo sabe da nossa vida, todo mundo comenta aos sussurros sobre a nossa humilhação, a nossa queda. É *horrível*. – Jess percebe com pena que as mãos da mulher estão tremendo. – Mas fica pior: o Remy não apenas foi infiel como também pintou aquele nu incrível da mulher em questão e incluiu em uma exposição em Berlim... – Ela balança a cabeça, com olhos endurecidos pela mágoa de décadas. – Bem, você já deve ter lido a respeito na sua pesquisa, mas resolvi destruir a pintura na exposição e joguei uma lata inteira de tinta prateada para carro em cima dela.

Jess ouviu mesmo a história e, além disso, também viu as fotos. Esse é um momento da vida de Adelaide frequentemente citado em reportagens sobre a artista, em parte porque foi o início de um grande colapso, que logo a levou a ser internada em um hospital psiquiátrico. O ano de 1980 foi traumático para Adelaide em outros aspectos: Jess ouviu boatos de que ela deu à luz uma criança enquanto estava no hospital, uma criança que havia desaparecido de sua vida. Também foi o ano do suposto suicídio de Colin Copeland.

– Aposto que foi uma delícia jogar a tinta daquele jeito, arruinando o grande momento dele – comenta Jess.

A expressão de Adelaide estava tempestuosa, mas nesse momento seus lábios se curvam em um sorriso inesperado.

– Com certeza – confirma. – Ninguém nunca me disse isso antes, desse jeito, mas sim, foi maravilhoso. Eu me senti tão feliz. Como se o poder corresse por todas as minhas veias.

– Você era boa demais pra ele – afirma Jess.

– E você, obviamente, era boa demais para o seu ex-marido traidor – responde Adelaide. – Portanto, se precisar de um pouco de tinta...

Jess ri e há uma sensação genuína de amizade no ar, possivelmente a primeira vez que Jess experimenta isso de verdade ali. *Seria assim com Adelaide e Margie?*, ela se pergunta, se lembrando do e-mail. Talvez deva tentar conduzir a conversa para a velha amiga de Adelaide, para conseguir

dar a notícia sobre a doença de Margie e ver se isso inspira uma ideia de reconciliação... se tiver coragem, é claro.

– Curiosamente, recentemente encontrei a Coco, a última esposa de Remy – continua Adelaide, e o sorriso desaparece de seu rosto. – Ela não é a minha pessoa favorita no mundo, mas pelo menos temos em comum o fato de termos sobrevivido a ele. Ela me contou que encontrou uma carta antiga de Remy endereçada a mim, além de uma tela ou outra.

– Nossa – diz Jess, intrigada. – Quando você acha que vai conseguir pegar essas coisas? Já combinou com ela? – A jornalista hesita quando uma ideia lhe ocorre, mas resolve falar mesmo assim. – Eu poderia pegar pra você, caso se sinta desconfortável para fazer isso.

– Obrigada, Jessica, mas a Coco está fora da cidade no momento. É típico dela... a mulher sabe como me irritar. Talvez ela se arrependa quando souber do livro de memórias... – Aquele brilho está de volta aos olhos dela. – Porque uma determinada mulher vai receber chumbo grosso, é só esperar para ver.

Elas se desviaram do caminho, por mais interessante que tenha sido o desvio, e Jess tenta conduzi-las de volta a 1978 – antes de Berlim e do colapso de Adelaide, e uma década inteira antes da entrada de Coco em cena. Jess não tem interesse em ouvir Adelaide descascar Coco antes da hora.

– Então, voltando ao que estávamos falando: você e o Remy moravam em Chalcot Road, dividiam um ateliê perto dali, em Fitzroy Road... Com quem você passava seu tempo livre naquela época? O que fazia à noite? Eu sei que Little Bower ainda fazia parte da sua vida, mas e nos dias de semana, qual era sua rotina? – Jess respira fundo. – Você ainda via muito a Margie?

– Me deixa pensar... Bem, a gente saía muito para jantar... havia uma turma boa que morava por ali, e saímos muito juntos. A Rita e o Fred em Camden, a Jeanette e o Archie no caminho de Chalk Farm. Íamos ao cinema e ao pub da esquina... como se chamava? O Prince of Wales, talvez? E éramos convidados para todas as mostras e lançamentos, é claro. Era muito raro ficarmos em casa, só nós dois, à noite... o que era bom, na verdade, já que passávamos o dia juntos no estúdio.

Jess a pressiona em relação a alguns detalhes – a comida que teriam comido em alguns jantares (muito fondue e moussaka, aparentemente; muitos bolos floresta negra), histórias curiosas sobre pessoas famosas ou

interessantes que Adelaide havia encontrado, qualquer exposição de arte que tenha sido especialmente significativa ou memorável. Ela não consegue guiar a conversa para Margie, mas tudo é muito interessante e alto-astral. Ao menos até Adelaide voltar a um dos eixos que gosta de remoer, no caso, falar mal de um crítico. O alvo do dia é Walter Burroughs, um crítico que aparentemente a atacou na mídia impressa por volta daquela época. A essa altura, Jess já passou a detestar profundamente esses ataques, os disparos a esmo contra colegas artistas, críticos, figuras da classe dominante. Talvez Adelaide pense que isso renderá uma leitura interessante, mas Jess acha tudo terrivelmente negativo e deprimente.

– E outra coisa sobre Walter Burroughs – acrescenta Adelaide, se mantendo naquele ritmo. Mas, talvez, a frustração de Jess esteja aparente em seu rosto, porque ela para no meio da frase. – O que foi? Por que está com essa expressão? Você ao menos está me *ouvindo*?

Faz tanto tempo que Adelaide não usa esse tom com ela que Jess se encolhe.

– Estou ouvindo, mas... Bem, não consigo entender como o hálito de cebola de Walter Burroughs... ou o fato de você odiar como o pomo de adão dele se movia em seu pescoço, ou a fofoca que ouviu sobre ele ter um caso com a secretária... pra ser sincera, não acho que nada disso seja relevante para a sua narrativa.

– É relevante porque ele foi vil a meu respeito nos textos que publicou na imprensa! – retruca Adelaide, com o rosto já ruborizado. – Esta é minha chance de dar o troco, Jessica. É o objetivo de todo o projeto do livro!

– É? Achei que o objetivo era contar a história da sua vida – responde Jess. – Não pegar um viés vingativo por causa de ressentimentos triviais, ou... – Adelaide solta um arquejo tão profundo que Jess de repente perde a coragem. – Quer dizer...

– Ressentimentos triviais? – esbraveja Adelaide. – Você não diria isso se soubesse como o texto que ele escreveu sobre o meu trabalho foi maldoso. Como foi ofensivo!

A música parou de tocar na cozinha – Jess tem a horrível sensação de que Mia está ouvindo. Um mês antes, talvez ela tivesse se acovardado diante do temperamento de Adelaide, mas agora se mantém firme.

– O que eu quero dizer – volta a falar, em um tom que se esforça para ser

conciliatório – é que a vida continua, certo? Às vezes é preciso deixar as coisas pra trás.

– Ah, você acha *mesmo* isso – diz Adelaide com sarcasmo.

Na mesma hora, Jess se sente uma hipócrita, porque ela não "deixou pra trás" o que David fez com Bella, não é mesmo? Nem a amargura em relação à antiga chefe, Lucinda. E definitivamente nunca abandonou a convicção de que falhou com Pascale, naquela que foi, quase com certeza, a última noite da vida da amiga.

– Olha, sinto muito se... – Jess está dizendo quando a porta se abre e revela Mia parada ali, correndo os olhos da mãe para Adelaide e vice-versa, como uma espectadora em Wimbledon.

– Hum.... – começa a jovem, em tom cauteloso. – Terminei a cozinha. – Na mesma hora, Jean-Paul se joga em cima dela, quebrando a tensão. – Oi, querido – cumprimenta Mia de novo, e se inclina para brincar com o cachorro. Então, endireita o corpo e encontra o olhar de Jess, com a expressão entre a intromissão e a solidariedade. – Tá tudo bem, mãe?

– Tá sim. Obrigada.

Jess sente o rosto muito quente. É desconcertante que a filha ouça a mãe recebendo uma bronca daquelas. Vergonhoso também. Por que Mia não podia estar do outro lado da porta quando ela e Adelaide estavam rindo juntas mais cedo, se dando tão bem? *Nossa, a mamãe é muito boa nisso*, a filha teria pensado. Agora ela deve estar com a impressão de que Jess está fazendo um péssimo trabalho. Que ótimo...

Adelaide se levanta com uma expressão indecifrável.

– Talvez esse seja um bom momento para você levar esse tonto preguiçoso para dar a caminhada dele – sugere a Mia, e Jean-Paul fica andando entre as duas. – Vou buscar a coleira e as guloseimas dele.

Jess afunda na cadeira enquanto as duas saem da sala. E percebe, desconsolada, que não há como tocar no assunto de Margie agora. Como vai conseguir contar a Adelaide o que sabe sem que se abram os portões do inferno?

Capítulo Trinta

Adelaide ainda está furiosa ao dar instruções à garota a respeito do passeio com o cão – ela precisa tomar cuidado com os ciclistas e também evitar um poodle preto excessivamente amigável por quem Jean-Paul tem uma antipatia irracional. *Sinceramente!* Ela entende que é função da jornalista escrever uma boa história, mas tinha contratado Jessica para contar uma versão específica das memórias, e nada mais. Como Jessica ousa começar a dar opiniões não solicitadas, criticar Adelaide por seus sentimentos? Ressentimentos triviais... até parece. Se Jessica não se cuidar, haverá um capítulo inteiro dedicado às falhas dela, descrevendo a dor de cabeça interminável que está sendo trabalhar com a mulher.

Quando Adelaide retorna para a sala, Jessica se levanta.

– Adelaide, sin... – começa a dizer, em tom humilde, com o batom rosa que costuma usar já quase apagado da boca, tamanha sua agitação.

Adelaide levanta a mão para silenciá-la; não está com a menor vontade de continuar a discutir o assunto.

– Não. Está bem? Vou "deixar pra trás", como você parece tão interessada em fazer, e falar sobre meu trabalho em 1978. Deixa eu ver...

Ela segue descrevendo a série de autorretratos "Chamas", que pintou durante aquele período. Obras que mostram a própria Adelaide segurando fósforos acesos em vários cenários, várias poses. Embora Adelaide prefira morrer a admitir em voz alta qualquer arrependimento pelo que fez a Simon Dunster, seu ato de vingança ainda consome sua consciência. O som das tábuas pegando fogo, o rugido repentino das chamas quando o carpete de náilon começou a queimar – as lembranças parecem pedaços chamuscados de sua alma. Pintar a si mesma segurando um fósforo várias vezes – vestida,

nua, dentro de casa, ao ar livre – foi uma espécie de confissão. De penitência.

– A tia Adelaide contratou uma pessoa para escrever um livro sobre ela porque é uma artista de muito sucesso – explicara Catherine ao filho Henry, enquanto todos jantavam juntos, na outra noite, no Chez Janou. – Vamos ficar muito chocados com as coisas que você vai revelar, Adelaide?

A sobrinha fizera a pergunta com um sorriso, o rosto emoldurado de forma graciosa pelos longos cabelos escuros, obviamente – e equivocadamente – presumindo que a tia velha e decrépita não poderia ter muitos segredos ultrajantes no armário.

Aperte o cinto, minha cara, pensara Adelaide.

– Você vai ficar absolutamente horrorizada – respondera Adelaide, com uma tranquilidade malévola.

Agora, ela se pergunta se deveria ter se mostrado tão alegre. Porque eles provavelmente vão, *sim*, ficar horrorizados, convenhamos, quando tudo vier à tona. Enojados, até. Vão lamentar o vínculo que têm com ela. Adelaide se lembra da publicação dos diários de Remy, de como foi devastador para os que ficaram, de como ela e Coco foram deixadas ensanguentadas na beira da estrada enquanto o rolo compressor que era o livro do ex-marido arruinava suas vidas. Ela tem a capacidade de chocar muita gente com as revelações que pretende fazer. E também vai magoar algumas delas. É irritante como os comentários de Jessica não param de se repetir em sua mente. Será *mesmo* apenas rancor da parte dela desencavar brigas antigas para conseguir ter a última palavra? Alguém além dela mesma vai se importar com o fato de Adelaide ter passado anos planejando como humilhar seus inimigos?

A narrativa chega ao ponto mais deprimente de sua vida, e Adelaide sente a energia – e a coragem – a abandonarem. Ela suspira e passa a mão pelos cabelos.

– Sabe, posso guardar os acontecimentos de 1980 para outro momento – sugere. A cronologia que se dane. – Prometo que vou te contar tudo, mas não hoje. Podemos passar para 1982, quando troquei Berlim pela Provença? Foi um bom período. Eu gostaria de falar a respeito. Não vou nem precisar falar mal de ninguém – acrescenta, sarcástica.

Talvez Jessica ainda esteja se sentindo mal pelo que falou mais cedo, porque não protesta.

– É claro – diz, abrindo uma nova página do caderno. – Vamos para

1982, então. O que estava acontecendo naquela época?

Após os acontecimentos tumultuosos de 1980 e suas repercussões aparentemente intermináveis, 1982 acabou sendo um dos melhores anos da vida de Adelaide. Depois que ela saiu do hospital psiquiátrico, Remy a levou para a Provença para convalescer. Foi uma época muito prazerosa. Os dois compraram juntos uma casa no alto das colinas, com vista para a floresta, onde a escuridão noturna era tão intensa que fazia Adelaide se sentir como um ser primitivo no início dos tempos, muito distante do resto do mundo. Eles mergulharam em novos trabalhos artísticos – estudos botânicos minuciosos da parte de Remy, enquanto Adelaide se dedicava a paisagens exuberantes e ondulantes, desprovidas de qualquer traço da humanidade problemática, apenas a natureza em sua beleza madura e abundante. Eles nadavam, iam de bicicleta até o vilarejo próximo nos dias de mercado comprar comida e vinho e viviam principalmente na própria bolha de felicidade, como se todas as antigas discussões e traições tivessem acontecido com outras pessoas. Adelaide e Remy se perdoaram e se casaram. Era como se as coisas ruins nunca tivessem acontecido.

Depois de cerca de um ano, eles decidiram se aventurar e também alugaram um apartamento em Paris.

– Talvez um dia a gente tenha dinheiro para comprar um apartamento na Place des Vosges – comentou Remy com um suspiro esperançoso.

Os dois expuseram seus novos trabalhos e foram recebidos com aclamação. Aquela era a primeira vez que Adelaide morava em Paris, e ela se apaixonou pela cidade. Lembra de ter pensado na famosa frase de Cézanne – "Com uma maçã surpreenderei Paris" –, e trabalhou arduamente para encontrar sua própria "maçã" para oferecer à cidade. Começou a pintar retratos de parisienses interessantes que conhecia, tentando capturar suas vidas, contar suas histórias com o pincel. E também montou uma série de autorretratos em miniatura que chamou de "Uma artista chegando à cidade", em que retratava imagens alegres dela mesma por Paris, como uma carta de amor visual ao novo lar.

– Ah! – Adelaide se lembra, a memória ainda funcionando, mesmo que com atraso. – Victor Dufresne, era isso – diz ela. – O homem daquela pintura que você me mostrou.

A obra tinha sido produzida muito mais tarde, obviamente, e é claro que

foi uma encomenda do homem, mas ela manteve por muitos anos a prática de ter várias pessoas posando para seus retratos.

Jessica fica bastante pálida.

– Tem certeza? Esta manhã me disseram que ele se chamava "Doof".

– Sim, abreviação de Dufresne – responde Adelaide, enquanto se lembra do homem entrando com arrogância no ateliê, corpulento, com o pescoço muito grosso, olhando ao redor como se estivesse investigando um roubo. – Ele não era uma pessoa agradável.

– Você sabe o que aconteceu com ele?

– Não, e não quero saber – rebate Adelaide. Dufresne tinha ficado parado no ateliê com pose de machão, encaixando o punho de uma das mãos na outra, como se mal conseguisse conter a própria violência. – Espero que ele tenha tido um fim horrível... ou isso é mesquinho demais pra você?

Jessica balança a cabeça com uma expressão estranha.

– Não. De forma alguma.

A essa altura, Mia já voltou há muito tempo com Jean-Paul, depois de também comprar na *boulangerie* algumas coisas para o almoço, conforme solicitado, e elas já fizeram uma pausa. Então, o banheiro foi limpo e a roupa lavada, enquanto Adelaide continuava sua narrativa. Ela está tão imersa que se assusta quando Jessica pergunta:

– O que acha de encerrarmos por aqui?

Só então se dá conta de que, de uma forma ou de outra, são três da tarde, muito além do horário em que costumam terminar as sessões.

– Meu Deus, sim, claro – responde.

E percebe que ficou bastante rouca de tanto falar.

Jessica e Mia vão embora logo depois, e um clima sombrio toma conta do apartamento silencioso, como se as histórias que Adelaide contou hoje ainda perdurassem enquanto ela se acomoda em sua chaise-longue. *A vida continua!*, ouve Jessica dizendo mais uma vez daquele jeito exasperado, e franze a testa para si mesma. A interrupção a pegou de surpresa. No geral, Adelaide preferia quando Jessica a chamava de gênio ou ria de suas histórias, em vez de fazer críticas impacientes. Deixar pra trás! Mas não é tão fácil assim. Certo?

Ela mastiga um pedaço de maçã, sentindo-se subitamente insegura. Havia embarcado naquele livro de memórias totalmente determinada em sua busca por vingança. Mas as águas vinham ficando turvas. Agora ela se

sente... Bem, essa é a questão. Adelaide não tem muita certeza de como se sente em relação ao livro, o que deseja dele. Toda essa experiência a faz se lembrar de todas as vezes em que começava uma nova pintura e ela acabava completamente diferente do que tinha sido o plano original.

O celular apita com a chegada de uma mensagem, interrompendo seus sentimentos de dúvida. Provavelmente alguma propaganda, pensa ela, ou um golpista tentando enganá-la e tirar suas economias. Mas não é nada disso.

Oi, Adelaide, aqui é a Frieda, é o que lê Adelaide. *O Jim e eu vamos jantar em um restaurante libanês hoje à noite e eu queria saber se você está livre pra vir com a gente. Adoraria conversar mais um pouco com você. Me responde quando puder!*

Jantar com uma turista tagarela que ela mal conhece – além do marido, que sem dúvida deve ser um chato de galocha... Há duas semanas, Adelaide teria respondido com um breve *Não, obrigada*, ou ignorado completamente a mensagem. Mas alguma coisa deve ter mudado em seu íntimo, porque, para sua própria surpresa, ela se sente tentada a aceitar. Bem, por que não? Talvez isso lhe dê algo em que pensar além das próprias dúvidas.

Vai ser um prazer, obrigada, responde, antes que mude de ideia. Pronto. Isso não tem nada de vingativo ou mesquinho, é apenas agradável. A vida continua. Está feliz agora, Jessica?

Capítulo Trinta e Um

Adelaide não é a única pessoa com humor contemplativo. Assim que voltam ao hotel de tarde, Jess se senta diante do computador para tentar descobrir algo sobre Victor Dufresne. À primeira vista, há muito pouco sobre ele na internet, mas ela promete a si mesma que vai continuar investigando. Talvez ele não tenha nenhuma relação com seja lá o que for que aconteceu com Pascale, mas por ora Jess pretende continuar seguindo seu faro. Afinal, não há outros caminhos a explorar no momento.

Mia solta um gemido quando a mãe não dá sinais de largar o computador.

– Tá chato aqui – diz. – A gente não pode sair e fazer alguma coisa?

– Bem... – Jess se sente dividida. – Eu estou aqui pra trabalhar, lembra? Preciso digitar algumas anotações depois da sessão de hoje com a Adelaide.

Jess torce para que a mulher não fique muito irritada por ela ter se intrometido mais cedo. Como *ghost-writer*, não cabe a Jess guiar a biografada, mas há um limite para quanto uma pessoa consegue ouvir alguém xingando e falando mal dos outros.

– Tá, mas eu tô entediada – reclama Mia, e se deixa cair de volta na cama.

– Muito bem – fala Jess, a paciência se esgotando. – Olha, como eu já sugeri, posso checar o que o sobrinho do Lucas está fazendo, se você quiser...

– Ai, para de *oferecer* esse cara desse jeito. *Não!* Por que eu ia querer sair com um garoto que nem conheço? – Mia pressiona um travesseiro contra o rosto com tanto drama que é uma pena que nenhum integrante do conselho responsável pelo Oscar esteja passando para testemunhar a atuação. – Eu queria estar com o *papai* – acrescenta com a voz abafada.

Jess sabe que está sendo manipulada, mas é difícil não morder a isca.

– Bem, então talvez você devesse ter voltado para casa em vez de vir pra cá – retruca, sem pena. – Agora, se não se importa, eu preciso...

– Meu Deus, mãe! Obrigada por fazer eu me sentir indesejada! – reclama Mia, e joga o travesseiro no chão.

– Não estou tentando fazer com que se sinta indesejada, mas gostaria que você parasse de tentar me jogar contra o seu pai o tempo todo – diz Jess em um rompante, e é como se a represa cedesse. – Não é justo, Mia. Eu sei que o rompimento foi difícil para todas vocês, mas estou dando o meu melhor, tá certo? Eu tô tentando!

Esse é o tom mais ríspido que usou com a filha em muito tempo. Parte da autopunição de Jess pela separação incluiu deixar que as filhas a atacassem com palavras, e aguentar, aguentar, aguentar durante todos aqueles meses. Mas há limites.

– Desculpa – diz, quando Mia não responde de imediato. – Olha, eu também não queria que o meu casamento terminasse... Eu provavelmente teria ficado com o seu pai para sempre, se... – Jess se interrompe bem a tempo, ciente da promessa que fez a David.

– Se o quê? O que aconteceu?

Jess cerra os lábios.

– Não cabe a mim dizer – responde por fim. – E não é esse o problema. – Ela suspira. – Juro que estou tentando ao máximo fazer com que fique tudo bem pra todo mundo. Então, me dá uma folga de vez em quando, tá?

Mia se senta e, apesar de não encarar a mãe, assente. Jess se contenta com aquilo. E como vai sair com Georges à noite, acha que é justo passar algum tempo com Mia agora. Resignada, ela fecha o computador e se levanta.

– Vamos, então. Vamos encontrar outro marco icônico de *Emily em Paris*, tomar um sorvete ou algo do tipo – sugere, em tom mais suave. – E você pode me ajudar a escolher uma boina para a Polly e procurar algumas lembrancinhas. Gosta da ideia?

Mia assente de novo, agora com um sorrisinho.

– Obrigada, mãe – fala ela.

* * *

À noite, Jess está se sentindo absolutamente eufórica enquanto se arruma. A

terceira vez é a da sorte: nem ela nem Georges cancelaram, e o jantar está marcado para acontecer na casa dele. Ela vai querer uma entrada de *oh là là* e um acompanhamento de *va va voom*, pensa, enquanto aplica delineador marrom cintilante em um olho e depois no outro. Não, não vai querer nada disso, se corrige no instante seguinte, quando Mia exclama da cama, reagindo a alguma coisa na tela do celular. Como ela pode ficar tendo ideias de *va va voom* sabendo que vai ter que voltar para esse quarto, para essa filha, que sem dúvida será cáustica em sua desaprovação se detectar qualquer traço revelador de sexo recente?

– Ai, meu Deus, adivinha só? – diz Mia, sentando muito aprumada na cama. – Adivinha o que ele fez, mãe. O Zach.

– Ele... – Jess sente o sangue gelar nas veias. Por que não tinha telefonado para a mãe daquele menino quando teve a oportunidade? – O que foi? Ele postou as fotos?

– Não, apagou tudo. A Erin mandou o irmão dela, o Dougie, que tem tipo... 1,90 metro e é um tonto, ir até a casa do Zach, e ele basicamente forçou o Zach a se livrar de todas as fotos. – Mia dá uma risadinha presunçosa quando chega outra mensagem. – Rá! Melhor ainda. A mãe dele voltou do trabalho e encontrou os dois discutindo, então o Dougie contou *tudo* para a mãe do Zach. Ela ficou furiosa e agora ele tá de castigo *pra sempre*. E parece que vai se desculpar comigo na frente de todo mundo. A mãe dele insiste!

– Ah, meu bem! – A tensão abandona o corpo de Jess na mesma hora. – Que notícia incrível! Isso é fantástico. Estou tão feliz que as suas amigas tenham mudado o rumo dessa história...

– Sim – concorda Mia, feliz, enquanto digita depressa. – Eu também.

– É melhor eu ligar logo para aquele assassino de aluguel então, né? – brinca Jess. – Dizer que ele já pode sair de cena. A gente não precisa de você, camarada, a sororidade tá com tudo sob controle.

Mia sorri, mas então seus olhos se estreitam um pouco quando ela percebe Jess remexendo na bolsa de maquiagem.

– Falando em homens – diz. – Esse cara que você vai encontrar hoje. O que sabe sobre ele? Porque... sem querer ofender, mas ele pode ter se tornado um assassino desde a última vez que vocês se viram. Tem algumas pessoas ruins andando por aí, mãe. Você pode estar fora desse jogo há algumas décadas, mas eu não tô. – Ela deixa o celular de lado para examinar

Jess com mais atenção. – E me conta: é um encontro romântico? É uma pergunta sincera.

Ah, socorro... Agora Jess vai ter que dar uma resposta sincera.

– Provavelmente não é *romântico* – responde com cuidado, enquanto passa um pouco de batom e avalia seu reflexo no espelho. Vermelho demais? Vermelho demais. – É mais um encontro para colocar a conversa em dia. Como quando você encontrou a Josie de novo, depois que ela mudou de escola.

A expressão de Mia é tão fulminante que é pura sorte não haver nada que pegue fogo por perto.

– Mãe, não... não é a mesma coisa. Antes de mais nada, eu não tive vontade de usar o meu vestido favorito e muita maquiagem, nem passei um tempão arrumando o cabelo antes de ver a *Josie*.

A filha tem certa razão. Jess tira o batom excessivamente vermelho e experimenta um tom diferente. Melhor.

– Tá certo, resposta sincera... não sei – confessa ela. – Serve? Eu fui perdidamente apaixonada por ele quando tinha 22 anos, mas agora sou uma pessoa diferente. Ele também. O mais provável é que vamos relembrar a nossa juventude, isto é, se ambos conseguirmos lembrar de tanto tempo atrás.

Ela fica arrepiada ao se dar conta de que pode mostrar a Georges o retrato de Victor Dufresne, para ver se ele reconhece o homem. Ou quem sabe ele ouviu alguma coisa sobre Pascale depois do desaparecimento dela. Jess tampa o batom, guarda-o na bolsa, em seguida se afasta do espelho e alisa o vestido. Depois de muito hesitar diante do guarda-roupa, ela havia mudado de ideia mais uma vez e agora está usando seu vestido rosa-claro máxi, que realça seu bronzeado, além de um colar dourado "clipe de papel" e sandálias gladiadoras douradas. Nada mau, conclui, e se vira para encarar a filha.

– Agora... tem certeza de que não tem problema eu sair? Você vai ficar bem? Não vou chegar muito tarde nem...

– Tenho certeza – responde Mia. – Provavelmente vou comprar falafel e passear um pouco. Ver se consigo encontrar algum beco do crack ou uns criminosos armados pra passar o tempo.

– Rá, rá. Por favor, não faça isso. – Elas sorriem uma para a outra. – Tá

certo, então, te vejo mais tarde. Não faça nenhuma bobagem e me ligue se precisar de mim, ok? Caso contrário...

Jess hesita, subitamente em dúvida. Não é um pouco sórdido deixar a filha de 17 anos sozinha em Paris enquanto sai pra jantar com um cara do passado?

– Tchau, mãe – diz Mia, quando Jess não termina a frase. – Por que você ainda tá aqui? Vai embora, anda! E não faça nenhuma bobagem.

* * *

As palavras sarcásticas da filha ressoam nos ouvidos de Jess quando ela sai do hotel e segue para a casa de Georges. Apesar dos altos e baixos, está gostando de ter Mia ali com ela. A filha não apenas é uma boa companhia, como também é divertido tê-la feito uma espiã no apartamento de Adelaide enquanto faz a limpeza, embora, como sempre, a imaginação mórbida de Mia já tenha assumido o controle mais de uma vez. *Evidências de outros assassinatos?!*, dizia a mensagem que a garota mandou para Jess hoje de manhã, acompanhada de uma foto de cerca de uma dúzia de facas de cozinha reluzentes. *Veneno!!*, dizia outra mensagem, com a foto de uma garrafa de terebintina em um armário. Pelo menos ela ainda não enfiou um microfone na cara de Adelaide e começou a interrogar a mulher sobre a morte de Colin Copeland, mas Jess passa o tempo todo com os nervos à flor da pele, meio que esperando isso acontecer.

O apartamento de Georges fica no 11º *arrondissement*, a cerca de vinte minutos a pé do hotel, e Jess compra uma garrafa de Sancerre no caminho. Está uma noite amena e, quando ela chega, as tiras da sandália estão irritando a pele macia de seus pés e gotas de suor se acumulam ao longo da linha do cabelo. Que maravilha... Suada e com bolhas nos pés, exatamente o visual que ela queria. Depois de enxugar o rosto com um lenço de papel, Jess bate com a aldrava de metal na porta, enquanto seu coração ecoa o som em um galope repentino e frenético. Muito bem. Aqui vamos nós.

A porta se abre e ali está ele, iluminado pela luz quente do apartamento. Alto e ainda bonito, com mechas grisalhas nos cabelos castanho-claros na altura do queixo, Georges está usando jeans e uma camisa branca e tem uma corrente de ouro cintilando ao redor do pescoço. Também está descalço, como se tivesse vindo de um rancho hippie. Sexy como o diabo.

– Jessica! *Mon Dieu*! É você?

– Oi – diz ela, e sua voz sai muito aguda, porque Georges a puxa para um abraço que a deixa sem fôlego.

Ele tem um cheiro delicioso de sabonete e vinho, e, presa em seu abraço, Jess sente os anos desaparecerem por um instante – ela é jovem de novo, inebriada por esse homem bonito e carismático. Seu corpo parece leve, quase líquido, com a lembrança, e um tremor de empolgação a percorre. Como adorava Georges naquela época... E ali está ela de novo, sentindo o coração dele bater junto ao seu. *Olá*.

Georges pousa as mãos no ombro de Jess e se afasta um passo.

– Deixa eu olhar pra você – diz ele, então assobia. – Jessica, somos viajantes do tempo, *non*? De repente me sinto jovem de novo. O tempo foi gentil com você, minha cara.

– Caramba, Georges, ele também foi muito gentil com você – ela se ouve dizer baixinho, enquanto ele pega uma de suas mãos e a beija.

A pele de Jess se arrepia com o toque dos lábios dele, e seu coração dispara de novo, porque ela se lembra dos dois entrelaçados no futon do antigo apartamento dele... de como Georges gostava de ir tirando a roupa dela, peça por peça. Ele está com uma aparência *incrível*, repara Jess, encantada, enquanto Georges a leva até a cozinha, onde alguns bifes sangrentos aguardam em um prato e jazz toca ao fundo. O corpo dele ainda é magro e rijo – ah, se ela pudesse dizer o mesmo sobre o seu –, e a pele do rosto é lisa, sem rugas, embora ele já deva ter, o quê... 50 e poucos anos?

A cozinha parece saída de uma revista de decoração – organizada, minimalista, tudo em branco e creme, o tipo de cômodo em que Jess provavelmente poderia ter um orgasmo só com alguns minutos de intensa contemplação. Pare de pensar em orgasmos, ela se repreende, enquanto corre os olhos pelas bancadas de mármore, pelo fogão antigo, pela mesa de pinho escovada posta para dois. Até mesmo os vasos de temperos ao longo do parapeito da janela estão cheios e verdejantes – muito diferentes do manjericão de supermercado e do coentro de aparência miserável que morrem de sede na cozinha dela.

– Vinho? – oferece Georges, e ergue uma garrafa de vinho tinto em uma das mãos.

Jess repara que ele já começou a beber, pois vê uma taça de haste longa meio cheia ao lado de uma tigela de salada. Ela o imagina preparando a

comida ali, com jazz tocando ao fundo, vinho à mão, a luz da noite entrando pela janela... e há uma distância tão gigantesca entre essa imagem e sua própria realidade ao preparar o jantar em casa que a inveja que sente é como um chute na boca do estômago.

Porém, como dizia às meninas, *Não é uma competição!*

– Sim, por favor – responde. – Então... nossa. Isso é meio esquisito, né? Ah, eu trouxe uma coisa pra você – lembra Jess.

Ela lhe entrega o Sancerre. Infelizmente a bebida não está mais tão gelada quanto quando a tirou da geladeira do supermercado, quinze minutos antes. Também é meio inútil, já que ele acabou de abrir o vinho tinto, mas não importa.

Georges a convida com um gesto a se sentar em um dos bancos diante da bancada da ilha da cozinha, então serve o vinho. Eles brindam, sorrindo um para o outro. *Será que ele fez botox?*, pergunta-se Jess distraidamente. *Ou será que aquele rosto liso é pura sorte na loteria genética, talvez com o auxílio de alguns retinóis decentes?* Provavelmente é melhor ela não perguntar, mas se tiver a chance de bisbilhotar o banheiro, com certeza vai anotar todos os produtos para a pele que encontrar.

– Um brinde aos velhos amigos – diz Georges, com uma expressão suave nos olhos. – Então... Como tem sido a sua vida? Você disse que é jornalista, que está escrevendo um livro de memórias, certo? – Ele assobia baixinho. – Impressionante, Jess.

Como é gratificante e estimulante para o ego ter essa frase como introdução ao seu trabalho, em vez do consultório sentimental e da coluna de maternidade!

– Sim – responde Jess, aprumando-se um pouco na banqueta. *Sim, sou impressionante, Georges. Sim, na verdade, posso ser uma intelectual.* – Da Adelaide Fox, a artista, você conhece o trabalho dela?

– Humm... a que foi casada com Remy Lavigne, é essa? – pergunta Georges, enquanto coloca uma frigideira no fogão e acende o fogo a gás.

Jess se encolhe por dentro em nome de Adelaide – sua biografada odiaria uma descrição tão simplória, em associação ao ex-marido, sem que seu trabalho e sua carreira sejam citados.

– Sim, ela provavelmente é mais famosa pela série de pinturas "Pássaro" – Jess se sente obrigada a acrescentar. – A última grande exposição dela, há cerca de dezoito anos, se chamava *Escuridão*, depois que o Remy morreu –

continua, adicionando a última parte para ajudar Georges a se localizar. – Eu a entrevistei quando a exposição chegou a Londres e nos demos bem. Então, quando ela precisou encontrar alguém para escrever suas memórias, entrou em contato comigo. – Tá certo, não foi bem assim que os acontecimentos se desenrolaram, mas Georges não precisa saber dos detalhes. – E aqui estou – conclui Jess com um dar de ombros modesto.

– E aqui está você – repete Georges, e seus olhos encontram os dela enquanto ele coloca um pedaço de bife sangrento após o outro na panela. (Jess tenta não pensar no fato de que ele simplesmente presumiu que ela come carne. Na verdade, poderia ser vegana há vinte anos, mas não importa. Talvez Georges seja um pouco antiquado em relação a essas coisas.) Como se lesse a mente dela, ele olha da carne escaldante para o rosto de Jess e pergunta: – Tá tudo bem, né? Você ainda gosta de bife, certo?

E ali estava ela, achando que ele era presunçoso, se repreende Jess, quando o homem estava apenas sendo atencioso, se lembrando de como ela adorava bife com batata frita no passado, quando eles estavam juntos.

– Sim, com certeza – responde Jess. – Obrigada. – Ela toma um gole de vinho. – Então... fala de você. Tem filhos? Teve alguma *madame Georges* na sua trajetória?

– Eu? Não. Definitivamente não. – Ele olha ao redor de forma teatral e gesticula com a espátula. – Consegue imaginar crianças aqui? Não, obrigado. Tenho amigos que seguiram esse caminho... a vida deles ficou limitada da noite para o dia. Se transformou em uma vida pequena, com espaço só para preocupações com os filhos... não, isso não é pra mim. Sou um espírito livre, prefiro a vida boa... viajar, explorar o mundo, sair quando quero. Posso ir ao teatro, comer nos melhores restaurantes, ficar fora a noite toda dançando, se eu quiser. Com filhos, isso não é possível.

Georges está fazendo com que a vida sem filhos pareça muito nobre – viajar, explorar o mundo e jantar em lugares elegantes –, mas vamos ser sinceros, pensa Jess, será que ele ainda passa *mesmo* a noite toda dançando, com a idade que tem? Isso não soa meio bobo agora? Aos ouvidos dela, parece uma declaração batida, que ele vem usando nas últimas décadas, uma justificativa que, a essa altura, passou do prazo de validade. Ou talvez ela esteja sendo mesquinha, depois de passar tanto tempo se preocupando com as três filhas.

– Acho que é só diferente – diz Jess com tranquilidade. – Tenho três

filhas e sim, quando elas eram pequenas, a vida girava totalmente em torno delas, mas agora são todas adolescentes, então tenho a sensação de ter cruzado esse túnel. Afinal, olha só, estou aqui em Paris sozinha, por exemplo! E estou me divertindo muito. – *Aqui em Paris, sozinha, se você não levar em conta minha filha de 17 anos*, se corrige Jess mentalmente. Mas ela também não vai contar isso a ele.

– Aposto que você é uma boa mãe – comenta Georges.

– Bem...

– Você sem dúvida é uma esposa sexy – continua ele, virando os bifes.

Georges levanta uma sobrancelha e, para seu constrangimento, Jess sente o rosto quente.

– Hum... talvez já tenha sido – diz ela, tentando rir da sensação de frio na barriga. Quando foi a última vez que alguém a chamou de sexy? Ele acha mesmo que ela é sexy? – Mas não estou mais casada – apressa-se a acrescentar.

Georges volta a erguer a sobrancelha.

– Você não está mais casada – repete ele. – Ahh. Isso me interessa.

Ah, Deus. Ele quis mesmo dizer isso, ou está só dizendo o que acha que ela quer ouvir? E é *isso* que ela quer ouvir? Jess se sente confusa, sem saber se deve retribuir o flerte ou esperar até que se conheçam melhor de novo. Será que ele acha que ela está ali só para jantar e transar? (Ela *está* ali só para jantar e transar?)

– Acho que muita coisa mudou depois de tantos anos – comenta Jess, com certa afetação. O sangue parece disparar por seu corpo, junto com um galão de adrenalina, e ela pousa as palmas das mãos espalmadas sobre a bancada da ilha da cozinha, tentando se ancorar. – Vi que você está trabalhando como arquiteto agora, deve ser interessante.

Ele cai na gargalhada.

– Ahh, Jess, eu te deixei tímida, né? Chamando você de sexy... Estou vendo que você está sem graça. Mudando de assunto. – Ele tira a frigideira do fogo, deixa a carne descansar, depois se senta na bancada, balançando as pernas enquanto sorri para ela. E agita o indicador. – Não pense que eu não percebi.

– Georges, eu...

Então Jess ri também, porque ele está certo, e é como se nada tivesse mudado, como se ele ainda pudesse ver através dela.

Porém, ela passa algum tempo tentando levar a conversa para águas mais profundas – a carreira dos dois, as esperanças, os arrependimentos, até mesmo política, enquanto ele continua levando tudo de volta à sedução e às insinuações –, e então se corrige. As coisas *mudaram*, não é mesmo? *Ela* mudou, por exemplo – é adulta agora, não mais a garota deslumbrada daquela época, satisfeita em permanecer à sombra dele. Neste momento, está à altura de Georges, em termos de resultados e experiência – então por que ele continua a tratá-la como uma estudante ruborizada? Pior, por que ela ainda está reagindo como uma estudante ruborizada?

Georges serve o jantar – filé-mignon, algumas batatas assadas pequenas e salada verde picante com ervas – e faz um gesto para que ela se sente à mesa pequena, enquanto ele vai buscar molho de mostarda em grãos, molho para salada e uma jarra de água gelada. Todo o cenário parece saído direto de uma postagem do Instagram – simples, elegante, perfeito. Por um instante, Jess tem vontade de tirar uma foto escondida para mandar para Becky, que, assim como ela, mora em uma casa bagunçada e barulhenta, onde na metade do tempo os jantares são queimados ou são só uma porcaria mesmo.

– Obrigada, isso é muito gentil da sua parte – agradece Jess, quando Georges enfim se senta à sua frente.

Ele levanta o copo.

– O que posso dizer, sou um homem realmente encantador – responde Georges. – E acho você uma mulher realmente encantadora.

Ela ergue o copo em um brinde também.

– Ora, não vou questionar nenhuma das afirmações. Mas obrigada. É bom te ver de novo. Obviamente a vida está muito boa.

De onde está sentada, Jess consegue ver um violão apoiado no canto da sala, e isso a faz lembrar de como Georges costumava fazer serenatas para ela no passado – Neil Young, U2, Crowded House. Que bom que ele ainda toca, pensa, e está prestes a mencionar isso quando se sobressalta. Uma jovem loira apareceu de repente na porta dos fundos e está testando a maçaneta enquanto espia pelo vidro e bate.

– Nossa! – diz Jess, surpresa. – Você tem uma visita.

Se não soubesse que não é uma possibilidade, teria presumido que a jovem era filha dele, pensa, enquanto Georges se vira para olhar, depois se levanta da mesa. Com os cabelos soltos e ondulados caindo até a metade das

costas, e usando um vestido branco de alcinha, a mulher – menina, na verdade, já que ela não deve ser muito mais velha que Mia – tem olhos grandes e expressivos e está maquiada com esmero. A recém-chegada solta um grito de alegria quando Georges abre a porta e tenta passar os braços ao redor do pescoço dele, mas ele parece menos empolgado com a chegada dela e se desvencilha delicadamente, balançando a cabeça.

Ainda sentada à mesa, Jess não consegue acompanhar a rápida conversa em francês, mas a ideia geral, pelo que consegue captar pelo tom e pela linguagem corporal, é que a mulher conhece Georges muito bem. Ela o toca constantemente, o adula com a cabeça inclinada e piscando de um jeito provocador, enquanto ele parece menos interessado em retribuir o carinho. Ou parece menos interessado em retribuir *enquanto* Jess está em cena, pensa ela, cortando um pedaço do bife com a expressão carrancuda. Quem é a mulher? Ela sem dúvida conhece o apartamento de Georges, a julgar pela maneira como apareceu nos fundos, como se esperasse entrar direto. Uma vizinha? A filha de um amigo?

A garota loira enfia um dedo no passador do cinto da calça jeans dele e puxa-o em sua direção com um biquinho. Georges parece irritado. Ele olha na direção de Jess e balança a cabeça de novo. Então, sai pela porta, com a mão no ombro da garota para conduzi-la pela lateral do imóvel. *Como assim?*, pensa Jess, boquiaberta, enquanto eles desaparecem de vista. *Que diabos...?* Ela fica revendo mentalmente aquele pequeno puxão íntimo no passador do cinto, um gesto tão pessoal, tão consciente... sem dúvida o gesto de um caso amoroso. Mas a garota deve ter metade da idade de Georges, se tanto. Jess larga os talheres, sentindo o apetite abandoná-la. Talvez seja uma sobrinha? Não... definitivamente havia algo sexual na maneira como ela não parava de tocá-lo. Ah, Georges... Que diabo ele está fazendo?

O homem reaparece nesse momento, com os lábios franzidos, os olhos semicerrados como se estivesse perturbado. Mas essa expressão só dura um instante, porque ele logo volta a se sentar, relaxado como sempre.

– Desculpe por isso – diz ele. – Era uma colega... ela queria informações sobre um cliente.

Jess não acredita nisso nem por um segundo. *Inventa outra, querido*, pensa. Já não é mais a garota ingênua que ele conheceu.

– Uma colega, hein? – repete, encarando-o. – De onde estou parecia um pouco mais do que isso.

Agora é a vez dele de ficar sem graça.

– Bem... nós saímos algumas vezes, mas foi só diversão, sabe.

Na verdade não sei, não, pensa Jess. Não posso dizer que sei. E talvez a garota também não saiba, a julgar pela expressão de decepção em seu rosto quando Georges não a convidou para entrar.

– Claro – diz Jess, em tom neutro, com os olhos fixos no prato.

Por Deus. É meio esquisito, não é? Um homem na casa dos 50 anos ainda saindo com mulheres muito mais jovens? Ela morde o lábio, se lembrando da garota em seu vestido de verão branco esvoaçante, franzido na parte de cima, sobre seios pequenos, e terminando em uma bainha em zigue-zague acima dos joelhos. Jess tem quase certeza de que Mia e as amigas têm vestidos parecidos, provavelmente da Zara ou da H&M, baratos e alegres, comprados para o verão. A garota também está ali só para passar o verão, como Jess?

– Vejo que você não está satisfeita – comenta Georges, em tom provocante, cutucando o pé dela por baixo da mesa com o dele. – Eu te choquei, Jess?

– Não, eu... – Sim. Ela está chocada. E definitivamente não quer transar com esse homem, se a preferência dele é por mulheres tão jovens, sem estrias ou rugas. Mas a verdade é que, se for esse o caso, então ele provavelmente também não quer transar com ela. – Bem, um pouco – admite.

– Mas eu não sou casado, não estou traindo ninguém – retruca ele. – Não estou fazendo mal a ninguém.

– É verdade – concorda Jess.

Georges parece pensar que o choque dela foi causado apenas pelo fato de outra mulher ter aparecido na porta dos fundos enquanto ele jantava com ela... como se Jess estivesse chateada porque ele a desrespeitara. Georges acha mesmo que sua convidada está encarando aquele jantar como o grande evento romântico do verão dela ou algo assim? Bem, é verdade, Jess reconhece que *estava* se sentindo assim antes, mas não mais. *Você não é tudo isso, querido*, sente vontade de dizer.

– O bife está uma delícia – comenta ela, em uma tentativa pífia de mudar de assunto. Agora está desejando não ter ido ao jantar. E pensar que tinha ficado parada na porta do hotel, imaginando se deixar a filha para ir àquele encontro não seria meio sórdido, quando todo o estilo de vida dele parecia

bem mais sórdido. – Me fala em que você tá trabalhando no momento – pede Jess, já começando a ficar desesperada.

– Jess, é só diversão. Só sexo e diversão – diz ele, revirando os olhos. – A expressão no seu rosto... você está olhando pra mim como se eu fosse uma pessoa má. Não sou uma pessoa má!

– É claro que não – concorda ela, fazendo jus ao papel da pessoa que gosta de agradar.

Jess se lembra então que Georges não suportava qualquer forma de crítica, não suportava ser ridicularizado ou não ser levado a sério. Há um homem frágil e inseguro sob aquela bela fachada, dentro de uma casa elegante. Ela é convidada dele ali, não deveria criticá-lo. Mas, sinceramente, é uma mulher com três filhas que não gosta nada de homens predadores de um modo geral, que mastigam e cospem jovens pela suposta combinação de "sexo e diversão". Ela está fazendo projeções? Fazendo suposições malucas? Sim. Mas seu instinto lhe diz que é assim que as coisas são.

– É só que a sua "colega" pareceu muito jovem – Jess se pega dizendo. – Você não preferiria namorar alguém... sabe como é... com um pouco mais de experiência de vida? Alguém da sua idade? Da nossa idade – acrescenta, então se encolhe por dentro, torcendo para que não pareça que está dando em cima dele.

Não se preocupe, Georges, você está totalmente a salvo dos meus avanços, acrescenta Jess mentalmente, com ironia.

Georges encolhe os ombros.

– A idade não me importa – diz ele, colocando uma garfada de salada na boca. – É a pessoa que me interessa. A energia, a vibração.

Ele estreita ligeiramente os olhos, como se estivesse descobrindo de repente que Jess não tem isso, como se ela não tivesse passado no teste. Sim, não importa. Ele já recebeu um zero dela.

– Hum, e uma boa conexão também – comenta Jess, em tom leve agora, porque não quer transformar isso em uma discussão. – É isso que dizem nos reality shows de namoro, não é? Vocês têm esse tipo de coisa por aqui ou a TV francesa é sofisticada demais?

Antes que ele possa responder, Jess começa a descrever um programa a que ela e as filhas assistiram no início do ano, explicando em detalhes como ficavam fascinadas com os dramas entre os casais. Ela está falando demais,

mas mantendo o assunto em um território seguro e neutro, o que pelo menos ajuda a finalmente relaxar a tensão entre eles.

Os perigos da nostalgia, pensa consigo mesma, enquanto a conversa se volta para os filmes que os dois amam, e então para as dicas dele sobre o que ela deveria ver e fazer agora que está de novo em Paris. As lembranças que tem de Georges sempre foram preciosas para Jess, mas por mais que ele tenha permanecido sexy e charmoso mesmo depois de tantos anos, não houve amadurecimento emocional. Às vezes, uma lembrança deve ser deixada como está, em vez de ser trazida novamente à tona e reexaminada à luz fria de um novo dia. Embora... Jess se lembra de outra intenção com aquela visita.

– A propósito, você se lembra da minha amiga do hotel naquela época, a Pascale? – pergunta. – Imagino que você não tenha tido notícias dela desde aquela época, né?

– Pascale... – Georges franze o cenho, parecendo incapaz de lembrar. – Refresca a minha memória.

– Cabelo escuro, sempre preso em um rabo de cavalo; lindos olhos castanhos, seios grandes, risada alta – diz Jess, listando atributos que ele registraria. – Ela desapareceu.

Ele assente e um relance de solidariedade passa por seu rosto. Jess tinha ficado tão preocupada depois do que acontecera... chorara de soluçar no peito dele por dias a fio antes de enfim decidir voltar para a Inglaterra, algumas semanas depois.

– Eu lembro. Não, acho que não soube de nada sobre ela, sinto muito.

– Não tem problema. E quanto a esse homem? – Ela se atrapalha com o celular. – Victor Dufresne. Você sabe alguma coisa sobre ele?

– Jess, o que tá acontecendo? – responde Georges. – Não. Nunca ouvi falar dele.

– Sem problema – diz ela, em tom decidido.

Outro beco sem saída. Ele se adianta para servir mais vinho, mas Jess tapa o copo com a mão. Eles já terminaram o jantar e ela está pensando na caminhada de volta ao hotel, quer se manter sóbria.

– Café? Conhaque?

– Obrigada, mas vou passar. Acho melhor eu ir, Georges. Tenho trabalho pela manhã.

A desculpa não sai muito convincente, mas Georges não a pressiona,

como se soubesse que não adianta. Ele também não se oferece para acompanhá-la de volta ao hotel, ou para chamar um táxi. Provavelmente já está se perguntando quando vai poder chamar a mulher loira de volta, pensa Jess ao se despedirem.

– Foi bom ver você, Jess – diz Georges, e dá dois beijinhos no rosto dela.

– Foi bom ver você também, Georges – responde ela. – Obrigada pelo jantar delicioso.

Então Jess vai embora, as sandálias batendo na calçada enquanto desce a rua depressa, sem saber se deve rir ou chorar.

Ela ri. Depois geme alto. Depois ri. No fim das contas, foi uma noite nostálgica e divertida.

Capítulo Trinta e Dois

Alguns minutos depois, Jess passa pelo restaurante Mezze Saida – ela está perdida em pensamentos, mas, se tivesse olhado pela janela, para além das lanternas coloridas penduradas ali, teria visto Adelaide sentada em uma mesa lá dentro, com Frieda e Jim. Frieda está fabulosa em um longo vestido trapézio cor de açafrão com enormes contas de madeira em volta do pescoço, enquanto Jim, longe de ser o chato que Adelaide temia, usa uma extravagante camisa em estampa paisley e logo se mostra um contador de todo tipo de histórias extraordinárias (e hilariantes).

É verdade que houve certo constrangimento no início da noite, quando Adelaide chegou e encontrou Jim e Frieda sentados no fundo do restaurante, perto do banheiro masculino. O garçom – que reconheceu Adelaide na mesma hora – pediu desculpas profusamente e transferiu o grupo para uma mesa muito melhor, perto da janela.

– O quê, em nome de Deus...? – murmura Frieda, quando o garçom reaparece com shots de araque para cada um deles.

– Uma cortesia para a senhora e seus amigos, madame.

– O que está acontecendo? – sussurra Frieda assim que o garçom se afasta. Ela arregala os olhos. – Você é alguma *celebridade* por aqui ou algo parecido?

– Bem...

Só que Jim é mais rápido e encara Adelaide boquiaberto.

– Ai, meu Deus. Você é a artista, não é? A artista muito famosa... Sabe, *achei* mesmo que havia algo familiar em você assim que entrou. Frieda, pelo amor de Deus?! Você não perguntou *nada* à Adelaide sobre a vida dela? – Ele se recompõe e ri, então abre um sorriso fascinado para Adelaide e estende a mão. – Não acredito. Peço desculpas pela falta de cultura da minha

esposa. É um verdadeiro prazer te conhecer. E um privilégio também. Seu quadro... *Alvorada na Provença*, não é? É um dos meus favoritos de todos os tempos.

Adelaide sente um nó na garganta porque essa também é uma de suas obras favoritas. E ela não estava pensando exatamente na Provença poucos dias antes? As palavras de Jim a levam de volta para lá na mesma hora, para o lugar no alto das montanhas onde colocava seu cavalete, o cheiro de pinheiros no ar, com uma manta ao redor dos ombros, enquanto o amanhecer se esgueirava acima do horizonte em uma faixa dourada cintilante.

– Obrigada – diz Adelaide. – É muito bom ouvir isso.

Frieda, por sua vez, ainda está com a mão na boca e com os olhos arregalados e assustados.

– Adelaide! Você é famosa! E também me deixou fazer papel de boba. – Então ela dá uma risadinha e de repente parece uma menina. – Mas isso é *muito* legal. Você é uma dama modesta. Nossa, se eu fosse famosa, seria a primeira coisa que eu diria às pessoas, quer elas quisessem saber ou não.

– Concordo – fala Jim, e faz uma careta engraçada do outro lado da mesa. – A propósito, posso te perguntar uma coisa como artista, Adelaide? O que você acha da minha camisa? Porque eu adoro, mas a minha amada esposa tem opiniões fortes sobre o assunto e eu nunca posso usar essa camisa sem *ouvir* essas opiniões fortes dela.

– É uma camisa muito bonita – elogia Adelaide diplomaticamente, e ri da expressão presunçosa que surge na mesma hora no rosto dele. – De muito bom gosto.

– Ah, *Adelaide*! – brada Frieda, fingindo irritação. – Logo quando eu já estava achando que nós seríamos amigas. Pelo amor de Deus, Jim, ela está sendo educada, você não percebe? – acrescenta, enquanto ele se faz de envaidecido e finge tirar uma migalha imaginária de um braço. – Agora seja sincera. Todos sabemos que essa camisa é uma abominação. Um verdadeiro vômito de cores!

Seria difícil para Jim parecer mais triunfante do que neste momento.

– Se é bom o bastante para uma artista famosa...

– Preciso dizer que alguns dos meus melhores trabalhos foram criados sob o efeito de drogas alucinógenas – continua Adelaide com uma piscadela

para Frieda –, e não estou dizendo que o designer desse tecido *também* estava sob o mesmo efeito, Jim, mas...

– Rá! *Yes*, Adelaide! – Frieda solta um brado de vitória.

– Mas, como artista, sou totalmente a favor da experimentação. Além disso, sou grata por existirem pessoas como você, ousadas o bastante para defender... – Jim aperta o próprio rosto como se estivesse sentindo uma dor extrema, e é difícil continuar a falar de tanto que ela ri – ... para defender o trabalho dos estudantes de escolas de artes experimentais...

– Estou arrasado – confessa Jim com um gemido, as mãos ainda cobrindo o rosto. – Completamente arrasado.

– É brincadeira – diz Adelaide, e dá uma palmadinha carinhosa no braço dele. – Só estou implicando com você. Quem quer viver em um mundo onde todos se vestem como modelos de catálogo? Eu não quero. – Ela pega o shot de araque. – De qualquer forma, saúde. Obrigada por me convidarem para jantar com vocês.

– Obrigada por ter vindo, Artista Famosa, principalmente porque já conseguiu drinques grátis pra nós – fala Frieda, erguendo o próprio copo. – Não tenho ideia de que diabo é isso, mas estou disposta a virar o copo goela abaixo em nome de uma boa noitada, vocês também?

Frieda e Jim agem de um jeito tão caloroso e agradável que Adelaide tem a sensação de que já conhece os dois, de que já assiste às suas implicâncias afetuosas há anos.

– Inferno, sim – diz (e quando foi a última vez que ouviu dizer "Inferno, sim", percebe encantada. Uma década atrás?). – A uma boa noitada!

E é mesmo o que está acontecendo. Depois que Frieda supera a questão dos artistas famosos, eles conversam sobre tudo. Sobre Montreal e Ottawa ("Você foi professora na *escola de artes*, é claro, você tinha comentado alguma coisa a respeito. Nossa, que fantástico. Você gostou do Canadá? Acha que vai poder voltar para nos visitar algum dia?"), então sobre a paixão de Frieda pelo hóquei no gelo ("Não deixa ela começar a falar, Adelaide", alerta Jim), e ainda sobre os vários lugares onde moraram e trabalharam.

No caminho para lá, Adelaide tinha se sentido um pouco apreensiva, insegura em relação a quanto seu talento para conversas sociais estaria enferrujado. Mas tanto Frieda quanto Jim são bons conversadores, envolventes, e guiam a conversa com tanta habilidade que logo Adelaide tem

dificuldade de lembrar por que estava tão preocupada. Ela se dá conta de que, de certa forma, Frieda a faz lembrar de Margie – as duas mulheres têm a mesma vivacidade, o mesmo riso fácil. Certo espírito travesso que faz com que Frieda peça uma rodada de doses de tequila para todos, só porque é segunda-feira e, como ela diz, por que não, caramba?

Mas, à medida que a noite avança, Adelaide descobre que nem tudo foi fácil na vida de Frieda. O primeiro marido dela era um piloto de helicóptero que morreu em um trágico acidente, quando os dois já estavam juntos havia vinte anos. Frieda também perdeu uma filha por causa de uma meningite quando a menina tinha 5 anos, embora também tenha um filho. Ao longo desses abalos sísmicos da vida, de alguma forma ela havia seguido em frente: enfrentando o mundo masculino da indústria da construção, criando o filho, montando cavalos e torcendo pelo Habs, seu time de hóquei do coração.

– Então ela me conheceu e a vida ficou *realmente* boa – brinca Jim, com uma expressão carinhosa nos olhos. – Ou devo dizer que a *minha* vida ficou realmente boa quando ela me conheceu? Sim, acho que é isso que eu quero dizer.

Adelaide gosta de verdade de Frieda. Gosta dos dois. É possível ter uma paixonite por um amigo? Se for possível, é o que está acontecendo. *A vida pode ser divertida*, pensa, encantada, enquanto eles comem um delicioso meze, e Frieda decide que todos vão experimentar uma garrafa de vinho libanês. A vida pode nos surpreender... Frieda e Jim fazem perguntas interessantes sobre a carreira de Adelaide, e ela se vê desabrochando ao contar a eles os momentos mais importantes.

– Uau! – exclama Frieda. – O que acha de a gente organizar uma exposição em Montreal para você poder ir ao Canadá? Poderia ficar conosco e eu te levo para passear a cavalo. Ei, e você poderia ligar para o Brad, para relembrar os velhos tempos... – acrescenta, com uma piscadela, porque é claro que, a essa altura, eles também já ouviram sobre aquele capítulo da vida de Adelaide.

– Nossa, eu... – Adelaide não sabe o que dizer. Viajar de novo, e ainda mais longe do que Margate ou Uffizi. – Faz anos que não saio da França – diz, como que se desculpando. – A última vez foi... Deus, deve ter sido em 2019, para conferir a exposição de Hilma af Klint no Guggenheim.

– Pra ver o quê? – pergunta Frieda, antes de continuar. – Tá certo,

alguma coisa de arte, deduzo. Mas... olha só, eu entendo, estamos todos tentando viajar menos mesmo, por causa das mudanças climáticas. Bom pra você. Mas quando se chega à nossa idade e... bem, às vezes, a gente simplesmente tem que ir aos lugares que quer ir. Enquanto ainda podemos. Você não acha? Admito que o jet lag é um problema, mas, meu Deus, estou tão feliz por ter conhecido Paris. Estou tão feliz por estar aqui durante o verão, vivendo o presente, conhecendo pessoas como você, alegrinha de tequila, comendo como uma rainha foda do meze, desculpe o palavreado.

– Para de perturbar a Adelaide – diz Jim à esposa, talvez porque consiga ver pela expressão de Adelaide que a decisão de viajar envolve mais do que a mera distância. – Agora, o que estamos pensando em relação à sobremesa?

Eles se ocupam com o cardápio e se questionam se um café os manteria acordados a noite toda, caso resolvam tomar um. Porém, sob a conversa, Adelaide está experimentando o que parece ser uma pequena, mas significativa, reacomodação tectônica dentro dela. É estranho, mas ela só consegue pensar em passear a cavalo com Frieda. Só pensa nisso, embora não monte em um cavalo desde a juventude, quando o dono de uma fazenda ao longo da estrada de Little Bower permitia que Adelaide e os amigos levassem os cavalos dele para um galope por Kent Downs. Embora provavelmente fosse ter bastante dificuldade para subir no lombo de um cavalo no momento.

A vida continua!, exclamou Jess mais cedo. Mas, na verdade, foi só nas últimas semanas que Adelaide começou a vislumbrar uma vida no futuro, em vez de ficar focada no passado. E, de repente, começam a se desdobrar em sua mente os caminhos que poderia seguir. Se ela tiver coragem, é claro. Ela tem?

Capítulo Trinta e Três

Na terça-feira de manhã, Jess e Mia partem em direção à Place des Vosges para mais um dia de trabalho. Jess tinha ficado meio triste na noite anterior, quando voltou para o hotel e viu a expressão de alívio no rosto da filha ao saber que o encontro com Georges havia sido horrível.

– Meu bem... você sabe que eu e seu pai não vamos voltar a ficar juntos, não é? – disse Jess, mais tarde, com o máximo de gentileza possível, enquanto elas se preparavam para dormir. – O fato de eu não me apaixonar de novo por Georges não muda isso.

Mia, que estava colocando um camisetão de algodão macio para dormir, não respondeu de imediato.

– Sei – murmurou a garota depois de algum tempo. – Mas eu meio que *gostaria* que você voltasse com o papai. Não vou me meter – se apressou a acrescentar, talvez se lembrando da briga anterior. – É só o que eu sinto.

– Eu sei – falou Jess, procurando na nécessaire uma caixa de curativos para cuidar dos pés cheios de bolhas. – E sinto muito. Às vezes... bem, às vezes uma história não termina do jeito que a gente quer, acho. A vida é complicada.

Mia foi até o espelho e se sentou de pernas cruzadas diante dele.

– Lembra que eu disse que achava que o papai estava saindo com outra pessoa? – perguntou ela, fechando um dos olhos enquanto começava a tirar a maquiagem. – Não tenho mais certeza disso. Uma noite, quando a gente estava na Itália, ele ficou muito bêbado e disse que sentia muito a sua falta. Então...

Mia encolheu os ombros, e ali, no movimento dos ombros da filha, Jess pôde ver a esperança que ela nutrira desde então. Uma esperança ardente que abriu um buraco no coração da própria Jess, que pesou em sua mente

enquanto ela se revirava na cama, tentando dormir, mais tarde naquela noite. Sim, ela e David já haviam se amado, tinham sido felizes juntos. Mas, no fim do relacionamento, Jess se sentia tão profundamente infeliz, tão abalada pela dúvida, que era como se tivesse se tornado metade de uma pessoa, e não mais a mulher que fora um dia. Neste verão, ela sente que está voltando a ser inteira, que está redescobrindo a verdadeira Jess, aquela que encontra alegria nos outros, que ama a vida. Seria egoísmo não se dispor a sacrificar isso para tentar retomar seu relacionamento com David, como as filhas claramente desejavam?

Assim que chegam à casa de Adelaide e a sessão do dia começa, Jess escuta sobre o segundo rompimento doloroso de Adelaide e Remy, seguido pelo romance vertiginoso dele com Coco, que culminou no casamento dos dois. Jess, já preparada para presenciar por um longo tempo o assassinato da reputação e do caráter de ambos, fica surpresa quando o assunto se encerra rapidamente. Adelaide parece estar com mais energia hoje e passa a descrever com vívidos detalhes o tempo que passou no Japão, depois o trabalho que conseguiu em Ottawa. Por volta de uma da tarde, a campainha toca.

– Ahh. Sinto muito, mas vou ter que deixar para amanhã a parte sobre o período Bradelaide – explica ela, já se levantando para atravessar o salão e atender ao interfone. – Devem ser o Lucas e a Catherine, os dois estão vindo ver se você quer almoçar com eles. Desculpa, eu tinha a intenção de mencionar isso quando vocês chegaram, mas com todo o resto na minha cabeça...

– Ah – diz Jess, ainda concentrada nas descrições de um inverno nevado em Ottawa.

Bradelaide?, se pergunta, confusa, antes de compreender exatamente o que Adelaide acabou de dizer. Jess não vê Luc desde a noite em Belleville e ainda guarda a sensação de que o chateou naquela ocasião, com a história da Universidade de Hadlow e dos cursos de agronomia. *Do que você acha que se trata tudo isso?*, disse ele, e Jess faz uma careta ao se lembrar de como havia se defendido, possivelmente com um ardor excessivo. Enquanto Adelaide aperta o botão que abre a porta do prédio para deixar os sobrinhos entrarem, Jess decide que vai dar o seu melhor para agir como uma pessoa normal.

– Vou chamar a Mia, então – acrescenta, já se levantando. – Se ir embora

um pouco mais cedo não for problema pra você...

– É claro que não – garante Adelaide. – Acho que essa semana fizemos um bom progresso. E tenho umas coisas pra resolver.

Com *certeza* há algo diferente em Adelaide, percebe Jess enquanto entra na sala de jantar para chamar Mia, que está limpando copos e prataria. Ela até iria mais longe e diria que a artista parece... ora, alegre – um adjetivo que Jess acha que nunca aplicou a Adelaide. Ela está vestindo uma túnica rosa, a peça de roupa mais bonita que Jess já a viu usar, e um colar de ouro chamativo também, cravejado com peridotos cintilantes. O que está acontecendo?

– Oi de novo, desculpe por todos esses degraus, Henry... entrem – diz Adelaide, cumprimentando os recém-chegados. – Catherine, Henry, essa é a Jessica, que está escrevendo o meu livro de memórias. Jessica, minha sobrinha Catherine e seu filho, Henry. Ah, e essa é a Mia, a filha da Jessica – acrescenta, quando Mia aparece com um balde de limpeza na mão.

A garota está usando um macacão de gola alta e enormes sandálias plataforma rosa, com o cabelo trançado em volta da cabeça, e fica muito vermelha quando entra no salão para as apresentações. Ou será que ela ruborizou desse jeito porque Henry, de 18 anos, é alto e muito bonito, com cabelos pretos e camiseta dos Ramones?

– É um prazer conhecer vocês – fala Jess, tentando amenizar o constrangimento da filha. – E vai ser ótimo sair para almoçar. Certo, Mimi?

Mia a encara irritada ao ouvir o apelido. Ah, puxa, será que Jess a deixou ainda mais constrangida? O olhar não demora muito, porque Mia volta apressada para a cozinha, murmurando algo sobre guardar as coisas. Jess conversa um pouco com Catherine, que é simpática e bonita – ela está usando um short cargo e uma camiseta azul desbotada –, e com Henry, que faz graça carinhosamente com a pronúncia da mãe quando ela diz "Montmartre". ("O que foi isso mesmo, mãe? Tem alguma coisa na sua garganta por acaso?")

O "guardar as coisas" de Mia aparentemente incluiu uma aplicação rápida de batom e rímel, além de um novo penteado, porque ela surge um instante depois com o cabelo caindo em ondas sobre os ombros, como um anjo da Renascença. O efeito não passa despercebido por Henry, como Jess bem repara quando ele apruma subitamente o corpo e guarda o celular no bolso.

– Mia, certo? – Jess ouve o rapaz dizer enquanto todos descem as escadas. – Eu sou o Henry. Tudo bem?

Luc leva o grupo até uma *brasserie* com mesas à sombra e uma boa seleção de hambúrgueres e batatas fritas. Ele é o mais velho dos irmãos e Jess logo percebe a dinâmica entre os dois, com Luc assumindo a liderança e Catherine se deixando levar de bom humor pelas decisões dele. Mas, dito isso, basta Jess perguntar como era Luc na adolescência para que um brilho travesso se acenda nos olhos de Catherine, e ela logo começa a compartilhar histórias do péssimo comportamento do irmão, como a típica irmã caçula. Enquanto isso, Mia e Henry descobriram que ambos pretendem ir ao Reading Festival no fim do verão e estão concentrados em uma conversa sobre quais bandas estão mais ansiosos para ver.

A comida chega.

– Então, o que você está achando de Paris, Mia? – pergunta Luc, se virando para a garota.

– É legal, estou me divertindo – responde ela. – Aluguei uma daquelas *trottinettes* ontem à noite e fui até a Sacré-Coeur e Pigalle...

– Você alugou? – pergunta Jess, porque tudo isso é novidade para ela. – O que é mesmo uma *trottinette*?

Mia faz uma careta.

– Mãe! Se liga. É um daqueles patinetes elétricos que a gente vê em tudo quanto é canto... como aquele – diz ela, apontando para o outro lado da rua, onde um jovem passa com fones de ouvido enormes, desviando dos pedestres com certa imprudência, na opinião de Jess.

– A gente pode pegar uma dessas? – Henry já está perguntando a Catherine.

Enquanto isso, Luc parece confuso.

– Ué, vocês não estavam juntas ontem à noite? – pergunta a Jess, olhando para Mia. – Quer dizer, vocês estão hospedadas juntas ou...?

– A mamãe foi num *encontro* – se apressa em dizer Mia, em um tom absolutamente dramático. Ao que parece, é a vingança por Jess tê-la chamado de Mimi, quando ela estava tentando parecer descolada. – Com um velho tarado nojento.

– Mia!

– O que foi? Ah, qual é, você mesma usou basicamente essas palavras. Ele é mais velho que a mamãe e sai com garotas de 20 e poucos anos – conta

Mia de uma vez só. – Me diz se isso não é bizarro? – Jess ainda está se recuperando da alfinetada do "mais velho que a mamãe" quando a filha coloca a mão sob o queixo e pisca. – Na verdade, vou sair com ele hoje à noite – continua ela. – Assim que ele soube que a mamãe tinha uma versão dela mais jovem e mais gata na cidade, ele...

– Ei, não, você *não* vai sair com ele, nem brinca com isso, mocinha – repreende Jess, se sentindo ferver. Catherine deve estar tendo uma péssima primeira impressão, pensa ela, chateada. – Eu saí para colocar a conversa em dia com um velho amigo, só isso – explica, olhando para a filha com uma expressão irritada de "fica de boca fechada".

– Ah, esse é o cara com quem você ia sair naquela outra noite? – pergunta Luc.

Ele parece incomodado, como se estivesse se perguntando se o tipo de Jess são velhos pervertidos. É claro – ele não sabe que Jess não *chegou* a se encontrar com Georges na semana anterior, apesar de ter saído apressada do bar em Belleville.

– Sim, só que, quando voltei para o hotel naquela noite, ele cancelou comigo, então... – A situação parece piorar a cada minuto. – Enfim, chega de falar sobre ele. Mudando de assunto... Vocês estão se divertindo em Paris? – pergunta Jess, dirigindo a pergunta a Catherine e Henry. – O Luc está sendo um bom guia turístico?

Catherine salva Jess com uma história sobre o irmão ter atravessado a cidade com eles no domingo, para levá-los ao seu restaurante favorito, só que, quando chegaram lá, o lugar estava fechado.

– E ele fez a gente se perder nas Toalherias – diz Henry, disfarçando o riso.

– É *Tuileries* – corrigem Catherine e Luc ao mesmo tempo.

Luc acrescenta, claramente na defensiva:

– A gente não estava *perdido*, eu sabia exatamente onde estávamos, foi só que...

– Sim, sim, alguns portões estavam trancados quando deveriam estar abertos, acreditamos em você – fala Henry, atrevido.

– Movimento clássico dos adultos – diz Mia, se juntando à brincadeira. – A minha mãe é muito boa em fingir que sabe para onde a gente está indo no metrô, por mais que eu consiga ver que ela não tem a menor ideia.

– Ei! – interrompe Jess. – Estou sentindo um complô se formando aqui.

– Nem me fala – diz Henry a Mia. – E toda aquela história de comprar lembrancinhas...

– Ai, meu Deus, as lembrancinhas! – exclama Mia, e joga as mãos para o alto. – A minha mãe passou uns vinte minutos tentando decidir se deveria ou não comprar um globo de neve em Montmartre ontem.

– *Não* foram vinte minutos!

– Vinte minutos, e ela nem *comprou* o globo depois de todo esse tempo. Ou seja...! – A expressão de Mia é a de alguém que se viu obrigada a ouvir Ring Cycle, o longo ciclo de óperas de Wagner, sentada em uma cadeira desconfortável, quando na verdade esperou por cinco minutos em uma loja de souvenirs. – Eu já estava, tipo, por favor, me mate agora. Me. Mate. *Agora*.

– Vou te matar agora, com as minhas próprias mãos, se você não tomar cuidado – murmura Jess. – E, de todo jeito, o globo de neve estava lascado, então...

– Um globo de *neve*? – começa a dizer Henry para Mia, rindo, mas depois olha para Jess e parece pensar melhor. – Na verdade, adoro globos de neve – diz, os lábios tremendo com a vontade de rir. – Não tem nada de errado com globos de neve.

– Ah, fiquem quietos, vocês dois – ordena Catherine com um gemido, rindo também. – Estou com você, Jess. Também adoro globos de neve, ímãs de geladeira e camisetas com a estampa "I ♡ Paris", e a gente não pode se apressar quando está comprando coisas importantes. E se o ingrato do meu filho não tomar cuidado, esse vai ser o único presente dele no próximo Natal. Entenda isso como um alerta oficial, garoto.

Depois que o almoço termina, Henry sugere, irônico, que ele e Mia abandonem os idosos para ir andar de patinete elétrico. Mia parece tão empolgada com a ideia que Jess não tem coragem de dizer não. Obviamente ela não consegue evitar pedir que a filha tome cuidado, quando Henry está fora do alcance de sua voz. *Não comece a se exibir só para acabar fazendo alguma besteira*, é o que ela realmente quer dizer, mas se contém. Depois que os dois saem apressados, Catherine pede licença e vai ao banheiro, deixando Jess e Luc sozinhos à mesa. Sem a presença dos adolescentes brincalhões, o clima muda e eles sorriem, um pouco constrangidos.

– Como estão indo as coisas? Tá tudo certo? Lamento saber que seu encontro acabou sendo uma porcaria – diz ele.

– Ah, não se preocupa – responde Jess. *Ele não está zombando dela, está?*, pergunta-se ela, subitamente paranoica. – Na verdade não foi nada demais, só meio decepcionante, descobrir que... hum...

– Que o cara era um velho tarado?

– Basicamente, sim. O tipo de cara raso sobre quem eu alertaria as minhas filhas. E o fato de ele continuar a ser do mesmo jeito que era 25 anos atrás... – Ela faz uma careta. – Eu não entendo, mas não importa. Cada pessoa é de um jeito. Enfim...

– Fico feliz que você não tenha gostado dele – diz Luc. – Acho... – De repente, o olhar dele é muito direto. – Acho que eu teria ficado com um pouco de ciúme.

– Ah... – diz Jess, porque é pega de surpresa. Ele está dizendo...? – Hum...

Antes que ela possa responder, eles ouvem a voz de Catherine.

– *Je suis de retour, mes amis!* – exclama ela, e no instante seguinte está pousando uma bandeja na mesa diante deles, com uma jarra de bebida cheia de folhas de hortelã e gelo e três copos. – Tomei uma decisão quando estava passando pelo bar – continua ela, animada, parecendo muito satisfeita consigo mesma ao se sentar. – Alguém quer mojito?

Acho que eu teria ficado com um pouco de ciúme, Jess ouve Luc dizer novamente, e seu coração acelera quando ela olha para ele. Luc sorri para ela, que sorri de volta, sentindo-se subitamente zonza.

– Ah, *sim*, boa ideia – diz ela a Catherine, sentindo a adrenalina disparar por sua corrente sanguínea.

De repente, é difícil agir normalmente, quando parece que Luc está apostando nos dois. O que deveria fazer com essa revelação? Ela gosta dele e o acha atraente, mas a ideia de entrar em um novo relacionamento é realmente assustadora. Aterrorizante, na verdade. Jess não tem mais ideia de quais são as regras.

Felizmente, ela é distraída por Catherine, que está servindo os drinques, e em poucos minutos os três estão erguendo os copos cheios, brindando à sorte de estarem sentados ali em Paris em uma tarde ensolarada. É quase como se aquele momento estranho e tenso entre ela e Luc nunca tivesse acontecido.

– Esse mojito está fantástico – comenta Jess, depois de tomar o primeiro gole da bebida gelada.

Neste momento, uma lembrança repentina surge em sua mente. Ela e

Pascale, tomando mojitos no bar do Hotel d'Or.

A imagem a atinge como um tapa na cara: é óbvio. É lá que deveria tentar agora. Se ela se lembra de Victor Dufresne rondando o bar, será que outra pessoa também se lembra? Com certeza vale a pena investigar.

Capítulo Trinta e Quatro

Na quarta-feira, Mia já se sente bem menos intimidada por estar no apartamento majestoso de Adelaide. Em parte porque ela adora ver Jean-Paul o dia todo (ele é tão fofinho!), e em parte porque não quebrou nada nem cometeu erros horríveis nos primeiros dois dias de trabalho lá. Adelaide até disse "Muito bem" e "Obrigada" para ela no dia anterior, o que pareceu um grande avanço.

Mia também está de bom humor porque esse vai ser seu último dia de trabalho, embora a mãe e Adelaide ainda não saibam. Agora que já foi tudo esclarecido com as amigas, Mia prefere aproveitar o resto da semana em uma praia com elas do que ficar passando aspirador de pó no apartamento de uma idosa; por isso, planeja voltar para Nice no dia seguinte. Embora, como sempre acontece nesses casos, no momento em que estava organizando seus planos, foi apresentada a Henry, que no fim das contas é o garoto mais gato – e mais legal! – que ela já conheceu na vida. Um milhão de vezes mais legal e divertido do que os fracassados de Canterbury, sem sombra de dúvida. Na véspera, enquanto disparavam juntos nos patinetes motorizados, eles não pararam de imitar vozes bobas e arrogantes ao gritarem coisas um para o outro. À noite, o maxilar de Mia chegou a doer de tanto rir com Henry.

– Oh, *YAH*, minha cara! – Não parava de dizer o garoto, e toda vez parecia a coisa mais engraçada do mundo.

A única desvantagem é que ele mora em Devon, irritantemente longe da casa dela, mas Mia espera encontrá-lo no Reading Festival, em agosto. Se ela tiver tomado sidra suficiente quando o vir (o que é bem provável), vai tentar beijá-lo, é só esperar para ver.

Adelaide lhe pediu para passar o aspirador na escada e no último andar

do apartamento, onde fica o quarto da artista.

– Sem problema – falou Mia com toda a educação, disfarçando sua empolgação.

Ela nunca teve permissão para subir lá antes. Essa é sua chance de bisbilhotar com mais detalhes.

Já no topo da escada, Mia pega o celular e faz uma gravação rápida.

– Estou do lado de fora do quarto de Adelaide Fox – diz em uma voz baixa e dramática, sentindo um arrepio ao imaginar milhares de pessoas atentas a cada palavra se (quando!) ela acabar tendo seu próprio podcast sobre crimes reais. – Será que vou encontrar alguma coisa interessante lá dentro?

Então, com o coração disparado, Mia abre a porta do quarto com um leve rangido, depois empurra o aspirador para dentro e fecha a porta de novo. Seus olhos percorrem o cômodo, passando pela cama grande com uma rampinha para ajudar o cachorro a subir (que *fofo*), a cômoda antiga com o tampo coberto de estojos de joias e frascos de perfume e um guarda-roupa enorme que a faz lembrar do mesmo móvel em *A Bela e a Fera*, todo cheio de curvas e espirais, com uma grande chave de ferro na porta.

Então, por onde deve começar? O que está procurando? Ela não é idiota, sabe que não está prestes a encontrar uma carta de confissão assinada, mas todo mundo guarda alguns segredos no próprio quarto, certo? Mia liga o aspirador para parecer que está trabalhando, depois se agacha para espiar embaixo da cama. Há chinelos de veludo cor de ameixa e uma tigela de água para o cachorro, além de algumas caixas com tampa transparente que parecem estar cheias de suéteres. Nada muito empolgante.

Em seguida, ela abre as gavetas da mesinha de cabeceira para dar uma checada rápida – há um cartão de aniversário escrito em francês dentro (Mia não faz ideia do que diz), uma máscara para os olhos, meio pacote de pastilhas para tosse. Então, começa a fazer o mesmo com a cômoda, mas recua na mesma hora ao se deparar com um monte de calcinhas (que nojo...). Quando enfim chega ao guarda-roupa, Mia solta um suspiro, porque não está se sentindo particularmente otimista e, por pouco, nem se dá ao trabalho de olhar lá dentro. Mas, afinal, já que está ali, não custa nada checar, decide, e gira a chave para abrir a porta.

À primeira vista, também não há nada interessante ali, apenas um monte de roupas em cabides e alguns *pomanders* com aroma de lavanda. Mia está

prestes a fechar a porta e abandonar a investigação quando alguma coisa cintilando entre duas peças de roupa chama sua atenção. Ela afasta alguns vestidos e descobre um quadro escondido bem no fundo do móvel. Mia pega o celular na mesma hora.

– Pessoal, encontrei uma pintura secreta – sussurra ao microfone, com o coração disparado, enquanto se esforça para tirar o quadro de dentro do guarda-roupa e o leva até a luz. Então, solta um arquejo quando vê a cena como um todo. – Meu Deus – fala. Suas mãos tremem tanto que ela quase deixa o objeto cair. – Meu... *Cacete*.

A respiração de Mia sai entrecortada enquanto ela coloca o quadro em cima da cama de Adelaide e tira várias fotos rapidamente.

– Ca... ra... ca – murmura, e assobia baixinho, esquecendo a ideia de registrar qualquer coisa coerente ou descritiva, porque sua cabeça está totalmente zonza.

A pintura é horrível, mas também é incrível, porque é real e terrível demais. São duas mulheres, uma de cada lado de um homem – elas são mulheres-monstro, na verdade, vestidas de preto, com cobras nos cabelos e enormes asas de morcego nas costas. Escorre sangue de seus olhos e elas empunham chicotes enormes. O parco conhecimento de Mia de mitologia grega vem dos livros da série Percy Jackson, mas ela acha que as mulheres-monstro talvez sejam as Fúrias, encarnando vingança e ameaça. O rosto de uma delas é claramente reconhecível como o de uma Adelaide muito mais jovem, enquanto a outra é retratada com o cabelo loiro curto e uma expressão sorridente e maliciosa. Entre elas, o homem – Colin Copeland, Mia tem certeza – tem marcas de sangue no rosto e terror nos olhos, e parece cambalear para trás em direção a uma janela enorme. É fácil deduzir que no instante seguinte ele mergulhará no vazio. Exatamente como aconteceu com o verdadeiro Colin, em 1980. Meu Deus. Será que esse quadro está dizendo o que Mia acha que está dizendo?

– Cacete.

Ela engole em seco, tremendo dos pés à cabeça.

Mal consegue acreditar que a senhora corpulenta de cabelos grisalhos que está no andar de baixo, alguém por quem uma pessoa passaria na rua sem olhar duas vezes, foi capaz de pintar algo tão violento e bárbaro. Que tinha se retratado como uma Fúria, golpeando com um chicote o pobre e apavorado Colin Copeland. Mia está se sentindo tão assustada – será que vai

vomitar? – que não consegue gravar nada para o podcast, porque sabe que sua voz vai sair abalada. Com os dedos trêmulos, ela manda uma mensagem para a mãe com uma foto: *Você não vai acreditar no que eu descobri. Acho melhor a gente sair daqui. Estou falando sério!!!*

Mas ela sabe que a mãe, já um pouco irritada com as mensagens e fotos de Mia sobre possíveis evidências, deve estar com o celular no modo "Não perturbe". O que ela deve fazer? Bem, para começar, colocar a pintura de volta no lugar, decide Mia. Porque a última coisa que ela quer é que Adelaide surja ali de repente, veja o que ela encontrou e decida que terá que *matá-la*, assim como fez com o bom e velho Colin. O quarto da artista fica no quarto andar – é um longo caminho até a praça abaixo.

Nossa, que *intenso*, pensa Mia, enquanto guarda o quadro atrás dos vestidos e tranca a porta do guarda-roupa. Depois, vai pegar o aspirador, ainda atordoada, quando seu celular apita com a chegada de uma mensagem. Ah! Graças a Deus. Será a mãe?

Não, é o Henry. *Ei, Meems*, diz ele e, apesar do horror dos últimos minutos, Mia sente uma agitação interna. Como parte das imitações esnobes da véspera, eles deram apelidos bobos um para o outro (o dele é Hen-Hen), e só ler as palavras já basta para que o lindo rosto do garoto surja em sua mente. *Que horas você termina o trabalho?*

Subtexto: ele quer vê-la, deduz Mia, praticamente flutuando do chão. Ele quer *vê-la*! Mas os acontecimentos da manhã não a deixam pensar em outra coisa no momento. *Espero que seja o mais rápido possível*, responde. *Sua tia-avó é doida de verdade, sabe. Tipo... acho que ela matou alguém???*

Ela envia a foto só para garantir que ele entenda, e então move rapidamente o aspirador para a frente e para trás antes que o aparelho faça um buraco no carpete. Henry responde quase de imediato. *Socorro. Que merda é essa?????*

Eu sei, né?!?! E tô presa no apartamento com ela! Em parte, é brincadeira, porque é tudo muito louco, mas ao mesmo tempo Mia está mesmo com medo. Porque... como isso vai acabar? O que ela deve fazer com uma informação tão perturbadora como essa? De repente, a garota se sente como uma criança, e não das mais corajosas. Ela se sobressalta ao ouvir o som de vozes elevadas no andar de baixo. Adelaide parece estar berrando com a mãe dela por algum motivo. Uau. E agora? *Falo com você mais tarde*, Mia manda para Henry, depois desliga o aspirador e enfia o celular no bolso.

Com o coração batendo forte, ela desce correndo a escada e descobre que a gritaria só ficou mais alta, agora também com o acréscimo de alguns latidos de Jean-Paul.

Mia para do lado de fora da porta fechada, sem saber se deve entrar ou não, mas então a porta é aberta, quase derrubando Mia, e a mãe sai, com o rosto vermelho.

– *Nunca mais* volte aqui! – grita Adelaide atrás dela.

A mãe de Mia parece estar à beira das lágrimas ao fechar a porta, a bolsa escorregando pelo braço na pressa.

– Pega as suas coisas – diz a mãe. – Estamos indo embora.

Capítulo Trinta e Cinco

O coração de Jess está tão acelerado quando elas saem do apartamento que ela até acha que pode estar tendo um ataque de pânico. Ah, Deus. Deu tudo tão errado... De novo! Ela perdeu o trabalho. De novo! E justamente quando achou que as duas haviam avançado tanto. Que as coisas estavam indo bem de verdade.

– O que aconteceu? – pergunta Mia, preocupada, enquanto elas descem os degraus de pedra pela última vez. – Por que ela ficou tão brava com você?

É um alívio sair para o ar fresco da rua, mas também é uma tragédia, porque Jess sabe que nunca mais voltará ao apartamento.

– Eu estraguei tudo – responde ela, desolada.

– Mas como? O que aconteceu?

As duas começam a caminhar em direção ao hotel, e Jess ainda se sente atordoada com a rapidez com que tudo desandou.

– Tentei resolver as coisas entre a Adelaide e a melhor amiga – fala, a voz embargada. – Mas ela ficou furiosa por eu ter agido pelas costas dela.

Jess balança a cabeça, imaginando a expressão arrogante que veria no rosto de David se o ex-marido estivesse lá para ouvir aquilo. *Quantas vezes isso já aconteceu?*, diria ele, revirando os olhos. *Você simplesmente não sabe a hora de parar, Jess, esse é o seu problema!*

Ela se sente idiota ao explicar o resto da saga à filha, em tom embotado. Jess conta que, sentada no salão de Adelaide de manhã, tinha achado que, embora ainda não tivesse chegado ao desfecho da história de Pascale – e talvez nunca chegasse –, devia a Adelaide ao menos comentar sobre a antiga amiga. Depois de a artista contar algumas histórias sobre seu tempo como professora na escola de artes de Ottawa, Jess decidiu agir.

– E... a Margie? – incitou. – Como ela se encaixava na sua vida nessa

época?

A pergunta saiu fora de contexto e, apesar de lhe lançar um olhar desconfiado, Adelaide respondeu mesmo assim.

– Já tínhamos perdido contato – disse ela, o tom sério. – A Margie tinha um filho pequeno na época, o Raphael, e estava ocupada com ele, e depois a família se mudou para Pasadena. Não frequentávamos mais os mesmos círculos.

– Mas vocês ainda eram amigas naquela época? – insistiu Jess, embora já soubesse a resposta.

É uma pena que elas tivessem rompido de forma tão radical! Entre todas as pessoas, Jess se pegou pensando na mãe, Samantha, que sempre valorizou a companhia de outras mulheres. Noites de bingo, tricô e conversa, o grupo de canto-coral, o Pilates das aposentadas (como Samantha chama) – Jess sabe que essas interações com as amigas são o cimento que mantém o mundo da mãe de pé. É uma das poucas coisas que Jess e Samantha têm em comum, a alegria vinda das amizades femininas. Com certeza, apesar de sua natureza espinhosa, há uma parte de Adelaide que também sente falta disso.

A artista baixou os olhos para o colo, parecendo subitamente triste.

– Não – falou. – Não estávamos mais nos falando. – Ela ficou em silêncio por um instante, antes de endireitar os ombros e retomar o fio do depoimento. – Agora, seguindo em frente: falando da arte que eu estava criando em Ottawa... – começou a dizer Adelaide, mas Jess não conseguiu se conter.

– Ela está doente... – As palavras escaparam antes que ela conseguisse se conter, estourando como projéteis no ar.

Jess se arrependeu na mesma hora e cobriu a boca com a mão, porque se deu conta de que havia caído na armadilha do sensacionalismo, das táticas de choque, e isso não era justo. Era cruel, até. Adelaide virou a cabeça com uma expressão indecifrável.

– Quer dizer... – gaguejou Jess, sentindo a boca seca.

Ela se deu conta, então, de que deveria ter se preparado melhor para aquele momento, mas logo se lembrou do que estava em jogo. Todos os bons momentos que as duas haviam tido. Convença-a, Jess!

– Como você sabe disso?

– Eu... – Hora da confissão. – Então... hum... Eu tinha a esperança de conseguir o desenho que a Margie fez de você, na sequência daquela história

de *Mulher fumando um cigarro* – começou Jess, sentindo-se ruborizar sob o olhar duro de Adelaide. – E entrei em contato com ela na esperança de...

– Eu pedi para você não fazer isso. – A voz de Adelaide era devastadora em sua frieza. – Me lembro claramente de ter pedido para você não fazer isso.

– Sim, mas...

– "Sim, mas" coisa nenhuma! – Adelaide bateu com o punho no braço da cadeira. – Você tem tão pouco respeito por mim a ponto de ir contra minha vontade?

Jess engoliu em seco, tentando acalmar o coração disparado.

– Adelaide, tenho *muito* respeito por você – retrucou com sinceridade. – Um respeito sem limites. E ouvir sobre a sua amizade com a Margie me deixou de coração partido, e quando eu soube que...

– Não é da sua conta! E de forma alguma cabe a você começar a interferir. Não acredito que você traiu a minha confiança dessa maneira!

Jess engoliu em seco.

– É *um pouco* da minha conta quando estou escrevendo a história da sua vida – argumentou. – E só estou mencionando isso agora porque essa pode ser sua última chance de vê-la. – Tinha ido longe demais? Que fosse, decidiu Jess. – Parece que... sem querer ofender, mas parece que você desistiu da amizade. Quer dizer... tem uma diferença entre ser teimosa e ser...

– Desistir da...? – Adelaide ficou boquiaberta por um instante, e algo dentro de Jess murchou e morreu por ter falado tão diretamente. – Como você *ousa* dizer uma coisa dessas? Para sua informação, eu não desisti de nada. Embora Deus saiba que já me senti tentada muitas vezes a desistir desse maldito livro de memórias, especialmente porque é você escrevendo!

– Eu não... – tentou dizer Jess, mas Adelaide continuava a falar, as palavras saindo altas, em tom ardente.

– Não *acredito* que você entrou em contato com ela. Simplesmente não consigo acreditar que você teve a audácia de fazer uma coisa dessas pelas minhas costas.

De repente, havia lágrimas nos olhos de Adelaide; ela parecia totalmente perturbada. Jess começou a se sentir péssima. O que tinha feito?

– Quem você pensa que é para interferir desse jeito? – gritou Adelaide. – Para decidir que sabe o que é melhor para mim? Você não sabe de *nada*!

Ela estava chorando de verdade àquela altura, com lágrimas escorrendo

pelo rosto, e Jess se sentiu arrasada pela culpa, por saber que era a causa daquela angústia.

– Por favor, me perdoa, eu...

– Não chega perto de mim! – bradou Adelaide, e jogou os braços para o alto. – Vai embora, só isso. E também não quero que você volte mais. Está entendendo? Você está demitida. Está fora desse trabalho. E desta vez é sem volta. Agora sai!

Mia permanece em silêncio por algum tempo quando Jess termina de contar a história.

– Meu Deus, mãe – diz, por fim. – Eu realmente acho que ela é meio louca. Não sei se isso melhora ou piora as coisas – acrescenta Mia depois de um instante –, mas você viu a mensagem que eu te mandei? Sobre o que encontrei no guarda-roupa da Adelaide?

– No...? – Jess não compreende de imediato o que a filha conta, de tão consumida que está pela autorrecriminação (como pôde ser tão estúpida?), mas então as palavras penetram sua consciência. – O guarda-roupa... não! O que... o que tinha lá dentro?

Ah, merda. Olha só o quanto adiantou a tentativa de proteger a filha de qualquer descoberta horrível que pudesse fazer... Tarde demais!

– Isso. – Mia coloca o celular diante de Jess, e um quadro surge na tela. – Olha... bem, ela com certeza matou o cara, certo? – declara a garota com uma nota de triunfo na voz. – Ou melhor, foram as duas, Adelaide e essa outra mulher, seja ela quem for.

Jess congela na rua.

– Merda, acho que é a Margie – conclui, examinando o rosto da mulher. Então, sente o estômago se revirar enquanto analisa a foto como um todo. – *Cacete*.

Mesmo reduzida ao tamanho de uma tela de celular, a pintura é tão impressionante que deixa Jess arrepiada. Não admira que o quadro tenha causado calafrios em Marie-Thérèse, pensa, enquanto leva os dedos à tela para ampliar os rostos: Adelaide, Colin, Margie. Os três juntos no que parece ser um ateliê de pintura – um cômodo no andar de cima de Little Bower, imagina – com a tensão dramática da enorme janela ao fundo, ainda intacta. Mas por quanto tempo? O que aconteceu no instante seguinte? E no outro?

Apesar de tudo, é emocionante ver a imagem, vislumbrar o que pode ser

a verdade por trás da história. Então Adelaide *estava* lá, apesar do álibi – e Margie também. Elas teriam matado o homem juntas? Jess se sente enrijecer quando outro pensamento lhe ocorre. Aquilo teria algo a ver com o desentendimento e o subsequente afastamento entre as duas mulheres?

– Uau – sussurra, enquanto observa como Adelaide pintou as duas.

São as Fúrias, pensa, deusas da vingança. Escorre sangue dos olhos de Adelaide, que está com o braço arqueado para trás, pronta para estalar o chicote, aparentemente em cima do aterrorizado Colin. Ela o pintou como a vítima, o que é interessante por si só, já que, pelo que Mia descobriu na internet, o homem era meio que um stalker de Adelaide, atormentando-a com sua atenção indesejada. Ah, Deus, ela tem tantas perguntas que – que raiva! –, e agora nunca serão respondidas. Não menos importante é a questão de quando Adelaide planejava revelar essa obra de arte em particular. É fácil deduzir que, assim como o quadro da decapitação de Simon Dunster, esse também faz parte da série "Vingança", da qual ela falou – uma confissão em tinta.

Jess e Mia ficam em silêncio por um instante, absorvendo a imagem impressionante. É tortura para Jess saber que há uma história complexa e fascinante por trás da obra, e que ela não vai mais poder contá-la. É devastador ter chegado tão tentadoramente perto da verdade.

Mia a cutuca.

– Então... e agora? – pergunta, enquanto as duas voltam a andar.

– Bem, em poucas palavras, acho que vamos voltar para casa. E eu vou procurar um novo trabalho.

Esse é o resumo do verão dela em duas frases curtas e deprimentes, pensa Jess, arrasada. Vai ter que trocar a data da passagem de trem para o dia seguinte, providenciar uma passagem para Mia também, depois, quando já estiver em casa, vai precisar fazer uma redução de gastos imediata, até conseguir encontrar algum trabalho novo para pagar as contas. Em outras palavras, a festa em Paris acabou.

– Não adianta ficar por aqui. Apesar de que... – Jess se dá conta de que ainda não pode ir embora. Não quando ainda não avançou na verdade sobre o que aconteceu com Pascale. – Bem, há um lugar aonde preciso ir primeiro – diz ela. – Lançar a sorte uma última vez.

– Você tá falando da Adelaide? Não tô entendendo, mãe.

Jess solta um suspiro. O dia está muito quente e ela ainda está de ressaca

depois da tarde de drinques ao sol. Então, vê um banco logo adiante, à sombra, e aponta para ele.

– Vamos sentar aqui um minuto – sugere. – Você se lembra de eu ter comentado sobre a minha amiga Pascale, daquela outra temporada que passei aqui?

– Sim, a moça com quem você trabalhava no hotel?

– Isso. Bem, a Pascale era incrível. Você com certeza teria gostado dela. Era divertida, ousada e... simplesmente incrível – conclui Jess, quando as palavras a abandonam. Um pardal está pulando debaixo de uma árvore próxima e ela fica olhando para o corpinho marrom, para as pernas que parecem palitos. – Bem. A questão é que eu pisei na bola com ela.

– Como assim?

Jess cerra os lábios e se prepara para a confissão. Ela se dá conta de que nunca falou sobre a história com ninguém, nem mesmo com David.

– A Pascale estava prestes a sair uma noite e me perguntou se eu poderia ajudá-la e... e eu não ajudei.

– Certo. – Mia não chega a dizer "É só isso?" em voz alta, mas nem precisa, porque as palavras estão escritas em seu rosto. – Ajudar com o quê? – pergunta depois de um instante.

– Não sei – admite Jess. – A Pascale foi meio evasiva... disse até que poderia ser uma coisa perigosa. Eu estava de mau humor naquele dia, tinha tido um turno de trabalho longo e, quando entrei no quarto, lá estava ela, usando um dos meus vestidos sem pedir...

– Eu odeio quando a Edie faz isso – declara Mia, solidária.

– E me recusei a ajudar a Pascale. Quer dizer, entrei no chuveiro bufando alto, sem responder à pergunta dela. E isso... – A voz de Jess falha e novas lágrimas surgem em seus olhos. – Isso me assombra desde então. O fato de a Pascale ter pedido a minha ajuda e eu não ter ajudado. Depois disso, eu nunca mais vi minha amiga. A polícia procurou por ela, mas não tivemos notícias. Continuei no emprego por mais algumas semanas, mas ela nunca apareceu. É quase certo que esteja morta, mas não sei o que houve. – O pardal bica uma migalha, então uma mulher de patins passa em disparada e o pássaro voa para longe. – Você entende? – continua Jess, e se lembra de como aquele último mês tinha sido horrível para ela, com o peso insuportável da culpa que carregava. – Se eu tivesse dito sim, se tivesse ajudado em qualquer coisa que ela estivesse planejando, então...

– Sim, mas se *fosse* perigoso, então você poderia ter morrido também – argumenta Mia. – Desculpa – acrescenta ao ver a mãe estremecer. – Mas e se ela estivesse encrencada e fosse te pedir para fazer alguma coisa muito ruim? Tudo poderia ter dado errado pra vocês duas. Você poderia ter acabado na prisão. Ou machucada. Poderia não ter voltado para a Inglaterra nem conhecido o papai, eu poderia nem ter nascido... Ou seja, um *pesadelo*.

Jess funga e procura um lenço de papel na bolsa.

– Sempre me senti péssima por causa dessa história – confessa em voz baixa, e assoa o nariz.

– Estou vendo, mas, mãe, na minha opinião, não foi nada realista da parte da sua amiga dizer *Você pode me ajudar? Pode ser perigoso*, e menos ainda esperar que você dissesse: *Ah, claro, pode contar comigo!* O que eu estou querendo dizer é que não é assim que acontece, certo? Ninguém diria sim para uma pergunta dessas sem saber com o que estava concordando.

Jess não consegue evitar a sensação de que elas estão discutindo sobre semântica e não sobre a culpa real, mas não tem energia para discordar.

– Acho que sim. Mesmo assim...

Mia continua a todo vapor.

– Olha, você não pode ajudar todo mundo... isso é simplesmente um fato. E você ajudou um monte de outras pessoas, né? Tipo eu, a Edie e a Polly, e todas aquelas pessoas fracassadas que escrevem pra sua coluna de consultório sentimental – prossegue a filha, e Jess se encolhe em solidariedade às "pessoas fracassadas". – Sem querer bancar a psicóloga, mãe – acrescenta Mia –, mas você não acha que talvez seja *por isso* que você tem a coluna de consultório sentimental?

– Não, eu... – começa a responder Jess, mas se interrompe, perturbada com a observação da filha.

É estranho, mas ela nunca colocou as duas situações lado a lado, e agora se pergunta se não existiria mesmo uma ligação entre elas. Será que é isso? Seria mesmo assim tão simplista? No fim das contas, é verdade que ela sempre exagerou ao tentar ajudar outras pessoas, porque tem Pascale no fundo de sua mente.

– Hum – diz Jess depois de um instante. – Não sei. Talvez?

Ela passa o lenço nos olhos, um depois do outro, mas Mia segura sua mão com gentileza.

– Você tá borrando rímel pra todo lado – repreende a garota. – Então...

qual é o tal do último lugar aonde você precisa ir? Quer que eu vá com você? – Ela dá um aperto carinhoso na mão da mãe, que ainda segura. – independentemente do que você descubra, talvez a gente possa fazer uma pequena cerimônia pra Pascale depois, que tal? Tipo... você poderia me contar todas as coisas doidas que vocês duas fizeram, a gente poderia ouvir as músicas favoritas dela ou comer alguma comida que ela realmente adorasse. Poderia ser uma despedida digna de Paris para ela. O que acha?

O coração de Jess parece prestes a explodir naquele momento. De onde veio essa jovem adulta e empática, capaz de fazer uma sugestão tão perfeita? Jess tenta engolir o nó na garganta, passa os braços ao redor da filha e beija o alto de sua cabeça.

– Acho uma ótima ideia – responde. – Obrigada. Vamos brindar à Pascale, para eu me despedir.

Capítulo Trinta e Seis

Não são apenas as mãos de Adelaide que tremem após a partida de Jessica. Todo o seu corpo parece estar reverberando de angústia. Depois que ela para de chorar e se recompõe, liga para Luc para atualizá-lo sobre a situação.

– Ah, não... – diz ele com um gemido.

A reação do sobrinho faz com que emoções correspondentes a atinjam em cascata: culpa por ele parecer tão cansado (tanto dela quanto de Jessica, ao que parece), e também raiva, mágoa e frustração pelas táticas dissimuladas de Jessica. Como ela *pôde* fazer isso? Ainda mais quando Adelaide lhe disse especificamente para não fazer! Que parte da palavra "não" a mulher não entende? Adelaide demora um pouco para perceber que também há tristeza em seu coração. Tristeza por toda essa história ter acabado em confusão (de novo). Tristeza também, apesar de tudo, diante da possibilidade de a velha amiga estar muito doente.

É estranho, porque Adelaide sempre presumiu que seus sentimentos em relação a Margie já estivessem gravados em pedra àquela altura. Imaginou que permaneceria indiferente em relação à antiga amiga pelo resto da vida. Afinal, já se passaram anos desde a última discussão entre elas – décadas. Pessoas nasceram e morreram desde então. Houve guerras, líderes foram derrubados. Houve uma pandemia global, um colapso climático, o planeta foi atingido por incêndios e inundações. No entanto, talvez por Adelaide ter reexaminado tantas memórias de sua longa e agitada vida – os altos cintilantes e os baixos lúgubres, a alegria e o desespero –, ela passou a olhar para o passado, para os anos com Margie, sob uma perspectiva diferente. Por um lado, se lembrou do quanto amava a amiga. Como estar com ela era um de seus maiores prazeres. Nunca riu tanto com ninguém, antes ou depois, como ria com Margie. E quanto àquela camada de gelo que pareceu

derreter no coração de Adelaide outro dia? Pois se tornou um degelo sem ela perceber, diluindo a amargura e o ressentimento que guardara por tanto tempo.

Ela deixa escapar um suspiro ao se lembrar do período que passou cuidando da mãe moribunda durante as últimas semanas de vida dela, quando a pneumonia se instalou e nunca mais foi embora. Geraldine estava muito fraca naquela época, com os músculos rígidos por causa do Parkinson, e foi vítima também de um AVC que lhe roubou grande parte das habilidades de comunicação. A indomável Geraldine Brockes, mulher de ombros largos, mãe de quatro filhos, adolescente campeã de natação, cozinheira, bebedora de chá, hábil com uma máquina de costura, dona de um temperamento que ardia como uma fornalha – ver aquela mulher antes tão forte reduzida a pele e ossos em uma cama de um hospital para doentes terminais partiu o coração de Adelaide. *Será que Margie está sofrendo da mesma forma?*, se pergunta. Mesmo com tudo que aconteceu entre elas no passado, é horrível imaginar essa possibilidade.

A morte é tão impiedosa, tão indigna... Adelaide se lembra, então, de quando perdeu Remy, quatro anos depois da mãe, quando o consumo excessivo de álcool começou a afetar seu fígado e ele passou a sofrer de amnésia – perdia a noção de dias e noites inteiros e acordava com o lábio cortado ou um olho roxo, depois de se meter em uma briga em algum lugar. No fim, Remy estava irreconhecível: muito magro, com a pele pálida, determinado a se autodestruir por causa daquela sede incessante por outro drinque. Por mais que Adelaide tentasse salvá-lo e lhe mostrar que valia a pena viver com ela – inscrevendo-o em clínicas de reabilitação, prometendo viagens de férias e até comprando o apartamento dos sonhos de Remy, pelo amor de Deus –, foi tudo em vão. Ele não se interessou por nenhuma das suas tentativas.

Adelaide se recosta na cadeira e permite que um espaço se abra em sua mente, para que possa examinar seus sentimentos em relação a Margie, após a notícia dada por Jessica. É bobagem se sentir chocada com isso, já que as duas estão na casa dos 70, mas, mesmo assim, para Adelaide, uma parte de Margie sempre vai ser uma mulher de 30 e poucos anos: vibrante, obstinada, cheia de energia. É claro que, no presente, a antiga amiga deve ter as mesmas rugas e os mesmos vincos que Adelaide, dores e dificuldades semelhantes quando se levanta da cama pela manhã. O enrijecimento e a desaceleração

que acontecem com todos. *Como será a Margie idosa?*, pergunta-se Adelaide. Será que se dedica desafiadoramente ao trabalho e usa um vestido com lantejoulas de vez em quando, ou será que, como Adelaide, se ensimesmou ao longo dos anos? Qualquer que seja a resposta, ela percebe que não quer que Margie morra – ainda não, não com um silêncio arrogante pairando entre elas.

Adelaide se abaixa para acariciar Jean-Paul, sentindo-se entorpecida. *Essa pode ser sua última chance de vê-la*, dissera Jessica. Seria verdade? Por onde Adelaide começaria, se elas se vissem de novo? As amigas tinham se magoado demais. E de forma irreparável – ou ao menos foi o que pareceu na época.

– Eu confiei em você! – Adelaide ouve Margie gritar, enquanto retorna mentalmente à última briga terrível entre as duas. – Como pôde me decepcionar desse jeito?

– Ah, Jean-Paul... – fala Adelaide com um gemido de infelicidade, e acaricia o delicioso pescoço aveludado do cãozinho.

Para onde irão dali? Não apenas no que diz respeito à velha amiga, mas no que diz respeito à vida de Adelaide, às suas memórias infelizes. Ela não sabe se consegue suportar a ideia de recomeçar com uma nova escritora. Quanto ao resto de sua vida... parece que já faz muito tempo desde aquele dia em que estava às gargalhadas com Frieda e Jim no restaurante libanês, olhando para o futuro e sentindo uma energia positiva se revelar em seu coração. *Mas quando se chega à nossa idade e... bem, às vezes, a gente simplesmente tem que ir aos lugares que quer ir. Enquanto ainda podemos*, defendera Frieda em um tom apaixonado. *Você não acha?*

– Eu não sei, Frieda – diz Adelaide agora, em voz alta. – Eu realmente não sei mais nada.

Ela baixa os olhos e percebe que seu celular ainda está gravando fielmente os sons do apartamento, mesmo que Jessica já tenha partido há muito tempo, então pressiona "Parar". É quando a ideia lhe ocorre. Talvez ela não precise trabalhar com um escritor – afinal, já tem seus próprios arquivos de áudio das sessões com Jessica, que podem ser transcritos oportunamente. Adelaide promete a si mesma terminar o trabalho sozinha. Então decidirá o que fazer em relação ao futuro, se é que vai fazer alguma coisa, e se isso incluirá Margie ou não.

Adelaide respira fundo, se acomoda na cadeira e tenta deixar para trás o

desconforto da manhã. Então pressiona "Gravar" outra vez. Vamos em frente.

– O ano de 1980 foi muito difícil – diz ela. – O pior ano da minha vida. Quando terminou, eu estava em um hospital psiquiátrico na Alemanha, meu relacionamento com Remy havia chegado a um fim dramático e a minha melhor amiga não falava mais comigo. Além disso, duas pessoas estavam mortas...

Capítulo Trinta e Sete

Jess insiste em que elas deem uma passada no hotel para jogar uma água no rosto, tomar uma bebida gelada e reaplicar a maquiagem. Ela troca a blusa que está usando por outra, rosa, leve, com mangas bufantes, e acrescenta brincos e o colar com o pingente de metade de um coração, como se estivesse envergando uma armadura. O que está vestindo não deveria importar, mas Jess quer se sentir confiante, o tipo de mulher que consegue obter respostas. Agora que foi mandada de volta para casa, talvez seja sua última chance.

As duas estão saindo da estação de metrô quando o celular de Jess começa a tocar. *Luc*, ela lê na tela, e sente um sobressalto. Ah, não... Ele provavelmente vai lhe dar uma bronca por ter perturbado Adelaide e agido pelas costas dela. É o mínimo que ela merece, pensa Jess ao atender a ligação.

– Oi – diz, com a voz arrasada, e para ao lado de uma banca de cigarro, onde não vai atrapalhar ninguém. Ela tampa o outro ouvido com a mão, pois está bem perto da rua, o trânsito intenso. – Imagino que você já soube o que aconteceu.

– Jess, eu... não entendo – fala ele, soando igualmente desconsolado. – Você entrou em contato com a Margie? Eu te avisei que a Adelaide não ia gostar disso.

Um ônibus passa e Jess pressiona o celular junto ao ouvido.

– Eu sei, mas...

– Mas o quê? Você pensou "vou fazer isso assim mesmo"? Jess, tô arrasado. Achei que estava indo tudo tão bem...

Por algum motivo, ouvir Luc dizendo que está arrasado parece o pior castigo de todos.

– Eu também achei – diz ela, impotente, fazendo uma careta para Mia. – Eu só...

– Você não se aguentou e teve que fazer o papel de consultora sentimental, né? – conclui ele. – Teve que se envolver.

O semáforo abre para os carros no cruzamento próximo e um cara em uma moto acelera, impedindo que Jess escute o que Luc diz a seguir. Talvez seja melhor assim.

– Desculpa – diz ela, em tom débil. – Eu só estava tentando...

– Sim, ajudar, eu sei – interrompe ele. – Mas às vezes a coisa mais útil a fazer é não se meter na vida das pessoas, já pensou nisso?

– Luc, eu só... – balbucia ela.

Mas ele a interrompe com "Tenho que ir".

E a ligação é encerrada.

Ele realmente desligou na cara dela? Isso se parece tão pouco com Luc que Jess precisa olhar para a tela do celular para acreditar. Sim. Ele desligou na cara dela. Quer distância dela, assim como Adelaide. Ela decepcionou os dois.

– Mãe, não começa a chorar de novo – pede Mia, depois segura o braço de Jess e a puxa pela calçada. – Pensa no seu rímel e esquece o Luc por enquanto. Pra que lado fica o hotel?

Jess funga e tenta se controlar. Esse não está sendo o melhor dia da sua vida. Foi mesmo na véspera que ela bebeu mojitos com Luc e Catherine, rindo sob o sol e se sentindo tão bem? É impressionante a velocidade com que tudo desmoronou, e a culpa é toda dela. Perdeu o emprego – e a amizade de Luc – graças à própria intromissão equivocada. Que belo exemplo de autossabotagem!

– Vamos – chama Mia. – Para de sentir pena de si mesma. Você precisa estar bem dona de si quando a gente entrar no bar, nem que seja pela Pascale.

Jess assente e tenta tirar a ligação de Luc da mente. Mia está certa. É melhor deixar para se preocupar e se culpar mais tarde. No momento, ela tem perguntas a fazer.

* * *

O bar do Hotel d'Or é o mesmo refúgio elegante de sempre, com paredes

apaineladas, luminárias elegantes que garantem uma luz suave e amarelada ao anoitecer e poltronas de couro confortáveis dispostas ao redor de mesas baixas. A música de um piano soa nos alto-falantes quando as duas se aproximam do bar, e Jess precisa de um instante para se recompor, porque é como se tivesse voltado no tempo. O bar está iluminado como um cenário de teatro, impecável; garrafas de bebida estão dispostas uma ao lado da outra preenchendo as prateleiras que vão até o teto, como livros em uma biblioteca bem abastecida. Um rapaz bem jovem está polindo taças de vinho no bar, e Jess sente o pessimismo dominá-la ao ver que ele é o único funcionário ali. Até parece que vai saber alguma coisa sobre um homem que costumava beber ali 25 anos antes! Ele provavelmente ainda nem tinha nascido.

– Oi – diz ela quando as duas chegam ao bar, e as palavras "mais uma tentativa inútil" ecoam em sua mente. Então jura para si mesma que essa é a última vez que faz alguma coisa por impulso. – *Un Coca light, s'il vous plaît* – pede. – *Et*... Mia, o que você vai querer?

– Hum... uma cerveja?

– Tenta outra.

– Vodca com Coca-Cola?

– Não. Mais uma vez?

Mia revira os olhos, mas não insiste.

– *Un Coca light aussi, s'il vous plaît* – pede ela lindamente.

O barman sorri para as duas.

– Sem problemas – diz ele, já pegando dois copos.

– Ah, e... – Jess pega o celular e mostra a foto do quadro de Victor Dufresne. – Esse homem – fala ela, voltando ao francês. – Victor Dufresne. Imagino que você não saiba nada sobre ele, não é?

O barman olha fixamente para a foto e balança a cabeça. O coração de Jess afunda. Sabia que não daria em nada. Obviamente era querer demais aparecer ali e conseguir alguma resposta depois de tantos anos.

– *Non* – responde o rapaz. Mas então... – *Mais mon oncle Thierry est ici. Un moment...*

– O que ele disse? – pergunta Mia, quando o barman levanta um dedo e desaparece em uma sala nos fundos.

– O rapaz disse que o tio dele, Thierry.... Nossa, com certeza não pode

ser o mesmo, não é? Tinha um Thierry que tomava conta do bar quando eu trabalhava aqui – diz Jess, sentindo um frio na barriga.

Ela leva a mão ao rosto, que tinha ficado muito vermelho. *Por favor, que seja ele*, pensa. Por favor. Ia ser muito bom sair daquela viagem com alguma vitória, agora que perdeu o trabalho.

O barman retorna com um homem mais velho. Seus cabelos estão grisalhos, e ele engordou alguns quilos desde que Jess o conheceu, mas sem dúvida é o mesmo Thierry que trabalhava ali na época dela.

– Thierry! – exclama Jess, surpreendendo-o com seu entusiasmo. – Ah... *pardon*. Meu nome é Jess. Eu trabalhei como camareira aqui no hotel há muito tempo. Em 1998 – explica ela, em francês.

Thierry estreita um pouco os olhos e fita Jess de cima a baixo, então assente lentamente.

– Sim – diz ele. – Você vinha aqui com uma amiga, não é isso? Patrice, era esse o nome dela?

– Pascale – corrige Jess, quase num sussurro.

Seu coração dispara.

Ele assente e fica em silêncio por um instante, aparentemente perdido em pensamentos.

– Você estava perguntando sobre Victor Dufresne, certo? – volta a falar Thierry, com uma expressão difícil de decifrar. – Por favor, vamos nos sentar. O Eric vai trazer suas bebidas. Tenho uma história para contar.

Capítulo Trinta e Oito

– Para deixar registrado – diz Adelaide para o gravador do celular –, nós nunca tivemos a intenção de que o Colin morresse. Não foi de propósito. Foi tudo um acidente terrível. Um acidente *trágico*? Para a família dele, talvez. Acho que havia uma irmã que o amava. Mas para mim? Não, na verdade não. Fiquei feliz em vê-lo cair, e pode me julgar como achar melhor por essas palavras.

Adelaide tinha ficado apavorada naquele dia em Little Bower, quando Colin apareceu daquele jeito, dizendo aquelas coisas insanas, desequilibradas. Declarando que a amava. Que queria que eles ficassem juntos e que sabia que ela sentia o mesmo.

– Mas eu *não sinto* o mesmo! – exclamara Adelaide em resposta, cada vez mais nervosa, enquanto ele avançava pela sala até ela, com as mãos estendidas como se quisesse tomá-la nos braços.

Ela não era de forma alguma uma mulher pequena e delicada, mas Colin era um homem corpulento e determinado e, naquele momento, tinha um brilho maníaco nos olhos. Adelaide não apostava em si mesma se houvesse algum tipo de embate físico.

Graças a Deus, Margie chegou do nada, alegando ter tido um sexto sentido, um arrepio de alerta, por conta da descrição que Adelaide fizera do comportamento do homem. Adelaide nunca tinha se sentido tão grata por ver a amiga – ou qualquer pessoa –, quando Margie apareceu na porta, gritando "Ei!" com tanta estridência que até fez Colin estacar onde estava.

– O que aconteceu em seguida é um pouco indistinto na minha mente – admite Adelaide para o celular. – Foi tudo muito rápido, muito intenso. Colin me agarrou e eu tentei me desvencilhar. Margie correu e tentou tirar o homem de cima de mim, mas ele era forte, não estava disposto a ceder. Só

Deus sabe o que se passava na cabeça dele. Nós três estávamos ali, em um embate físico intenso, todos gritando a plenos pulmões. *Sai de cima de mim! Deixa ela em paz!* E havia ainda alguma insanidade que ele estava gritando, não consigo me lembrar agora. Então...

Ela engole em seco. Fecha os olhos. Se lembra do rosto vermelho do homem, das veias da cabeça salientes, outra veia pulsando na garganta. Ela respira fundo e se permite um instante antes de ouvir o barulho do vidro quebrando voltar mais uma vez à sua memória, tantos anos depois.

– Eu me lembro de pensar, muito claramente, que ele iria me matar. Porque o Colin estava furioso... furioso comigo por não ter dito as coisas que ele queria que eu dissesse. Furioso com a Margie também, por ela ter interrompido o grande momento dele quando veio em meu socorro. E houve alguns empurrões, definitivamente alguma luta física, mas juro que nenhuma de nós o empurrou daquela janela.

Adelaide tem as mãos no colo, os dedos entrelaçados, e baixa os olhos para eles, para a pele quase translúcida por conta da idade.

– Já faz muito tempo, está tudo confuso na minha cabeça agora, mas acho que o Colin deve ter perdido o equilíbrio, porque no instante seguinte ele tropeçou e... – Ela engole em seco mais uma vez, sentindo a boca seca. – Ele caiu.

PLAFT. Lá vai ele, pela centésima, talvez milésima vez, na mente dela. E Adelaide vê de novo aquela expressão de pânico quando Colin cambaleou para trás e caiu da janela. Ele se desequilibrou com o impacto, seus braços giraram freneticamente no ar, mas ele não conseguiu endireitar o corpo e começou a tombar, depois caiu. Até encontrar a morte.

Quem visse a reação de Margie imaginaria que ela estava acostumada com pessoas morrendo acidentalmente em sua frente, a julgar pela rapidez com que recuperou a compostura e começou a traçar um plano. Elas colocaram luvas para evitar deixar mais impressões digitais, datilografaram um bilhete de suicídio e colocaram em cima da máquina de escrever. Então, com um puxão que quase machucou o pescoço de Adelaide, Margie tirou as duas dali, disse a Adelaide para entrar em seu carro vermelho, avisou que iriam para a casa dela e que criaria um álibi. Só quando já estavam a caminho, deixando Colin abandonado para trás, com o corpo todo contorcido, sem poder jamais incomodar outra mulher, foi que Adelaide recobrou o juízo e a discussão começou.

– Devíamos contar à polícia – disse ela, fazendo Margie vacilar no volante, alarmada.

– Você tá maluca? Não vamos contar à polícia. Não vamos contar pra ninguém o que acabou de acontecer, entendeu, Adelaide? Vamos levar essa história com a gente pro túmulo.

– Mas a gente não *matou* ele! – gritou Adelaide. – A culpa não é nossa. Ele caiu! E se a gente contar isso à polícia, então...

– Você não tá me ouvindo! O que você acha que a polícia vai dizer se a gente parar na delegacia mais próxima e disser: ah, tem um homem morto em Little Bower, mas não fomos nós, seu guarda, com certeza não. Sim, somos duas artistas, mas não use isso contra a gente, tá certo? Seria o nosso fim, Addie. A gente estaria atrás das grades em dois segundos. Daí... – Margie agarrou o volante com mais força, os nós dos dedos agora brancos. – Bem, estou tentando conseguir meu Green Card, certo? Essa é a última coisa que eu quero na minha ficha. Se vamos nos mudar para os Estados Unidos, eu preciso estar com a ficha totalmente limpa.

– Ah, tá, entendi. Então isso tem a ver com a sua ficha limpa, né?

Adelaide tinha ficado arrasada com a notícia de que a amiga se mudaria para os Estados Unidos, depois que o marido recebera uma excelente oferta de emprego em Pasadena. Naquele momento, parecia que Margie estava reafirmando a decisão, priorizando mais uma vez a família em vez da amizade.

– Bem, adivinha só, você estava lá quando um homem morreu – continuou Adelaide. – E se a gente não for à polícia e falar a verdade, que foi um acidente, que ele caiu, só vai ser pior pra nós duas depois. Se descobrirem que a gente mentiu...

– Não vão descobrir que a gente mentiu! Pelo amor de Deus, Adelaide, desde quando você ficou tão santinha?

– Ah, sei lá, provavelmente desde que aquele cara esquisito caiu e morreu bem na minha frente!

Ela sentiu o coração disparar ao se lembrar de Colin com o pescoço torcido no chão, com as pernas dobradas em ângulos terríveis. A expressão no rosto dele era de choque, os olhos e a boca abertos. Adelaide se perguntou quanto tempo demoraria até que uma raposa o encontrasse ali, ou um corvo curioso bicasse um globo ocular.

– Ah, meu Deus, vamos parar o carro, vou vomitar – pediu, sentindo o

estômago revirar no instante seguinte.

Adelaide ainda sente o gosto da bile, décadas depois. E se lembra perfeitamente de como se debruçou na beira da estrada, tremendo e vomitando, com a sensação de estar presa em uma alucinação terrível.

– Isso é tudo culpa minha – disse, quando voltou para o carro instantes depois, limpando a boca com um lenço de papel velho.

– É claro que não é culpa sua! Você não pediu àquele cara pra te seguir e pra te importunar, pediu? Você nunca incentivou o doido.

– Mas se eu não estivesse lá, ele não teria me seguido e... – Adelaide olhou pela janela, para o cenário da zona rural de Kent, ainda incapaz de acreditar que Colin estava morto. – Ele estaria vivo agora, se não fosse por mim.

– Isso é bobagem. Você não pode se culpar. É como dizer que se *eu* não tivesse aparecido, ele ainda estaria vivo. Sim, claro, teoricamente, mas talvez *você* não estivesse. Ele poderia ter te matado ou te estuprado... o homem com certeza parecia disposto a te machucar, Addie. Como eu poderia deixar isso acontecer depois do que o Simon fez? – Mas Adelaide percebeu que o que acontecera estava começando a afetar Margie... o choque tardio finalmente alcançava a amiga. – Por Deus, aquilo aconteceu mesmo? Que horror...

Agora, segura em seu apartamento, Adelaide se obriga a contar ao gravador os detalhes do resto daquele dia – de como elas haviam chegado à casa de Margie, de como tinham jurado uma à outra que nunca contariam a ninguém sobre o incidente. O marido e o filho de Margie estavam fora na época, mas elas se certificaram de que um vizinho visse Adelaide lá, e Margie comentou com ele que as duas estavam tendo um "fim de semana só de meninas" para consolidar o álibi.

– Sabe como é, quando o gato sai... – dissera ela, piscando para o vizinho, que riu na hora.

A polícia foi falar com Adelaide depois de descobrir que Copeland tinha fotos dela no apartamento, e também interrogou as outras artistas de Little Bower para saber onde estavam no momento da morte, até concluírem que não houve crime e cravarem um veredicto de suicídio.

– A investigação foi um fracasso, se quer saber – diz Adelaide para o gravador. – Qualquer detetive com dois neurônios certamente teria questionado um suposto suicídio em que o morto se atira por uma janela de

vidro, mas nenhuma de nós voltou a ser procurada para dar qualquer outro esclarecimento. Me sinto mal pela irmã dele, por não termos contado a verdade na época, mas foi um acidente.

Ela sente um nó na garganta quando se lembra da culpa que sentiu depois. Tinha sido difícil trabalhar, com a morte de Copeland pesando em sua consciência, e Adelaide se viu desenhando a cena vezes sem conta para tentar assimilar o que havia acontecido, embora sempre fizesse questão de queimar os esboços, com medo do que poderia acontecer se o segredo escapasse. Ela passou a beber muito, a discutir com Remy e a ter dificuldade para se concentrar. Então, como se o universo lhe pregasse uma peça sórdida, Adelaide descobriu que estava grávida.

– Sei que isso vai parecer estranho – diz ela, hesitante, para o gravador –, e, pensando melhor, acho que eu não estava muito bem, mas de certa forma me convenci de que estava grávida da alma de Colin Copeland.

É uma bênção confessar isso para a neutralidade do celular, e não para o rosto expressivo de Jessica, porque só Deus sabe como a jornalista teria reagido a *essa* pequena pérola. Adelaide acha que não teria suportado se Jessica tivesse rido, porque, na época, aquele delírio parecera muito real e muito assustador.

– Sei que há boatos sobre eu ter tido um filho – continua ela. – Ouvi isso com meus próprios ouvidos, de pessoas que deveriam ter mais bom senso. Contei a alguns amigos e à minha gerente, a Monica, em total sigilo, mas alguém deve ter espalhado. A Monica, eu aposto. – Adelaide cerra os lábios, ainda aborrecida com a traição. – Mas àquela altura eu já tinha dado um fim à gravidez. A segunda morte naquele ano.

Se Colin Copeland havia assombrado os pesadelos dela nos anos seguintes, seu filho não nascido também permaneceu como um companheiro fantasmagórico que caminhava como uma figura acusadora ao seu lado ao longo da vida. Uma criança que já estaria com seus 40 e poucos anos, quase da idade de Lucas e Catherine, construindo seu caminho no mundo, talvez também como artista – provavelmente como músico, escritor ou escultor. Ela nunca vai saber. E Adelaide também não queria que Remy soubesse que ela havia retirado o feto antes que ele fosse maior do que um damasco. Não deveria ter contado a ele, mas, num ataque de frustração quando Remy não conseguiu aceitar que ela não queria transar certa noite,

Adelaide se viu jogando o segredo do bebê-fantasma na cara dele, só para fazê-lo calar a boca.

É verdade que o calou. Mas também o mandou direto para os braços de Nadia Esposito, uma artista ítalo-americana com quem Remy passou a noite seguinte e a quem acabou pintando para a exposição em Berlim.

– Então – lembra Adelaide em voz alta –, como se isso não bastasse, logo depois a Margie e eu tivemos a nossa maior briga de todos os tempos. Uma briga da qual não havia volta.

Uma lágrima escorre por seu rosto e ela desliga o gravador. Ainda há muito a contar sobre aquele ano terrível – a briga com Margie e suas repercussões, as consequências do incidente com a pintura em Berlim e sua internação forçada no hospital psiquiátrico... Adelaide enxuga os olhos, exausta, e se pergunta para quem está fazendo isso. Se pergunta por que achou que começar o livro de memórias seria uma boa ideia. Talvez, no fim da contas, algumas histórias devam permanecer enterradas.

Capítulo Trinta e Nove

Thierry tem uma história e tanto para contar a Jess e Mia no bar do Hotel d'Or. Ele não sabe o que aconteceu com Pascale, mas sabe o que aconteceu com Victor Dufresne na noite em que ela desapareceu, porque, quando a história enfim veio à tona, foi assunto no bar por semanas. Dufresne não era um homem benquisto, conta Thierry, optando por um eufemismo irônico. Era violento e imprevisível, ganhou muito dinheiro com negócios duvidosos e tratava as outras pessoas – particularmente as mulheres – como lixo.

Jess assente, lembrando que Adelaide fez observações semelhantes.

– Então, o que aconteceu com ele? – pergunta, tentando conter a impaciência.

Thierry abre as mãos, pedindo que ela aguarde o que vem pela frente.

– Antes, preciso dizer que tudo aconteceu há muito tempo e é difícil lembrar os detalhes – começa ele. – Mas o Doof... o Dufresne... não foi visto por um tempo depois que a sua amiga desapareceu. Era quase como se tivessem desaparecido juntos.

– Ah, não... – diz Jess, temendo o pior.

Com certeza nada de bom poderia sair desse cenário.

Thierry continua, dizendo como uma explicação para o sumiço do homem finalmente acabou surgindo.

– ... mas isso foi depois de algumas semanas, porque o Dufresne estava envergonhado, sabe? Ele não queria que ninguém descobrisse.

Ao que parece, Dufresne foi depenado por uma mulher com quem tinha saído para jantar. Talvez ele tenha sido desagradável com ela, supõe Thierry, quem sabe, mas ao que parece Dufresne acordou no dia seguinte com a pior dor de cabeça da sua vida.

– Então, ele descobriu que sua carteira tinha sumido, o carro também, e,

sim, uma de suas contas bancárias estava quase vazia – conclui.

Jess mal consegue respirar.

– E a Pascale... Espera, o que você está dizendo?

Thierry dá de ombros.

– Como eu disse, descobrimos isso semanas depois. Um mês, talvez. A polícia já tinha parado de fazer perguntas sobre Pascale. Mas um barman vê muita coisa, sabe? Somos os olhos e os ouvidos de um lugar como este. Eu já tinha reparado na Pascale e no Dufresne juntos no bar e fiquei pensando se as duas coisas não estariam ligadas. E, *se estivessem*, se tivesse sido ela quem o enganou e conseguiu escapar, bem... – Ele faz um gesto de cumprimento. – Então, boa sorte para ela. Muitas mulheres antes da sua amiga não tiveram um fim de noite tão agradável, por assim dizer.

Jess sente lágrimas ardendo nos olhos, porque, se isso for verdade, o destino de Pascale foi absurdamente melhor do que qualquer suposição que ela já fez.

– Ela pode mesmo ter feito isso – comenta Jess, encantada.

Estou te dizendo, um dia vou seduzir um homem rico, ela ouve Pascale dizer de novo. *Vou seduzir o cara, pegar todo o dinheiro dele, depois vou partir seu coração*. A carteira, o carro, a conta bancária de Dufresne... se tivesse sido mesmo Pascale, ela apostara tudo.

– Ah, torço tanto para esse ser o motivo do desaparecimento!

– Também torço – diz Thierry com um brilho nos olhos. – E escolho acreditar que sim.

Jess precisa se esforçar para não abraçar o homem, mas consegue se conter, até porque não quer um incidente com seu rímel na camisa branca imaculada dele.

– Muito obrigada, Thierry – agradece ela, as lágrimas escorrendo. – Eu também escolho acreditar nisso.

– Mãe, o que tá acontecendo? Vocês dois estão falando rápido demais – reclama Mia, então Thierry, ainda sorrindo, aperta carinhosamente o braço de Jess e diz que foi bom vê-la de novo. – As bebidas são por conta da casa, é claro – acrescenta, e deixa as duas a sós.

Jess não sabe se ri ou se continua chorando ao contar a história para a filha, mas no fim está sorrindo. As duas estão.

– Ai, meu Deus, que mulher fantástica – diz Mia. – Uau, Pascale! Você acha que ela drogou o cara? Adoro a ideia de ela ir embora no carro dele!

– Eu também – responde Jess. – A Pascale sempre brincava sobre nós sermos... – Ela se interrompe por um instante e, então, acrescenta: – Thelma e Louise – diz, baixinho.

Ela se recorda de Pascale sugerindo que as duas se tornassem bandidas como no filme.

– Sim, porque olha como tudo terminou bem – replicara Jess na época.

Mas Pascale empinara o nariz.

– Não *essa* Thelma – respondera a amiga.

Uma ideia ocorre a Jess. *Não essa Thelma*. E se...? Ela pega o celular e abre o Instagram em um impulso. Qual era o sobrenome de Pascale? Bernard, era isso. *Thelma Bernard*, digita Jess, então prende a respiração. Provavelmente é uma ideia louca demais, mas...

– Mãe, o que você tá...? – pergunta Mia, enquanto os resultados vão surgindo.

Ali está ela. *ThelmaBernard1998*. Deve ser Pascale.

– Encontrei ela – diz Jess, com a voz um pouco mais alta do que um sussurro enquanto clica no nome. – Acho que encontrei a Pascale.

Jess percebe que ThelmaBernard1998 abriu a conta na rede social doze anos antes. Ela não tem nenhum seguidor e postou só uma foto. Mas a foto é um close do pescoço e das clavículas de uma mulher, com um colar dourado com um pingente de metade de um coração, como o de Jess, cintilando contra a pele. Jess se dá conta, atordoada, que Pascale deixou um cartão de identificação digital, para o caso de a amiga aparecer. Pascale não morreu naquela noite; a amiga viveu para contar a história, realmente escapou. E, mais do que isso, pensa Jess, chorando de novo. No fim ela nem precisou da ajuda de Jess – ou de qualquer outra pessoa – para se sair bem.

* * *

Na manhã seguinte, Jess e Mia fazem checkout no hotel e se despedem com um abraço. Mia está indo para a Gare de Lyon, onde vai pegar o trem para se reunir às amigas, e Henry apareceu para acompanhá-la até lá. (Alguém está interessado, repara Jess com um sorriso enquanto ele coloca a mochila de Mia no ombro.) Ela, por sua vez, está a caminho do terminal do Eurostar, na Gare du Nord. Jess é adulta e não precisa de ninguém para segurar sua mão; mesmo assim, quando encontra seu lugar no trem e olha para a

plataforma pela janela, não consegue evitar certa melancolia por estar partindo tão abruptamente. Adelaide e Luc devem estar felizes em vê-la partir, e é justo. Ela sabe que passou dos limites. Estava tão envolvida na própria narrativa sobre Pascale que projetou seus sentimentos em Adelaide, uma pessoa que mal conhece. Fez todo tipo de suposições e acabou ferindo os sentimentos da mulher, o que nunca foi sua intenção. Intrometeu-se quando deveria ter respeitado os desejos e a privacidade da artista. Lição aprendida, pensa Jess com um suspiro.

Quando chegar em casa, vai pedir desculpas tanto a Adelaide quanto a Luc, promete a si mesma, enquanto o trem deixa a estação. Vai fazer o possível para se explicar e para ser perdoada. Não vai mudar nada, mas Jess acha que deve aos dois ao menos isso.

O trem ganha velocidade e ela olha pela janela, sem prestar atenção, enquanto se pergunta se algum dia voltará a Paris. Na noite anterior, ela criou uma conta no Instagram complementar à de Pascale – *LouiseStanton1998* – e depois postou uma foto semelhante à da amiga, também usando seu colar de coração. Ela e Pascale curtiram as fotos uma da outra, depois trocaram mensagens breves – *É você mesmo? Você tá bem?* – e desejaram tudo de melhor uma à outra. Trocaram números de celular e esperam se encontrar pessoalmente um dia. Jess já aguarda ansiosa pela primeira vez que vão cantar "Hotel California" juntas, o mais alto possível.

Por ora, porém, ela está feliz por enfim se livrar dessa culpa de anos. No fim, não abandonou Pascale. Já pode seguir em frente.

E é exatamente isso que faz nos dias e semanas que se seguem. Ela fica feliz ao ver as fotos que chegam do sul da França, de Mia com as amigas, o rosto feliz da filha enquanto todas riem juntas para a câmera. Coloca as novidades em dia com Edie e Polly, ambas bronzeadas da temporada na Itália, subitamente parecendo mais altas e adultas do que antes, se é que isso é possível. Polly se inscreveu em um grupo de teatro com vários amigos com a duração de uma semana, enquanto Edie pediu para passar alguns dias em um clube de mangá. Enquanto isso, Jess se concentra em um longo e-mail de desculpas para Adelaide e outro mais curto para Luc. *Trabalhar com você foi um dos pontos altos da minha carreira*, diz a Adelaide, e não é nenhum exagero. *Lamento muito ter traído a sua confiança, ter me deixado levar pelas minhas próprias ideias sobre o que seria o certo a fazer. Não era responsabilidade minha me envolver, e agora sei disso*.

Depois, Jess arregaça as mangas e tenta deixar tudo para trás como uma oportunidade perdida. Ela cerra os dentes e dispara uma série de propostas para todo mundo. Consegue vender uma matéria sobre o projeto de Moussa em Paris, de apoio aos homens, para uma revista de saúde masculina; além disso, em uma esfera bem menos glamorosa, assume alguns trabalhos de redação para uma empresa que fabrica comprimidos contra vermes para animais de estimação. Não pode mais se dar ao luxo de ser seletiva, precisa aceitar o que puder – embora, para seu alívio, uma quantia de dinheiro caia em sua conta bancária, depositada por Adelaide (indenização por dispensa do trabalho, presumivelmente), assim como uma quantia menor, como pagamento a Mia. Portanto, ao menos por ora elas não vão afundar em desespero.

Antes de transferir o dinheiro para Mia, Jess pede à filha que apague do celular as fotos da pintura das Fúrias de Adelaide.

– Eu sei que é um furo, sei que é impressionante, mas... bem, lembra como você odiou que o Zach tivesse fotos privadas suas, porque sabia que ele poderia mostrar a qualquer pessoa a qualquer momento? Acho justo aplicar a mesma regra a essa situação – afirma com firmeza. – Não sabemos a história por trás da pintura, e a Adelaide nunca expôs o quadro publicamente, pelo que sei. Infelizmente, temos que respeitar isso.

– Mas, mãe...

– Sinto muito, Mia, mas é a coisa certa a fazer. Além disso, preciso te lembrar que você *deveria* estar trabalhando, não mexendo nas coisas dela.

Depois de muitos resmungos, Mia acaba excluindo as imagens, depois de jurar com a mão no peito que não mostrou a mais ninguém. Bom, é o fim daquela história, pelo menos.

Durante esse período, Jess sabe por David que a consulta médica foi tranquilizadora, embora ele ainda precise esperar o resultado de uma bateria de exames, só para ter certeza de que está tudo bem. Ela entra na casa dele para tomar um café, num domingo, quando passa para pegar as filhas, e os dois têm a conversa mais cordial até o momento – David aproveita para confessar como achou difícil as férias na Itália como pai solo. Ele precisou lidar com uma situação particularmente delicada, quando Polly pegou "acidentalmente" o par de sandálias de outra garota ao lado da piscina; e houve também uma noite em que Edie lhe confidenciou sobre as amizades tóxicas na escola e como isso a está deixando infeliz. Ao que parece, David

lidou muito bem com ambas as situações, para não falar da partida abrupta de Mia e de todos os aspectos práticos que se seguiram. Talvez encorajada por ele, Edie parece ter se tornado um pouco mais corajosa em buscar novas amizades, em vez de ser sugada pelos mesmos dramas, e recentemente conheceu uma garota no clube de mangá que parece ser tão excêntrica e doce quanto a própria Edie. Talvez, apenas talvez, pensa Jess, ela e David consigam lidar decentemente com essa história de pais separados, no fim das contas.

Por outro lado, Jess e Beatrice continuam a trocar mensagens e fazem planos ainda vagos para uma visita de Beatrice com os filhos, talvez no outono. A nova amiga também enviou uma selfie dela com Alain, os dois juntos tomando café na *crêperie*. *Ele te mandou um abraço, Jess, e diz que fez muitos amigos no grupo do meu pai*, escreve Beatrice, e Jess fica radiante ao ver o rosto sorridente de Alain. Ela pede a Beatrice que transmita seu amor ao amigo e também que fale com Valentin na *brasserie* e lhe dê um abraço em seu nome. *Ele diz que vai procurar você quando suas criações chegarem à London Fashion Week*, é a resposta.

Então, mais perto do fim do verão, o irmão de Jess, Owen, chega com a esposa, Deanna, e as crianças, para passar uma semana em sua casa. Com a casa cheia, Paris parece mais distante do que nunca, já que Jess organiza passeios de bate-volta à cidade de Whitstable, a Londres e ao Wingham Wildlife Park, e também visitas a alguns pontos turísticos locais: a catedral de St. Augustine para Deanna, que é fã de história, depois o museu Beaney, que Jake e Ollie adoram.

É bom passar um tempo de qualidade com o irmão e Deanna, que, além de atenciosa e engraçada, também parece amar sinceramente as meninas de Jess ("as filhas que eu nunca tive!") e se empenha em se reconectar com cada uma individualmente – o melhor tipo de cunhada. Uma noite, enquanto Deanna coloca os meninos para dormir, Jess abre uma garrafa de vinho e também consegue abordar um assunto complicado com o irmão: confessa que tem a sensação de que a mãe deles sempre favoreceu Owen e os filhos dele em detrimento dela e da família dela. Para surpresa de Jess, Owen balança a cabeça e balbucia dentro do copo de vinho que isso não corresponde nem remotamente à realidade *dele*. Para Owen, Samantha está sempre suspirando por Jess e pelas filhas maravilhosas dela – especialmente quando Jake e Ollie estão fazendo bagunça demais.

– Mas que coisa...?! – exclama Jess, perplexa. – Mas você é o menino de ouro! O modelo de perfeição que deu a ela os melhores netos do mundo.

– Enquanto você é uma jornalista com trabalhos publicados que passou o verão em Paris! – retruca ele. – A mamãe fala pra todo mundo do seu trabalho, sabia? Ela tem muito orgulho.

– Comigo, o assunto sempre é *o meu filho, o médico* – conta Jess. – Ah, já mencionei o meu filho? O médico? – Os dois riem, mas Jess acha que também há algum consolo compartilhado. – Ela obviamente não ousa dizer essas coisas na nossa cara, para que a gente não fique arrogante – conclui, no fim.

Owen dá uma risadinha debochada.

– Não há a menor chance de isso acontecer, não depois de todos os complexos de inferioridade que ela despertou em nós dois. Por Deus! E eu que passei esse tempo todo ressentido com você...

– Digo o mesmo! Pra ser sincera, já estou enjoada de tanto ouvir falar de você!

No fim das contas, foi ótimo receber o irmão e a família dele em casa, e já estão planejando uma nova reunião antes do Natal, prometendo se ver mais dali em diante. Jess e Owen também fazem um pacto de compartilhar qualquer elogio que Samantha faça sobre o outro.

– Prepare-se para se tornar profundamente arrogante, indo contra todos os desejos dela – diz Owen rindo, e Jess solta uma gargalhada.

– Bem, é melhor você se preparar para que seu celular derreta com todos os elogios que vão surgir – devolve ela.

Chega a manhã do último dia de estadia deles e estão todos tão cansados que dormem até tarde. Jess sugere que eles tomem um brunch demorado em casa antes de irem até o centro da cidade para talvez fazer um dos passeios de barco ao longo do rio. Ela está preparando massa de panqueca quando a campainha toca.

– Eu atendo! – grita Polly.

A garota andou comprando e vendendo muitas roupas usadas durante todo o verão – com sorte todas dela mesma, e não de outras pessoas –, em um conhecido brechó on-line, e aparentemente está ganhando uma pequena fortuna. Deve ser o carteiro à porta, sobrecarregado com novos pacotes para Polly, pensa Jess – e é pega de surpresa um instante depois quando a filha mais nova entra correndo de volta na cozinha e diz:

– É pra você, mãe... uma senhora e um homem, e também o staffbull mais fofo do mundo, usando uma coleira brilhante incrível!

– Xi... – diz Mia, ainda de pijama, de onde estava lendo para Ollie uma história de Julia Donaldson. – Isso parece...

Jess pensou a mesma coisa. Mas não pode ser, certo? Adelaide não sai de Paris há anos. Ela certamente não se deu ao trabalho de ir até Canterbury. Ou será que sim?

Capítulo Quarenta

A briga final e mais violenta de Adelaide com Margie aconteceu algumas semanas depois do aborto, uma desgraça depois da outra. Ela estava no fundo do poço, um buraco que ela mesma cavara, então Margie apareceu à sua porta certa manhã, com o rosto pálido e furioso e, de repente, parecia que o buraco havia ficado um metro mais fundo.

– Não *acredito* que você contou para ele – disse Margie, entrando sem sequer cumprimentar Adelaide quando a porta foi aberta. – Eu simplesmente não acredito!

– Contei para quem?

Adelaide tinha passado os últimos quinze dias sofrendo os desconfortos de uma infecção pélvica, sangrando, com dores, e todo o seu corpo parecia sensível enquanto ela levava a amiga até a cozinha e, exausta, começava a preparar um bule de chá. Até aquele momento, só Remy sabia sobre o aborto, e a reação dele tinha sido tão violenta que Adelaide ainda não se abrira com mais ninguém. Mas, a julgar pela expressão irritada de Margie, não era o momento de mencionar isso.

– Contou ao *Remy*, é claro. Sobre o Colin. Você tá maluca? Porque fez isso? Nós prometemos uma à outra!

– Eu não contei nada a ele – retrucou Adelaide, magoada com o tom de acusação na voz da amiga.

– Não foi isso que ele disse ontem à noite – argumentou Margie, irritada, sentada à mesa, enquanto acendia um cigarro e soprava uma nuvem de fumaça na direção do teto. – Remy anunciou que sabia todos os meus segredos, com aquele olhar maldoso. *Eu podia chamar a polícia agora mesmo pra te levar*, disse ele, aquele maldito com cara de fuinha. Que diabo, Adelaide? Pretendo me mudar em duas semanas, então é melhor você

segurar a língua dele. Não vou deixar que o Remy sabote a minha mudança, tá certo? Isso não vai acontecer!

– Mas eu não disse nada a ele! – bradou Adelaide.

Porém, naquele exato momento, se lembrou de todos os desenhos incriminatórios que havia feito... ela e Margie, lá em Little Bower, com Colin. Tinha queimado todos eles, não é?

– Quer dizer...

O pânico a dominou e a náusea tomou conta de seu corpo. E se ela tivesse deixado escapar um e Remy o encontrou? E se ele estivesse planejando chantageá-la ou puni-la com aquela informação? Adelaide engoliu em seco enquanto se lembrava das muitas noites de bebedeira nos últimos tempos, noites das quais ela mal conseguia se lembrar. Será que ela falou demais em algum momento, ou deixou o álcool falar por ela?

– Não xinga o Remy – foi só o que conseguiu dizer, com a voz trêmula, incapaz de encarar a amiga nos olhos.

– Eu chamo o Remy do que eu quiser, ele é um merda. Me ameaçando daquele jeito. Ele pode estragar tudo, Adelaide! Você não entende? Sou mãe! Tenho responsabilidades! Deus! Estou tão... – Ela bateu com o punho na mesa. – Você *prometeu*!

A culpa e a vergonha por ter inadvertidamente decepcionado a melhor amiga se avolumavam dentro de Adelaide. Mas ouvir Margie soltar aquele "Sou mãe!" logo após o aborto foi a gota d'água.

– E daí se você é mãe, cacete? – gritou Adelaide, sentindo a fúria arder dentro dela. – Você realmente acha que isso te torna superior, que você deve ser especial, só porque o seu corpo expeliu outro corpo, como a porra de um *bicho*? Grande coisa! Quem se importa?

E dali em diante a discussão foi ladeira abaixo, com gritos e palavras cruéis, ambas dizendo coisas terríveis uma para a outra. Logo depois, Margie e a família se mudaram para a Califórnia sem que as duas chegassem a se reconciliar, e pouco tempo mais tarde Adelaide teve o colapso nervoso em Berlim. Quando ela saiu do hospital, cerca de um ano depois, a ausência de Margie era como uma ferida mal cicatrizada em sua pele – superficialmente curada, mas em carne viva, sangrando por baixo.

Só quando ela mergulhou em sua série "Escuridão", depois de perder Remy, finalmente conseguiu exorcizar seus sentimentos sobre Colin Copeland em uma pintura. Aquela obra – mórbida, sombria e

incriminatória – nunca foi vista, mas parecia algo que ela precisava colocar na tela, uma forma de libertação. Desde então, Adelaide sente uma eventual pontada de culpa pelo fato de o quadro em questão estar guardado em seu guarda-roupa, como uma bomba-relógio. Se ela cair dura amanhã, vítima de um AVC ou de um infarto, o que isso significará para Margie? Mas uma parte de Adelaide se agarra ao rancor e prefere não se importar com o destino da antiga amiga. *E daí?*, sempre argumenta essa parte dela. *Se tivéssemos ido à polícia quando eu sugeri, não estaríamos mais nessa posição. A culpa é dela!*

Mas agora, depois de enfim se encontrar com Coco – bronzeada e com uma aparência saudável após sua excursão à Île de Ré –, Adelaide se vê obrigada a repensar aquela tempestuosa briga final. Porque, no espaço de uma tarde, uma nova luz foi lançada sobre o que aconteceu. Uma luz que muda tudo.

Adelaide e Coco agiram com muita civilidade ao se encontrarem para tomar um drinque em um bar elegante em Saint-Germain-des-Prés. Elas chegaram mesmo a fazer um brinde. *A termos sobrevivido ao desgraçado*, como disse Coco em tom sarcástico e com um brilho sombrio nos olhos. Mas, assim que achou que seria educado ir embora, foi um prazer para Adelaide entrar no táxi que a levou de volta à Place des Vosges, carregando a sacola laranja do Le Bon Marché que a mulher lhe dera. Que respostas havia ali dentro?

Nas últimas semanas, Adelaide se tornara presença constante na *brasserie* mais próxima de seu apartamento. Ela ainda não está no mesmo nível de Frieda no que se refere a aventuras, mas gosta de ter um lugar onde os funcionários a recebem bem e são simpáticos na medida certa, onde pode se sentar e se sentir de novo parte do mundo – ora, isso já é um começo. Era exatamente ali que queria estar.

– Madame Fox! Que bom revê-la! Por favor, sente-se – celebrou um dos garçons, e saiu apressado na mesma hora para buscar a garrafa de água gelada dela, um copo e um cardápio.

O tempo que passou com a simpática e efervescente Frieda – as duas fizeram vários passeios com os cachorros, saíram para jantar mais uma vez e também tiveram um almoço agradável – devia ter contagiado Adelaide, porque ela se pegou sorrindo para o garçom.

– Me chame de Adelaide – respondeu ela.

O garçom – enrubescido e com uma expressão emocionada – lhe serviu um café muito saboroso e ela tomou um gole enquanto observava a praça, os turistas que voltavam da casa de Victor Hugo, os casais que passeavam pelas galerias e os dois idosos que jogavam xadrez em uma mesa à sombra, na calçada. Tantas vidas girando em torno daquele lugar. Tanta gente ocupada passeando, tirando fotos, admirando a arquitetura, saboreando momentos de cumplicidade. E ela ali, entre aquelas pessoas, apreensiva e nem um pouco animada por ter recebido duas mensagens póstumas e inesperadas de Remy.

Adelaide enfiou as mãos trêmulas na sacola para pegar o quadro. Imagens antes de palavras, afinal, foi assim durante toda a sua vida. Era uma tela pequena, de quinze por vinte centímetros, mas quando seus olhos pousaram sobre a composição, o impacto fez com que parecesse imensa em suas mãos. Ah, Remy! Quando ele pintou aquilo? Era uma cópia da fotografia favorita dela e de Margie, as duas com 20 e poucos anos, esparramadas no sofá com a cabeça e os braços de uma apoiados na outra, ambas absolutamente relaxadas ali, tão próximas. O quadro de Remy era simples e belo, o espaço branco ao redor da imagem dava a impressão de que as duas eram as únicas pessoas no mundo. Ele tivera muito ciúme da amizade entre Adelaide e Margie, chegando até a ser desdenhoso, mas ali havia representado as duas com tanta ternura que Adelaide sentiu os olhos marejados.

– Obrigada, querido – murmurou, profundamente comovida.

Ela não conseguia desviar o olhar dos rostos jovens e radiantes dela e da amiga e experimentou uma sensação quase dolorosa. Chegou a se pegar pensando que era uma pena não poder enviar uma cópia para Margie, mas logo se controlou. *Não se empolgue*.

Era a hora da carta. O envelope estava amarelado pelo tempo, bastante surrado. Quando ela deslizou um dedo por baixo do lacre, ele se soltou facilmente, como se estivesse esperando ser aberto há tempos.

A data era maio de 1990, um ano depois do rompimento deles, e Adelaide sentiu o coração bater mais forte ao ver a caligrafia inclinada tão familiar. *Muito bem. Vamos lá*, pensou.

Minha cara Adelaide, estou escrevendo isto na véspera do meu casamento, começava a carta, e naquele momento ela quase guardou de novo as folhas de papel no envelope. Meu Deus. Se acabasse sendo uma carta declarando

como Remy estava loucamente apaixonado por Coco, ia mesmo parecer uma piada de mau gosto vinda do além-túmulo. Ou seria na verdade uma falsificação engendrada por Coco para que pudesse rir por último? Era melhor que não fosse.

Adelaide respirou fundo e tentou de novo.

Estou escrevendo isso na véspera do meu casamento e, é claro, estou relembrando o tempo que passei com você. Com carinho, mas também com arrependimento. Éramos uma união de iguais, um casal que compartilhava amor e paixão verdadeiros, mas talvez tão parecidos que acabamos quase nos destruindo.

Antes de fazer meus votos a Coco, quero deixar tudo em pratos limpos. Confessar nestas páginas que não fui uma boa pessoa para você. Eu sentia ciúmes. Fui infiel.

Seguia-se uma lista de exemplos da infidelidade dele que não era nada fácil de ler. Talvez por isso Remy nunca tenha enviado a carta, pensou Adelaide, desanimada, à medida que a lista de nomes se estendia. Ele não poderia ter conversado com um padre a respeito? Pelo amor de Deus, aquilo era a última coisa que ela queria ler. Adelaide passou os olhos pelos nomes, tentando não deixar que a magoassem, mas então um deles saltou da página como um golpe particularmente violento: *Margie*.

Ah, não. Por favor, não. Adelaide apertou o peito com força, como se seu coração pudesse se partir ao meio. Por isso Margie sempre odiara Remy – ou ao menos dizia que o odiava? Será que, na verdade, dizia aquelas coisas para encobrir a culpa de um caso de longa data? De repente, o quadro que ele lhe deixara pareceu zombar dela, e Adelaide teve que guardar a tela de volta na sacola para tirá-la de seu campo de visão. Ela suportaria saber os detalhes? Seus dedos tremiam no papel, com um desejo instintivo de amassá-lo, de deixá-lo de lado, mas então ela suspirou com relutância. O que torna uma pessoa uma grande artista é sua capacidade inabalável de olhar a verdade nos olhos. E ela sempre se orgulhara da própria coragem. Por isso, continuou a ler, com uma obstinação sombria.

Também preciso lhe dizer, com grande pesar, que traí você e Margie.

Fiquei muito chateado com você depois do aborto e, quando encontrei com a Margie em uma festa, logo depois, quis magoar você por vingança. O pior que pude pensar em fazer foi minar a amizade de vocês. Eu menti que você tinha me contado um segredinho sujo misterioso dela – e, quando a Margie me encarou alarmada, aproveitei e floreei ainda mais a mentira, chegando mesmo a declarar que poderia contar à polícia o que ela tinha feito. Claro que eu não sabia de nada, estava mentindo, mas ela não sabia disso. Você nunca quis conversar sobre a Margie nos últimos anos (e, para ser sincero, chérie*, eu também não), mas peço desculpas se a minha farsa acabou contribuindo para o desentendimento entre vocês.*

Escrever esta carta foi um exercício de reflexão. Será que eu realmente deveria me casar amanhã, agora que me lembrei das minhas tendências cruéis e desleais? Será que mereço amor, uma esposa, uma família? Isso ainda será decidido, mas tenho a forte sensação de que não mereci você. E sinto muito, Adelaide, pela minha fraqueza e pela forma como a prejudiquei. Talvez eu nunca envie esta carta, mas se você chegar a lê-la algum dia, espero que aceite as minhas desculpas.

Com amor e para sempre seu,

Remy.

Parte Três



Capítulo Quarenta e Um

– Nossa, por essa eu não esperava – diz Jess.

Ela fica parada à porta, diante de Adelaide, Luc e Jean-Paul, com o coração disparado. É como estar em um sonho, só que tudo é vívido e real. Que diabo eles estão fazendo ali?

– Hum... Vocês gostariam de entrar? – pergunta, lembrando-se com atraso das boas maneiras. – Por favor, não reparem no nosso estado, já que...

Neste momento, aparece Jake, de 8 anos, correndo, perseguido com determinação pelo monstro das cócegas (Polly), e Jess se interrompe.

– Desculpe se a gente apareceu em um momento inconveniente – diz Luc.

Ele está vestindo uma camiseta cinza-escura e jeans, e mantém os olhos fixos no rosto dela. Jess sente as próprias feições se enrijecerem em resposta, porque se lembra daquela última ligação terrível: a frieza na voz de Luc, o modo como ele tinha desligado na cara dela. E como ela havia merecido.

– Podemos voltar outra hora – acrescenta Adelaide, em um tom estranhamente educado. – Se o momento for inconveniente.

– Hum... – Jess engole em seco mais uma vez, ainda sem palavras.

– A gente pode dar oi pro seu cachorro? – pergunta Polly, se adiantando antes que Jess consiga dizer mais alguma coisa.

– Sim, claro – fala Adelaide. – O nome dele é Jean-Paul e ele é muito simpático.

– *Jean-Paul!* Você é tão *lindo*! – elogia Polly, já se agachando com uma das mãos estendidas para acariciar as orelhas do cão. – Vem, Jake, vem fazer carinho nele.

– Entrem – diz Jess, já se sentindo exausta, embora o dia mal tenha

começado. – Estamos fazendo um brunch, se quiserem se juntar a nós. Crianças, vocês podem paparicar o Jean-Paul dentro de casa.

O constrangimento diminui um pouco quando Luc e Adelaide se reúnem com todos na cozinha, embora a portinhola do gato chacoalhe violentamente no momento em que Albertine faz uma saída rápida (e sem dúvida indignada). Jess se ocupa preparando chá e café, recolhendo pedidos de coberturas para panquecas e incumbindo Edie de correr até a loja da esquina e trazer mais ovos. Ela apresenta Adelaide e Luc ao irmão e à cunhada ("Eles são *médicos*, sabia?", diz, imitando a mãe), e Owen e Deanna conversam um pouco com Adelaide e Luc sobre a viagem e sobre onde estão hospedados, enquanto Mia e Polly mantêm os meninos entretidos. Todos parecem se comportar da melhor maneira, com uma educação impecável, o que só deixa Jess mais nervosa. O que aqueles dois estão fazendo ali? Por que foram até a casa dela? No entanto, é impossível começar qualquer tipo de conversa séria e mais profunda enquanto as crianças correm por ali, gritando e rindo. Talvez não seja algo ruim, reconhece, quando enfim reúne todos à mesa.

Depois de comerem, Owen anuncia que ele e Dee vão levar os meninos ao parque para gastar um pouco de energia, e que talvez haja até sorvete no caminho, se alguma das primas quiser ir também.

– Vamos te dar um pouco de espaço – murmura ele para a irmã enquanto organizam a lava-louças juntos.

Embora se sinta grata pelo tato de Owen, Jess também se sente um pouco nauseada, ainda se perguntando que diabos a aguarda.

– Por favor, a gente pode levar o Jean-Paul também? – pergunta Polly a Adelaide com seu sorriso mais cativante. – Prometo que vamos cuidar muito bem dele.

Para surpresa de Jess, Adelaide sorri de volta.

– Isso seria uma grande gentileza da sua parte, querida, tenho certeza que ele vai adorar – diz ela enquanto revira a bolsa grande atrás de petiscos e sacolas para dejetos de cachorros. (*Querida!* Jura? Jess tem que se controlar para não ficar boquiaberta.) – Obrigada.

Logo a casa está vazia, e Jess se senta outra vez à mesa da cozinha com seus convidados inesperados.

– Então... – diz, em tom cauteloso. – Acho que essa não é apenas uma

visita social. – Ela deixa escapar um suspiro triste porque ainda se sente mal pela forma como deixou os dois. – Olha, sinto muito por...

Adelaide levanta a mão.

– Não se preocupe. Você já disse tudo no seu e-mail e... – Ela hesita, depois encontra o olhar de Jess com uma expressão intensa. – E está tudo bem.

Jess olha desconfiada de Adelaide para Luc, que assente em confirmação, embora sua expressão permaneça inescrutável.

– Não sei se outros *ghost-writers* criticam *tanto* seus biografados como você – continua Adelaide em tom severo, e Jess se retrai, porque logo se lembra de todos os terríveis comentários pessoais que fez no calor do momento. – Mas sempre fui fã da verdade. E aquilo que você me disse... como foi mesmo? Que eu tinha desistido da vida e me sentia solitária e vingativa... – Jess baixa os olhos e sente o rosto quente. – Bem, eu não diria que foram as palavras mais agradáveis de ouvir, mas, depois de um tempo, tive que admitir que você fez uma avaliação bastante justa da situação. Eu realmente desisti de tudo por um tempo. Era como se estar sempre com raiva... e, sim, um tanto vingativa também... fosse só o que me restava. – Ela junta as ponta dos dedos. – Mas tenho me sentido diferente nos últimos tempos.

Jess se atreve a erguer os olhos mais uma vez. Seu coração está batendo forte. Ela não tem a menor ideia da direção em que essa conversa pode seguir.

– Diferente como?

– Em parte, acho que foi por causa de uma conversa com você sobre tempos mais felizes – responde Adelaide. – Lembrei que tive uma vida boa.

– Você teve uma vida *incrível*! – declara Jess. – Fez tantas coisas extraordinárias.

– Sim – concorda Adelaide, com um sorrisinho. – Fiz mesmo, não é? Mas acabei preferindo esquecer esse lado. Não completamente, é claro, mas nunca pensava muito sobre aqueles anos da minha vida, quando eu viajava, trabalhava e tinha excelentes amigas...

Adelaide desvia o olhar e Jess fica rígida, porque tem a horrível sensação de que sabe o que está por vir. Toda essa história é fruto do arrependimento, não é? Tristeza porque Margie deve ter morrido e Adelaide acabou deixando para entrar em contato com a amiga tarde demais.

– Então... – começa Jess, mas não consegue fazer a pergunta.

– Então eu conversei comigo mesma – continua Adelaide. – E já chega. De que serve a teimosia quando a sua melhor amiga pode estar gravemente doente? – Ela volta os olhos para a mesa por um instante e deixa o ar escapar com força. – Então superei meu orgulho e fiz o que deveria ter feito há muito tempo: entrei em contato com a Margie.

Jess prende a respiração. Ela não tem certeza se vai suportar ouvir que Adelaide chegou tarde demais.

– E? Ela está... ela está bem?

– A Margie está bem, Jess – esclarece Luc, como se adivinhasse o que está se passando pela cabeça dela. – Está muito melhor. Além do mais, ficou feliz em receber notícias da Adelaide.

– Ah! – Jess sente um imenso alívio, seguido pela mais pura alegria. – Nossa, isso é mesmo uma ótima notícia – diz, com os olhos marejados. – A melhor notícia, Adelaide.

A mulher sorri brevemente, mas também há um toque de pesar em seu rosto.

– É, sim, uma ótima notícia – confirma. – Apesar de que eu descobri há pouco tempo que a grande briga que tivemos... – Ela suspira, cerrando os lábios por um instante. – Bem, descobri que ela nunca precisava ter acontecido. Que foi tudo fruto de um mal-entendido. De uma mentira descarada.

– Ah, não – solta Jess com um gemido, horrorizada por Adelaide.

As amigas tinham mesmo passado as últimas quatro décadas sem se falar por causa de um *mal-entendido*?

– Não me interprete mal, nós duas dissemos coisas horríveis uma para a outra na última vez que estivemos juntas, mas, em resumo, a situação não era como pensávamos. – Adelaide toma um gole de chá. – De qualquer forma, assim que soube disso, mandei um e-mail pra Margie, explicando tudo, e pedi desculpas. Cinco minutos depois, ela me ligou e passamos duas horas conversando ao telefone. Só paramos quando o filho dela a repreendeu, dizendo que ela estava ficando muito cansada.

– Ah, Adelaide! – Dá para ver o quanto isso é importante para ela. – Estou tão feliz por vocês duas...

– Jessica... Jess, se me permite... não tenho como dizer o quanto *eu* estou feliz – responde Adelaide. E são mesmo lágrimas brilhando nos olhos dela?

– Só agora que a Margie voltou à minha vida é que percebi o vazio que ela deixou durante todo esse tempo. Senti muita falta dela. – É evidente que a mulher está precisando se esforçar para controlar as próprias emoções. – Na verdade, tenho planos de visitá-la no outono – continua Adelaide depois de um instante. – Já faz muitos anos, mas estamos determinadas a recuperar o tempo perdido.

Jess está com a mão no peito, profundamente comovida ao imaginar aquelas duas mulheres fabulosas se reunindo de novo.

– Melhor ainda – diz ela. – Que incrível! Que bom pra você.

– E foi conversando com a Margie, e com a Frieda, a minha nova amiga, que está me atormentando para fazer outra exposição no Canadá... e, mais uma vez, depois de passar tanto tempo conversando com *você* sobre a minha carreira e os meus quadros... Por causa de tudo isso, eu meio que... – Adelaide hesita, então continua: – Eu meio que me apaixonei pela vida de novo. E pela arte também. Tenho passado um tempo no estúdio com Luc, dando uma olhada em tudo. Na verdade, está sendo empolgante tentar - reunir com ele uma coleção adequada de obras para uma exposição. *Maiores sucessos de Adelaide Fox*, como um álbum com as músicas mais famosas de uma banda, se preferir.

– Acho que ela deveria chamar a exposição de "Adelaide Fox: Uma sobrevivente" – acrescenta Luc.

– Obrigada, querido – diz Adelaide em tom condescendente, e Jess contém uma risada. – Passei muitas tardes folheando cadernos de desenho e revendo correspondências antigas, imersa na nostalgia. – Ela pega a bolsa aos seus pés e tira um pequeno objeto retangular, embrulhado em um papel de um rosa vívido. – Resumindo uma longa história: encontrei isto e acho... – Adelaide dá um sorrisinho misterioso e passa o pacote para Jess. – Acho que é para ser seu.

Intrigada, Jess pega o pacote e desembrulha o papel rosa. Dentro há um esboço emoldurado – um esboço original de Adelaide Fox – de...

– Ai, meu Deus – diz, mal conseguindo falar por causa de um nó repentino na garganta.

Jess leva a mão à boca enquanto examina as figuras do desenho: duas jovens com uniforme de camareira, sentadas em um banco, apoiadas uma na outra, rindo.

– Essa sou...

As palavras lhe faltam porque ali está ela, capturada em pinceladas rápidas e seguras, e ao seu lado está Pascale.

– É você, certo? Porque me lembro de você ter dito que trabalhou perto do Faubourg Saint-Germain, e acho até que cheguei a te contar que costumava passar algum tempo lá, desenhando, no fim dos anos 1990.

– Sou eu mesma – confirma Jess. – Eu e a minha amiga. – Ela não consegue desgrudar os olhos do desenho, impressionada com a forte emoção que ele provoca. – Ah, Adelaide, isso é o melhor presente, o mais incrível... – É difícil conter as lágrimas. – *Muito* obrigada. Você não tem ideia do quanto isso significa para mim. Estou profundamente grata.

Adelaide parece encantada.

– De nada. Eu estava torcendo para que você gostasse, porque... – Ela olha para Luc, que assente. – Bem, porque *eu* também quero pedir desculpas. Por ter sido tão agressiva com você. Mais de uma vez, se bem me lembro.

Jess balança a cabeça.

– Sinceramente, você não precisa...

– Preciso, sim – interrompe Adelaide. – Quero que tudo fique bem entre nós duas de novo porque... – Ela hesita mais uma vez, então continua: – Porque, se houver alguma chance de você estar interessada, ainda preciso de uma escritora para o meu livro. Eu tentei gravar alguns arquivos de áudio, mas não é a mesma coisa que ter alguém comigo... que ter *você* comigo... me instigando e me cutucando para tentar conseguir algum detalhe a mais. Fazendo as suas perguntinhas intrometidas.

Ela sorri para Jess, que retribui o sorriso.

– Quanto a todos os meus... como foi mesmo que você disse? Bem, os meus ressentimentos triviais... Acho que você vai gostar de saber que eu meio que já tirei esse peso do peito. Além disso, pretendo estar ocupada demais para perder tempo sendo processada.

– Obviamente, o texto pode ser feito nos seus termos, Jess – acrescenta Luc, enquanto o jornalista processa tudo aquilo. – Vamos passar algumas semanas na Inglaterra, assim podemos nos adaptar à sua disponibilidade. – Ele faz um gesto indicando o espaço ao redor. – Compreendemos que as férias de verão ainda estão a todo vapor, e que você está ocupada.

– De qualquer forma, pense a respeito – pede Adelaide. – Sem pressa.

Jess ri, porque não precisa pensar a respeito, e não precisa de tempo. Essa

é a decisão mais fácil que já teve que tomar em muito tempo.

– Eu adoraria trabalhar com você e terminar o livro. Nem tento me impedir. Pode contar comigo!

Antes que a casa vire um caos novamente, elas já começam a agendar alguns dias juntas ao longo da próxima quinzena e combinam uma nova agenda de trabalho.

– Além disso, enquanto estou por aqui – fala Adelaide, parecendo subitamente nervosa –, Lucas se ofereceu gentilmente para me levar a alguns lugares que foram importantes para mim. Seria um prazer se você quisesse se juntar a nós.

– É claro – responde Jess, os pensamentos em disparada.

Será que Adelaide está falando de Little Bower? Ou ela quer dizer...?

– Sim – diz Adelaide, como se estivesse lendo a mente de Jess. – Quero voltar a Margate.

Capítulo Quarenta e Dois

No dia em que chegam, é como se Margate tivesse se enfeitado para recebê-los. O céu está vasto e azul, entrecortado por apenas um punhado de nuvens brancas como plumas, e a praia está repleta de turistas. Adelaide se apoia na grade verde-escura que dá para a areia e fica em silêncio por um instante, observando a cena. Lá embaixo, famílias montaram acampamento com toalhas e barracas de praia coloridas ao lado de casais mais velhos com suas cadeiras dobráveis e garrafas térmicas. Gaivotas voam alto, soltando gritos ocasionais, e os aromas de protetor solar, batatas fritas e algas marinhas se misturam em uma fragrância distinta de beira-mar. De certa forma, é como se ela nunca tivesse ido embora.

O olhar de Adelaide vagueia até a orla, passando pelos construtores de castelos de areia, por banhistas e pelas pessoas com pranchas. Ela não tem certeza do que está procurando, até encontrar. Ali está ele. Um garotinho com cabelos castanhos desgrenhados e calção vermelho, agachado na beira da água com um balde e uma pá. *Tenha cuidado, pequenino*, pensa, mas logo aparece uma mulher ao lado dele, com uma garotinha loira encaixada no quadril, e Adelaide fica olhando enquanto o menino mostra às duas o conteúdo do balde. Estão longe demais para Adelaide ouvir qualquer coisa, mas ela consegue ler a linguagem corporal deles – amorosa, afetuosa, próxima. Aquele menino vai ficar bem, diz a si mesma. Vai ter férias deliciosas na praia com a família. Neste momento, isso basta para Adelaide.

Ela se vira e vê Lucas observando-a, preocupado, como se esperasse que a tia desmoronasse e começasse a chorar. Jess também. Ela surpreende os dois abrindo um sorriso.

– Bem, isso é esplêndido, não é? Vamos andar ao longo da orla primeiro? Gostaria de dar uma olhada na galeria Turner.

Os anos passaram, mas Adelaide percebe que a vista do calçadão quase não mudou desde que ela era jovem, e eles começam uma caminhada lenta seguindo a curva da baía. Por muito tempo, ela fez o possível para nem pensar neste lugar e no que tinha acontecido, mas com o sol quente em seu rosto e a agitação das férias no ar, novas lembranças começam a surgir inesperadamente. O pai lhe ensinando os nomes de aves marinhas, como ostraceiro, maçarico, cormorão. A mãe entusiasmada caçando conchas com ela por longos períodos. Eles também foram a Shell Grotto, uma gruta de conchas, recorda Adelaide de repente, e sente o impacto imediato de uma lembrança visceral: ela passando as mãos pelas paredes irregulares e incrustadas de conchas do túnel com uma sensação de profundo espanto. Os dias anteriores à perda de Will foram provavelmente os mais felizes de sua infância, com o pai e a mãe contentes e cordiais, todos unidos em um sentimento incomum de intimidade. Adelaide decide que hoje, antes de voltarem para casa, vai novamente até o mar. Vai olhar para a distante faixa índigo no horizonte e dar um último adeus ao irmão, à infância. Vai tirar as sandálias, sentir o movimento das ondas em seus pés e permanecerá forte. É uma sobrevivente.

Ela e Lucas passaram momentos agradáveis em Kent. Depois de conversarem com Jess naquele primeiro dia, acabaram passando a tarde toda na casa da jornalista e ainda ficaram para jantar com o irmão de Jess e a família dele. ("Quanto mais, melhor", disse Jess, obviamente habituada a cuidar de uma casa cheia.) Depois da vida tranquila que levava em Paris, Adelaide a princípio achou o jantar um tanto excessivo – tantas pessoas! Tanto barulho! –, mas, passado o choque inicial, se viu estimulada pela conversa e pelas personalidades de todos ao redor da mesa. E também gostou de ver Jess sob aquela nova luz: como anfitriã, mãe, irmã; se desviando das tentativas das filhas de provocá-la com sorrisos bem-humorados e respondendo às implicâncias afetuosas na mesma medida.

E a verdade é que as filhas dela são maravilhosas. Mia se mostrou um pouco reservada no início, mas, depois de receber permissão para tomar uma taça de vinho no jantar, logo relaxou, chegando até a admitir, com os olhos arregalados e em voz baixa, que tinha visto a pintura escondida no guarda-roupa de Adelaide.

– Ah, é mesmo? – respondeu Adelaide, achando graça. – Isso está prestes a se transformar em uma tentativa de chantagem? Que emocionante.

Envergonhada, Mia protestou, negando, mas confessou estar interessada na história.

– Ahh... uma jornalista nata, assim como a mãe – comentou Adelaide. – Bem, o negócio é o seguinte, Mia: gravei toda a história em um arquivo de áudio e, quando todos os envolvidos morrerem, você pode ficar com a exclusividade da divulgação. – Então, quando a garota soltou um arquejo empolgado, acrescentou: – Embora eu não esteja planejando morrer ainda, portanto prepare-se para esperar.

Edie, a filha do meio, acabou se revelando uma artista dedicada do mangá, e Adelaide, que nunca teve qualquer interesse particular no gênero, ainda assim se pegou perguntando se a garota poderia lhe dar uma aula sobre o estilo de desenho, o que lhe rendeu um olhar de gratidão de Jess, assim como um "É claro!" da garota ruborizada. Que Deus a ajudasse, mas estava se tornando cada vez mais branda na velhice, pensou Adelaide, enquanto as duas começaram a trabalhar juntas na criação de um personagem em um bloco de desenho. Surpreendeu-se ao perceber como era agradável fazer aquilo. Como achou divertido! Quem poderia imaginar?!

Já Polly tem dedicado uma enorme energia a ensinar truques a Jean-Paul, com um nível de paciência que Jess confidenciou a Adelaide, em particular, nunca ter imaginado ser possível. Para a surpresa de todos, nos últimos dias, Jean-Paul aprendeu a ficar de pé nas patas traseiras e a pousar duas patinhas na mão das pessoas, e também a "falar" (com o mais doce e educado dos latidos), além de pular através dos braços de Polly. Adelaide deixou o cachorro aos cuidados das meninas hoje e já se pergunta o que mais o fiel amigo terá aprendido quando ela voltar para casa. Colocar a roupa para lavar? Apontar alguns lápis para ela?

Talvez a parte mais impactante de tudo tenha sido uma conversa breve, mas esclarecedora, com Deanna, cunhada de Jess. Depois do jantar naquela primeira noite, as crianças desapareceram no andar de cima e Jess preparou café para todos. Luc, Jess e Owen começaram uma conversa meio tediosa sobre o melhor caminho para voltar à cidade, enquanto Adelaide divagava um pouco e tomava um gole de café. Ela percebeu tarde demais que suas mãos estavam tremendo de novo, tanto que por pouco não derramou a bebida quente sobre si. Adelaide pousou a xícara e escondeu as mãos debaixo da mesa, torcendo para que ficassem imóveis, mas a perspicaz Deanna já havia notado.

– Você está bem? É a cafeína que faz suas mãos tremerem? – perguntou. – O café está bem forte, né?

Eles são médicos, sabia?, Adelaide se lembrou de ouvir Jessica dizer, e talvez a abordagem de Deanna tenha sido particularmente correta naquela noite, porque, antes que se desse conta, Adelaide se viu confessando seu medo de ter Parkinson e de os sintomas começarem a piorar logo, como aconteceu com sua mãe.

Deanna ouviu com atenção antes de dizer que Parkinson não é necessariamente hereditário.

– Na verdade, apenas quinze por cento das pessoas com Parkinson têm histórico familiar da doença – explicou –, e os tremores podem ser causados por uma série de motivos. A cafeína é um deles, o fumo, outro, mas também o estresse de forma geral e o envelhecimento. Você precisa investigar qual é o motivo dos seus tremores em particular, mas talvez seja algo de fácil solução, com medicamentos ou mudanças no estilo de vida. E, mesmo que você tenha Parkinson, houve grandes avanços desde a época da sua mãe, os tratamentos melhoraram consideravelmente.

Por um acaso fortuito, Deanna, aquela mulher gentil e perspicaz, é geriatra e sabe do que está falando! Adelaide estava tão convencida do próprio diagnóstico que não lhe ocorreu que poderia haver outras causas. Será mesmo que seu amor pelo bom café francês poderia ser parte do problema? Com sorte, descobrirá em breve, porque Jessica entrou em contato com seu médico de família, que concordou em ver Adelaide. E, seja qual for o resultado, ela vai lidar com o problema da forma adequada, conclui. Antes cedo do que tarde demais, como disse Deanna – e vale a pena o esforço, ainda mais agora que há tanta coisa que ela quer fazer.

Falando nisso, Adelaide tem feito muitos planos nos últimos dias. Já marcou uma reunião com o diretor de uma exposição futura, *Mulheres dos anos 1960*, que vai acontecer na Tate em janeiro. Depois de passar muitos dias em seu arquivo, Adelaide enfim se viu diante de sua primeira pintura da série "Vingança", aquela em que ela decapita Simon Dunster, e sente que chegou a hora de mostrar a obra ao mundo. Ela chamou o quadro de *Adelaide e o Estuprador* e pretende colocá-lo em leilão após a exposição e destinar o valor arrecadado a uma instituição de apoio a vítimas de estupro. A vingança é muito boa, mas o dinheiro que ajudará outras mulheres... é ainda melhor. O curador da exposição, já prevendo páginas de divulgação e

um verdadeiro furo, se diz muito empolgado. Na verdade, Adelaide também está empolgada. Como se sente orgulhosa da jovem corajosa que pintou aquela cena sangrenta e que se recusou a deixar o incidente definir o resto de sua vida!

Apesar de suas intenções anteriores, Adelaide decidiu não mencionar Dunster diretamente no livro de memórias. Em parte porque não quer que o nome dele manche a história de sua vida, mas também porque sempre prefere deixar a arte que cria falar por si. Se as pessoas quiserem tirar conclusões, que tirem. "Era um zé-ninguém sem talento", é só o que vai dizer, caso alguém lhe pergunte sobre a identidade do estuprador. Se ele ainda estiver vivo e souber da resposta dela, vai ficar *profundamente* irritado. Ótimo.

Com o livro de memórias replanejado e a participação de Adelaide prevista para ser concluída até o final de setembro, ela e Margie estão fazendo planos para se encontrarem em Pasadena em outubro ("A luz na Califórnia é maravilhosa para a pintura", Margie não para de repetir), e elas estão programando passeios rápidos juntas até o Norton Museu Simon e o Eaton Canyon. Adelaide mal pode esperar – e esse é apenas o começo das viagens que pretende fazer. Também entrou em contato com Frieda e Jim sobre a possibilidade de visitá-los em Montreal na próxima primavera. A ideia de voltar ao Canadá a deixa absurdamente feliz. Talvez até *procure* Brad para saber se ele está livre, nem que seja para comerem *poutine* juntos novamente. Tanto Lucas quanto Catherine se ofereceram para ficar com Jean-Paul enquanto ela estiver viajando, embora Adelaide tenha a sensação de que Polly também possa vir a ser uma forte candidata ao privilégio.

Seja como for, todos eles vão ficar bem. Ela vai ficar bem. Há um futuro para ela cheio de boas pessoas e de bons momentos, tão amplo e ilimitado quanto o horizonte à sua frente. Quando as ondas atingem a costa mais uma vez, ela sente uma onda correspondente de expectativa feliz pelo que ainda está por vir. Como dizem os jovens: que venha com tudo!

Capítulo Quarenta e Três

Adelaide parece exausta depois de seu dia em Margate: ela visitou a galeria Turner Contemporary, então deu um passeio ao longo da mureta do porto, visitou a linda livraria independente local, fez uma viagem nostálgica à Shell Grotto e deu um passeio muito agradável pela cidade velha com suas butiques lindamente pintadas e galerias menores. Há artistas por toda parte na cidade.

– Estou no céu – disse Adelaide, feliz, a certa altura, enquanto comprava mais uma gravura e sorria para uma selfie com o jovem artista encantado ("Este é o melhor dia da minha vida!").

Ela até entrou um pouco no mar e ficou olhando para a água com uma expressão melancólica, enquanto Jess e Luc se mantinham mais para trás para lhe dar privacidade.

Já de volta a Canterbury, Luc busca um Jean-Paul igualmente exausto. O cachorro agora é capaz de remover as meias de Polly, que não consegue parar de rir, e também de se fingir de morto (com a ajuda, talvez, do cheiro das meias). A intenção de Luc é deixar Adelaide e Jean-Paul no apartamento alugado onde estão hospedados.

– O que você vai fazer depois? – pergunta Jess quando eles se despedem. É início da noite e ela está pensando no que preparar para o jantar das meninas. – Você pode voltar pra cá e comer com a gente, ou...?

Ele parece tímido de repente.

– Talvez eu pudesse levar você para jantar em algum lugar? – sugere ele. – Você pode escolher.

Jess finge considerar a sugestão friamente, embora seu coração tenha começado a bater um pouco mais rápido. Eles ainda não tiveram uma

conversa de verdade, só os dois, desde que Luc chegou a Kent, e ela não sabe bem como se sente.

– Deixa eu pensar... bem, tem um lugar *muito* elegante e caro logo depois da universidade – brinca Jess, nem que seja para ganhar tempo. Ela sente uma agitação começar a dominá-la de tal forma que é difícil manter a compostura. – Ou... a gente podia ir ao pub aqui perto pra comer o bom e velho empadão com fritas...

– Agora você está falando a minha língua – diz ele.

Jess sorri e eles fazem os arranjos necessários. Quando ela volta a entrar em casa, vê que as filhas estavam escutando a conversa escondidas e agora encaram a mãe com expressões idênticas, de lábios torcidos.

– O que foi? Que caras são essas? – pergunta Jess, e passa direto para a cozinha, para que as meninas não percebam o rubor em seu rosto.

– A mamãe vai ter um *encontro*! – cantarola Edie. – Ele gosta de você, mãe, tenho certeza.

– E *ela* gosta *dele* – declara Polly com certa euforia. – Eu disse pra vocês. Não disse?

– Vamos torcer para que tudo corra melhor do que naquela noite com o nojento do Georges – acrescenta Mia, enquanto as três se acomodam diante da bancada e na mesa da cozinha, ainda olhando para Jess.

– Caramba, é como ter o meu próprio coro grego, com vocês três comentando cada movimento meu – fala Jess, se divertindo. – Seja como for, não é um encontro romântico, aposto que é mais um jantar de trabalho.

Ela abre a porta da geladeira e fica olhando sem ver o que está ali dentro. Mas será que é um *encontro*?, se pergunta. Ela gostaria que fosse? Afinal, teve aquela reação física estranha quando ele a convidou. Jess ainda sente certo frio na barriga.

– Apesar de que, para ser sincera... – Ela fecha a porta da geladeira, se vira e fica encostada ali como se estivesse diante de um pelotão de fuzilamento. – Um dia, não sei quando, eu provavelmente *vou* querer namorar de novo, sabe. E sim, acho que vai ser estranho pra todas nós quando isso acontecer, mas... – Ela hesita, para escolher as palavras com cuidado. – Mas quero que saibam agora que vocês três sempre vão ser a minha prioridade. Sempre. Tá certo? E mesmo que o divórcio tenha sido difícil para todos, a gente é capaz de fazer as coisas funcionarem entre nós, certo? A gente *vai* fazer as coisas funcionarem.

– Bem-vinda ao meu TED Talk – diz Mia, imitando Jess, mas não de um jeito maldoso.

– A gente pode pedir comida, já que você vai sair? – É só o que Edie tem a dizer sobre o assunto.

– Ah, é, a gente pode? – Polly se junta à irmã, sentindo o momento de fraqueza da mãe, então todas começam a gritar sugestões: pizza, Nando's, comida chinesa.

Será que as filhas compreenderam a mensagem que ela quis passar? Jess espera que sim, apesar da aparente indiferença das três, mas de qualquer modo está determinada a continuar deixando bem claro seu amor por elas. *Reconheça os sentimentos dos seus filhos*, ela se lembra de ter declarado em uma de suas colunas sobre parentalidade, e planeja fazer exatamente isso, mesmo que, neste momento, se veja obrigada a reconhecer que o que as meninas *realmente* querem é pedir comida.

– Por mim, sem problema – diz, então.

* * *

Mais tarde, ela e Luc estão no The Brewer's Tale, um pub aconchegante à beira do rio, com uma grande e ensolarada área ao ar livre. Sentada ali sob o sol matizado do fim de tarde, com uma cerveja gelada para cada um e a satisfação de saber que seu jantar está sendo preparado por outra pessoa, Jess sente uma onda de pura felicidade. A vida parece caminhar melhor do que ela poderia ter planejado. As meninas estão contentes. Ela tem um agradável período de trabalho planejado para os próximos meses e, quem sabe, se esse livro der certo, pode até escrever outro. Enfim fazer seu nome nesse meio. Já não parece um sonho irrealizável, agora que chegou até ali.

– Você parece alegre – comentou a mãe dela ao telefone outra noite. – Não é fácil ser mãe solo às vezes, não é mesmo? Mas parece que você está fazendo um ótimo trabalho.

Desde que recebeu o irmão e a família em casa, Jess mudou a forma de pensar em relação à mãe. Porque não, não é fácil ser mãe solo, mas Samantha administrou isso muito bem por anos a fio, depois que o pai de Owen e Jess foi embora, quando ele tinha 8 anos e ela, 6. Ele se mudou para Singapura e nunca mais deu notícia – nem sequer uma carta, um telefonema ou um cartão de aniversário para mostrar que em algum momento pensava

na esposa e nos filhos. Como qualquer mulher seguia em frente depois daquilo? Mas Samantha seguiu em frente mesmo assim – trabalhando em dobro para manter sua pequena família bem. E talvez ela achasse que os filhos deviam se tornar pessoas duras diante de um mundo cruel e incentivava o espírito competitivo para transformá-los em batalhadores. Ouvir a mãe falar com aquele tom terno, algo que raramente acontecia, deixou Jess sem palavras. Será que Owen tinha comentado alguma coisa com ela?, se perguntou.

– Obrigada, mãe – falou Jess, então se lembrou dos pensamentos afetuosos que teve recentemente, comparando a energia vibrante de Samantha com a personalidade mais pessimista de Adelaide. – Eu poderia dizer o mesmo de você – continuou. – Você e todas as suas amigas e atividades interessantes... você construiu uma vida muito boa.

– Mas eu gostaria que a gente morasse mais perto uma da outra – comentou Samantha. – Essa é a única desvantagem. Será que a gente consegue combinar de eu te visitar? Fiquei com tanto ciúme quando soube que o Owen ia ficar hospedado com você...

– É claro, mãe, eu vou adorar!

Agora, ali está ela com Luc, muito bonito em uma camisa leve azul-clara e jeans. Ele está usando uma colônia que cheira a grama e couro – vetiver, será que é essa a fragrância?, se pergunta Jess, distraidamente, enquanto eles conversam. Ela, por sua vez, escolheu um vestido novo que comprou na liquidação da Zara e, pela primeira vez, conseguiu fazer uma escova vagamente decente no cabelo. Está se sentindo bem com a própria aparência.

– Estou feliz que esteja tudo dando certo – comenta ele. – Está tudo bem entre nós dois, Jess?

– Como assim, depois que fiz a Adelaide chorar com a minha bisbilhotice e você me deu uma bronca e desligou na minha cara? – responde Jess, brincalhona. – Sim, Luc, tudo bem. Tudo está bem quando acaba bem. – Ela cutuca o pé dele por baixo da mesa. – A gente tá de boa. – No instante seguinte, Jess imagina as filhas rindo daquela declaração específica (*Ai... sério, mãe?*, implicam as meninas, rindo, na cabeça dela) e se vê forçada a recuar. – Bem... de boa no sentido de que... Você sabe o que eu quero dizer – acrescenta ela, nervosa.

Luc sorri.

– De boa em todos os sentidos da expressão, eu diria – responde ele, com os olhos fixos nos dela enquanto ergue o copo de cerveja. – Enfim, um brinde a nós, Jess. Foi uma ótima ideia vir aqui. Canterbury é ótima, né? Não acredito que nunca estive aqui antes.

– Se vocês tiverem tempo, quero levar você e a Adelaide para conhecer os pontos turísticos da cidade enquanto estiverem aqui – oferece ela. – Você pode gastar uma pequena fortuna em um chaveirinho colorido da Catedral de Canterbury para se lembrar de nós, ou enlouquecer e comprar logo uma camiseta de "I ♡ Canterbury".

– Não me tente – diz ele, então pega o blazer que deixou de lado e procura alguma coisa em um dos bolsos. – Falando em lembranças refinadas... – Luc pega um pequeno saco de papel, fechado com um adesivo da Torre Eiffel, e pousa na mesa entre eles. – Isto é pra você.

– O que é? – pergunta Jess, surpresa.

– Acredite ou não, há uma forma muito simples de descobrir – fala ele, com uma expressão impassível, e indica o pacote com um gesto.

Jess enrubesce, ri, então descola o adesivo, abre o saco e espia.

– Ah, Luc! – exclama, e tira de dentro do embrulho um lindo globo de neve vintage. A base de estanho é um círculo de marcos parisienses em miniatura: a Sacré-Coeur, o Arco do Triunfo e a Notre-Dame, entre outros. Há uma Torre Eiffel bem no meio do globo e, quando ela o agita suavemente, surge um redemoinho de flocos de neve. – É perfeito – comenta ela, desviando o olhar para o rosto dele, mas logo voltando a observar o cenário coberto de neve do globo, encantada. – E muito melhor do que aquele que eu quase comprei em Montmartre. Adorei, Luc. Obrigada.

Jess sente um nó na garganta, porque esse é um gesto muito atencioso da parte dele, tão pessoal... *Luc se lembrou*, pensa, atordoada. Ele prestou atenção em mim e se lembrou. *Ele gosta de você, mãe, tenho certeza,* ela ouve Edie dizendo em sua cabeça e sente o rosto quente.

– De nada – diz ele, com o joelho apoiado no dela, embaixo da mesa.

Embora Jess tenha sido a primeira a iniciar o contato físico com o pé alguns minutos antes, há algo no fato de ele dar continuidade à ideia que provoca o equivalente a uma descarga elétrica na pele dela. *Eu também gosto dele*, se pega pensando, e fica ainda mais ruborizada.

– Então... – fala Jess em um rompante, no exato momento em que ele diz:

– Enfim...

Os dois se interrompem e se entreolham.

– Você primeiro – diz ele.

– Eu... hum... – balbucia Jess, porque a pressão contínua do joelho dele no dela (como a sensação de um joelho pode ser tão sexy?) fez com que ela já esquecesse o que queria dizer. – Hum. Então, quais são os seus planos para o resto do verão? Sei que você e a Adelaide vão se dedicar a finalizar os preparativos para a exposição dela, mas, depois disso, você vai continuar em Paris ou pretende voltar para Londres? – Já mais recomposta, ela ergue uma sobrancelha com uma expressão provocadora. – Ou quer se instalar na fazenda mais próxima para começar a viver o seu sonho?

– Engraçado você perguntar – começa a responder Luc, mas, antes que ele possa continuar, a proprietária do pub, Donna, chega com a comida e serve um empadão de carne para Luc e um de frango para Jess, ambos acompanhados de batatas fritas e ervilhas, com um cheiro divino. – Na verdade, talvez eu só me mude pra cá – diz Luc, inalando o aroma da comida.

– Ah, eu é que não vou te impedir, meu bem – brinca Donna, que é uma senhora pequenina e toda tatuada de 70 e poucos anos. Ela pisca para Jess. – Aproveitem!

Jess sorri e coloca sal nas batatas enquanto Donna se afasta, meio cambaleante.

– Continua, você estava prestes a me contar os seus planos – lembra ela.

– Sim. Bem, acontece que você tinha razão – diz Luc, enquanto parte um pedaço do empadão e deixa escorrer no prato o molho escuro e suculento.

– É claro que eu tinha – responde Jess, brincalhona. – Mas sobre o que em particular?

– Sobre Kent ser um ótimo lugar para estudar agronomia – explica ele, deixando Jess sem fôlego. – Há tantos terrenos cultiváveis lindos, pomares incríveis, e alguns cursos universitários de primeira linha... Andei investigando.

De repente, Jess se vê com muita dificuldade de manter a compostura, porque o ar entre eles está carregado de muitas coisas ainda não ditas.

– Ah, sim – consegue responder de forma neutra. – Parece legal.

– Apesar de que... – Ele passa uma batata frita pelo molho do empadão e dá uma mordida. – Seria muito imprudente da minha parte, não seria,

deixar tudo para trás em Londres para começar de novo em Kent? – Os olhos dele se fixam nos dela, e Jess sente um arrepio de empolgação se espalhar por todo o seu corpo. – A menos, é claro, que alguém de quem eu goste demais já morasse na área. Nesse caso, a ideia de estar em qualquer outro lugar pareceria... bem, a ideia mais estúpida de todas.

Jess engole em seco, porque o contato visual é tão intenso que ela mal consegue se lembrar de como respirar.

– Você está dizendo...?

– Estou dizendo... Acho que estou dizendo isso – responde Luc e, no instante seguinte, está se inclinando por cima da mesa e beijando suavemente os lábios dela.

O beijo demora só um segundo, mas o corpo de Jess reage com tamanha descarga de adrenalina (e paixão) que seu coração parece uma britadeira.

– Estou dizendo que acho você fantástica, Jess – continua ele. – E eu seria louco se não tentasse descobrir se... se há alguma chance de acontecer alguma coisa entre a gente.

– Luc, eu... – Jess tem a sensação de que não cabe mais em si, como se seu corpo fosse pequeno demais para conter todas as grandes emoções que está experimentando. Seu primeiro instinto é beijá-lo de novo, passar os braços ao redor do pescoço dele e sentir seu corpo pressionando o dela, mas então se lembra dos rostos doces das filhas e o conflito se instala. – Tenho que ser sincera, não sei se já estou no momento certo para um relacionamento – confessa.

– Também não sei se eu estou – admite Luc. – Mas a gente pode descobrir, não pode? Entre nós. Sem pressão. Só dando risada juntos. Passando algum tempo juntos. Pra ver se alguma coisa acontece.

Jess acha que deveria manter um muro erguido para proteger seu coração frágil, mas o problema é que não parece haver nada de frágil nesse coração agora, do jeito forte e saudável que está batendo. Ela se vê incapaz de parar de sorrir por causa de Luc – desse verão – e de todas as coisas grandes e inesperadas que aconteceram com ela nos últimos meses.

– Acho que eu também gostaria disso – afirma ela. – Acho que eu gostaria muito disso, Luc.

Epílogo

Adelaide sai do avião se sentindo cansada, mas também cheia de energia, com aquela emoção de pousar em outro país após um longo voo. Ela está ali. Realmente cruzou o oceano e chegou. Era uma manhã fria de outubro quando saiu de Paris, e em Los Angeles a temperatura aparentemente é de 28 graus, a julgar pelos anúncios finais do piloto. Vinte e oito graus!

– Traz o seu biquíni – disse Margie, que tem uma piscina nos fundos de casa.

A princípio, Adelaide riu, achando aquilo bastante improvável, mas de uma forma ou de outra, três biquínis diferentes acabaram em sua mala. Que se dane, essa pode ser a última vez que ela vai à Califórnia. Embora, a julgar pelo que disse o médico que consultou em Canterbury, ela ainda possa ter muitos anos de uso de biquíni pela frente. É tudo questão de atitude, diz a si mesma, e a dela mudou radicalmente nos últimos meses.

Foi difícil deixar Jean-Paul com Lucas, mas ela sabe que ele está em boas mãos. Quando terminou o trabalho no arquivo dela, o sobrinho estava cogitando a ideia de voltar para a faculdade, só que, depois de vender seu apartamento em Londres mais rápido do que o esperado, aparentemente mudou de planos. A última coisa que ela soube foi que Lucas pretendia se arriscar, comprar algumas terras e aprender na prática como ser um pequeno fazendeiro. Para a alegria de Adelaide, ele e Jess têm se visto com bastante frequência nos últimos tempos, e no momento ele está alugando uma propriedade na pequena cidade de Faversham, a dezesseis quilômetros de Canterbury, enquanto procura um lugar adequado para si mesmo. Luc e Jess estão indo devagar, garantiu ele a Adelaide, mas, do ponto de vista dela, parece que os dois estão correndo um em direção ao outro, radiantes e com os braços abertos. E boa sorte para eles, pensa, quando chega finalmente à

esteira de bagagens. Desde que ele não distraia Jess do prazo para concluir o livro, os dois têm sua bênção.

Enquanto isso, a exposição de Adelaide começa a tomar forma. Depois de selecionar as obras das quais mais se orgulha e de conseguir que seus atuais proprietários se comprometam a emprestá-las, ela e Lucas estão negociando com a National Gallery e outras galerias ao redor do mundo sobre datas e agenda. O clínico geral com quem ela conversou prescreveu alguns medicamentos que, junto com o café descafeinado, eliminaram os tremores com uma rapidez surpreendente. Como resultado, para sua grande alegria, Adelaide voltou a pintar e a desenhar. Na verdade, ela passou o último mês trabalhando em algumas telas totalmente novas para a exposição. (Ela não quer se gabar, mas sua pintura de Jean-Paul usando a técnica do chiaroscuro é absolutamente magnífica.) Depois de pensar por algum tempo, também decidiu cobrir toda a tela *Fúrias* com uma camada de tinta branca aquosa e renomeou o quadro de *Um novo começo*. Se a pessoa olhar de perto, vai conseguir distinguir os formatos das figuras abaixo do branco, onde o original tinha sido feito com tinta a óleo, mas, se alguém quiser saber mais sobre a obra, vai ter que tentar descobrir, porque Adelaide não pretende contar. Ela orientou Jess a omitir completamente qualquer menção à pintura no livro de memórias – que ninguém diga que Adelaide Fox não é capaz de cumprir suas promessas. Quanto à história sobre a morte de Colin, seu advogado a alertou que provavelmente seria melhor se ela mantivesse a versão que deu à polícia na época. Por Adelaide, tudo bem. Em sua opinião, como qualquer boa obra de arte, um livro de memórias sempre deve conter alguns mistérios não resolvidos.

Ali está a bagagem dela, uma elegante mala vermelha chacoalhando ao longo da esteira.

– Com licença, você faria a gentileza...? – pede ela a um homem jovem e bastante atraente, apontando para a mala.

Ele age na mesma hora, tira a mala da esteira e começa a procurar um carrinho de bagagem para Adelaide.

– Obrigada, meu caro – agradece ela, enquanto ele coloca a mala no carrinho e pergunta se ela precisa de mais alguma coisa. – Não, acho que me viro bem de agora em diante.

As palavras ecoam na cabeça de Adelaide ao empurrar o carrinho com

determinação até o portão de desembarque. *Acho que me viro bem de agora em diante*. Sim. Ela vai se virar. Com certeza vai.

Então passa pela alfândega com o carrinho de bagagem – nada a declarar, exceto a minha genialidade, rá, rá – e entra finalmente no vasto e bem-iluminado saguão de desembarque. Há rostos por toda parte. Muito barulho e uma enorme agitação. *Ai, meu Deus*, pensa, examinando a multidão em busca de Margie. Parece que metade dos Estados Unidos está ali esperando a chegada de alguém. Como vão conseguir se encontrar?

Mas então...

– Adelaide! Adelaide!

Adelaide vê uma senhora de cabelos brancos, mais à frente da aglomeração, apoiada em uma bengala, com um sorriso largo. Ver aquele rosto lindo e amado novamente é como voltar para casa.

– Margie! – exclama Adelaide, com o coração parecendo prestes a pular do peito.

Não consegue acreditar que alguma vez possa ter achado que a vida tinha acabado para ela, pensa, enquanto se adianta para cumprimentar a amiga. No instante seguinte, está abraçando sua querida Margie, e as duas choram e riem ao mesmo tempo. *A vida está só começando*, pensa Adelaide, feliz.

Agradecimentos

Realmente espero que você tenha gostado deste romance – acho que gostei de escrevê-lo mais do que qualquer outro livro, sobretudo por causa das oportunidades de pesquisa que ele me ofereceu! Além de aproveitar uma ótima viagem de verão a Paris com meu marido, desfrutando das delícias da cidade (incluindo o passeio por muitas excelentes *brasseries*, afinal, não se pode fazer esse tipo de investigação com pressa), também me inscrevi na mais maravilhosa aula noturna de História da Arte na Universidade de Bath, com Andrew Foyle, que abriu meus olhos para obras incríveis semana após semana. Muito obrigado, Andrew, pelas suas orientações inspiradoras. Como alguém que definitivamente não é uma artista (quisera eu), posso ter cometido erros ao escrever sobre arte e artistas – por favor, tenha paciência comigo (e me perdoe) se for o caso.

Agradeço como sempre a Lizzy Kremer, que me guiou ao longo deste livro com muita paciência e gentileza. Agradeço também à colega dela, Orli Vogt-Vincent, pelos comentários excelentes e perspicazes, e à equipe de David Higham como um todo, especialmente Margaux Vialleron e Ilaria Albani, por todo o trabalho árduo que fazem em meu nome.

Um enorme agradecimento a todos na Quercus – é uma alegria trabalhar com vocês. Stef Bierwerth, Kat Burdon e Emma Capron – seu talento editorial e a atenção aos detalhes foram muito apreciados. Ella Patel, Patrice Nelson, Katy Blott, Ella Horne e Ellie Nightingale, agradeço por todas as críticas, por todos os eventos, por todas as newsletters e por todo o talento criativo – que equipe! Agradeço também a Dave Murphy e Izzy Smith pelo excelente trabalho na área de vendas. Meu muito obrigada a Sharona Selby e Rhian McKay pela fantástica edição e revisão também. Amor e gratidão aos

meus maravilhosos editores estrangeiros – com um oi especial à equipe da Hachette Austrália: mal posso esperar para conhecer todos vocês!

Agradeço a Alexandra Heminsley, que teve a gentileza de conversar comigo sobre a arte de ser *ghost-writer*. Sua generosidade foi essencial – e nem é preciso dizer que Jess e Adelaide são personagens totalmente fictícias.

Obrigada, Sue Garrett e Florence Richardson, consultoras de arte fabulosas, por me darem dicas úteis sobre a linguagem relacionada à arte. Mais uma vez, qualquer possível erro é inteiramente meu.

Também gostaria de agradecer a Therese Bonath, cuja mensagem no Facebook me inspirou a criar Jean-Paul, como penitência por alguns estereótipos preguiçosos meus em relação a staffbulls em um livro anterior! Obrigada, Therese – espero que você goste dele.

Agradeço a Hannah Powell, que leu o original logo no início e fez comentários muito ponderados e perspicazes (além de uma playlist personalizada!), e que continuou a debater ideias comigo por semanas. Foi muito importante! Agradeço também a Rachel Delahaye, outra leitora beta, pelo seu incentivo e entusiasmo. Nosso próximo almoço é por minha conta!

Meus agradecimentos ao Fort Road Hotel em Margate pela incrível hospitalidade enquanto eu estava lidando com a primeira edição do rascunho – não sei se já trabalhei em algum lugar que tivesse uma vista melhor do que a janela dos sonhos desse hotel. Espero poder voltar um dia.

Desejo amor e ótimos dias de escrita para os Swans – Ronnie, Harriet, Cally, Jill, Emma, Rosie, Mimi, Kirsty, Kate e Victoria. E meu amor imenso, como sempre, à maravilhosa Milly Johnson por ser tão parceira.

Meu amor e agradecimento aos livreiros que me apoiaram tanto ao longo dos anos, em particular Lindsay, da Ledbury Books and Maps; Sarah, da Mostly Books; Octavia, da Octavia's Bookshop, e toda a equipe da The Bookery, em Crediton. Um agradecimento especial aos brilhantes livreiros da Mr Bs e Toppings, em Bath, por me ajudarem a gastar meus royalties em suas maravilhosas livrarias. Acredito sinceramente que é impossível sair de qualquer uma dessas lojas de mãos vazias.

Finalmente, montanhas de amor para toda a minha família, especialmente para Martin, Hannah, Tom e Holly. Vocês são os melhores – obrigada por tudo.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

"Leve e inteligente, uma história para aquecer o coração." — *The People*

Lucy Diamond



A CASA dos NOVOS COMEÇOS

Um verão que mudaria tudo...

A casa dos novos começos

Um verão que mudaria tudo

Lucy Diamond

Uma terrível descoberta leva Rosa a largar uma carreira de sucesso em Londres e, num impulso, recomeçar a vida como sous-chef em Brighton. O trabalho é árduo e estressante, mas a distrai. Bem, pelo menos até ela conhecer a adolescente emburrada que mora no apartamento ao lado, que a faz questionar suas escolhas.

Georgie se muda para o Sul com o namorado, Simon, atrás de uma incrível oportunidade... para a carreira *dele*. Mas ela está determinada a ser bem-sucedida como jornalista e faz de tudo para trabalhar para uma revista local. A princípio, a cidade parece recebê-la de braços abertos, mas não vai demorar muito até ela se meter em várias enrascadas.

Após uma grande tragédia, Charlotte passa as noites isolada em seu apartamento. Porém, Margot, uma senhorinha estilosa que mora no último andar, tem outros planos para ela. Querendo ou não, Charlotte vai precisar encarar o mundo real... e todas as suas possibilidades.

Quando as três se conhecem, a esperança renasce, a amizade floresce e um novo capítulo se inicia na vida dessas mulheres.

Clique aqui para ver na loja


NETFLIX
UMA SÉRIE
ORIGINAL NETFLIX
AMIGAS para SEMPRE
DA AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
KRISTIN HANNAH

Amigas para sempre

O livro que deu origem à série da Netflix

Kristin Hannah

Aos 14 anos, Tully Hart era linda, alegre e popular. O que ninguém imaginava era o sofrimento que ela vivia: nunca conhecera o pai, e a mãe, viciada em drogas, costumava desaparecer por longos períodos.

Mas sua vida se transformou quando ela se mudou para a alameda dos Vaga-lumes e conheceu Kate Mularkey. A garota era inteligente, compreensiva e tão amorosa que logo fez Tully se sentir parte de sua família.

Ao longo de mais de trinta anos, Tully ajudou Kate a descobrir a própria beleza e a encorajou a enfrentar seus medos, enquanto Kate ensinou Tully a enxergar além das aparências e a fez entender que certos riscos não valem a pena.

As duas juraram que seriam amigas para sempre. Essa promessa resistiu ao frenesi dos anos 1970, às reviravoltas políticas das décadas de 1980 e 1990 e às promessas do novo milênio, até que algo abalou a confiança entre elas.

Será possível perdoar uma traição da melhor amiga? Neste livro, Kristin Hannah nos conta uma linda história sobre duas pessoas que sabem tudo a respeito uma da outra – e que por isso mesmo podem tanto ferir quanto curar.

Clique aqui para ver na loja

ABBY JIMENEZ

Autora de *Parte do seu mundo*



PARA SEMPRE SEU

ARQUEIRO

"Abby é uma escritora muito talentosa."
– EMILY HENRY, autora de *Loucos por livros*

Para sempre seu

Abby Jimenez

A Dra. Briana Ortiz é uma mulher forte, mas está muito cansada. Ela acabou de se divorciar, seu irmão precisa de um transplante de rim... e sabe a promoção no trabalho que ela estava esperando? Pelo jeito, é o novato intrometido quem vai conseguir o cargo.

Jacob Maddox sabe que já ganhou a antipatia de Briana. Por isso, decide se explicar de forma incomum: numa carta escrita com caneta-tinteiro e papel especial. Bem, parece que, no fim das contas, ele não é tão ruim assim.

Briana começa a trocar cartas com Jacob e passa a conhecer melhor o médico caladão que prefere uma vida sossegada a grandes eventos sociais. De repente, eles estão almoçando juntos e debatendo as vantagens de se ganhar um pônei e percebem que têm muito em comum, desde o encanto pela natureza até o gosto por histórias bizarras de hospital.

Quando Jacob decide dar a Briana o melhor presente imaginável, ela se pergunta como poderá resistir a esse simpático médico... especialmente quando ele pede um favor que ela não pode recusar.

Clique aqui para ver na loja

Sobre a autora



Lucy Diamond cresceu em Nottingham e estudou literatura inglesa na Leeds University. Trabalhou em algumas editoras e na BBC e hoje é autora de mais de 20 romances, sendo publicada em 15 idiomas e sempre figurando na lista de mais vendidos do *The Sunday Times*. Lucy mora em Bath com o marido e os três filhos.

CONHEÇA OS LIVROS DE LUCY DIAMOND

A casa dos novos começos

O café da praia

Os segredos da felicidade

Uma noite na Itália

Minha querida Paris

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

